

Clássicos da Literatura Brasileira

Senhora

José de Alencar

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Senhora

José de Alencar

Senhora

José de Alencar

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

Revisão

Malthus de Queiroz

Direção de Arte

Elto Koltz

Projeto Gráfico

Deborah Lobo

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3s Queiroz, Malthus, 1976-
Senhora / José de Alencar ; adaptação: Malthus Queiroz ;
ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer de Ler, 2012.
256p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO.I.
Alencar, José de, 1829-1877. II. Schloesser, Eduardo, 1962-.
III. Título.IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 12-052

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-65284-78-3

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro
sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Senhora

Senhora

Primeira Parte

O Preço

I

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém disputou o cetro com ela; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos disponíveis.

Era rica e bonita.

Duas qualidades, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no diamante.

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como um meteoro brilhante e apagou-se de repente no meio do encanto que produziu o seu brilho?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo todos buscaram ansiosos informações sobre a grande novidade do dia. Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários maldosos que os noveleiros usam.

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Senhora

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para se adequar aos costumes da sociedade brasileira, que naquele tempo não admitia ainda certa libertação feminina.

Tratando a viúva com o respeito devido à idade, a moça não abria mão um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade desconhecida, a julgar pelo caráter da protegida, não devia ter maior influência em sua vontade do que a velha parenta.

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações iam se colocar aos próprios pés do ídolo.

Assaltada por pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com esperteza admirável em sua idade, avaliou a situação difícil em que se achava e os perigos que a ameaçavam.

Daí vinha talvez a expressão cheia de desdém e certo ar provocador, que alimentava a sua beleza aliás tão correta e perfeita para a meiga e serena expansão da alma.

Se o lindo semblante não se enchesse sempre, mesmo nos momentos de concentração e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim a máscara de alguma profunda decepção.

Como acreditar que a natureza houvesse traçado as linhas tão puras daquele perfil para quebrar sua harmonia com o riso de uma visível ironia?

Os olhos grandes e rasgados, Deus não os enfeitaria com a mais encantadora ternura, se os destinasse para vibrar faíscas de escárnio.

Para que a perfeição do aspecto de deusa, se, em vez de respirar no suave influxo do amor, ela se agitava nos impulsos do desprezo?

Na sala, cercada de adoradores, no meio do esplêndido brilho de sua beleza, Aurélia estava bem longe de ficar convencida com a adoração produzida por sua formosura e do culto que lhe rendiam; ao contrário, parecia unicamente possuída de indignação por esse bando baixo e desprezível.

Não achava aquilo um triunfo digno de si, a humilhação dessa gente ante sua riqueza.

Era um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como a um réptil venenoso.

E o mundo é assim; foi o brilho satânico da beleza dessa mulher a sua maior sedução. No vigor da sua alma revoltada, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que tempestades de desejo teria o amor da virgem.

Se a adoração se apagasse de repente, deixando a formosa estátua no escuro suave da inocência, o anjo puro que havia nela, como há em todas as moças, talvez passasse despercebido por todos.

As revoltas mais violentas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono e sem a qual nunca, por certo, apesar de suas qualidades, receberia a adoração que lhe rendiam.

Por isso mesmo ela considerava o ouro um desprezível metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que, de toda essa gente que a cercava, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus mil contos de réis.

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa ofensa, aplicando a esses indivíduos a mesma medida.

Assim ela costumava indicar o merecimento de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino, a Lísia Soares, pessoa íntima dela e que desejava muito vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo sobre Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa:

— É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

Todos riam destes ditos de Aurélia e os entendiam como gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansava de criticar esses modos, impróprios de meninas bem-educadas.

Os adoradores de Aurélia sabiam, pois ela não fazia mistério, do preço de sua cotação; e, longe de se irritarem com a



SCHLOSSER

franqueza, divertiam-se com o jogo que muitas vezes resultava de suas ações naquela empresa nupcial.

Dava-se isso quando qualquer um dos apaixonados tinha a felicidade de fazer alguma coisa ao gosto da moça e **satisfazer-lhe** as fantasias; porque nesse caso ela elevava-lhe a cotação, assim como abaixava a daquele que a desagradava.

A cobiça devia embrutecer muito esses homens, ou **cegá-los** a paixão, para não verem o frio desprezo com que Aurélia os enganava nestas brincadeiras ridículas, que eles tomavam por coisas de menina e que não eram senão ímpetos de uma irritação íntima e talvez mórbida.

A verdade é que todos insistiam, às vezes com desânimo passageiro, mas logo restaurados por uma firme esperança, e nenhum se resolvia a abandonar a empreitada; e muito menos o Alfredo Moreira, que parecia ser o cabeça do bando.

Não acompanharei Aurélia em sua rápida passagem pelos salões da Corte, onde viu, junto a seu carro de triunfo, tudo que a nossa sociedade tinha de mais elevado e brilhante. **Proponho-me** unicamente referir o drama íntimo e estranho que decidiu o destino dessa mulher singular.

II

Seriam nove horas do dia.

Um sol ardente de março batia nas venezianas que vestem as sacadas de uma sala, nas Laranjeiras.

A luz coada pelos panos verdes da janela desenhava suavemente o gracioso busto de Aurélia sobre o aveludado vermelho do papel que forra o gabinete.

Reclinada na conversadeira com os olhos vagando pelo crepúsculo do aposento, a moça parece mergulhada em pen-

Senhora

samentos. O recolhimento apaga, no seu semblante, como no porte, o brilho que comumente ela irradia de si, como a chama de um relâmpago.

Mas a serenidade que se derrama por toda a sua pessoa, se de alguma sorte adormece o brilho de sua beleza, a enche de um fluido de meiguice e carinho, que a torna irresistível.

Seus olhos já não têm aqueles lampejos que se lançam nos salões e que, igual ao mormaço, queimam a superfície. Nos lábios, em vez do ardente sorriso, está a flor da alma revendo os sonhos íntimos.

Sombreira o formoso semblante desde certo tempo uma tinta de melancolia que não é habitual e que mesmo assim se diria o tom mais próprio das feições delicadas. Há mulheres assim, a quem um perfume de tristeza embeleza. As mais violentas paixões são inspiradas por esses anjos de exílio.

Aurélia concentra-se toda dentro de si; ninguém, ao ver essa bela menina, na aparência tão calma e **tranquila**, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar de uma vez por todas todo o seu futuro.

Alguém que entrava no gabinete veio arrancar a formosa pensativa de sua longa meditação. Era D. Firmina Mascarenhas, a senhora que exercia junto de Aurélia o ofício de guarda-moça.

A viúva aproximou-se da conversadeira para dar um beijo na face da menina, que só nessa ocasião acordou da profunda distração.

Aurélia correu a vista surpresa pelo aposento e ficou curiosa por uma miniatura de relógio presa à cintura por uma corrente de ouro fosco.

Entretanto D. Firmina, acomodando a sua gordura **semis-secular** em uma das vastas cadeiras de braços que ficavam ao lado da conversadeira, esperava pelo almoço.

— Está cansada de ontem?, perguntou a viúva com a expressão de ternura que exigia o seu cargo.

— Não; mas me sinto sem forças; deve ser o calor — respondeu a moça para dar uma razão qualquer de sua atitude pensativa.

— Estes bailes que acabam tão tarde não podem ser bons para a saúde; por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela. Ora, ontem, quando serviram o jantar pouco faltava para tocar a meia-noite em Santa Teresa. Se a primeira

quadrilha começou com o toque do Aragão!...¹ Havia muita confusão; o serviço não esteve mau, mas andou tão atrapalhado!...

Firmina continuou por aí descrevendo suas impressões do baile da véspera, sem tirar os olhos do semblante de Aurélia, onde espiava o efeito de suas palavras, pronta a desdizer qualquer observação, ao menor indício de contrariedade.

A moça deixou-a falar, com desejo de se desprender de suas preocupações e embalar-se nessa voz que ouvia, sem compreender. Sabia que a viúva conversava sobre o baile; mas não acompanhava o que ela dizia.

De repente, porém, interrompeu-a:

— Que tal achou a Amaralzinha, D. Firmina?

A velha fez semblante de se recordar.

— A Amaralzinha?... É aquela moça toda de azul?

— Com adereços de prata nos cabelos e nos franzidos da saia; simples e de muito bom gosto.

— Lembro-me. É uma menina bem elegante!, afirmou a viúva.

— E bem-educada. Dizem que toca piano perfeitamente e que tem uma voz muito agradável.

— Mas não costuma aparecer na sociedade. É a primeira vez que a encontramos; não me lembro de tê-la visto antes.

— Foi a primeira vez!

Pronunciando estas palavras, a moça parecia de novo sentir sua alma desviar-se, atraída imperiosamente por esse pensamento escondido que a absorvia.

Mas reagiu contra essa preocupação; e dirigiu-se à viúva em tom vivo:

— Diga-me uma coisa, D. Firmina!

— O que é, Aurélia?

— Mas tem que ser franca. Promete-me?

— Franca? Mais do que eu sou, menina? Se é este o meu defeito!...

A moça hesitava.

— Experimente, Senhora!

— Quem a senhora acha mais bonita, a Amaralzinha ou eu?, disse afinal Aurélia, ficando levemente pálida.

¹Toque de recolher instituído no Rio de Janeiro, no século XIX.

Senhora

— Ora, ora!, disse a viúva rindo. Está zombando, Aurélia. Pois, a Amaralzinha é para se comparar com você?

— Seja sincera!

— Outras muito mais bonitas que ela não chegam a seus pés.

A viúva citou quatro ou cinco nomes de moças que então andavam no auge e dos quais não me recordo agora.

— É tão elegante!, disse Aurélia como se completasse uma reflexão íntima.

— São gostos!

— Em todo o caso é mais bem-educada do que eu?

— Do que você, Aurélia? É difícil encontrar em todo o Rio de Janeiro outra moça que tenha sua educação. Lá mesmo, por Paris, de que tanto se fala, duvido que haja.

— Obrigada! É esta a sua franqueza, D. Firmina?

— Sim, senhora; a minha franqueza está em dizer a verdade, e não em escondê-la. Além do mais, isso é o que todos **veem** e repetem. Você toca piano como o Arnaud, canta como uma prima-dona e conversa na sala com os deputados e os diplomatas, que eles ficam todos enfeitiçados. E como não seria assim? Quando você quer, Aurélia, fala que parece uma novela.

— Já vejo que a senhora não é nada lisonjeira. Está desmerecendo os meus dotes, disse a menina sublinhando a última palavra com um fino sorriso de ironia. Então não sabe, D. Firmina, que eu tenho um estilo de ouro, o mais sublime de todos os estilos, a cuja arte do falar não se resiste? As que falam como uma novela são essas moças românticas e pálidas que andam se evaporando em suspiros; eu falo como um poema: sou a poesia que brilha e deslumbra!

— Entendo o que você quer dizer; o dinheiro faz do feio bonito, e dá tudo, até saúde. Mas repare bem, os seus maiores admiradores são justamente aqueles que não podem pretender sua riqueza; uns casados, outros já velhos...

— Quando pela primeira vez fumaram perto da senhora, não sentiu alguma coisa, um atordoamento?... Pois o ouro tem uma fumaça invisível, que embriaga ainda mais do que a do charuto de Havana e até mesmo do que a desse nojento cigarro de papel, com que os rapazes de hoje se incensam. Toda essa gente que rodeia um velho ricaço, ministros, senadores e fidalgos certamente que não espera casar-se com o sujeito; mas sofre a atração do dinheiro.

— Agora mesmo, Aurélia, está você me dando razão e mostrando sua instrução. Quem vai dizer que uma menina de sua idade sabe mais de que muitos homens que aprenderam nas academias? E assim é bom; porque senão, com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, seria enganada.

— Antes fosse!, murmurou a moça recaindo em sua meditação.

D. Firmina ainda proferiu algumas palavras em continuação da conversa; mas notou que a moça não dava a menor atenção, antes parecia evitar qualquer impressão exterior, para mais profundamente se concentrar.

Então, com a sensibilidade dessas almas feitas para a moral doméstica, ergueu-se; e trocando alguns passos pela sala, disfarçou reparando nas estatuetas e nos vasos de porcelana colocados no mármore vermelho dos suportes.

Assim, de costas para a conversadeira, mostrava-se despercebida daquele enlevo de Aurélia, a quem certamente iria contrariar, quando voltasse da distração à presença de uma pessoa decifrando nos gestos o segredo dos pensamentos.

Não teriam decorrido cinco minutos quando ouvia D. Firmina um som vibrante e cristalino, que ela bem conhecia por tê-lo muitas vezes escutado. Voltou-se e viu Aurélia, cujos lábios vibravam ainda com sorriso rude.

A bela menina surgira de seu pensativo desânimo, como uma estátua de cera que, tornando-se de jaspe de repente, ficasse ativa e indiferente, projetando os pálidos reflexos do mármore polido.

Ela caminhou para as janelas e, com petulância nervosa, suspendeu de forma brusca as duas venezianas, que pareciam um peso excessivo para sua mão fina e frágil.

A torrente da luz, passando pela abertura das janelas, encheu o aposento; e a moça adiantou-se até a sacada, para banhar-se nessas cascatas de sol, que caíam sobre a sua fronte coroada do diadema de cabelos castanhos e se desdobravam pelos formosos ombros como uma túnica de ouro.

Enchiam-se de luz. Quem a visse nesse momento assim brilhante, poderia acreditar que sob o roupão de cambraia ondulava com sensualidade a ninfa das chamas, a sensual salamandra², em que se transformara de repente na fada encantada.

²Algumas crenças acreditam que a salamandra é o espírito do fogo.



Depois de se encher de sol como a papoula, que se cora aos beijos de seu real amante, a moça dirigiu-se ao piano e o abriu de maneira apressada. Da tempestade de cores que se agitavam no teclado, desprendeu-se afinal a sublime melodia da Norma, quando, com ciúme, fulmina a deslealdade de Polião³.

Moderando os movimentos do toque para fazer o acompanhamento, a moça começou a cantar; mas, às primeiras notas, sentindo-se impedida pela posição, abandonou o piano e, em pé, no meio da sala, arrastando pelo chão a saia como se fosse a cauda de um manto, ela reproduziu com a voz e o gesto aquela **epopeia** do coração traído, que tantas vezes tinha visto representada por Lagrange⁴.

A ferocidade da mulher enganada, raiva da leoa ferida, nunca teve para exprimi-la, nem mesmo na mais perfeita cantora, uma voz tão gritante, um gesto tão sublime. As notas que saíam dos lábios de Aurélia, possuidoras de vigor e harmonia, deixavam um estremecimento que lembrava o assovio da serpente, sobretudo quando seu belo braço estendia-se de repente com um movimento para mostrar o supremo desprezo.

D. Firmina, apesar de habituada desde muito ao caráter excêntrico de Aurélia, contemplava-a com surpresa nesse momento e desconfiava que alguma coisa de extraordinário ocorreria na vida da moça, que a tornara a princípio tão pensativa e produzia agora esse acesso sentimental.

Entretanto ela, com a mesma desenvoltura com que se erguera da conversadeira, correu para D. Firmina, e ambas caíram na risada com uma palhaçada qualquer da moça.

³Polião foi arquiteto romano do século I a. C. Sua principal contribuição foi estabelecer os princípios (normas) da arquitetura clássica: utilidade, beleza e solidez. Nesse trecho, o autor sugere que a beleza da melodia tocada pela personagem Aurélia nasce do ciúme que ela tem de outra personagem, a Amaralzinha.

⁴Referência à intérprete Ana Lagrange, que apresentou-se na ópera *Norma*, de Vincenzo Bellini, em 1858, no Rio de Janeiro.

III

Era a hora do almoço. As duas senhoras puseram-se à mesa. Aurélia distinguia-se pela sobriedade, que era nela a **consequência** de temperamento e educação. Não quer isto dizer que fosse dessa espécie de moças que se alimentam do pólen das flores e para quem comer é um ato feio e sem importância.

Bem ao contrário, ela sabia que a nutrição dá a seiva de beleza, sem a qual as cores somem das faces e os sorrisos dos lábios, como as passageiras e pálidas florações de uma roseira.

Assim não tinha vergonha de comer; e sem vaidade acreditava que o esmalte de seus dentes não era menos gracioso quando se tocavam, como crepitação de um colar de pérolas; nem a cor de seus lábios menos saborosa quando chupavam uma fruta, ou se entreabriam para receber o alimento.

Nessa ocasião, a moça fez exceção a seus hábitos de sobriedade; ela, que não gostava de especiarias e só de vez em quando bebia algumas gotas de licor, quis experimentar quanto molho e condimento picante havia em casa; e para finalizar bebeu um cálice de Xerez⁵.

D. Firmina, sem esquecer o almoço, continuava observando discretamente a menina, cada vez mais convencida da existência de um acontecimento importante que havia alterado a calma habitual da moça.

Esse acontecimento, na opinião da viúva, não podia ser outro senão aquele que tamanha influência exerce nas meninas de dezoto anos, sobretudo se não dependem de ninguém para se manter.

D. Firmina tinha pois como certo que Aurélia, a desdenhosa, sentira afinal uma inclinação; e a viúva estava ansiosa para conhecer o feliz que tivera o poder de agradar a ativa rainha dos salões, tão adorada quanto fria e indiferente.

Revia na mente as recordações da noite anterior para certificar-se que não aparecera no baile nenhum moço desconhecido de quem Aurélia pudesse se apaixonar de repente. Devia ser pois qualquer um dos antigos adoradores, dos que ela zombava, que

⁵ Tipo de vinho fortificado, comum na Espanha.

por alguma circunstância inexplicável conseguira render enfim seu coração.

Não se pôde conter a viúva; com risco de desagradar a menina, dirigiu-lhe uma indireta com que se propunha a iniciar a conversa e, conforme a resposta, dirigiu-a para o ponto.

— Não sei que acho de ti hoje, Aurélia! Parece-me tão contente e até mais bonita, se é possível, do que de costume!

— Realmente!

— Não é exagero, não. Olhe: as moças quando se vestem para um baile onde esperam encontrar alguém ficam mais bonitas do que são. Mas você está hoje ainda mais bonita do que nos bailes. Nunca lhe vi assim. Está com algum segredinho!

— Quer saber qual é?, perguntou Aurélia com um sorriso.

— Não sou curiosa, replicou a viúva sentindo a intenção daquele sorriso.

— Resolvi ser freira!

— Está bom!

— Mas o meu convento será este mesmo mundo em que vivemos, que nenhum outro teria mais penitências e mortificações para mim.

Desmentindo logo após a gravidade destas palavras com uma risada, Aurélia deixou na sala de jantar D. Firmina, espantada de que uma menina imensamente rica e formosa, desejada por todos, pudesse ter semelhantes pensamentos, ainda mesmo por brincadeira.

Aurélia, que se dirigira à sua penteadeira, sentou-se a uma escrivaninha e escreveu uma carta de poucas linhas. A todos os detalhes dessa operação sem importância, no dobrar a folha de papel, guardá-la na capa, derreter o lacre e imprimir o sinete⁶, a moça aplicava a maior atenção e cuidado.

Ou essa carta era destinada a quem tudo lhe merecia ou nesse cuidado buscava Aurélia disfarçar a hesitação que a surpreendera no momento de realizar uma **ideia** pensada anteriormente.

Depois de assinada a carta, a moça tirou do segredo da secretária um cofre de sândalo embutido de marfim. Havia ali entre cartas e flores murchas um cartão de visita, já amarelo,

⁶ Espécie de carimbo em alto ou baixo-relevo com assinatura ou imagem gravada e que se usa para imprimir em lacre, cera, papel, etc.

Senhora

que ela escondeu no bolso do roupão, depois de guardado na sua carteirinha de veludo.

Ao som da campainha apareceu um criado. Aurélia entregou-lhe a carta com um gesto vivo e a voz breve, como se tivesse medo de se arrepende.

— Para o Sr. Lemos! Depressa!

Sentiu então Aurélia essa quietude que sucede às lutas do coração. Ela tinha afinal resolvido o problema de sua vida; e, em vez de abandonar-se ao acaso e deixar-se levar pela confusão do mundo, achara em sua alma a força precisa para dirigir os acontecimentos e dominar o futuro.

Daí vinha a calma com que deixava o toucador e com que outra vez imprimia à sua beleza uma doce expressão de melancolia e resignação.

D. Firmina, como de costume, esperava que Aurélia dissesse como passariam a manhã, pois a viúva não tinha outra ocupação que não fosse agradar à menina, fazer-lhe companhia e fazer todas as suas vontades e caprichos.

Para isto recebia, além do tratamento, uma boa mesada que ia acumulando para os tempos difíceis, como já os havia passado logo depois da perda do marido.

— Você não sai hoje, Aurélia?

— Pode ser. Mas não se preocupe comigo.

— Vai ficar sozinha?

— Tenho em que ocupar o tempo. Um negócio sério!, tornou a menina sorrindo.

— É já alguma penitenciazinha?

— Ainda não; é a profissão de noviça.

Nessa ocasião e no meio das risadas da menina, anunciaram o Sr. Lemos, que foi imediatamente introduzido na sala.

— Recebi a sua carta no caminho; ia ao Botafogo: o José encontrou-me no Largo do Machado. Estou às suas ordens, Aurélia.

O Sr. Lemos era um velho de pequena estatura, não muito gordo, mas roliço como um vaso chinês. Apesar de seu corpo rechonchudo, tinha certo ar buliçoso e saltitante que lhe dava atrevimento de rapaz e casava perfeitamente com os olhinhos inquietos.

Logo à primeira apresentação reconhecia-se o tipo desses mulherengos que trazem sempre um provimento de boas risadas com que se festejam a si mesmos. Quando o Lemos, na qualidade

de tio, fora pelo juiz de órfãos encarregado da tutela de Aurélia, deu-se um incidente que desde logo determinou a natureza das relações entre o tutor e sua pupila. Pretendia o velho levar a menina para a companhia de sua família. Opôs-se formalmente Aurélia, e declarou que era sua intenção viver em casa própria, na companhia de D. Firmina Mascarenhas.

— Mas entenda, minha menina, que ainda é de menor.

— Tenho dezoito anos.

— Só aos vinte e um é que poderá mandar em si.

— É a sua opinião? Vou pedir ao juiz que me dê outro tutor mais flexível.

— Como diz?

— E apresentarei tais argumentos que ele irá me atender.

À vista disso, o Lemos refletiu e julgou mais prudente não contrariar a vontade da menina. Aquela ideia do pedido ao juiz para remoção da tutela não lhe agradara. Pensava ele que às mulheres ricas e bonitas não faltam protetores de influência.

Logo depois dos cumprimentos, D. Firmina retirou-se para deixar a moça em liberdade. A viúva tinha desejos de assistir a essas conversas que o Lemos costumava ter de vez em quando com a pupila sobre contas da tutela; mas neste ponto Aurélia era de extrema reserva e não gostava que ninguém se metesse com o que ela chamava seus negócios.

— Faça favor, meu tio!, disse a moça abrindo uma porta lateral.

Essa porta dava para um gabinete elegantemente mobiliado; o centro era ocupado por uma banca oval de madeira, como o resto dos móveis, e coberta com um pano azul de franjas vermelhas. Sobre a mesa, em bandeja de prata, havia o tinteiro e outros utensílios de escrever.

No momento em que Aurélia, depois de passar o Lemos, ia por sua vez entrar no gabinete, apareceu à porta da saleta a Bernardina, velha a quem a menina protegia com esmolas. A sujeita parara com um modo tímido, esperando permissão para adiantar-se.

Aurélia aproximou-se dela com um gesto de interrogação.

— Quis vir ontem, segredou a Bernardina; mas não pude, pois me atacou o reumatismo. Era para dizer que ele chegou.

— Já sabia!

— Ah!, quem lhe contou? Pois foi ontem, era mais de meio-dia.

Senhora

— Entre!

Aurélia cortou o diálogo, indicando à velha o corredor que levava para o interior; e passando ao gabinete fechou a porta sobre si.

Não escapou este pormenor ao Lemos, que pela solenidade da conversa avaliava de grande importância.

— Com que história virá ela hoje?, dizia para si o alegre velhinho.

Aurélia sentou-se à mesa, convidando o tutor a ocupar a poltrona que lhe ficava em frente.

IV

Quem observasse Aurélia naquele momento não deixaria de notar a nova fisionomia que tomara o seu belo semblante e que influenciava toda a sua pessoa. Era uma expressão fria, pausada, inflexível, que tornava de pedra sua beleza, dando-lhe quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência.

Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem. Nessas ocasiões seu espírito adquiria tal lucidez que fazia correr um calafrio pela medula do Lemos, apesar do lombo maciço de que a natureza havia forrado no roliço velhinho o tronco do sistema nervoso.

Era realmente de causar espanto aos estranhos e susto a um tutor a lucidez com que essa moça de dezoito anos analisava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por mais difícil e intrincada que fosse.

Não havia porém em Aurélia nem sombra do ridículo

pedantismo de certas moças que, tendo colhido em leituras superficiais algumas noções vagas, se metem a tagarelar de tudo. Bem ao contrário, ela escondia sua experiência, de que só fazia uso quando o exigiam seus próprios interesses. Fora daí ninguém lhe ouvia falar de negócios e emitir opinião sobre coisas que não pertencessem à sua especialidade de moça solteira.

O Lemos não estava à vontade; tinha perdido aquela jovialidade saltitante, que lhe dava um gracioso ar de pipoca. Na seriedade incomum dessa conversa, ele, homem experiente e esperto, via sérias complicações.

Assim, era todo ouvidos, atento às palavras da moça.

— Tomei a liberdade de incomodá-lo, meu tio, para **falar-lhe** de objeto muito importante para mim.

— Ah!, muito importante?... repetiu o velho batendo a cabeça.

— De meu casamento!, disse Aurélia com a maior frieza e serenidade.

O velhinho saltou na cadeira como um balão elástico. Para disfarçar sua comoção esfregou as mãos rapidamente uma na outra, gesto que indicava nele grande agitação.

— Não acha que já estou em idade de pensar nisso?, perguntou a moça.

— Certamente! Dezoito anos...

— Dezenove.

— Dezenove? Achei que ainda não os tinha feito!... Muitas se casam nesta idade, e até mais moças; porém é quando têm o paizinho ou a mãezinha para escolher um bom noivo e afastar espertalhões. Uma menina órfã, inexperiente, eu não lhe aconselharia que se casasse senão depois da maioridade, quando conhecesse bem o mundo.

— Já o conheço demais, tornou a moça com o mesmo tom sério.

— Então está decidida?

— Tão decidida que lhe pedi esta conversa.

— Já sei! Deseja que eu aponte alguém... Que eu lhe procure um noivo nas condições precisas... Hã!... É difícil... um sujeito no caso de pretender uma moça como você, Aurélia? Enfim, façamos o que se tem que fazer!

— Não precisa, meu tio. Já o achei!

O Lemos teve outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

Senhora

— Como?... Tem alguém de olho?

— Perdão, meu tio, não entendo sua linguagem figurada. Digo-lhe que escolhi o homem com quem vou me casar.

— Entendo. Mas bem vê!... Como tutor, tenho de dar a minha aprovação.

— Certo, meu tutor; mas essa aprovação, o senhor não será tão cruel que a negue. Se o fizer, o que eu não espero, o juiz de órfãos a atenderá.

— O juiz?... Que histórias são essas que lhe andam metendo na cabeça, Aurélia?

— Sr. Lemos, disse a moça pausadamente e atravessando com um olhar frio a vista perplexa do velho, completei dezenove anos; posso requerer um suplemento de idade mostrando que tenho capacidade para governar minha pessoa e meus bens; com maioria de razão obterei do juiz de órfãos, apesar de sua oposição, um alvará de licença para me casar com quem eu quiser. Se estes argumentos jurídicos não lhe satisfazem, vou lhe apresentar um pessoal.

— Vamos ver!, disse o velho para quebrar o silêncio.

— É a minha vontade. O senhor não sabe o que ela vale, mas juro-lhe que para realizá-la não me custará sacrificar a herança de meu avô.

— É próprio da idade! São **ideias** que somente se têm aos dezenove anos; e isso mesmo já vai sendo raro.

— Esquece que, desses dezenove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a do luxo. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou.

O Lemos olhava com espanto essa moça que lhe falava com tão profunda lição do mundo e uma filosofia para ele desconhecida.

— Não valia a pena ter tanto dinheiro, continuou Aurélia, se ele não servisse para casar-me do jeito que gosto; ainda que para isto seja necessário gastar alguns miseráveis contos de réis.

— Aí é que está a dificuldade, disse o Lemos, que desde muito esperava uma objeção. Bem sabe, Aurélia, que eu como tutor não posso despender um vintém sem autorização do juiz.

— O senhor não quer me entender, meu tutor, replicou a moça tomada por uma discreta impaciência. Sei disso e sei também muitas coisas que ninguém imagina. Por exemplo: sei o dividendo das apólices, a taxa do juro, as cotações da praça, sei que faço uma conta de prêmios compostos com a justeza e exatidão de uma tabela de câmbio.

O Lemos estava tonto.

— E por último sei que tenho uma relação de tudo quanto possuía meu avô, escrita por seu próprio punho e que me foi dada por ele mesmo.

Desta vez o velhinho empalideceu, sintoma assustador de tão completa e maciça aparência, como a que lhe acolchoava as calças e o fraque preto.

— Isto quer dizer que, se eu tivesse um tutor que me contrariasse e caísse em meu desagrado, ao chegar à minha maioridade, não lhe daria nada sem primeiro passar um exame nas contas de sua administração, para o que felizmente não preciso de advogado nem de contador.

— Sim, senhora; está no seu direito, tornou o velho arrependido.

— Cabendo-me, porém, a sorte de ter um tutor meu amigo, que me faz todas as vontades, como o senhor, meu tio...

— Lá isso é verdade!

— Neste caso, em vez de matar a paciência e aborrecer-me com autos e contas, dou tudo por benfeito. Ainda mais, sei que a tutela é gratuita, mas assim não deve ser quando os órfãos têm de sobra com que recompensar o trabalho que dão.

— Lá isso não, Aurélia. Este encargo é uma dívida sagrada, que pago à memória de sua mãe, a minha boa e sempre chorada irmã!...

O Lemos enxugou no canto do olho uma lágrima que ele conseguira espremer, se é que não a tinha inventado como parece mais provável. E a moça, em tributo à memória de sua mãe, evocada pelo velho, ergueu-se um instante com a desculpa de olhar pela janela.

Quando voltou a seu lugar, o Lemos estava restabelecido dos choques por que havia passado; e mostrava-se natural, suave, bem-humorado e risonho.

— Estamos entendidos?, perguntou a menina com a seriedade que não deixara em todo este diálogo.

Senhora

— Você é uma feitiçezinha, Aurélia; faz de mim o que quer.

— Reflita bem, meu tio. Vou confiar-lhe meu segredo, um segredo que a ninguém neste mundo foi revelado e que só Deus sabe. Se, depois de conhecê-lo, o senhor não me quiser servir, ou não souber, eu jamais lhe perdoarei.

— Pode confiar em mim sem medo o seu segredo, Aurélia, que vou me mostrar digno dessa confiança.

— Creio, Sr. Lemos, e, para tirar-lhe qualquer dúvida que por acaso tenha, lhe juro pela memória de minha mãe que, se há para mim felicidade neste mundo, é somente esta que o senhor pode me dar.

— Disponha.

Aurélia parou um instante.

— Conhece o Amaral?

— Qual deles?, perguntou o velho um tanto acanhado.

— Manuel Tavares do Amaral, empregado da alfândega; disse a moça consultando sua carteirinha. Tenha a bondade de tomar nota. Não é rico, mas possui alguma coisa; ajustou o casamento da filha Adelaide com um moço que esteve ausente do Rio de Janeiro e a quem ele ofereceu de dote trinta contos de réis.

Ao proferir estas palavras sentiu-se um tremor passageiro na voz sempre tão límpida da moça, que logo após tomou um timbre ríspido. O Lemos ficara roxo de vermelho que já era; e para disfarçar o seu vexame remexia a cabeça muito inquieto, com o dedo a repuxar e alargar o colarinho, como se este o sufocasse.

Aurélia demorou um instante o seu frio olhar no semblante do velho; depois desviando com calma a vista para fitá-la na página aberta de sua carteirinha, deu tempo ao tio de falar, o que foi breve. O Lemos tinha a experiência do mundo.

— Trinta contos?... observou ele. Já não é mau começo!

Aurélia continuou:

— É preciso quanto antes desmanchar este casamento. A Adelaide deve casar com o Dr. Torquato Ribeiro, de quem ela gosta. Ele é pobre; e por isso o pai o tem rejeitado, mas se o senhor assegurasse ao Amaral que esse moço tem uns **cinquenta** contos de réis, acha que ele recusaria?

— Suponha que eu assegurasse isso. De onde sairia esse dinheiro?

- Eu o darei com o maior prazer.
- Mas, minha menina, para que vamos nos intrometer nos negócios alheios?
- O senhor é bastante esperto para perceber aquilo que em vão procuraria esconder. Prefiro confiar-me sem reservas à sua lealdade.
- A moça fez um esforço.
- Esse moço, que está acertado com a Adelaide Amaral, é o homem a quem eu escolhi para meu marido. Já se vê que, não podendo pertencer a duas, é necessário que eu o dispute.
- Conte comigo!, disse o velho esfregando as mãos, como quem adivinhava os benefícios que essa paixão prometia a um tutor hábil.
- Esse moço...
- O nome?, perguntou o velho molhando a pena.
- Aurélia fez um aceno de espera.
- Este moço chegou ontem; é natural que trate agora dos preparativos para o casamento que está acertado há mais ou menos um ano. O senhor deve procurá-lo quanto antes.
- Hoje mesmo.
- E fazer-lhe sua proposta. Estes arranjos são muito comuns no Rio de Janeiro.
- Estão fazendo isso todos os dias.
- O senhor sabe melhor do que eu como se executam estas encomendas de noivos.
- Ora, ora!
- Previno-o de que meu nome não deve figurar em tudo isto.
- Ah!, quer conservar a identidade oculta?
- Até o momento da apresentação. Entretanto, pode dizer quanto baste para que não suponham que se trata de alguma velha ou aleijada.
- Percebo!, exclamou o velho rindo. Um casamento romântico.
- Não, senhor; nada de exageros. Só tem licença para afirmar que a noiva não é velha nem feia.
- Quer preparar a surpresa?
- Talvez. Os termos da proposta...
- Com licença! Desde que deseja conservar a falsa identidade, não devo aparecer?

Senhora

Aurélia refletiu um instante:

— Não quero que isto passe do senhor. Caso ele o reconheça como meu tio e tutor, não poderia o senhor convencê-lo que eu não tenho nisso a mínima parte? Que é um negócio da família ou dos parentes?

— Bem lembrado! Eu me arranho; não se preocupe.

— Os termos da proposta devem ser estes; veja bem. A família da tal moça misteriosa deseja casá-la com separação de bens, dando ao noivo a quantia de cem contos de réis de dote. Se não bastarem cem e ele exigir mais, será o dote de duzentos...

— Vão bastar. Não tenha dúvida.

— Em todo o caso quero que o senhor compreenda bem o meu pensamento. Desejo, como é natural, obter o que pretendo, o mais barato possível; mas o essencial é obter; e portanto até metade do que possuo, não faço questão de preço. É a minha felicidade que vou comprar.

A moça falou estas últimas palavras com uma indefinível expressão.

— Não será caro?

— Oh!, exclamou Aurélia, eu daria por ela toda a minha riqueza. Outras a têm de graça, que lhes vem diretamente do céu. Mas não me posso queixar, pois, negando-me esse bem, Deus teve pena de mim e me enviou, quando menos esperava, tamanha herança para que eu possa realizar o desejo de minha vida. Não dizem que o dinheiro traz felicidade?

— A maior felicidade que dá o dinheiro é possuí-lo; as outras são secundárias, disse o Lemos como entendido na matéria.

Aurélia, que um instante se deixara arrebatada pelo sentimento, voltava ao tom frio e refletido com que havia discutido até ali a questão de seu futuro.

— Falta-me ainda, meu tio, recomendar-lhe um ponto. A palavra, além de esquecer, está sujeita a erros. Não seria possível tratar este negócio por escrito?

— Passar um papel ao sujeito?... Certamente, mas se ele não cumprir a promessa, não há meio de obrigá-lo a casar.

— Não importa. Eu prefiro me confiar à honra dessa pessoa antes do que aos tribunais. Com uma obrigação de que ele cumpra sua palavra, ficarei **tranquila**.

— Tudo vai se arranjar.

— Isso é que espero de sua amizade, meu tio.

O Lemos deixou passar a ironia que acentuou a palavra amizade e esticou aprumada, diante dos olhos e contra a luz, a folha de papel em que tomara suas notas.

— Vejamos!... Tavares do Amaral, empregado da alfândega... a filha D. Adelaide, trinta contos de réis... O Dr. Torquato Ribeiro... garantir cinquenta... O outro... de cem até duzentos. Só me falta o nome.

Aurélia tirou da carteirinha o bilhete de visita e apresentou-o ao tutor. Como este se preparasse para repetir em alta voz o nome, ela se adiantou com a palavra breve e imperativa que às vezes contraía seus lábios.

— Escreva!

O velhinho copiou as indicações que havia no cartão e o devolveu.

— Nada mais?

— Nada, senão repetir ainda uma vez que entreguei em suas mãos a única felicidade que Deus me reserva neste mundo.

A moça proferiu estas palavras com um tom de profunda convicção que penetrou a bondosa falta de fé do velho.

— Será muito feliz, eu lhe garanto.

— Dê-me esta felicidade, que eu tanto invejo; eu lhe darei da que me sobra.

— Conte comigo, Aurélia.

O velhinho apertou a mão da moça, que lhe tocou o coração com a última promessa, e retirou-se. Quando chegou a casa, o Lemos ainda não estava restabelecido do atordoamento que sofreu.

V

Havia na Rua do Hospício, próximo ao campo, uma casa que desapareceu com as últimas reconstruções. Tinha três janelas na frente; duas pertenciam à sala de visitas; a outra a um gabinete anexo.

O aspecto da casa revelava, bem como seu interior, a pobreza da habitação. A mobília da sala se resumia em sofá, seis cadeiras e dois consolos de jacarandá, que já não conservavam o menor vestígio de verniz. O papel da parede de branco passara a amarelo e percebia-se que em alguns pontos já havia sofrido remendos. O gabinete oferecia a mesma aparência. O papel que fora primitivamente azul tomara a cor de folha seca.

Havia no aposento uma cômoda de cedro que também servia de penteadeira, um armário, uma mesa de escrever e finalmente um pequeno sofá, de ferro, como o lavatório, e vestido de mosquito verde. Tudo isto, se tinha o mesmo ar de velhice dos móveis da sala, era, como aqueles, cuidadosamente limpo e espanado, respirando o mais cuidadoso asseio. Não se via uma teia de aranha na parede, nem sinal de poeira nos trastes. O assoalho mostrava aqui e ali fendas na madeira; mas uma nódoa sequer não manchava as tábuas esfregadas.

Essa parte da habitação apresentava outra singularidade: era o contraste que certos objetos aí colocados, e de uso do morador, faziam com a pobreza dos dois aposentos. Assim, no recosto de uma das velhas cadeiras de jacarandá, via-se neste momento uma casaca preta, que pelo tecido superior, mas sobretudo pelo corte elegante e cuidado do trabalho, via-se ter o chique da casa do Raunier, que já era naquele tempo o alfaiate da moda.

Ao lado da casaca estava o resto de um traje de baile, que tinha saído daquela mesma tesoura; finíssimo chapéu claqué do melhor fabricante de Paris; luvas de Jouvin cor de palha; e um par de botinas como o Campas só fazia para os seus fregueses prediletos. Sobre um dos aparadores, tinham posto uma caixa de charutos de Havana, da marca mais estimada que então havia no mercado. Eram regalias como talvez só saboreavam nesse tempo os dez mais puros fumadores do império.

No velho sofá de palha escura, havia uma almofada de cetim azul bordada com lã e ouro. A mais luxuosa das salas do Rio de Janeiro não se enfeitava com uma obra de tapeçaria, nem mais delicada, nem mais graciosa do que essa, trabalhada por mãos aristocráticas.

Passando ao quarto, na banca de escrever, coberta com um pano desbotado e cheia de livros, a maior parte romances, apareciam sem ordem tinteiros de bronze dourados sem serventia; porta-charutos de vários gostos, cinzeiros de feitios esquisitos e outros objetos de fantasia.

A tábua da cômoda era verdadeiro balcão de perfumista. Aí achavam-se arrançados toda a casta de pentes e escovas e outros utensílios no toucador de um rapaz da moda, assim como as mais finas essências francesas e inglesas, que o respectivo rótulo indicava terem saído das casas do Bernardo e do Louis.

A um canto do aposento notava-se uma variedade de guarda-chuvas e bengalas, algumas de alto preço. Parte destas naturalmente provinha de presentes, como outras curiosidades artísticas, em bronze e jaspe, atiradas para baixo da mesa e cujo valor era maior do que o custo de toda a mobília da casa.

Um observador reconheceria nesse disparate a prova material de completa divergência entre a vida exterior e a vida doméstica da pessoa que ocupava esta parte da casa. Se o edifício e os móveis indicavam falta de recursos financeiros, senão extrema pobreza, a roupa e os objetos de representação anunciavam um trato de sociedade, como só tinham cavalheiros dos mais ricos da Corte.

Esta aparência característica do aposento repetia-se em seu morador, o Seixas, curvado neste momento no sofá da sala, lendo uma das folhas diárias, estendidas sobre os joelhos erguidos, que assim lhe servem de cômoda estante.

É um moço que ainda não chegou aos trinta anos. Tem uma fisionomia tão nobre quanto sedutora; belos traços, pele finíssima, cuja alvura realça a macia barba castanha. Os olhos rasgados e luminosos às vezes se enchem de ternura tão natural e pura de afetação que os torna irresistíveis quando o amor os acende. A boca vestida por um bigode elegante mostra a sua forma graciosa, sem contudo perder a expressão séria e sóbria, que deve ter o órgão da palavra forte.

Sua posição negligente não esconde de todo a elegância



da figura, que pode ser vista nessa mesma retração do corpo. É esbelto sem magreza e de elevada estatura. O pé pousado agora em uma chinela não é pequeno; mas tem a palma estreita e o firme arqueado da forma aristocrática.

Vestido com um roupão que não combina com as graciosas chinelas de tecido grosso bordadas, vê-se que ele está ainda na desarrumação matinal de quem acaba de erguer-se da cama. Ainda o pente não alisou os cabelos, que deixados à toa tomam, entretanto, sua elegante ondulação.

Depois de lavar o rosto e enfiar o roupão, viera à sala buscar na porta que dava para a escada os jornais do dia; pois era ele dos que se consideram em jejum e ficam de cabeça oca se, ao acordarem, não espreguiçam o espírito por essas toalhas de papel com que a civilização enxuga a cara em público todas as manhãs.

Deitou-se então de bruços no sofá, para ler melhor, e maquinalmente correu os olhos pelos artigos, catando algum escândalo que lhe aguçasse a curiosidade adormecida pelo cansaço de uma prolongada vigília.

Apareceu à porta da escada uma pessoa, que deitou a cabeça espiando e foi dizendo:

— Mano, já acordou?

— Entra, Mariquinhas, respondeu o moço, do sofá.

A moça aproximou-se do sofá, reclinou-se para o irmão, que sem mudar de posição abraçou o colo com o braço esquerdo atraindo-a e beijando-lhe a face.

— Quer o seu café?, perguntou Mariquinhas.

— Pode trazer, menina.

Momentos depois a moça voltou com a xícara de café. Enquanto o irmão, erguendo um pouco o busto, bebia aos goles a aromática bebida, ela ia ao quarto buscar um charuto de marca Pérola e acendia um fósforo.

Todos estes pormenores, praticava-os como quem tinha perfeito conhecimento dos hábitos do irmão e sabia, por experiência, que luxo era ter um charuto para fumar logo pela manhã, e depois do café.

O relaxado Seixas aceitava estes serviços como um sultão⁷ os receberia de sua dançarina favorita; de tão acostumado que

⁷ Título que era destinado ao imperador da Turquia, e que designa senhor muito poderoso.

Senhora

estava, já não os agradecia, convencido que para a moça era um prazer lhe servir.

Depois que o irmão acendeu o charuto, Mariquinhas sentou-se perto dele à beira do sofá.

— Divertiu-se muito, mano?

— Mais ou menos.

— Acabou bastante tarde. Quando você entrou deviam ser três horas.

— E não valeu a pena; perdi a noite quando podia me recuperar das péssimas que passei em claro.

— É verdade; fez mal em ir a um baile no mesmo dia da chegada.

O moço acompanhou com os olhos a espiral de floco de fumaça de seu havana até que de todo se desfez nos ares.

— Sabes quem estava lá? E era a rainha do baile?... A Aurélia!

— Aurélia... repetiu a moça buscando na memória recordação desse nome.

— Não te lembras?... Olha!

E o irmão, cruzando o pé esquerdo sobre o joelho direito, mostrou, com um aceno da mão branca e delicada, a chinela.

— Ah!, já sei; exclamou a moça vivamente. Aquela que morava na Lapa?

— Justamente.

— Você gostava dela, mano.

— Foi a maior paixão da minha vida, Mariquinhas!

— Mas você a esqueceu pela Amaralzinha, observou a irmã com um sorriso.

Seixas moveu a cabeça com um movimento lento e melancólico; depois de uma pausa, em que a irmã contemplou comovida e arrependida de ter evocado aquela saudade, ele continuou em tom vivo e animado:

— Ontem no Cassino, estava deslumbrante, Mariquinhas! Nem tu podes imaginar!... Vocês mulheres têm isso de comum com as flores, que umas são flores da sombra e abrem com a noite, e outras são filhas da luz e precisam de sol. Aurélia é como estas; nasceu para a riqueza. Eu bem o pressenti! Quando admirava a sua formosura naquela salinha térrea de Santa Teresa, parecia-me que ela vivia ali exilada. Faltava o diadema, o trono, a ostentação, a multidão submissa, mas a rainha ali

estava em todo o seu esplendor. Deus a destinara à riqueza.

— Está rica então?

— Apareceu-lhe de repente uma herança... Creio que dum avô. Não souberam me explicar bem; o certo é que possuí hoje, segundo me disseram, cerca de mil contos.

— Ela também tinha muita paixão por você, mano!, observou a moça com uma intenção que não escapou a Seixas.

Ele tomou a mão da irmã.

— Aurélia está perdida para mim. Quantos a admiravam ontem no Cassino podem pretendê-la, embora se arrisquem a ser repelidos; eu não tenho esse direito, sou o único.

— Por quê, mano? É por causa da Amaralzinha, com quem dizem que você deve se casar?

— Isto ainda não é coisa decidida, Mariquinhas, tu bem sabes. A razão é outra.

— Qual é então?

— Depois... depois eu te direi.

Terceira voz interveio no diálogo com estas palavras:

— Pode dizer já, mano; eu vou embora. Não quero surpreender seus segredos.

A pessoa que falara era outra moça que pouco antes entrara na sala e ouvira as últimas partes da conversa.

— Pois vem cá, Nicota, que eu te direi ao ouvido o meu segredo!, retrucou Seixas rindo da zanga da irmã.

— Não mereço; isto é bom para Mariquinhas!, tornou a Nicota de longe.

— Que é isto agora, Nicota? Porque eu estava conversando com Fernandinho? Será algum crime?

— Não é por isso, voltou-lhe a irmã com os olhos molhados. Você me enganou dizendo que ia engomar seu vestido e veio espiar se o mano já tinha acordado para trazer-lhe o café.

— Pois fui mesmo engomar; porém ouvi o mano abrir a porta... E você, por que ficou?

— Eu estava acabando a costura daquela senhora, que você bem sabe, que devo dar hoje sem falta.

Tinha pedido à mamãe para me chamar logo que Fernandinho acordasse; e ela, não o ouvindo assoviar como costuma, pensou que estivesse dormindo ainda com o cansaço da viagem e do baile.

Seixas acompanhava com um sorriso, cheio de ternura, a contestação das duas irmãs.

Senhora

— Mas afinal que culpa tenho eu, Nicota, do que fez a senhora D. Mariquinhas? Não me dirás, menina?

— Não lhe acuso, mano. Alguém tem culpa de querer mais bem a uma pessoa do que a outra?

— Ciumenta!, exclamou Seixas.

O moço ergueu-se e foi ao meio da sala buscar a Nicota, que por despeito se conservara distante, encostada à última cadeira.

— É desnecessário te aborreceres comigo, que eu não admito estes maus humores. Quanto mais franzires a testa, mais beijos te dou para desmanchar estas rugas tão feias.

— É o que ela queria!, observou Mariquinhas já com sua ponta de ciúme.

— Ora vamos saber, senhora ingrata, disse Seixas trazendo a Nicota para o sofá e sentando-a junto de si. Mostrei eu querer mais bem a Mariquinhas do que a ti? Não reparti meu coração em duas fatias, bem iguaizinhas, das quais cada uma tem a sua?

— Mas você gosta mais de conversar com Mariquinhas, tanto que toda esta manhã estiveram aqui com segredinhos...

— É este o ponto da queixa? Pois senhora D. Mariquinhas vá-se embora que eu quero conversar outro tanto tempo com Nicota e com ela só. Está satisfeita? Assim fica bem paga?

Nicota sorriu, ainda amuada, como raio de sol através da nuvem.

— E o café?

— Ah!, também temos o café? Pois, filha, vai buscar outra xícara que eu receberei com muito prazer de tuas mãos. E também me darás um charuto que eu fumarei até o meio em lugar desta ponta. Ainda falta alguma coisa?

A jovialidade do Seixas e o seu carinho não só enfraqueceram as queixas da Nicota como restabeleceram a cordialidade entre as duas meninas, que se queriam com bastante afeto, só estremecido pelo ciúme desse irmão gracioso.

VI

Filho de um empregado público e órfão aos dezoito anos, Seixas foi obrigado a abandonar seus estudos na Faculdade de São Paulo pela impossibilidade em que se achou sua mãe de continuar-lhe a mesada.

Já estava no terceiro ano, e, se a natureza, que o embelezara, lhe desse alguma força de vontade, conseguiria ele vencendo pequenas dificuldades, concluir o curso; tanto mais quanto um colega e amigo, o Torquato Ribeiro, lhe oferecia hospitalidade até que a viúva pudesse receber a herança.

Mas Seixas era desses espíritos que preferem trilhas conhecidas e só obrigados por alguma forte paixão rompem com a rotina. Ora, a carta de bacharel não tinha grande solução para sua bela inteligência mais propensa à literatura e ao jornalismo. Cedeu pois à insistência dos amigos de seu pai, que conseguiram colocá-lo em uma secretaria como praticante. Assim começou ele essa inútil ocupação, em que tantos homens de talento consomem o melhor da existência numa tarefa inglória, ralados por contínuas decepções.

Continuando a carreira de empregado público, que lhe impunha a necessidade, Seixas buscou para seu espírito superior campo mais brilhante e encontrou-o na imprensa. Admitido para colaboração de uma das folhas diárias da Corte, no começo como simples tradutor, depois como noticiarista, veio com o tempo a ser um dos escritores mais elegantes do jornalismo fluminense. Não diremos festejado, como agora é moda, porque nesta nossa terra os cortejos e aplausos rastejam a mediocridade feliz.

O pai de Seixas deixara seu escasso patrimônio complicado com uma hipoteca, além de várias dívidas miúdas. Depois de uma difícil e lenta liquidação, com que a viúva achou-se atrapalhada, pôde se apurar a soma de doze contos de réis, afora uns quatro escravos. Partilhados estes bens, D. Camila, a mãe de Seixas, por conselho de amigos, pôs o dinheiro para render na Caixa Econômica, donde ia tirando os juros semestrais, com que cobria os gastos da casa, ajudada dos aluguéis de dois escravos e também de algumas costuras dela e das duas filhas.

Senhora

Fernando quis ajudar com seu ordenado para a despesa mensal, mas tanto a mãe como as irmãs recusaram. Sentiam elas, ao contrário, não poder reservar alguma quantia para acrescentar aos mesquinhos vencimentos, que mal chegavam para o vestuário e outras despesas do rapaz.

No conceito geral, esse único filho homem devia ser o amparo da família, órfão de seu chefe natural. Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se matavam pelo ente querido. Seu destino resumia-se em fazê-lo feliz; não que elas pensassem isto e fossem capaz de o exprimir; mas faziam-no.

Que um moço tão bonito e cheio de qualidades como o seu Fernandinho se vestisse no rigor da moda e com a maior elegância; que em vez de ficar em casa aborrecido procurasse os divertimentos e a convivência dos camaradas; que em suma fizesse sempre na sociedade a melhor figura; era para aquelas senhoras não somente justo e natural, mas indispensável.

Durante o tempo em que Fernandinho se exibia nas salas de espetáculos, elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeiro, que iluminava a tarefa noturna. Na maioria das vezes solitárias; outras acompanhadas de alguma rara visita, que as frequentava no seu modesto e recatado viver.

O tema da conversa era invariavelmente o ausente. Não cansavam nunca os elogios. Cada uma comunicava seus planos sobre a realização de certos desejos e esperanças; pois desde essa época Fernandinho se acostumara a fazê-las confidentes de seus menores segredos. Se aquela de quem tanto gostava o rapaz estaria no baile; se lhe concederia a contradança predileta, a quarta, que se reserva para o escolhido, pela razão não somente de ser a infalível, como também de dançar-se no momento da maior animação; se o Fernandinho conseguiria enfim dar-lhe a entender sua paixão, e como receberia a moça essa declaração; tais eram as graves preocupações dessas três criaturas, que, privadas de distração, trabalhavam à luz da candeia para ganhar uma parte do necessário.

Outras noites era o acolhimento que faria ao rapaz a mulher de certo figurão, a quem ele devia ser apresentado. Seixas contava conquistar os favores da senhora, mirando alcançar por seu empenho a proteção do ministro. A mãe e as irmãs, às quais ele confiara o projeto, inquietas do resultado, rezavam para que fosse bem-sucedido, não percebendo em sua ingenuidade a natureza

dessa influência feminina que devia amolecer o ministro.

Foi assim que Seixas insensivelmente apegou-se à dupla existência, que de dia em dia mais se destacava. Homem de família no interior da casa, partilhando com a mãe e as irmãs a pobreza herdada, tinha na sociedade a representação de um moço rico.

Dessa vida de fartura, que ostentava na sociedade, Seixas trazia para a intimidade da família não só as provas materiais, mas as confidências e seduções. Era então muito moço e não pensou no perigo que havia, de acordar no coração virgem das irmãs desejos que podiam torturá-las. Quando mais tarde a razão devia adverti-lo, já o doce hábito das confidências a havia adormecido. Felizmente D. Camila tinha dado a suas filhas a mesma vigorosa educação brasileira, já bem rara em nossos dias, que, se não fazia donzelas românticas, preparava a mulher para as sublimes renúncias que protegem a família e fazem da humilde casa um santuário.

Mariquinhas, mais velha que Fernando, vira passar os anos da mocidade com serena aceitação das coisas. Se alguém se lembrava de que o outono, que é a estação nupcial, ia passando sem esperança de casamento, não era ela, mas a mãe, D. Camila, que sentia o coração se apertar, quando notava sua mocidade perdendo o brilho. Também Fernando algumas vezes a acompanhava nessa mágoa; mas nele o ritmo do mundo breve a apagava. Nicota, mais moça e também mais linda, ainda estava na flor da idade; mas já chegava aos vinte anos, e, com a vida apertada que tinha a família, não era fácil que aparecessem pretendentes à mão de uma menina pobre e sem proteções. Por isso cresciam as inquietações e tristezas da boa mãe, ao pensar que também esta filha estaria condenada à sorte da exclusão social, que se chama solteirice.

Quando Fernando chegou à maioridade, D. Camila concentrou nele a autoridade que exercia na casa e a administração do módico patrimônio que ficara por morte do marido e que, embora dividido nos autos, ainda estava intacto e em comunhão.

O rendimento da caderneta da Caixa Econômica e dos escravos de aluguel andava em 1:500\$000 ou 125\$000 mensais. Como, porém, a despesa da família subia a 150\$000, as três senhoras supriam o resto com seus trabalhos de agulha e engomado, no que as ajudavam as duas negras do serviço doméstico.

Senhora

Ao tomar a direção dos negócios da casa, Seixas fez uma alteração nesse regulamento. Declarou que entraria por sua parte 25\$000 que faltavam, ficando as senhoras com todo o produto de seu trabalho para as despesas particulares, no que ele ainda as auxiliaria logo que pudesse.

Nessa época já ele era segundo oficial, com esperanças de ser promovido a primeiro; e seus vencimentos, acumulados à gratificação que recebia pela colaboração assídua do jornal, montavam acima de três contos de réis. Mais tarde subiram a sete em virtude de uma comissão que lhe deu o ministro, por haver simpatizado com ele. Assim tinha anualmente um rendimento de 8:500\$000, do qual, deduzindo 1:800\$000, quantia que dava à família em prestações de 150\$000 cada mês, ficavam-lhe para seus gastos de representação 6:700\$000, quantia que naquele tempo não gastavam consigo mesmo muitos celibatários ricos, que faziam média na sociedade.

Uma noite, Seixas sofreu uma decepção amorosa ao entrar no baile e retirou-se despeitado. Não tendo onde passar as horas e aborrecido da sociedade, recolheu-se a casa. A infelicidade feriu seu humor, que era já melancólico. Lembrou-se do seu Byron⁸ e das imitações que havia feito de alguns dos mais amargos lamentos do poeta inglês.

Era extraordinário Fernando passar a noite em casa. Para evitar explicações, resolveu entrar despercebido e subiu as escadas mansamente. Abriu a porta da sala com a chave francesa que ele trazia na argola, assim como a da rua, para não incomodar a família quando voltava tarde, e foi para seu quarto.

D. Camila estava tomando chá com as filhas; havia de visita uma família da vizinhança. As moças conversavam alto; no meio do falatório, Fernando ouviu que falavam da representação de uma ópera que se dava então no Teatro Lírico. As amigas tinham assistido ao último espetáculo e falavam dele, para diminuir as duas irmãs, intensificando o divertimento com muitos elogios.

— Ainda não viram? Pois não devem faltar; vale a pena. Peçam a seu irmão.

Tomadas de surpresa pela direta, as duas irmãs diminuíram logo o interesse com que escutavam a descrição do espetáculo. Encolheram-se ambas silenciosas, mas insistindo as outras com

⁸Lord Byron, poeta inglês, um dos mais famosos do Romantismo, célebre por sua melancolia e morbidez.



SCHLOSSER

Senhora

alguma malícia, a Mariquinhas, que era mais desembaraçada, respondeu:

— Fernandinho já nos convidou muitas vezes; mas tem havido sempre um transtorno qualquer.

— É verdade!, observou Nicota.

Pela primeira vez desenhou-se claramente no espírito de Seixas um contraste que aliás tinha diante de si todos os dias, a cada instante, e do qual era ele próprio um dos elementos. Enquanto lhe faltavam horas para os prazeres de que se fartava, aquelas três senhoras ali desfiavam as compridas noites sem outro entretenimento além da tarefa jornalreira ou daqueles ecos do mundo, que chegavam até lá através de alguma rara visita.

Ele gastava apenas consigo mais do triplo do sustento de toda a família. Nessa mesma noite, para ir a um baile de que saiu assim que chegou, dissipara quantia maior do que a necessária para dar a suas irmãs a satisfação de um espetáculo lírico.

Estas **ideias** tomaram conta de seu espírito. Em vez de riscar o fósforo, já em mão para acender a lâmpada que iluminaria a vigília poética, e o charuto que lhe instigasse a inspiração, atirou-se à cama, colocou a cabeça no travesseiro e dormiu o sono do justo.

Na primeira noite de representação lírica, Fernando levou a família ao teatro. Foi uma festa para as três senhoras; D. Camila, apesar de sua singeleza e modéstia, sentiu ao atravessar a multidão pelo braço do filho um aroma de orgulho, mas desse orgulho repassado de susto, que é mais a consciência da própria humildade do que vaidade de egoísmo. As filhas partilhavam este sentimento e acreditavam que todas as outras moças invejavam aquele irmão.

Quando Fernando, depois de instalar a família no camarote, saiu percorrendo o salão, encontrou um camarada:

— Ó, Seixas, não me dirás onde foste desenterrar aquele trio de roceiras? Aposto que andas com intenções sinistras. Uma delas não é de se jogar fora!...

Fernando cortou este diálogo, com a desculpa de cumprimentar um conhecido que passava. Ao sair de casa, com a pressa e à luz fraca do candeeiro, não tinha ele reparado na roupa da mãe e das irmãs. No camarote, porém, ao clarão do gás, não escaparam, a seu olhar severo quanto à elegância, o esquisito vestuário das três senhoras, tão alheias às modas e usos da sociedade.

O resto da noite, que lhe pareceu interminável, evitou o camarote e, quando lá demorava, não ia para a frente.

Durante alguns dias, Seixas andou tristonho e preocupado com este incidente. Chegou a insinuar um incômodo para ficar em casa e fugir dos divertimentos. É verdade que este afastamento da sociedade também era por causa do desgosto da noite do baile. Ao fim, resultou dessa crise um raciocínio que acalmou o nosso jornalista.

Frequentando assiduamente e com algum brilho a sociedade, adquirindo relações e cultivando a amizade de pessoas influentes que o acolhiam com prazer, era natural que Seixas fizesse uma bonita carreira. Poderia de um momento para outro arranjar um casamento vantajoso, como tinham conseguido muitos que não estavam em tão favoráveis condições. Não era difícil também que de repente se lhe abrisse essa estrada real da ambição, que se chama política.

Uma vez rico e ilustre, montaria sua casa com um estado correspondente à sua posição. Então sua família participaria não só dos proveitos materiais desse viver luxuoso, como do brilho e prestígio de seu nome. O trato da sociedade lhes daria o aspecto distinto de que precisavam para bem se apresentarem. Casaria as duas irmãs vantajosamente; e faria assim a felicidade de todos esses entes queridos confiados a seu cuidado.

Se, ao contrário, ele se endividasse desde logo, no princípio de sua carreira, com o peso da família, prendendo-se à vida obscura de que não podia tirá-la, mesmo com sacrifício de todos seus rendimentos, que outra coisa devia esperar senão vegetar na sombra da mediocridade e consumir sem frutos sua mocidade?

Firmou-se pois Seixas nesta convicção de que o luxo era não somente a batalha infalível de uma ambição nobre, como também a garantia única da felicidade de sua família. Assim desapareceram os escrúpulos.

Seixas acabava de chegar de Pernambuco, onde demorou oito meses; desembarcou na véspera, a tempo de não perder o Cassino. O motivo dessa viagem foi uma comissão, creio que de secretário da presidência. Dizia-se, porém, nas rodas políticas, que o nosso escritor foi lançar as bases de uma candidatura próxima.

Sem contestar o fato, acrescentavam os invejosos que o

Senhora

brilho dos belos olhos negros de uma moreninha pernambucana, e que foi o astro da última sessão parlamentar, o levou ao Norte.

Todas estas circunstâncias influíram na decisão de Seixas; mas a razão predominante que o moveu, carioca da gema que era, a ausentar-se da Corte por oito meses, a seu tempo saberemos.

VII

Brincava Fernando com as irmãs, quando bateram palmas à escada.

As meninas fugiram para o quarto; o Seixas, sem mudar de posição, disse em alta voz:

— Suba!

Este modo de receber tão sem cerimônia talvez cause estranheza em um moço de educação apurada, mas Seixas não era procurado em casa senão por algum caixeiro⁹, ou por gente de condição inferior.

Lançou-se, é o termo próprio, lançou-se pela sala adentro a gordurosa e roliça figura do Sr. Lemos, que de relance fez, às carreirinhas, um zigzague e atochou à queima-roupa no Seixas paralisado três apertos de mão um sobre o outro, coroados das respectivas cortesias.

— É com o Sr. Fernando Rodrigues de Seixas que tenho a honra de falar?

⁹Entregador de mercadorias em domicílio.

O nosso escritor ergueu-se de pronto. Ajeitando o roupão com um gesto rápido, tomou o ar de suprema distinção, que ninguém revestia com tanta nobreza e habilidade.

— Tenha a bondade de se sentar, disse oferecendo o sofá ao Lemos, e desculpar-me a desarrumação de quem acaba de chegar.

— Sei. Desembarcou ontem?

Seixas confirmou com a cabeça:

— A quem tenho a honra de receber?

Lemos tirou do bolso uma carta que apresentou ao moço, fitando nele o olhar.

— A pessoa que me fez a honra de apresentá-lo, Sr. Ramos, merece-me tudo. É para mim uma fortuna esta ocasião de provar-lhe meu amor, pondo-me inteiramente às ordens de vossa senhoria.

Quando Seixas pronunciou o nome Ramos, o velhinho desfez-se em cerimônias corrigindo Lemos, mas com uma rapidez e no meio de tais entonações de garganta que não o percebeu o seu interlocutor. Eis a explicação do equívoco. Ao chegar à sua casa na Rua de São José, Lemos tinha traçado um plano, como indicava este monólogo:

— O que não tem remédio, remediado está. Não se engane, meu Lemos: com a tal menina não é preciso trapacear que ela corta-lhe as asas. Portanto, o que melhor pode fazer um esperalhão da sua marca é tirar partido da situação.

Saltando da carruagem, o velhinho subiu ao sobrado, donde voltou logo com um par de óculos verdes, que usou há um tempo por um problema de visão. Fez ao cocheiro sinal de acompanhá-lo e dobrou pela Rua da Quitanda. Pouco adiante entrou em uma loja:

— Ó, comendador, dá-me aí uma carta de apresentação para o Seixas.

O negociante, a quem estas palavras eram dirigidas, puxou pela memória.

— Seixas... Não conheço!

— Mas vais conhecê-lo de um jeito ou de outro. Vamos, escreve. Em nome do Sr. Antônio Joaquim Ramos.

Era esta a carta que o tutor de Aurélia acabava de apresentar ao Seixas. Ele viera confiado nos dois disfarces, o dos óculos e o do nome do recomendado. Se, apesar disto, o moço o



reconhecesse, ele acharia meio de sair perfeitamente da dificuldade.

— Desculpe-me, vossa senhoria, se o procuro logo no dia seguinte ao de sua chegada, quando ainda deve estar cansado da viagem; mas o assunto que me traz é urgentíssimo.

— Estou pronto para ouvi-lo com toda a atenção.

— É negócio importante que exige a maior discricção.

— Pode contar com ela.

O Lemos balançou na cadeira com sua frenética jovialidade e prosseguiu:

— Trata-se de uma moça, muito rica, bonita, a quem a família deseja casar quanto antes. Desconfiando desses vadios que por aí andam farejando dotes e temendo que a menina possa de repente enfeitiçar-se por algum desses, resolveu procurar um moço sério, de boa posição, embora seja pobre; porque são justamente os pobres que sabem melhor o valor do dinheiro e compreendem a necessidade de poupá-lo, em vez de atirá-lo pela janela como fazem os filhos dos ricos.

Lemos fitou os olhinhos vivos no semblante de Seixas.

— Fui encarregado por essa família, que me honra com sua amizade, de procurar a pessoa que se deseja, e minha presença aqui, neste momento, significa que tive a sorte de encontrá-la.

— Sua escolha devia lisonjear meu amor-próprio, se o tivesse, Sr. Ramos; porém há de compreender que não posso concordar...

— Perdão; em negócio tenho o meu sistema. Faça a proposta com honestidade, sem esconder os fardos e as vantagens, porque não costumo pechinchar. O outro pensa e aceita se lhe convém.

— Já vejo que é um verdadeiro negócio que me propõe!, observou Fernando com ironia educada.

— Sem dúvida!, atestou o velho. Mas ainda não disse tudo. A pequena é rica bastante e dota o marido com cem contos de réis em moeda viva.

Como Seixas se calasse:

— Agora vossa senhoria me dirá se posso levar uma boa decisão?

— Nenhuma!

— Como assim? Nem recusa, nem aceita?

— Sua proposta, Sr. Ramos, permita-me a franqueza, não é séria, disse o moço com a maior formalidade.

Senhora

— Por que razão?

— Antes de tudo é preciso dizer-lhe que estou de algum modo comprometido e, embora não haja um ajuste formal, não poderia dispor livremente de mim.

— Os compromissos rompem-se dum momento para outro.

— É exato; às vezes ocorrem circunstâncias que desfazem as mais sérias obrigações. Mas entre as razões que movem a consciência, não se conta o interesse; ele daria ao arrependimento a aparência de uma transação.

— E o que é a vida, no fim de contas, senão uma contínua transação do homem com o mundo?, exclamou Lemos.

— Não vejo ainda a vida dessa forma. Compreendo que um homem sacrifique-se por qualquer motivo nobre, para fazer a felicidade de uma mulher, ou de entes que lhe são queridos; mas se o fizer por um preço em moeda, não é sacrifício, mas tráfico.

O Lemos insistiu com todos os argumentos materialistas que ele manipulava habilmente. Não conseguiu, porém, convencer os escrúpulos do moço que o ouvia com educação, mantendo-se inflexível na negativa.

— Bem; resumiu o velho. Não são negócios que se resolvem assim de palpite. O Sr. Seixas pensará e, se como eu espero decidir-se, me fará o favor de comunicar. Vou deixar-lhe meu endereço...

— Agradeço, mas para esse caso é inútil, observou Seixas.

— Ninguém sabe o que pode acontecer!

O velho escreveu a lápis a rua e o número de sua casa numa folha da carteira que deixou sobre a mesinha.

Meia hora depois, Seixas descia a Rua do Ouvidor em busca do hotel de Europa, onde ia almoçar bem, por volta do meio-dia. No caminho encontrava os camaradas e conhecidos que o festejavam, pedindo-lhe notícias da viagem e lhe dando as mais recentes da Corte. Entre estas figurava a aparição de Aurélia Camargo, que datava de meses, mas era ainda o grande sucesso do mundo fluminense.

Havia nessa noite teatro lírico. Cantava Lagrange no Rigoletto. Seixas, depois de um exílio de oito meses, não podia faltar ao espetáculo.

Às oito horas em ponto, com o fino binóculo de marfim na mão esquerda vestida por macia luva de pelica cinzenta e o elegante sobretudo no braço, subia as escadas do lado do mar.

No patamar encontrou Alfredo Moreira, com quem de véspera apenas falou de relance no Cassino.

— Ontem não sei onde te meteste, Seixas, cansei de te procurar!

— Pois andava bem perto de ti. É que estavas ontem muito ocupado; respondeu Fernando sorrindo.

— É verdade! Que mulher, Seixas! Não imaginas. Olhas de longe e vês um anjo de beleza, que te fascina e arrasta a seus pés, perdido de amor. Quando lhe tocas, não achas senão uma moeda sob aquele esplendor. Ela não fala; tine como o ouro. Era para te apresentar que eu te procurei. É ela, que chega!

Esta última exclamação, Alfredo soltou avistando um carro que nesse momento parou à porta. Efetivamente, dele saltou Aurélia, que se dirigiu acompanhada de D. Firmina a seu camarote na segunda ordem.

Envolvia-a desde a cabeça até os pés um finíssimo e amplo manto de caxemira branca, que descobria seu fino rosto na sombra do capuz, e uma borda do vestido azul.

Era preciso ter a suprema elegância de Aurélia para, mesmo coberta, preservar a beleza de uma figura encantadora.

Ela parou justo em frente dos dois moços, voltando-lhes as costas, à espera de D. Firmina, que demorou descendo do carro.

— Não é uma beleza?, perguntou Moreira ao camarada, em tom de ser ouvido.

— Deslumbrante!, respondeu Seixas; mas para mim é uma beleza de fantasma!

— Não entendo!

— É a imagem de uma mulher a quem amei e que morreu. Esta semelhança me repele!

Aurélia ficou impassível. Moreira, que se adiantou para cumprimentá-la, pensou que o amigo tinha razão. Efetivamente havia alguma coisa de fantástico naquele rosto pálido e cintilante.

D. Firmina se aproximou. A moça, retribuindo com um agradável aceno ao cumprimento do Alfredo, passou como se não se apercebesse de Fernando e subiu à segunda ordem.

VIII

Lemos voltou satisfeito com o resultado da sua exploração.

Era o velho um espírito otimista, mas à sua maneira, confiava no instinto infalível de que a natureza dotou o bípede social para farejar seu interesse e descobri-lo.

Pensava pois ser impossível que um moço, em seu perfeito juízo, dirigido por conselho de homem experiente, repelisse a fortuna que de repente lhe entrava pela porta da casa, e casa da Rua do Hospício a sessenta mil-réis mensais, para tomá-lo pelo braço e conduzi-lo de carruagem, recostado em fofas almofadas, a um palácio nas Laranjeiras.

Lemos sabia que os escritores, para arranjam lances dramáticos e quadros de romance, mentiam sobre a espécie humana atribuindo-lhe estupidez; mas na vida real não admitia a possibilidade de semelhantes fatos.

“Não se recusam cem contos de réis”, pensava ele, “sem uma razão sólida, uma razão prática. O Seixas não a tem; pois não considero racionais essas palavras ocas de ‘tráfico’ e ‘mercado’, que não passam de um disparate. Queria que me dissessem os senhores moralistas o que é esta vida senão uma quitanda? Desde que nasce um pobre-diabo até que o leve a infelicidade não faz outra coisa senão comprar e vender? Para nascer é preciso dinheiro, e para morrer ainda mais dinheiro. Os ricos alugam os seus pertences; os pobres alugam-se a si, enquanto não se vendem de uma vez, salvo o direito do estelionato”.

Assim, convencido de que Seixas não tinha o que ele chamava uma razão sólida para rejeitar o casamento proposto, não viu Lemos na primeira recusa senão um disfarce, ou talvez o impulso dessa tímida resistência, que a moral costuma opor à tentação. Esperava, pois, pela saudável revolução que dentro de poucos dias se devia operar nas **ideias** do jovem.

Ao sair da casa de Seixas, Lemos dirigiu-se à casa do Amarral, onde engatou uma negociação que devia assegurar o êxito da primeira. Livre o moço da Adelaide e dos trinta contos, não tinha remédio senão aceitar a consolação dos cem; consolação que levaria o gosto de uma vingança zinha.

Não sei como pensarão da fisiologia social de Lemos; a verdade é que o velhinho não mostrou grande surpresa quando uma bela manhã veio dizer-lhe seu agente que o procurava um moço de nome Seixas.

Esse agente chamava-se Antônio Joaquim Ramos e era o mesmo de quem o velho tomara emprestado o nome. Estava prevenido pelo patrão desta circunstância que não o surpreendia, pois era mestre em tais trapaças.

— Que espere!, gritou o velho.

Tinha Lemos na loja da casa de morada uma coisa chamada escritório de agências. Era um corredor que dava porta para a rua e estendia-se até a área do fundo, onde o velho trabalhava dentro de uma espécie de gaiola, feita de tabique de madeira. Foi daí que respondeu. Era seu costume, sempre que ia tratar de negócio importante, ficar pensando de antemão para não ser tomado de improviso. Foi o que fez nesse momento.

— Com quais intenções virá o sujeito? Vai querer me sondar a respeito da noiva, desconfiado de que lhe pretendo passar alguma cilada? Ah! ah!, por este lado não há perigo. Terá intenção de pechinchar? A menina não se importa de chegar até aos duzentos e aposto que se for preciso vai por aí afora, que, próprio de mulher, o dinheiro lhe faz cócegas. Mas eu é que não vou permitir! Me seguro nos cem, que mais não me arrancam. Quando muito uns vinte de quebra, para o enxoval, e nem mais um conto.

Tendo feito seus cálculos, Lemos chegou à porta do cubículo e gritou para a frente do armazém:

— Mande entrar!

Quando Seixas chegou ao escritório, já Lemos estava de novo trepado no banco e, debruçado à carteira, continuava despachando seus negócios. Sem erguer a cabeça, fez com a mão esquerda um gesto ao moço indicando-lhe o sofá.

— Queira sentar-se; já lhe falo.

Terminada a carta e enxuta com o mata-borrão, Lemos fechou-a na competente capa, pôs-lhe assinatura e só então, girando sobre o banco, como uma figurinha de cata-vento, apresentou a frente ao moço.

— O senhor deseja falar-me?, perguntou.

— Já não se recorda de mim?, perguntou Seixas inquieto.

— Tenho uma lembrança vaga. O senhor não me é de todo estranho!

Senhora

— Não há três dias estivemos juntos, tornou Seixas; é verdade que pela primeira vez.

— Há três dias?...

E Lemos fez semblante de recordar-se.

Desde que entrou, Seixas mostrou em sua fisionomia, como em suas maneiras, um constrangimento que não era natural ao seu caráter. Parecia lutar contra uma força interior que contrariava a resolução tomada; mas se não podia evitar esses ataques, dominava-se bastante para serem dominados pela necessidade.

O esquecimento de Lemos porém veio abalar aquela firmeza momentânea; no semblante do moço pintou-se imediatamente a vacilação do espírito. Não escapou essa alteração ao velho, que, recostando-se na cadeira para olhar o seu interlocutor de meio perfil, se desfez em exclamações de surpresa:

— Ora!... O Sr. Seixas!... O meu amigo... desculpe!... Isto de negociantes... O senhor deve saber!... Temos a memória na carteira ou no borrão. São tantas as coisas de que nos ocupamos, que realmente só uma cabeça de duzentas folhas, como esta, pode chegar para tanto!

O velho soltou uma risadinha feia e apontou para um livro de comércio colocado sobre a carteira.

— Aqui está a minha, rubricada pelo tribunal do comércio e muito bem selada, com todas as formalidades legais. Ah! ah! ah!... Então, meu amigo, que manda a seu serviço?

— O Sr. Ramos mantém a proposta que me fez anteontem em minha casa?, perguntou Seixas.

Lemos fingiu que refletia.

— Um dote de cem contos no ato do casamento, é isto?

— Resta-me conhecer a pessoa.

— Ah! Este ponto, parece-me que deixei bem claro. Não tenho autorização para declarar, senão depois de fechado nosso contrato.

— O senhor nada me disse a este respeito.

— Estava subentendido.

— Qual a razão deste mistério? Faz suspeitar algum defeito, observou Fernando.

— Garanto-lhe que não; se o enganar, o senhor está livre do compromisso.

— Ao menos pode me dar algumas informações?

— Todas.

Seixas dirigiu ao velho uma série de interrogações acerca da idade, educação, nascimento e outras circunstâncias que lhe interessavam. As respostas não podiam ser mais favoráveis.

— Aceito, concluiu o moço.

— Muito bem.

— Aceito, mas com uma condição.

— Sendo razoável.

— Preciso de vinte contos até amanhã sem falta.

O velho saltou na cadeira. Este caso o apanhava de surpresa:

— Meu amigo, se dependesse de mim... Mas o senhor sabe que neste negócio eu sou apenas um procurador. Não tenho ordem para adiantar a menor quantia. Quanto ao dote, depois de realizado o casamento, este sim, garanto.

— Não pode me emprestar essa garantia?

Ao Lemos escapou uma careta que ele procurou disfarçar.

— Tem razão, observou Seixas sem se alterar. Vossa senhoria não me conhece, Sr. Ramos; e a posição em que me coloquei dando este passo não é própria para inspirar confiança.

— Não é isso, homem, acudiu o velho ainda um tanto atrapalhado; mas é que ninguém pode prever o dia de amanhã.

— Desculpe-me o incômodo que lhe dei, tornou o moço fazendo um cumprimento de despedida.

O negociante estava tão atrapalhado e perplexo que não correspondeu à cortesia de Seixas e o viu sair do escritório, indeciso sobre o que havia de fazer.

— Para que diabo quer este marreco os vinte contos? Aposto que isso é coisa do Alcazar¹⁰. O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas **jiboias!**... Finas como um arame, mas capazes de engolir um homem!... Que dirá sobre isso a senhora minha pupila? Estará disposta a correr todos os riscos e perigos da transação?

Neste ponto de seu monólogo, o velho, retomando sua petulante agilidade, deu uma corrida à porta do armazém, aonde ainda chegou a tempo de avistar o moço, que se afastava a passos lentos, pensativo e de cabeça baixa.

¹⁰Referência ao Alcazar Lírico, casa de espetáculos inaugurada no Rio de Janeiro por volta de 1860, que ficou famosa pelos seus números de canto e dança e pela influência dos costumes parisienses na noite carioca.

Senhora

— Oh! Sr. Seixas!... Faz favor!

O negociante adiantou alguns passos na rua para ir ao encontro do moço.

— É só uma pergunta!, foi logo dizendo o velho para não alimentar esperanças. Se recebesse os vinte contos, ficava fechado de uma vez o nosso ajuste?

— Sem dúvida! Já o declarei.

— Não tínhamos mais obstáculos de qualquer espécie, nem essas enroladas de honra e dignidade com que andam por aí uns certos sujeitos a enganar os outros. Negócio decidido, sem olhar o patrimônio, quero dizer, a pequena?

— Sendo ela como o senhor assegurou...

— Está visto! Escute, não prometo nada; mas espere-me amanhã em sua casa, que eu lá estarei por volta das nove.

Lemos adiantou uns negocinhos; armou-se de uma folha de papel selado de vinte mil-réis; e depois de jantar deu um pulo nas Laranjeiras.

Aurélia estava lendo na sala de conversa; mas o estilo de George Sand¹¹ não conseguia nesse momento prender seu espírito, que às vezes batia as asas e lá se ia borboleteando pelo azul de uma distração. Quando lhe anunciaram o Lemos, ela sobressaltou-se; e o tremor que a agitou revelou a comoção interior:

— Uma pequena dificuldade que ocorreu naquele nosso negócio, é o que me traz.

— Qual foi?

— O Seixas...

— Já lhe pedi que não pronuncie este nome, disse a moça com um modo severo.

— É verdade! Desculpe-me, Aurélia, a precipitação... Ele exige vinte contos de réis à vista, até amanhã, sem o que não aceita.

— Pague-os!

A moça proferiu esta palavra com aquele timbre sibilante que em certas ocasiões tomava sua voz e que parecia o ranger do diamante no vidro. Seu semblante se cobriu de uma palidez mortal; e por momentos parecia que a vida tinha abandonado

¹¹Amandine-Aurore-Lucile Dupin, escritora francesa que assinava como George Sand.

aquele formoso vulto, congelado em uma estátua de mármore.

Lemos não percebeu essa profunda aflição, atrapalhado como estava tirando do bolso uma das folhas de papel selado que estendeu sobre a mesa, alisando-a com as palmas das mãos. Depois, molhando a pena, apresentou-a à moça:

— Uma ordenzinha!

Aurélia sentou-se à mesa e traçou com uma letra miúda de corpo inclinado algumas linhas.

— Para que ele pede este dinheiro?, perguntou a menina enquanto escrevia.

— Não quis me dizer; mas eu suspeito; e tratando-se de uma união, de que depende o seu futuro, Aurélia, não devo ocultar coisa alguma.

— É um favor que lhe agradeço.

— Não tenho certeza; mas desconfio que é uma farra de rapazes. O nosso José Clemente fez um palácio para guardar os doidos¹²; mas vieram os francesinhos e inventaram o tal Alcazar, que é uma casa de fazer doidos; de modo que eles já não cabem na Praia Vermelha.

Aurélia mordida a extremidade da caneta, cujo marfim escurecia entre seus dentes de pérola.

— Não importa?

E assinou a ordem.

No dia seguinte à hora combinada estava o Lemos na casa de Seixas.

— O senhor é um rapaz feliz. Aqui lhe trago a bolada.

O negociante tirou do bolso a segunda folha de papel selado.

— Temos que passar primeiro um recibozinho.

— Em que termos?

Depois de uma pequena discussão em que a moral de Seixas lutou contra a imposição da necessidade, assinou o moço contrariado esta declaração:

“Recebi do Ilmo. Sr. Antônio Joaquim Ramos a quantia de vinte contos de réis como avanço do dote de cem contos pelo qual me obrigo a casar no prazo de três meses com a senhora

¹²Em 1841, José Clemente Pereira, então provedor da Santa Casa de Misericórdia, apresentou um projeto de construção de um asilo para o tratamento de alienados, conhecido como “Palácio dos Loucos”, situado na Praia da Saudade, Rio de Janeiro.

Senhora

que me for indicada pelo mesmo Sr. Ramos; e para garantia asseguro minha pessoa e minha honra.”

Depois de verificar que o recibo estava nos conformes, Lemos contou com a habilidade de um cambista o maço de notas que trazia e o entregou ao moço, recolhendo uma das cédulas:

— Dezenove contos novecentos e oitenta mil-réis... com vinte de selo...

Seixas recebeu o dinheiro com tristeza.

— Cara feliz!...

Soltando a sua implicante risadinha, Lemos fez duas piraetas, deu três saltinhos, beliscou a coxa de seu interlocutor e desceu a escada como uma bola de borracha pulando de um canto a outro.

IX

Seixas era homem honesto; mas, ao movimento da secretaria e ao calor das salas, sua honestidade havia tomado esse temperamento flexível de cera que se molda às fantasias da vaidade e às reclamações da ambição. Era incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança; mas professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade. Segundo essa doutrina, tudo é permitido em matéria de amor; e o interesse próprio tem plena liberdade, desde que esteja de acordo com a lei e evite o escândalo.

No dia seguinte à visita de Lemos, logo pela manhã, D. Camila procurou uma desculpa para ir ao quarto do filho.

— Venho te falar de um negócio de família, Fernandinho. Há um moço, aqui mesmo desta rua, que tem paixão pela Nicota. Está começando sua vida; mas já é dono de uma lojinha. Não quis decidir nada antes de tua chegada.

D. Camila contou então ao filho os pormenores do inocente namoro; Fernando concordou com prazer no casamento.

— Já era tempo, disse a boa senhora suspirando. Estava com tanto medo que a Nicota também fosse ficando para o canto, como minha pobre Mariquinhas!

— Coitada! Mas eu ainda tenho esperança de arranjar-lhe um bom partido, minha mãe.

— Deus te ouça. Ah!, ia me esquecendo. Então será preciso tirar algum dinheiro da Caixa Econômica por conta do enxoval.

— Já?... O moço ainda não a pediu.

— Só espera licença de Nicota, e ela não quis dar, sem primeiro saber se era de teu gosto e meu. Hoje mesmo...

— Está bem. Logo que eu possa, irei tirar o dinheiro; mas, se precisa já de algum, tenho aqui.

— Não; melhor é comprar tudo de uma vez.

Fernando saiu contrariado. Com a vida que tinha, crescia sua despesa. O dinheiro que recebia mensalmente, gastava com o hotel, o teatro, o namoro, o jogo, as gorjetas e mil outras verbas próprias de rapaz que luxa. No fim do ano, quando chegava a ocasião de pagar a conta do alfaiate, sapateiro, perfumista e da cocheira¹³, não havia sobras.

Recorreu ao dinheiro da Caixa Econômica; e não teve coragem de o fazer, e desde que pontualmente continuou a entregar à mãe a mesada de 150\$000, esperando a boa sorte da fortuna para restituir o que subtraiu. Mas, em vez da restituição, foi entrando no dinheiro de modo que há muito se esgotou. Onde pois ia ele buscar o dinheiro que a mãe lhe pediu para o enxoval; e mais tarde o resto da Nicota?

Fernando assinou o ponto na repartição e, como de costume, saiu para almoçar; depois dirigiu-se à casa do correspondente a quem ele deixara a missão de, na sua ausência, pagar a mensalidade a D. Camila e enviar-lhe algumas encomendas. Contava com um saldo das remessas que havia feito de Pernambuco e dos atrasados que deixou por cobrar. Esbarrou porém com um alcance superior a dois contos de réis; ao qual o correspondente começava a contar um juro de 12%. Seixas compreendeu que essa taxa significava uma intimação de imediato pagamento.

Ao escurecer, voltando a casa para vestir-se, pois tinha de ir a uma partida, achou três cartas, que haviam trazido em sua ausência. Uma era do Amaral. Enchia duas páginas; dizia muito, mas nada concluía; verdadeira adivinhação epistolar, cuja decifração o autor deixava à inteligência do Seixas. Em suma, o pai de Adelaide escreveu uma folha de papel para preparar o

¹³Cavalição, casa em que se guarda carruagens.

Senhora

pretendente a um próximo arrependimento da promessa. Quem fosse conhecedor do Lemos, conheceria naquela prosa o seu estilo, excessivo, como o seu físico.

As duas outras cartas eram simplesmente umas contas avulsas, mas não insignificantes, que Seixas deixou ao partir para Pernambuco e de que já não tinha a menor **ideia**. Elas se faziam lembrar com a secura brutal desta nota:

“Importância de sua conta entregue o ano passado. Rs. etc.”

Fernando amassou as três cartas em uma bolinha que arremessou ao canto. A ruptura do ajuste de casamento, que em outra circunstância por acaso o contentaria com a restituição da liberdade e responderia a um oculto desejo, naquele instante o deixou pensativo. Viu nesse fato a prova esmagadora da ruína que ia tragá-lo e de que eram provas as contas não pagas e as dívidas acumuladas.

Na reunião, onde foi passar a noite, esperava-o a última decepção.

Aceitando a comissão em Pernambuco, Seixas alcançou a promessa de na volta continuar com a missão de resumir as leis; mas nessa manhã apresentando-se na secretaria surgiram certas dúvidas. Confiou em seus protetores.

Assim que o ministro, que era um dos convidados, chegou, despachou-lhe Fernando, um após outro, seus melhores tratos dos dois sexos. Caso nunca visto; o excelentíssimo foi inflexível; certamente que rondava aí alguma intriga.

Era um desfalque nos rendimentos, e quando as urgências mais se acumulavam. Decididamente a mão do destino pesava sobre ele e o punia severamente dos pecadilhos da mocidade.

Quando Seixas achava-se ainda nesta nova contrariedade, apareceu na sala a Aurélia Camargo, que chegou naquele instante. Sua entrada foi como sempre um deslumbramento; todos os olhos voltaram-se para ela; pela numerosa e brilhante sociedade ali reunida passou o sussurro das fortes sensações. Parecia que o baile se ajoelhava para recebê-la com o fervor da adoração.

Seixas afastou-se. Essa mulher humilhava-o. Desde a noite de sua chegada que sofrera a desagradável impressão. **Refugiava-se** na indiferença, esforçava-se por combater com o desprezo a malvada influência, mas não conseguia. A presença de Aurélia, sua esplêndida beleza, era uma obsessão que o oprimia. Quando, como agora, ele a tirava da vista fugindo, não podia arrancá-la

da lembrança, nem escapar à admiração que ela causava e que o perseguia nos elogios proferidos a cada passo em torno de si.

No Cassino, Seixas teve um reduto onde abrigar-se dessa cruel fascinação. Ocupava-se de Adelaide, que então ainda o tratava como noivo; e se desfez em atenções e galanteios, para não dar asas à preocupação. Nessa noite, porém, obrigado a afastar-se da moça, com quem estavam rompidas suas relações, ele não sabia o que fazer e pensava em retirar-se com terror da **ideia** de tornar-se o motivo de zombaria daquela mulher fatal quando ouviu uma voz que o agitou.

Ao voltar-se tinha diante de si Aurélia pelo braço de Torquato Ribeiro; e Adelaide conduzida por Alfredo Moreira. Seixas quis retirar-se; mas estava em uma estreita sala, e um grupo de senhoras impedia sua passagem.

— Proponho-lhe uma troca, D. Adelaide.

— Qual é, D. Aurélia?

— Troquemos os pares. Aceita?

Adelaide corou observando timidamente:

— Podem se ofender.

— Não se preocupe.

Aurélia deixou o braço de Torquato e tomou o do Moreira que se alegrou como se imagina.

— Esta troca é por causa da outra que fizemos ou que fizeram por nós; ouviu, D. Adelaide?

Soltando estas palavras com um riso irônico, Aurélia atravessou o semblante de Seixas com o olhar de sarcasmo e arrogante. Fernando saiu desesperado. Compreendeu que Aurélia zombava da repulsa que ele sofreu e se alegrava com sua infelicidade. Este riso de desprezo, depois dos transtornos econômicos, fez o efeito de uma pancada em cima da ferida. Lembrou-se da moça dos quinhentos contos, que lhe haviam proposto na véspera. Para mostrar sua riqueza nos salões, diante dessa mulher arrogante com seu ouro, valia a pena casar-se, ainda mesmo com uma sujeita feia e talvez caipira. A roça é o viveiro de noivas ricas onde se abastece a mocidade elegante da Corte; daí vinha a suposição de Seixas.

No outro dia, depois de uma noite sem dormir, Fernando, recapitulando as contrariedades com que o recebeu a sua corte predileta, depois de uma ausência prolongada, chegou a esta dolorosa conclusão: que estava arruinado. Pobre, desacreditado,

Senhora

reduzido à vida de horários de trabalho, com a sua carreira cortada, que futuro era o seu? Não lhe restava senão se acomodar ao marasmo do emprego público, com a ridícula esperança de libertação lá para os **cinquenta** anos, sob a forma da mesquinha aposentadoria.

Esta perspectiva o horrorizava. Entretanto, sua posição nada tinha de assustadora. Com um pouco de decisão para confessar à mãe suas faltas, e algumas perseveranças em **repará-las**, podia, ao fim de dois anos de uma vida modesta e poupada, restabelecer a antiga boa vida.

Mas essa coragem é que não tinha Seixas. Deixar de **frequentar** a sociedade; não figurar entre a gente do bom-tom; não ter mais como alfaiate o Raunier, como sapateiro o Campas, como camiseira a Cretten, como perfumista o Bernardo? Não ser de todos os divertimentos? Não andar no rigor da moda? Eis o que ele não concebia. Sentia-se com ânimo para se matar; mas para tal estrago reconhecia-se incapaz.

Este pânico da pobreza se apoderou de Seixas e, depois de trabalhá-lo o dia inteiro, levou-o na manhã seguinte à casa do Lemos, onde efetuou a transação, que ele próprio havia qualificado, não pensando que tão cedo se tornaria réu dessa indignidade.

A uma justiça, porém, ele tem direito. Se previsse os problemas por que ia passar durante a realização do negócio, e especialmente no ato de assinar o recibo, talvez se arrependesse. Mas arrastado de concessão a concessão, a dignidade abatida já não podia reagir.

Três dias depois daquele dia em que recebeu os vinte contos de réis, Seixas se recolheu com um recado do tal Ramos nestes termos:

“Prepare-se, que amanhã às 7 da noite vou buscá-lo para a apresentação.”

No dia seguinte, pontualmente à hora marcada, parava à porta do sobradinho da Rua do Hospício um carro, no qual poucos momentos depois o Lemos seguia o caminho das Laranjeiras com o noivo que ele havia negociado para sua pupila. Durante o rápido trajeto, o velho se divertiu em fazer sustos no rapaz sobre a noiva, a quem de maneira disfarçada ia emprestando certos aspectos, com pretexto de os desculpar. Ora dava a entender que a moça tinha um olho de vidro; ora sugeria que

era uma perfeita caipira, a qual o marido devia logo depois do casamento mandar para o colégio.

Tão depressa inventava o negociante suas gracinhas, como as destruía com o costumado riso, batendo três palmadinhas na perna de seu companheiro.

— Ficou passado, hein, rapaz!... Que caipira o quê! Fique descansado! Não precisa de colégio; se ela já é uma faculdade! Tome meu conselho; trate de estudar, senão o senhor faz má impressão! Eh! eh! eh!...

Seixas não prestava atenção às brincadeiras do velho; seu espírito estava nesse momento oprimido pela dolorosa certeza do abatimento e vergonha de sua posição. Agora, sobretudo, ao começar a realização do comércio que ele havia feito de sua pessoa, quando ia encontrar-se com a mulher a quem se vendera sem a conhecer, e em troca de um dote; agora é que toda a humilhação desse procedimento se desenhava com as cores mais carregadas.

O carro acabava de parar. O velhinho saltando ágil bateu no chão com os pés a fim de consertar as calças que haviam subido pelos canos das botas.

— Não preciso preveni-lo, observou Lemos, de que a pequena nada sabe, nem suspeita. Por enquanto não dê a perceber.

X

O portão ficava a uns trinta passos da casa que se erguia no centro de um grande jardim inglês. Todas as janelas do primeiro pavimento estavam abertas e despejavam cortinas de luz, que tremiam nas águas do tanque e na folhagem verde agitada pela brisa.

As visitas foram conduzidas pelo criado ao salão, onde se achava apenas D. Firmina Mascarenhas e o Torquato Ribeiro, com quem o velho trocou algumas palavras no vão de uma janela, enquanto Seixas sentado junto ao sofá aguardava o terrível momento. Ouviu-se um roçar de sedas, e Aurélia surgiu na porta do salão. Trazia nessa noite um vestido nobre, que combinava com ela admiravelmente, tomando, como uma luva, a bela forma do busto. Com o brilho da seda que formava ondas ao reflexo das luzes, tornavam-se ainda mais suaves os movimentos harmoniosos do corpo sedutor.

Como essa estátua sensual banhava-se em um gás de leite e aromas! Seus exuberantes cabelos presos na nuca por um diadema desciam em cascatas sobre os brancos ombros, com uma elegante simplicidade e beleza original que a arte não pode descrever e que só a própria natureza alcança.

Via-se bem que essa altiva cabeça não carregava nenhum peso, talvez sobras de um crânio morto, moda imposta às moças vaidosas. O que ela mostrava com orgulho eram os grandes cabelos que a natureza lhe deu, iguais às árvores frondosas; era a juba orgulhosa que a elegância moderna embelezou a mulher, tendo-a como símbolo de sua realeza.

Movimentava o braço torneado, que a manga arregaçada descobria até a curva, uma pulseira de opala¹⁴, como eram o frouxo colar e os brincos de longos pingentes que balançavam na ponta das orelhas. Com o andar faziam barulho as pedras das pulseiras e dos brincos, formando um ritmo forte, música do riso

¹⁴Mineral de estrutura cristalina, que apresenta variedade de cores quando exposto à luz.

agradável que essa graciosa criatura soltava de si e ia deixando em sua passagem, como as notas musicais de uma lira¹⁵.

Atravessou a sala com o movimento leve que tem o cisne no lago calmo e que era o passo das deusas¹⁶. No meio das ondulações da seda parecia não ser ela quem avançava, mas os outros que vinham a seu encontro, e o espaço, que ia se dobrando humilde a seus pés, para evitar o cansaço de o percorrer.

Se Aurélia contava com o efeito de sua entrada sobre o espírito de Seixas, teve essa esperança frustrada; porque os olhos do moço, nublados por um súbito deslumbramento, não viram mais do que um vulto de mulher atravessar o salão e se sentar no sofá.

A moça porém não precisava dessas ilusões teatrais. Aquela aparição esplêndida era em sua existência um fato de todos os dias, como o surgimento de um astro. Se sua beleza surgia sempre brilhante na entrada dos salões, assim se conservava toda a noite, no auge de sua graça.

O Lemos, vendo entrar sua pupila, foi ao seu encontro e a acompanhou até o sofá:

— Aurélia, tenho a honra de lhe apresentar o Sr. Seixas.

A moça correspondeu com uma leve inclinação do rosto à cortesia de Seixas, a quem estendeu a mão, que ele apenas tocou. Ainda neste momento, o moço não conseguiu fitar a pessoa que tinha em frente. Esse rosto desconhecido fazia nascer nele grande pavor: porque era a fisionomia de sua humilhação.

Aurélia, para romper o encanto da apresentação, começou com o tio uma dessas conversas de sala, que completam o piano e o canto e que não passam, como eles, de um rumor para o ouvido.

A extrema facilidade com que a palavra brincava nos seus lábios fazia contraste com a rigidez do gesto sempre harmonioso e com um reflexo que por assim dizer congelava o lado do perfil voltado para Seixas. Entretanto, desapareceu a grande comoção que tocava profundamente o espírito desse homem, desde o momento da entrada de Aurélia no salão, e lhe havia embriagado os sentidos. Uma voz melodiosa penetrou na sua

¹⁵Instrumento de cordas muito utilizado na Antiguidade.

¹⁶Referência ao enredo do balé *O Lago dos Cisnes*, que narra a história da princesa Odette. Junto às suas donzelas, ela foi transformada em cisne e costumava passear no lago de um bosque.



alma, acordando ecos adormecidos. Pela primeira vez pôs os olhos no semblante da moça e imagine-se qual seria o seu espanto reconhecendo Aurélia Camargo.

Por algum tempo achou que era vítima de uma alucinação. Custava a se convencer que tivesse realmente diante de si a mulher de quem se julgava eternamente separado. A emoção foi tão forte que quase apagou de seu espírito a lembrança do motivo que o trouxe àquela casa e a posição falsa em que se achava. Uma satisfação íntima o absorveu completamente e não deixou espaço para as amargas preocupações que pouco antes o dominavam.

Também Aurélia, de sua parte, havia ficado calma novamente, pois voltou sem o mínimo acanhamento para o moço e lhe perguntou:

— Esteve ultimamente no Norte, Sr. Seixas?

— Sim, minha senhora. Cheguei semana passada de Pernambuco.

— Onde desempenhou uma função importante, acrescentou Lemos.

— O Recife é realmente tão bonito como dizem?

— Creio que poucas cidades do mundo poderão disputar em encantos e beleza.

— Nem o nosso Rio de Janeiro?, perguntou Aurélia com um sorriso.

— O Rio de Janeiro é sem dúvida superior na majestade da natureza; o Recife porém ganha em graça e elegância. A nossa Corte parece uma rainha ativa em seu trono de montanhas; a capital de Pernambuco é a princesa delicada que se curva sobre as ondas entre as moitas de seus jardins.

— É por isso que a chamam Veneza brasileira.

— Não conheço Veneza; mas, pelo que sei dela, não posso compreender que se compare a um acervo de mármore levantado sobre o lodo com as lindas várzeas¹⁷ do Capibaribe, enfeitadas de seus verdes coqueirais, à sombra do abraço carinhoso entre a campina e o mar.

— Já vejo que o senhor encontrou inspiração no Recife, observou Aurélia gracejando.

— Acha-me poético? Não fiz senão repetir o que provavelmente já disse algum poeta pernambucano. Quanto à minha

¹⁷Terrenos baixos localizados à margem de um rio.

Senhora

inspiração... virou anjinho: morreu de sete dias e descansa enterada na poeira da escrivinha!, respondeu Seixas no mesmo tom.

Tinham entrado várias visitas, cuja chegada interrompeu este diálogo. Aurélia se levantou para receber as senhoras, enquanto os cavalheiros se espalhavam pela sala esperando o momento de apresentar suas homenagens à dona da casa. Notava-se a completa ausência dos pretendentes de Aurélia; se algum tinha conseguido ser convidado, devia-se ao fato de não ter revelado ainda suas intenções. Cansada das adorações de que era alvo nos bailes e que se transformavam em verdadeira perseguição, Aurélia fez dessas reuniões em família uma espécie de esconderijo do sossego onde se abrigava da obsessão do mundo.

Aproveitando a confusão, Lemos levou Seixas à janela:

— Então, o enganei?

— Ao contrário; nunca eu poderia supor que fosse ela.

— Pois agora que a conhece, é tempo de saber que sou eu o feliz responsável deste amorzinho e que me chamo Lemos e não Ramos. Diferença de duas letras apenas. Enquanto não se fechava o negócio, era preciso guardar o segredo. Compreende? Hein? Malandrão!...

E Lemos beliscou o braço de Seixas, o que era uma das mais significativas demonstrações de sua amizade.

Pelo meio da noite, a moça, ao atravessar a sala depois de despedir-se de uma senhora, viu Seixas recostado a uma janela, pela parte de fora. Com a desculpa de ir fumar, o moço tinha saído ao jardim; e, para não se afastar muito da sociedade, tomou aquela posição da qual parecia acompanhar com a vista o que se fazia na sala; mas era como se ali não estivesse, por conta da preocupação que nesse momento o concentrava.

Nessa primeira pausa que lhe deixavam os deveres da sociedade depois da entrada de Aurélia na sala, voltou seu pensamento para os fatos que acabavam de se passar e aos quais buscava uma causa ou uma explicação.

A moça, com a desculpa de ir olhar para o céu, veio debruçar-se à mesma janela:

— Está tão isolado! Também cultiva as estrelas?

— Quais? As do céu?

— Pois há outras?

— Nunca lhe disseram?

— Talvez; mas ainda não achei quem me fizesse acreditar nisso, respondeu a moça com um sorriso.

Seixas se calou. Seu espírito, além de não estar com muita vontade de dizer palavras elegantes, estava cativo de uma ideia inoportuna.

— Quem sabe se vim perturbar alguma visão encantadora?, insistiu Aurélia.

— Não a tenho. Estava pensando nos caprichos do destino que me trouxe esta noite à sua casa. É isto um presente ou uma ironia da sorte? A senhora é quem poderá me dizer.

Aurélia riu:

— Era preciso que eu estivesse na intimidade dessa senhora, para conhecer suas intenções; e, apesar de muita gente me considerar uma de suas prediletas, acredite que no fundo não nos gostamos.

A moça disse isto com charme; mas logo ficou séria e prosseguiu:

— O que eu compreendo dessas palavras é que o Sr. Seixas arrependeu-se de não haver usado melhor seu tempo.

— Tem razão, D. Aurélia. Desculpe; ainda não me recuperei da surpresa. Vindo a esta casa, não esperava encontrá-la. Estava longe de pensar...

— Tanto lhe desagradou o encontro?, perguntou Aurélia sorrindo.

— Se eu ainda acreditasse na felicidade, diria que ela tinha sorrido para mim.

— E por que desacreditou?

Seixas fitou um olhar melancólico no semblante da moça:

— Que interesse isso lhe pode inspirar?... Questão de temperamento; a esperança nunca abandona a alguns; outros não têm fé e desanimam com a menor decepção. E a senhora, D. Aurélia? Há pouco ouvi uma referência sua; foi com certeza piada! Diga-me, é feliz?

— Creio que sim; pelo menos todos o afirmam, e eu não posso ter a pretensão de conhecer melhor o mundo do que tantas pessoas mais sabedoras e experientes que a minha cabeceira de vento. Assim, para não desmentir a opinião geral, me considero a mais feliz moça do Rio de Janeiro. Todos os meus caprichos são logo satisfeitos; não tenho um desejo que não veja realizado. Por toda a parte me cercam de adorações e

Senhora

louvores que eu não mereço, e que por isso mesmo se tornam mais agradáveis.

— Nada lhe falta, portanto.

— Diz meu tutor que me falta um marido; e ele ficou responsável por escolher.

— Qualquer um?... Isto é indiferente para você?, perguntou Seixas sorrindo.

— Está entendido que só aceitarei o que me agradar; mas não quero ter o aborrecimento de me ocupar com semelhante assunto.

— Tão pouco lhe interessa!

— Ao contrário; tenho tanto medo de comprometer eu mesma o meu futuro que o confio à sorte. Deus proverá.

Seixas interrogava o semblante risonho da moça para descobrir sinais de ironia sob aquela graciosa face.

— E, no meio de sua riqueza, nos raros instantes de repouso que permitem os prazeres de sua vida elegante, não lhe vem alguma lembrança de outros tempos?...

— Não falemos do passado!, exclamou a moça com um modo grosseiro.

Um sorriso meigo, porém, apagou logo o gesto e o brilho do olhar:

— Nosso conhecimento data de hoje, Sr. Seixas. Os mortos, que durmam em paz.

Banhando então a alma do moço com seu encantador sorriso, Aurélia se retirou da janela.

XI

Desde então, Seixas se encontrou quase todas as noites com Aurélia, ou na casa desta, ou na sociedade. A maneira agradável com que a moça o tratava tinha, se não apagado completamente, ao menos enfraquecido, as suas **ideias** sobre o ajuste que fez com Lemos. Não que se absolvesse da culpa; mas esperava redimi-la pelo amor.

Suas conversas com Aurélia eram sempre sobre temas gerais. Às vezes, porém, ele aproveitava um pretexto para lhe falar nesse estilo terno e delicado, que é como o canto do amor, e por isso não precisa da **ideia**, mas somente do som da palavra, para embalar o coração aos suaves acordes dessa música.

Então Aurélia inclinava a cabeça e escutava recatadamente o lirismo da palavra inspirada pelo moço; porém, nunca em seu rosto ou em sua pessoa transpareceu o menor sinal de retribuição a esse afeto. Ela abria a alma ao amor; porém o amor das meigas falas de Seixas evaporava-se como uma fragrância que a envolvia um instante, sem lhe penetrar a alma.

Houve ocasião em que escapou a Seixas outra referência ao passado. Como da primeira vez ela o interrompeu:

— Esse tempo não existe para mim. Nasci há um ano.

Encontrando-se uma tarde com Lemos, Seixas o falou:

— Tenho um favor a lhe pedir.

— Peça-me dois.

— Diga-me, com franqueza, qual o motivo por que o senhor me escolheu para marido de sua pupila, quando nem me conhecia?

O velho deu uma risadinha que lhe era peculiar.

— Hã! hã!... Então quer saber? Pois lá vai; não faça mistério, não me convinha que a pequena se deixasse iludir pelas lábias de um desses bigodinhos que andam atrás de seu dote. Então soube que ela gostava do senhor, e, como pelas informações que tinha, me convinha, fui procurá-lo. Agora o resto é por sua conta, malandrão.

Esta explicação acalmou o espírito do moço e afastou uns últimos palpites que ainda o tomavam às vezes. Pensando

Senhora

bem, o modo como ajustou seu casamento não era nenhuma novidade; todos os dias se estavam fazendo dessas alianças de conveniência, em termos idênticos; se não mais positivos. Além disso a sorte, por uma feliz coincidência, fez que desse projeto de casamento surgisse um laço de amor; de modo que o coração absolvía e santificava tudo que se havia feito para realização de seus votos.

Depois da noite da apresentação, Lemos deixou ao seu protegido, como o chamava, o cuidado de arranjar seus negócios. Apareceu-lhe porém numa manhã:

— Meu amigo, se não tem o que fazer agora, vamos concluir o negócio. Casamento é como sopa; não se deixa esfriar.

Seixas também tinha pressa de sair da situação em que se achava; temia a cada instante ver apagada a doce ilusão com que sua alma disfarçava a transação por ele aceita. A ideia de aparecer perante a moça sob o aspecto de um especulador era uma tortura.

Aceitou prontamente o convite do negociante e o acompanhou à casa de Aurélia, em traje de cerimônia. A moça, prevenida da visita, os esperava no salão, onde foram logo introduzidos; depois dos cumprimentos e de uma conversa frouxa e distraída, Lemos, formalizando-se, tomou a palavra:

— D. Aurélia, o Sr. Seixas, a quem já conhece por suas excelentes qualidades, pessoa digna de toda a estima, me pediu sua mão. Por minha parte eu não podia fazer melhor escolha, em todos os sentidos; mas tudo isto nada vale, se não tiver a sorte de merecer o seu agrado.

Aurélia fitou em seu pretendente um olhar que desmentia o sorriso de seus lábios.

— Não lhe assustam meus caprichos e manias?

— Se eu os adoro!, respondeu Seixas conquistador.

— Não lhe parece difícil fazer a felicidade de um coração abusado como este meu e tão afligido pela dúvida?

— Tenho fé no meu amor; com ele vencerei o impossível.

Apagou-se nos lábios de Aurélia o sorriso; e a expressão de um ardente desejo, manifestando-se do mais profundo de sua alma, surgiu no seu semblante.

— Aqui tem a minha mão; e tudo quanto posso lhe dar. A mulher que ama e que sonhou, essa não a possuo. Mas se o senhor tiver o poder de realizá-la, ela lhe pertencerá absolutamente

como sua criatura. Acredite que esta é a esperança de minha vida, eu a deixo sob responsabilidade de seu afeto.

A moça com um gesto de sublime abandono ofereceu sua mão delicada a Seixas, que a beijou, murmurando sua alegria e gratidão. O Lemos, que se afastou discretamente para não acanhar os noivos, voltou à conversação, que reassumiu o tom ligeiro das banalidades da vida.

A notícia do casamento próximo de Aurélia produziu na sociedade fluminense grande assombro. Ninguém podia acreditar que essa moça, pretendida pela nata dos noivos fluminenses, podendo escolher à vontade, entre os seus inúmeros adoradores, maridos de toda a espécie, tivesse o mau gosto de envolver-se com um escritorzinho de folhetins. O Alfredo Moreira, quando a encontrou depois da novidade, não pôde esconder a ofensa:

— Então, vais se casar?

— É verdade.

— Afinal achou; cotação muito alta, sem dúvida?, replicou o elegante com ironia.

— Não, tornou-lhe a moça no mesmo tom. Ficou-me por uma ninharia.

— Ah!, entendo. Que preço?

— Quer saber o preço?

— Estou curioso.

— Foi o seu.

O Moreira mordeu os beiços e riu. Apesar de tudo, não perdeu a última esperança. O projetado casamento podia desfazer-se por qualquer motivo, e não era difícil que a moça de um momento para outro se arrependesse da escolha com a mesma facilidade com que a tinha feito de repente e por um capricho.

Assim pensava o fracassado pretendente, apesar de todos os indícios da parte de Aurélia revelarem a firme intenção de persistir na primeira resolução, que ela não tomou, senão depois de muito refletida. Desde que se anunciou o casamento, a moça começou a aparecer mais raramente em público, até que retirou-se completamente; limitando-se ao pequeno círculo que frequentava sua casa, e no qual ela, por assim dizer, livrava sua alma do aborrecimento que lhe deixavam as ternas confidências e os devaneios apaixonados do noivo.

Seixas, pelas palavras que Aurélia havia dito tão íntimas, na ocasião de lhe dar a mão de esposa, julgou compreender o

Senhora

segredo das estranhezas e variações do caráter da moça. “Ela duvida que eu a ame”; pensou consigo. “Suspeita que tenho o olho em sua riqueza. É preciso que a convença da sinceridade de meu afeto. Se ela soubesse! Um desgraçado pode sacrificar sua liberdade; mas a alma não se vende!”

Firme nessa ideia, não é de estranhar que Seixas tivesse em suas observações uma exuberância que caía no exagero. Muitas vezes cansada, se não oprimida, dessas demonstrações apaixonadas, Aurélia, que inutilmente tentava desfazer as desconfianças de sua alma com elas, exclamava entre alegre e irônica:

— Ah!, me deixe respirar! Nunca fui amada, nem pensei que seria com tamanha paixão. Preciso me acostumar aos poucos.

A residência de Laranjeiras fora recentemente preparada com luxo correspondente às grandes posses da herdeira e já na previsão do matrimônio próximo. Poucos eram os preparativos a fazer, para a celebração do casamento, e esses, apressou-os o dinheiro, que é o primeiro e o melhor dos improvisadores.

Tratou-se, pois, de marcar o dia. O Lemos pôs em discussão a questão dos padrinhos. Já ele tinha cogitado sobre o assunto e segundo a moda de nossa sociedade julgava indispensável pelo menos uma baronesa para madrinha e dois figurões, coisa entre senador e ministro, para padrinhos. Não tinha ele amizade com essa gente, mas entendia que um simples conhecimento de cumprimento e até mesmo a carta de recomendação eram títulos suficientes para solicitar semelhantes favores, com os quais a vaidade dos grandes se adula e a arrogância dos pequenos se exalta.

Grande foi, portanto, o embaraço de Lemos quando Aurélia declarou que um dos seus padrinhos havia de ser o Dr. Torquato Ribeiro.

— Que lembrança!, disse Fernando involuntariamente.

— Não gostas?

Na fisionomia da moça passou um rápido clarão. Podia-se tomar esse brilho pela faísca da pedra de seu anel que a luz feria, quando a mão desfazia um nó do cabelo despenteado.

— Podia escolher outra pessoa, Aurélia.

— Não é seu amigo? Ah!, pensava que sim!...

— Não tem posição.

— Verdade!, disse Lemos. A posição é essencial.

Um simples bacharel não correspondia de modo algum à

noção aristocrática que o velho tinha do padrinho de uma herdeira milionária. Além de que isso acabava com seu plano, pois os altos personagens convidados evitariam se comparar com um rapazola que nem comendador era. Aurélia porém não cedeu.

No dia seguinte assinou-se a escritura nupcial de separação de bens que assegurava a Seixas um dote de cem contos de réis. A moça, que sempre evitou a mínima interferência em assuntos de dinheiro, deixando esse cuidado ao tutor e se conservando de todo estranha a semelhantes arranjos, ainda desta vez soube evitar qualquer diálogo com seu noivo sobre interesses materiais. Lemos levou Seixas ao cartório do Fialho, lhe dizendo que era isso uma exigência do juiz de órfãos, no que não faltou à verdade, embora fosse antes a vontade da herdeira quem determinou essa condição, que facilmente se ilude no tribunal. Só mais tarde assinou Aurélia, quando o tabelião levou o livro à sua casa. Nenhuma palavra porém trocou-se entre ela e o noivo a tal respeito.

XII

Reunira-se na casa das Laranjeiras, a convite de Aurélia, uma sociedade escolhida e não muito numerosa para assistir ao casamento. A moça não aceitou a ideia de dar um baile por esse motivo; mas entendeu que devia cercar o ato da solenidade merecida, para tornar bem notória a espontaneidade de sua escolha e o prazer que sentia com essa união.

Não faltaram amigos e conhecidos, que sugerissem a Aurélia a lembrança de fazer o casamento à moda europeia, com o romantismo da viagem logo depois da cerimônia, a lua de mel no campo e o baile de estrondo na volta à Corte. Ela, porém, recusou tudo isso; resolveu se casar ao costume da terra, à noite, na capela particular, na presença de algumas senhoras e cavalheiros, que lhe fariam, a ela, órfã e só no mundo, as vezes da família que não tinha.

Senhora

A cerimônia foi celebrada às oito horas. Lemos conseguiu um barão para servir de equilíbrio ao Ribeiro e um sacerdote para celebrar. Quanto à madrinha, Aurélia escolhera D. Margarida Ferreira, respeitável senhora, que lhe mostrou grande amizade desde a primeira vez que a encontrou na sociedade.

No momento de ajoelhar e de pronunciar o voto perpétuo que a ligava ao destino do homem por ela escolhido, Aurélia, com a elegância que revestia seus menores gestos e movimentos, curvou a fronte, envolvendo-se de maneira pura nas sombras dos inocentes véus de noiva. Sem perceber, porém, a alegria que lhe enchia o coração e estava a brotar nos olhos brilhantes e nos lábios cobertos de sorriso que saía daquele rosto delicado, enfeitado nesse instante por uma auréola de felicidade.

No altivo enfeite de cabeça e nas feições, cuja formosura se vestia de fogo esplêndido, estava-se desenhando a maravilhosa expressão do triunfo, que eleva a mulher quando consegue a realidade de um feito longamente desejado. Os convidados, que antes lhe admiravam a beleza rara, essa noite a achavam deslumbrante e compreendiam que o amor tinha colorido com as tintas de sua palheta especial a já tão mágica beleza, a envolvendo de irresistível fascinação.

— Como ela é feliz!, diziam os homens.

— E tem razão!, acrescentaram as senhoras olhando ao noivo.

Também a fisionomia de Seixas se iluminava com o sorriso da felicidade. O orgulho de ser o escolhido daquela encantadora mulher ainda mais lhe enchia o aspecto já nobre e gentil. Naturalmente, no marido de Aurélia podia-se apreciar essa fina flor da suprema distinção, que não está presente nos gestos pretensiosos e nos trejeitos artísticos, mas veste o íntimo com uma fragrância que a modéstia tenta apagar e ainda assim **exala-se** da alma.

Depois da cerimônia começaram os parabéns que é de estilo dirigir aos noivos e a seus parentes. Só então reparou-se na presença de uma senhora de idade, que ali estava desde o princípio da noite. Era D. Camila, mãe de Seixas, que saíra de sua obscuridade para assistir ao casamento do seu Fernando e, se sentindo deslocada no meio daquela sociedade, se retirou com as filhas logo depois de concluído o ato.

Para animar a reunião, as moças improvisaram quadrilhas,

no intervalo das quais um pianista, que foi mestre de Aurélia, executava os melhores trechos de óperas então em voga. Por volta das dez horas se despediram as famílias convidadas.

Se encaminhou então Lemos com Seixas para aquela parte da casa onde ficavam os aposentos que Aurélia destinou a seu marido, os quais estavam preparados com muito luxo e sobretudo com uma novidade de muito gosto.

— Meu amigo, o senhor está casado, pelo que já lhe dei os meus parabéns; falta porém cumprir um dever, que me cabe como tutor que fui de sua mulher e a quem nesta noite ainda faço as vezes de pai.

— Também eu esperava este momento para agradecer seus cuidados e atenções que teve com Aurélia e lhe assegurar minha sincera amizade.

— Não fiz mais do que pagar uma dívida à minha boa irmã. Gosto dessa pequena como se fosse minha filha; a vi nascer.

Tirando do bolso um chaveiro, o velho passou a abrir os diversos móveis de madeira, que ia deixando escancarados. Enquanto executava essa tarefa, ia falando:

— Vou ter a satisfação de o instalar em seus novos aposentos. Aqui está o seu gabinete de trabalho; ali é a penteadeira; deste lado do jardim fica um quarto de banho e uma saleta de fumar com entrada independente para receber seus amigos. Tudo isto é um primor.

— Bem reconheço a mão de Aurélia; estou sentindo em todos estes objetos o aroma que exala de sua beleza, disse Seixas tonto de felicidade.

— Foi ela, sim senhor, que cuidou disso; mas ainda não viu tudo. Olhe o enxoval.

Lemos mostrou então as gavetas e prateleiras dos **guarda-roupas** e cômodas abarrotadas das várias peças de vestuário, feito de tecidos bons e com maior apuro. Nada faltava do que pode desejar um homem habituado a todas as comodidades da moda.

Na penteadeira, se o tabuleiro de mármore mostrava todo tipo de perfumarias, as gavetas continham cópias de **joias** próprias de um cavalheiro elegante. Algumas havia de grande preço, como o anel de rubi e uma abotoadura completa de brilhantes.

— Tudo isto lhe pertence, disse o velho. É coisa da pequena; não entrou em nosso acordo.

Senhora

Seixas experimentou sensação igual à do homem que no meio de um sonho agradável fosse arremessado a um pântano e acordasse melecado na suja realidade. A palavra acordo, ali naquele instante, quando acabava de santificar pelo juramento o eterno amor que prometia a sua esposa; quando estava revendo, em sua lembrança, que a moça deixara impregnados a cada passo o luxo e elegância daqueles aposentos; essa palavra, proferida sem intenção pelo velho, lhe proporcionou a maior das humilhações.

Entretanto, Lemos fechava as portas e gavetas que tinha aberto; e terminou apresentando a Seixas o chaveiro.

— Aqui tem, meu caro. Só uma chave não lhe posso dar; é dali.

O velho indicou no fim de um breve corredor uma porta escondida por uma cortina de seda azul com flecha dourada.

— Quando aquela porta se abrir, não haverá em todo o Rio um malandrão mais feliz!

E o velho, com risadinha, tornou ao salão, onde encontrou cinco negociantes, velhos camaradas, que a seu pedido haviam esperado e achavam-se confusos com a história.

— Ó, Lemos, não dirás o que fazemos ainda a esta hora aqui?

— Querem ver que o brincalhão pretende fazer o negócio com toda a solenidade! Vocês não viram aquele... o tabelião¹⁸?

— É verdade; o chamaram agora mesmo. E nós seremos as testemunhas.

Aqui os sujeitos deram boas risadas.

— Quase que vocês adivinharam; disse o Lemos; venham cá e verão o que é.

Na saleta, onde Lemos introduziu seus amigos, estava sentado à mesa do centro um tabelião, que assistiu à cerimônia como convidado e parecia agora em atitude de exercer algum ato do ofício. Pela porta acabava de entrar Aurélia, em companhia de D. Firmina. A moça trazia nos ombros uma peça de roupa de caxemira cinzenta, que disfarçava seu traje de noiva, lhe cobrindo a cabeça com o frouxo capuz. A auréola de felicidade, que iluminava sua beleza quando ajoelhada aos pés do altar e ao lado do noivo, não se ofuscara, mas ia empalidecendo. Às vezes,

¹⁸Funcionário público responsável pela preparação e autenticação de documentos.

um súbito arrepio fazia sua figura delicada tremer; percebia-se nesses momentos um sumiço da luz íntima, como a fraqueza de uma lâmpada se apagando.

Ela sentou-se em frente ao tabelião; aos lados da mesa tomaram lugar Lemos e os outros negociantes.

— Peço aos senhores que me desculpem este incômodo e aceitem meu reconhecimento por sua bondade em me acompanhar neste capricho.

Houve uns protestos em voz baixa.

— É minha última excentricidade!, falou Aurélia com adorável sorriso. Ainda estou me despedindo da vida de moça; por isso mereço alguma paciência. Além do mais, pensando bem, não é tão extravagante o que faço agora, pois o testamento também faz parte do documento. Quero aproveitar este momento em que ainda sou senhora de mim e das minhas vontades para declarar a última, que foi também a primeira de minha vida.

Apesar da elegância com que a moça proferiu estas palavras, e da graça jovial que o seu sorriso espalhava sempre em torno de si, um sentimento de vaga e indefinível tristeza feriu as pessoas presentes; especialmente quando Aurélia entregou ao tabelião o testamento por ela escrito em uma folha perfumada de papel cetim com a abreviatura A.C. em relevo vermelho.

A associação de dois atos tão opostos, o começo da existência e sua despedida; a **ideia** da morte se entrelaçando naquela mocidade tão rica de todos os presentes; a grinalda de noiva cobrindo um rosto que desmaiava; esse contraste era para deixar funda uma impressão no espírito. Concluiu o tabelião o termo de aprovação com as fórmulas tradicionais; e no meio do mais profundo silêncio devolveu à moça o testamento já fechado com um laço de seda e pingos de lacre dourado, cujo perfume derramou-se pela sala.

Nunca a obscura e desagradável linguagem de cartório se viu tão fácil. O papel, sendo testamento, não negava a linda mão que traçou o contexto e a alma delicada que talvez nele havia encerrado, com sua última vontade, o perfume de lágrimas desconhecidas.

Ao se despedir da pupila, Lemos apertou-lhe a mão:

— Lhe desejo que seja muito e muito feliz.

— Se não for, será minha e minha só a culpa, respondeu a moça lhe agradecendo.

Senhora

D. Firmina quis acompanhar a moça até a penteadeira, para prestar os serviços de camareira de honra, que são de costume e privilégio da mãe e, na falta desta, da mais próxima parenta. Aurélia recusou; abraçando a velha senhora, lhe disse comovida:

— Reze por mim!

Ficando só, a moça fechou à chave a porta da saleta e murmurou:

— Enfim!

Em todo aquele lado da casa não havia senão ela e seu marido.

XIII

Afastemos discretamente uma dobra da cortina que esconde o quarto nupcial. É uma sala toda branca, deslumbrante, que realça o azul-celeste do tapete de lã enfeitado de estrelas e a bela cor de ouro das cortinas e do recobrimento dos móveis.

De um lado, duas estatuetas de bronze dourado representando o amor e a castidade sustentam uma cúpula oval, de onde se desdobram, até o pavimento, ornamentos de tecido finíssimo. Entre a transparência dessas nuvens de linho, percebe-se o molde elegante de uma cama de madeira nobre, envolta em seus véus nupciais e forrada por uma colcha também cor de ouro.

Do outro lado, há uma lareira, não de fogo, pois nosso clima fluminense dispensa, mesmo no auge do inverno. Essa chaminé de mármore cor-de-rosa é meramente desculpa para o cantinho de conversação, pois não podemos chamá-lo como os franceses, de *coin du feu*¹⁹. A bem dizer a lareira não passa de uma jardineira que espalha o aroma de suas flores, em vez do

¹⁹Lareira.

brando calor, por aquele círculo, onde estão dispostas algumas poltronas baixas e inclinadas, espaço entre a cadeira e o leito.

O aposento é iluminado por uma grande lâmpada de gás, cujo globo de cristal opaco filtra uma claridade serena e doce, que se derrama sobre os objetos e os envolve com uma espécie de creme de luz.

Correu-se uma cortina, e Aurélia entrou no quarto. Seu passo deslizou pelo tapete de veludo azul com apliques de desenhos de ouro, como o andar com que as deusas percorriam o céu quando subiam ao Olimpo. A formosa moça trocou seu vestuário de noiva por esse outro que bem se podia chamar traje de esposa; pois os sinais da inocência sem pecado, com que a virgem se veste quando caminha para o altar, já se esgotavam como as pétalas da flor no outono, deixando entrever a pura iniciação do santo amor conjugal.

Aurélia trazia uma túnica de cetim verde, presa à cintura por um cordão com detalhes de ouro, cujos tufos de tecido tremiam com seu passo modulado. Pelos ornamentos deste simples roupão surgiam os pedaços da transparente cambraia²⁰, que envolviam as formas sedutoras da jovem mulher. As mangas amplas eram presas, na covinha do braço e sobre os ombros, por um broche que também prendia a ombreira, mostrando o braço gracioso, cuja pele tornava rosa a camisa de cambraia abotoada no punho por uma pérola.

Os lindos cabelos negros caíam pelos ombros, presos apenas com o aro de ouro, que prendia sua bela madeixa; o pé escondia-se em uma pantufa de cetim que às vezes beliscava a ponta do roupão, como um travesso beija-flor.

A pura vestimenta da moça escondia as graças do seu corpo; entretanto, quando ela andava e seu corpo charmoso nadava nas ondas de seda e cambraia, sentia-se mais na alma do que nos olhos a forma da estátua palpitante de emoção.

Aurélia atravessou o aposento e, chegando à porta que separava àquela por onde entrou, curvou de leve a cabeça, recolhendo-se para escutar; mas não ouviu senão a respiração do seio, que ofegava. Afastou-se rapidamente e foi atirar-se em uma das poltronas, em um gesto de desânimo, cruzando as mãos e erguendo-as ao céu com um olhar de angústia.

²⁰Tecido de algodão ou linho, fino, translúcido e um pouco lustroso.

Senhora

— Meu Deus, por que não me fizeste como as outras? Por que me deste este coração exigente, arrogante e egoísta? Posso ser feliz como são tantas mulheres neste mundo e beber na taça do amor, em que talvez nunca mais toquem estes lábios. Não é o néctar divino que eu sonhei, não; mas dizem que embriaga a alma e faz esquecer!...

O espírito de Aurélia seguiu a **ideia** que nascia e, por algum tempo, como que se embalou num sonho:

— Não!, exclamou de repente. Seria a profanação deste santo amor que foi e será toda a minha vida!

Ergueu-se; deu algumas voltas pela câmara nupcial acariciando com os olhos todos estes móveis e adereços, que ela escolheu para enfeitarem o local de sua felicidade e nos quais tinha gravado suas mais queridas esperanças. Depois que assim repassou as lembranças que lhe traziam esses objetos, foi rever-se no espelho e deu um sorriso de indefinível expressão. Se dirigiu então à porta, onde pouco antes escutou; deu uma volta na chave e afastou uma das bandas. Pouco depois, Seixas roçou a cortina e, abraçando o corpo de sua mulher, foi sentá-la em uma das cadeiras.

— Como demoraste, Aurélia!, disse ele queixoso.

— Tinha um voto a cumprir; quis me libertar logo de uma vez para pertencer toda a meu único senhor; respondeu a moça jogando charme.

— Não me mates de felicidade, Aurélia! Que posso eu mais desejar neste mundo do que viver a teus pés, adorando-te, pois que és a minha divindade na terra.

Seixas se ajoelhou aos pés da noiva; tomou-lhe as mãos que ela não retirava; e entoou o seu canto de amor, essa ode sublime do coração que só as mulheres entendem, como somente as mães percebem o balbuciar do filho. A moça, com o corpo preguiçosamente recostado no encosto da cadeira, o rosto reclinado, os olhos cheios de uma ternura agradável, escutava as falas de seu marido; toda ela se embebia do amor que ele a repassava com a palavra ardente, o olhar rendido e o gesto apaixonado.

— É então verdade que me ama?

— Pois duvida, Aurélia?

— E me amou sempre, desde o primeiro dia que nos vimos?

— Não já disse?



Senhora

— Então nunca amou a outra?

— Eu lhe juro, Aurélia. Estes lábios nunca tocaram a face de outra mulher, que não fosse minha mãe. O meu primeiro beijo de amor, guardei para minha esposa, para ti...

Erguendo-se um pouco para alcançar sua face, Seixas não viu a súbita mudança que ocorreu na fisionomia de sua noiva. Aurélia estava pálida, e a sua beleza, radiante há pouco, se tornou de mármore.

— Ou de outra mais rica!... disse ela retraindo-se para fugir do beijo do marido e o afastando com a ponta dos dedos.

A voz da moça tinha o timbre cortante, eco da dureza do sentimento que lhe rebaixava e que parecia ranger nos seus lábios como aço.

— Aurélia! Que significa isto?

— Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com habilidade. Podemos ter este orgulho, que os melhores atores não seriam melhores que nós. Mas é tempo de acabar com esta cruel mentira, com que estamos zombando um do outro mutuamente, senhor. Entremos na realidade, por mais triste que ela seja; e aceite cada um o que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.

— Vendido!, exclamou Seixas ferido dentro da alma.

— Vendido, sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica; sou milionária; precisava de um marido, objeto indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei. Me custaram cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento.

Aurélia proferiu estas palavras desdobrando um papel, no qual Seixas reconheceu a obrigação passada por ele ao Lemos.

Não se pode exprimir o sarcasmo que saía dos lábios da moça; nem a raiva que vazava dessa alma profundamente revoltada, no olhar implacável com que ela agredia o semblante do marido. Seixas, atravessado pelo cruel insulto, arremessado do auge da felicidade a esse abismo de humilhação, no começo ficara sem ação. Depois, quando a irritação vinha rebaixando sua alma, esqueceu esse poderoso sentimento de respeito à mulher, que raro abandona o homem de fina educação. Penetrado pela impossibilidade de retribuir o insulto à senhora a quem havia amado, escutava imóvel, pensando o que tinha de fazer; se **matá-la**, matar-se ou matar a ambos.

Aurélia, adivinhando seu pensamento, esteve por algum tempo o afrontando com implacável desprezo.

— Agora, meu marido, se quer saber a razão por que o comprei de preferência a qualquer outro, vou dizê-la e peço que me não interrompa. Deixe-me vaziar o que tenho dentro desta alma, e que há um ano a está amargurando e consumindo.

A moça apontou a Seixas uma cadeira próxima.

— Sente-se, meu marido.

O tom amargo e aflitivo com que a moça lançou esta frase foi tanto que nos seus lábios ríspidos se afiava uma espécie de flecha manchada de ironia corrosiva! Seixas sentou-se. Dominava-o a estranha fascinação dessa mulher, e ainda mais a situação incrível a que foi arrastado.

Segunda Parte

Quitação

I

Dois anos antes deste singular casamento, morava na Rua de Santa Teresa uma senhora pobre e enferma. Era conhecida por D. Emília Camargo; tinha em sua companhia uma filha já moça, a que se reduzia toda a sua família.

Passava por viúva, embora não faltassem maldosos para quem essa viuvez não era mais do que um disfarce decente para o abandono de algum amante. Havia uns traços de verdade nessa injusta suspeita.

Quando moça, D. Emília Lemos teve inclinação por um estudante de medicina, que por ela se apaixonou. Certo de que seu afeto era retribuído, Pedro de Sousa Camargo, o estudante, se animou a pedi-la em casamento.

Emília vivia na companhia do Sr. Manuel José Correia Lemos, seu irmão mais velho e chefe da família. Tratou este de colher informações sobre o moço. Veio ao conhecimento de que era filho natural de um fazendeiro rico, que o mandou estudar e o tratava com luxo. Não o tinha porém reconhecido, o que era de suma importância, pois além de existir a mãe do fazendeiro, lá para as bandas de Minas, o sujeito ainda estava forte e podia bem se casar e ter filhos legítimos.

À vista destas informações, entendeu Lemos que não se podiam deixar de lado certas formalidades, dispensáveis no caso de ser o rapaz herdeiro. O irmão de Emília tinha apenas o necessário e já lhe custava **aguentar** o peso de doze pessoas que tinha às costas, para se arriscar ainda nesta nova família em projeto.

— Por nossa parte, não há dúvida, meu camaradinho. Arranje a licença do papai, ou o reconhecimento por escritura pública; o resto fica por minha conta.

Era uma recusa formal, porque Pedro Camargo jamais se animaria a confessar o seu amor ao pai, que lhe inspirava desde a infância, pela rudeza e severidade do espírito, um verdadeiro terror.

— Sua família me rejeita, Emília, porque sou pobre e não posso contar com a herança de meu pai, disse o estudante a primeira vez que se encontrou com a namorada.

A irmã de Lemos sabia, pelas explicações dos parentes, que efetivamente era aquele o motivo da recusa.

— Ela o rejeita porque é pobre, Senhor Camargo; mas eu o aceito por essa mesma razão.

— Quer ser minha mulher ainda, Emília? Apesar da oposição de seus parentes? Apesar de não ser eu mais do que um estudante sem fortuna?

— Desde que o motivo da oposição de meus parentes não seja outro senão sua pobreza, me sinto com forças de resistir. Que maior felicidade posso eu desejar do que compartilhar sua sorte, boa ou má?

— Eu não me animava a lhe pedir esta prova de seu amor, Emília. Você é um anjo!

Quinze dias depois, Pedro Camargo parava à porta de Lemos em um carro. Era a hora do chá; estavam todos na sala de jantar. Emília que se recolheu com a desculpa de um incômodo, desceu a escada sem que a percebessem. No dia seguinte pela manhã, Lemos, de jornal aberto, tomava nota dos anúncios, tarefa habitual com que começava o dia, quando lhe entregaram uma carta. A capa era de relevos, e o conteúdo, um quarto de papel cetim com estas palavras:

“Pedro de Sousa Camargo
e D. Emília Lemos Camargo
têm a honra de comunicar a V. S.^a o seu casamento.
Rio de Janeiro, etc.”

Senhora

Na casa de Lemos ninguém acreditou no casamento. Para a família, a moça não era senão a amante de Pedro Camargo; e por conseguinte uma mulher perdida.

Entretanto, o casamento foi celebrado na Matriz do Engenho Velho, em segredo, mas com todas as formalidades; pois os noivos eram maiores e tinham as condições necessárias.

Por esse tempo, o fazendeiro Lourenço de Sousa Camargo recebeu o aviso de que o filho vivia com uma moça que foi tirada da casa da família. Acrescentava o amigo que o estudante já se achava casado; portanto não seria de espantar se enfeitasse a primeira extravagância com a loucura de semelhante união.

O velho despachou imediatamente um de seus camaradas, o mais decidido, com intimação ao filho para se recolher à fazenda no prazo de uma semana. O emissário trazia ordem clara de conduzi-lo à força, caso não obedecesse.

Pedro Camargo se arrancou dos braços de sua Emília, prometendo voltar em breve para não se separarem mais. Passadas as primeiras irritações do velho, aproveitaria qualquer ocasião para lhe confessar tudo. O pai, que o amava, não lhe negaria o perdão de uma falta irremediável e santificada pela religião. Faltou, porém, ao moço, a coragem para afrontar novamente as iras do fazendeiro com a revelação do seu casamento. Preparava-se, fazia firme plano; mas na hora lhe fugia a decisão.

Assim correram os dias, e se prolongou a ausência de Pedro Camargo. Escrevia ele à sua Emília longas cartas cheias de ternuras e protestos, nas quais prometia partir dentro em poucos dias para levá-la à fazenda. Ao mesmo tempo e por intermédio de um amigo, enviava à mulher os meios para que ela pudesse viver, enquanto não podia chamá-la para sua companhia; o que se realizaria logo que revelasse ao pai o segredo do casamento.

Emília muito sofreu com essa ausência; não tanto pela posição falsa em que ficou, mas sobretudo pelo amor que tinha ao marido. Era, porém, feita para as renúncias; em suas cartas a Pedro, nunca lhe escapou a menor queixa. Longe de criticar seus receios, que a mantinham na incerteza de sua sorte, ao contrário, o consolava do ressentimento que sentia de sua própria timidez.

Ao fim de um ano, enfraquecidas, se não apagadas, as suspeitas do velho fazendeiro, ele permitiu que o filho viesse à Corte de passagem. O casal se reviu depois de tão longa ausência

e se amou nesses poucos dias por todo o tempo da separação. Pedro Camargo encontrou já com dois meses o seu primeiro filho, a que deu o nome de Emílio, apesar das insistências da mãe, que queria Pedro.

“Não, Pedro não; é o nome de um infeliz”, respondia o marido com os olhos cheios de lágrimas.

Continuou assim a vida do casal, que passavam juntos em sua casinha da Rua de Santa Teresa algumas semanas intercaladas por muitos meses de separação. Essas ausências purificavam o amor e lhe davam uma beleza que mais tarde se expandia com fervor. Os dias que Pedro Camargo ficava na Corte era uma felicidade para dois corações que se reproduziam um no outro.

Emília aceitou a sorte que lhe reservou o destino; ainda assim se julgava bem feliz com a afeição e ternura do homem a quem escolheu. Refletiu que, sabendo de seu casamento, talvez se irritasse o velho fazendeiro e destruísse de repente essa felicidade que tinha direito na partilha, a ela e seu marido. Além de que, Pedro Camargo era filho natural ainda não reconhecido; seu futuro dependia exclusivamente da vontade do pai, que podia abandoná-lo como a um estranho, o deixando reduzido à indignância. Esta circunstância influiu muito no espírito de Emília; não por ela, que não tinha ambição: mas era esposa e mãe. A esse tempo já lhe havia nascido também uma filha que se chamou Aurélia, por ter sido este o nome da mãe de Pedro Camargo, infeliz moça, que morreu da vergonha de seu erro.

Convencida do perigo de revelar o segredo de seu casamento, Emília se condenou a uma existência não somente obscura, mas suspeita. Custava caro ao seu caráter o desprezo injusto que a envolvia e o escárnio que a feria; mas era por seu marido e por seus filhos que sofria. Se refugiava no isolamento; se confortava com a esperança da reparação.

Cresceram os dois filhos de Camargo; ambos receberam excelente educação. As liberalidades do velho fazendeiro permitiam que Pedro tratasse a família com decência e riqueza; ainda mais que ele não tinha nada com que distraísse o dinheiro daquele honesto emprego, a não ser o seu modesto vestuário.

Haviam passados doze anos depois do casamento de Pedro Camargo e ele estava com trinta e seis, quando seu caráter fraco foi submetido a uma prova cruel. Por diversas vezes mostrou o fazendeiro ao filho desejos de vê-lo casado; mas esses

Senhora

pensamentos passavam, e as obrigações da vida rural distraíam o velho das preocupações domésticas. Pedro Camargo acabava com este perigo com um pequeno susto.

Afinal, porém, o pai exigiu formalmente dele que se casasse e lhe indicou a pessoa já escolhida. Era a filha de um rico fazendeiro da vizinhança. Tinha ela completado os quinze anos; antes que a notícia deste dote sedutor chegasse à Corte, tratou o velho Camargo de arranjá-lo para o filho.

Pedro se mostrou apático à vontade do pai. Nunca se animou a dizer não; mas também não se moveu para cumprir as recomendações ou ordens que lhe dava o fazendeiro. Este esbravejava; ele abaixava a cabeça e, passada a agitação, caía outra vez na apatia. Quando o fazendeiro viu que, apesar das suas brigas e gritos, o filho não se decidia a visitar a moça, ficou irado, de modo que ameaçou expulsá-lo de casa, se não montasse a cavalo naquele mesmo instante para ir à fazenda vizinha ver a noiva e confirmar ao pai o pedido feito em seu nome.

Pedro Camargo não disse palavra. Desceu à cocheira; selou o animal; carregou sua maleta e partiu, mas não para a fazenda vizinha. Foi a um rancho, onde contava demorar o tempo preciso para dar alguma direção à sua vida.

Durante este tempo, tinha continuado a escrever à mulher; mas ocultou o que estava passando, para não afligi-la. A resistência à vontade do pai, a quem acatava profundamente, e as inquietações de sua consciência contra o receio de confessar a verdade, abalaram violentamente o forte espírito desse homem forte para os trabalhos físicos, mas não feito para essas revoltas morais. Pedro Camargo foi acometido de uma febre cerebral e morreu no rancho onde procurou um abrigo, longe dos socorros e quase desamparado. Apenas teve para acompanhá-lo em seus últimos instantes um roceiro que vinha para a Corte.

Trazia o infeliz consigo cerca de três contos de réis, que desde certo tempo começou a juntar com intenção de se estabelecer em alguma modesta rocinha, onde pudesse viver **tranquilo** com a família. A sorte não permitiu. Confiou ele o dinheiro ao roceiro, pedindo que o entregasse à sua mulher. Recomendou porém que não contasse o que viu, para não perturbá-la ainda mais.

Cumpriu o roceiro o pedido com uma honestidade que ainda se encontra nas classes rudes, especialmente do interior.

Emília se cobriu do luto que não despiu senão para trocá-lo pela mortalha²¹. Mais negro porém e mais triste do que o vestido era a dor de sua alma, onde jamais brotou um sorriso.

II

A viuvez tornou ainda mais isolada e recolhida a existência de Emília, lhe acrescentando a indiferença e o desapego do mundo. O único elo que a prendia à terra eram seus filhos; mas tinha o pressentimento de que não permaneceria muito tempo com eles. O marido a chamava; se abandonou àquela atração que a aproximava do ente a quem mais amou e a desprendia aos poucos das coisas que ainda a retinha neste vale de lágrimas.

Só uma inquietação a afligia, ao pensar no fim próximo de sua infelicidade; era a lembrança do desamparo em que ia ficar sua filha Aurélia, já nesse tempo moça, na flor dos dezesseis anos.

De sua família, Emília não podia esperar proteção para a órfã. As relações, cortadas por ocasião de seu casamento, nunca mais se haviam reatado. Os parentes continuavam a considerá-la mulher perdida e evitavam contato com ela.

Do sogro, também já tinha recebido a pobre viúva o desgano. Depois do falecimento do marido e logo que a dor lhe permitiu outros cuidados, escreveu ao Lourenço de Sousa Camargo, revelando o segredo do casamento e implorando sua proteção para os filhos de seu filho. O fazendeiro, da mesma forma que os parentes de Emília, não acreditou na realidade de um casamento oculto até aquela época e do qual não aparecia documento ou

²¹Veste com que se envolve o cadáver que será sepultado.

outra prova. A carta da viúva só lhe revelou a continuação de relações que ele acreditava há muito tempo extintas.

Recordando que foi a influência dessa mulher a causa da desobediência do filho, lhe lançava a culpa das desgraças, esquecido de que ninguém sofreu tanto como ela, pois, além da viuvez, a morte do marido lhe deixava a pobreza e a desonra. Ainda assim, foi generoso o Camargo. Mandou entregar a Emília um conto de réis; dinheiro cru e seco, sem uma palavra de consolo ou de esperança. A pessoa que o levou à viúva lhe fez sentir que esmola tão grande devia livrar o fazendeiro de futuros aborrecimentos.

O Emílio, que podia ser o amparo natural da irmã, quando viesse a lhe faltar a mãe, não estava, infelizmente, nas condições de receber a difícil tarefa. Ao caráter indeciso do pai, juntava ele um espírito medíocre. Apesar de haver frequentado os melhores colégios, achava-se aos dezoito anos tão atrasado como um menino de inteligência regular de doze anos.

Reconhecendo sua inaptidão para alguma das carreiras literárias, Emília lembrou-se de encaminhá-lo à vida comercial. Por intermédio do correspondente do marido e pouco tempo depois da morte deste, foi o rapaz admitido como caixeiro de um corretor de fundos. Por mais esforços que fizesse o pobre Emílio, não conseguia entender as anotações financeiras do movimento dos fundos públicos e as oscilações do mercado monetário. Isto que qualquer filhote de zangão, a quem não desponta ainda o bigode, executa em duas canetadas, era para Emílio atividade mais confusa do que a astronomia.

Chegava a casa com a sua tábua de câmbios, o preço corrente, a cotação da praça e as notas que lhe havia dado o corretor. Sentava-se à mesa; preparava o tinteiro e o papel, mas não havia meio de começar. Seu espírito embrulhava-se tanto na tal conta que não atava nem desatava. Ao fim chorava de raiva.

Corria então Aurélia a consolá-lo. Sabia ela já a causa daquele pranto, cuja explicação uma vez lhe arrancou com carinho e meiguice. Tirava-o do desespero, animava-o a tentar a operação e, para lhe sustentar os esforços, ia auxiliando sua memória e dirigindo o cálculo. A natureza dotou Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que, se não atinge o vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa flexibilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam.

O que o irmão não conseguiu em meses de prática foi para ela estudo de uma semana.

Desde então, o caixeiro que ia à praça receber as ordens do patrão e levar os recados era o Emílio, mas o corretor que fazia todos os cálculos e operações, ou arranjava o preço corrente, era Aurélia. Assim poupava a menina um desgosto ao irmão e o mantinha no emprego a tanto custo arranjado.

Bem se vê, pois, que Emílio, longe de prometer um amparo à irmã, ao contrário tinha de ser, se já não era, um sacrifício caro para a menina, obrigada a consumir com ele o tempo e os poucos recursos, fruto de seu trabalho.

Nestas circunstâncias, a mãe só via para a filha o natural e eficaz apoio de um marido. Por isso não parava de falar a Aurélia neste ponto e em qualquer assunto. Se vinha a falar de sua doença que fazia rápidos progressos, dizia Emília à filha:

— O que me aflige é não te ver casada. Mais nada.

Quando se lembravam que o dinheiro deixado por Pedro Camargo e a esmola do fazendeiro haviam de se acabar um dia, ficando elas na indigência, vinha a viúva:

— Ah!, se eu te visse casada!

Aurélia é quem suportava todo o peso da casa. Sua mãe, abatida pela desgraça e enfraquecida pela doença, muito fazia, evitando por todos os modos tornar-se pesada e incômoda à filha. Se envolveu ainda em vida em uma manta de aceitação, que lhe dispensava o médico, a enfermeira e a farmácia.

Os arranjos domésticos, mais escassos na casa do pobre, o cuidado da roupa, a conta das compras diárias, as contas do Emílio e outras necessidades lhe tomavam uma parte do dia; a outra parte ia-se em trabalhos de costura. Não lhe sobrava tempo para chegar à janela; à exceção de algum domingo em que a mãe podia se arrastar até a igreja à hora da missa e de alguma volta à noite acompanhada pelo irmão, não saía de casa.

Esta reclusão afligia a viúva, que muitas vezes lhe dizia:

— Vai para a janela, Aurélia.

— Não gosto!, respondia a menina.

Outras vezes, ante a insistência da mãe, buscava uma desculpa:

— Estou acabando este vestido.

Emília se calava, contrariada. Uma tarde, porém, manifestou todo o seu pensamento.

Senhora

— Tu és tão bonita, Aurélia, que muitos moços, se te conhecessem, iriam se apaixonar. Poderias então escolher algum que te agradasse.

— Casamento e mortalha no céu se assemelham, minha mãe, respondia a menina rindo-se para encobrir a vergonha.

O coração de Aurélia não desabrochou ainda; mas, virgem para o amor, ela tinha mesmo assim a vaga intuição do forte afeto que liga em uma só existência o destino de duas criaturas e, completando uma a outra, forma a família. Como todas as mulheres de imaginação e sentimento, ela achava dentro de si, nas cismas do pensamento, essa aurora da alma que se chama o ideal e que doura ao longe com sua doce luz os horizontes da vida.

O casamento, quando acontecia pensar nele alguma vez, se apresentava a seu espírito como uma coisa confusa e obscura — uma espécie de enigma, do qual aparecia de repente um céu esplêndido que a envolvia, enchendo-a de felicidade. Em sua ingenuidade, Aurélia não compreendia a **ideia** do casamento pensado e preparado. Mas a insistência de sua mãe, inquieta pelo futuro, fez com que ela se ocupasse com esta face da vida real.

Reconheceu que não tinha direito de sacrificar, por causa de um sonho de imaginação, que talvez nunca se realizasse, o sossego de sua mãe e seu próprio destino, pois que sorte a esperava, se tivesse a desgraça de ficar só no mundo?

O golpe que sofreu por esse tempo a convenceu ainda mais ao sacrifício de seus desejos. Emílio, recolhendo-se muito cansado, numa tarde de muito calor, cometeu a besteira de tomar um banho frio. A **consequência** foi uma febre que o levou em poucos dias.

Aurélia não deixou a cabeceira do leito desse irmão, a quem ela amava como um filho. Os cuidados com que o cercou, bem como a necessidade de tomar conta de tudo, foi talvez o que a salvou de ser fulminada por essa desgraça. A viúva que mal resistiu ao golpe da perda do filho ainda mais se aterrorizava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia. Se Emílio não prometia sustentar a irmã, em todo o caso era uma companhia e podia lhe dar ao menos a proteção material ou sua presença.

Redobramos pois as insistências da pobre viúva, e Aurélia, ainda coberta do luto pesado que trazia pelo irmão, concordou com a vontade da mãe, pondo-se à janela todas as tardes. Foi

para a menina um tormento cruel essa exposição de sua beleza com a mira no casamento. Venceu o nojo que tinha de se mostrar na janela e se submeteu à humilhação, por amor daquela que lhe dera o ser e cujo único pensamento era sua felicidade.

III

Não demorou para que a notícia da menina bonita de Santa Teresa se divulgasse entre certa roda de moços que não se contentam com as rosas e margaridas dos salões e cultivam também com ardor as violetas e tulipas das janelas.

A solitária e calma rua animou-se com um trânsito estranho de carros e transeuntes, atraídos pela graça da flor modesta e rasteira, que uns desejavam colher para a transplantar no tumulto do mundo; outros apenas se contentariam de colher sua pureza, a abandonando depois à miséria.

Os olhares ardentes e inflamados dessa multidão de pretendentes, os sorrisos constrangidos dos tímidos, os gestos arrogantes e as palavras insinuantes dos mais afoitos **quebravam-se** na fria distância de Aurélia. Não era a moça que ali estava à janela; mas uma estátua, ou, com mais propriedade, a figura de cera da vitrine de um cabeleireiro da moda.

A menina cumpria apenas uma obrigação, se mostrava para ser desejada e atrair um noivo. Mas não passava disso. Os artifícios da conquista com que muitas realçam seus encantos; a tática de esconder os sorrisos e carinhos, ou negá-los para irritar o desejo, nem os sabia Aurélia, nem teria coragem para usá-los.

Depois de uma hora à janela, se recolhia para começar a costura; e, de todos aqueles homens que haviam passado diante dela com a esperança de prender sua atenção, não lhe ficava

Senhora

na lembrança uma fisionomia, uma palavra, uma circunstância qualquer.

No primeiro mês, a investida dos pretendentes não passou de uma ameaça. Rondas pela calçada, cumprimentos de chapéus, suspiros ao passar, gestos simbólicos de lenço, algum elogio à meia voz e presentes de flores que a menina rejeitava; tais eram os meios de ataque.

Breve, porém, começou o assédio; e quem abriu o exemplo foi pessoa já muito nossa conhecida, e da qual não se podia esperar semelhante atitude. O Lemos, que andava sempre metido na roda dos rapazes, soube do aparecimento da convencida da Rua de Santa Teresa. Entendeu o ardente velhinho que, em sua qualidade de tio, lhe cabia um certo direito de primazia sobre esse bem de família.

Entrou na fileira e à tarde fazia volta pela Rua de Santa Teresa para conversar um instante com a sobrinha, a quem desde o primeiro dia conheceu. Aurélia teve grande alegria ao ver o tio. A forma amável com que ele lhe falava a encheu da esperança de uma reconciliação com a família.

Temendo a oposição do pudor ofendido de sua mãe, ocultou dela o acontecido.

Nos dias seguintes, cresceu a esperança da menina. As horas à janela deixaram de ser intoleráveis; já havia um interesse dela em estar ali, espiando o momento em que apontasse o tio na rua. Ela, que não tinha para os mais elegantes cavalheiros um pálido sorriso, achou de repente, em si, para seduzir o velhinho, o segredo da gentileza e do charme, que é como o espírito da mulher formosa.

O restabelecimento das relações entre D. Emília e o irmão interessava a Aurélia muito intimamente. Lhe assegurando um sustento para o futuro, essa conciliação não só devolveria o sossego à mãe, como pouparia a ela essa espera ao casamento, que era para a pobre menina uma humilhação.

Foi um grande assombro e maior escândalo para os apaixonados verem todas as tardes, recostado à janela de Aurélia, o roliço velhinho conversando e brincando na maior intimidade com a menina. Não informados do parentesco, atribuíam essas liberdades a uma preferência inexplicável; pois o Lemos, notoriamente pobre, se não arrebatado, precisava do atributo que dispensa todas as virtudes: o dinheiro.

O esperto velhinho tratou de aproveitar a disposição de ânimo da sobrinha, antes que alguma circunstância viesse perturbar essas relações íntimas, por ele construídas com habilidade. Uma tarde, depois de ter se distraído com Aurélia, como de costume, fazendo-a rir com suas gracinhas, se despediu deixando entre as mãos da sobrinha uma carta de capa floreada, com enfeite de flor no selo.

Aurélia a recebeu com leve surpresa; mas, logo lhe vindo uma **ideia**, a guardou com uma esperança que lhe enchia a alma. Essa carta devia ser a mensageira da conciliação por ela tão ardentemente desejada. Ao cair da noite, correu ao quarto para a ler.

Logo nas primeiras palavras, foi se congelando nos seus lábios o sorriso, até que se fechou de ânsia. Quando terminou, lhe petrificava a fisionomia essa palidez de mármore, que tantas vezes depois a envolvia, como um eclipse de sua alma esplêndida.

Dobrou friamente o papel, que guardou em seu cofezinho, e foi se ajoelhar à beira da cama, diante do crucifixo suspenso à cabeceira. Como a andorinha, que não permite que a poeira levantada pelo vento lhe manche as penas e, revoando, molha constantemente as asas na onda do lago, assim a alma de Aurélia sentiu a necessidade de se banhar na oração e se purificar do contato em que se achava com essa desonra.

A carta do Lemos era escrita no estilo banal do namoro realista, em que o vocabulário simples da paixão tem um sentido figurado e exprime, com informalidade, não os impulsos do sentimento, mas as seduções do interesse.

O velho acreditou que a sobrinha, como tantas infelizes, estava à espera do primeiro que tivesse a coragem de **arrancá-la** da escuridão onde a consumiam os desejos famintos, e transportá-la ao meio do luxo e do escândalo. Se apresentou, pois, francamente, como o causador dessa mudança, lucrativa para ambos; e acreditou que Aurélia tinha bastante juízo para compreendê-lo.

Quando, no dia seguinte à entrega da carta, notou que a janela se fechava à sua passagem, Lemos percebeu que tinha errado o primeiro tiro; mas nem por isso desistiu do projeto.

— Ainda não chegou a ocasião!, pensou ele.

O velho rapaz arranjou para seu uso, como todos os homens

Senhora

positivos, uma filosofia prática de extrema simplicidade. Tudo para ele tinha um momento fatal, a ocasião; a grande lição da vida, portanto, se resumia nisto: espiar a ocasião e aproveitá-la.

Entendeu que a sobrinha não se achava preparada para a atitude que devia decidir seu destino. Esse coração de mulher ainda estava passarinho novo; quando lhe acabassem de crescer as asas, tomaria o **voo** e retornaria aos ares.

O que devia fazer, o Lemos, era vigiá-la durante a transformação, para agir no momento oportuno; e dessa vez tinha certeza de que não erraria o alvo.

O exemplo do velho estimulou os mais animados. Um deles, confiando na audácia, ficou rondando a janela, especialmente à noite, quando Aurélia costurava à claridade do lampião, junto ao armário. Pelas grades, ia o conquistador insinuando súplicas e protestos de amor, com que perseguia a moça, insistindo para que aparecesse à janela ou recebesse presentes e cartinhas. Após este, seguiam-se outros.

Aurélia se conservava impassível e tão alheia a tudo isso que parecia nem ao menos percebê-lo. Algumas vezes assim era. Se distraía com suas preocupações, de modo que se desligava dos rumores da rua.

Entretanto, aquelas situações a incomodavam e sobretudo a insultavam; já que não pararam, acabaram por inspirar nela uma decisão em que já se revelavam os impulsos do seu caráter. Certa noite, quando um dos mais assíduos namorados a impacientou, ergueu-se Aurélia muito senhora de si e se dirigiu à janela, que abriu, convidando o conquistador a entrar. Este, tomado de surpresa e indeciso, não sabia o que fazer, mas acabou por ceder ao oferecimento da moça.

— Tenha a bondade de se sentar, disse Aurélia, mostrando o velho sofá encostado à parede do fundo. Eu vou chamar minha mãe.

O conquistador quis impedi-la e, não conseguindo, começava a pensar em sumir, quando voltou Aurélia com a mãe. A moça voltou à sua costura, e D. Emília, se sentando no sofá, iniciou conversa com sua visita.

As palavras singelas e modestas da viúva deixaram no conquistador, apesar do ceticismo que ele possuía, a certeza da inutilidade de seus esforços. A beleza de Aurélia só era acessível aos mais simples, que ainda usam os costumes triviais e fora de moda do casamento.

Este incidente foi o começo de uma despovoação que se operou em menos de um mês. Toda aquela multidão de namoradores debandou quando pressentiu os perigos e escândalos de uma paixão matrimonial. Assim recuperou Aurélia sua **tranquilidade**, se livrando da tortura, que lhe causavam aquelas homenagens insultantes. Agora, quando ficava na janela para satisfazer aos desejos de sua mãe, já não lhe custava esse sacrifício tão amargo. Seu natural desprezo era bastante para afastar os caprichos dos mais resistentes. Esses ainda não tinham se separado da esperança de inspirar alguma paixão irresistível, das que dominam a mais severa virtude.

IV

Seixas ouviu falar da menina de Santa Teresa, mas, ocupado nesta ocasião com umas nobres conquistas, sua curiosidade não se moveu em conhecer desde logo a nova beldade fluminense.

Durante um jantar na vizinhança, na casa de um amigo e em companhia de camaradas, falou-se de Aurélia, que era ainda o tema das conversas; contaram-se histórias, fizeram-se comentários de toda a sorte. Depois do jantar, no fim da tarde, saíram os amigos a pé, com a desculpa de dar uma volta, mas na realidade, para dizer a Seixas sobre a falada menina e **convencê-lo** de que era realmente um primor de formosura.

Seixas tinha personalidade aristocrática²², embora em política exibisse uns pensamentos liberais²³. Reconhecia a beleza rústica e **plebeia**, como uma convenção artística; mas a

²²Relativo à aristocracia, organização sociopolítica baseada em privilégios de uma classe social formada por nobres.

²³Relativo ao liberalismo, doutrina baseada na defesa da liberdade individual e política.

Senhora

verdadeira formosura, a suprema graça feminina, o amor tornado humano, isso ele só conseguia enxergar na mulher que possuía a glória da elegância.

Em frente da casa de D. Emília, pararam os amigos formando um grupo, e Seixas pôde contemplar o busto da moça. No começo, a examinou friamente, como um artista que estuda o seu modelo. A observou através da expressão de altiva e triste indiferença com que ela se vestia, como um véu para proteger sua beleza aos olhares sem respeito.

Quando, porém, Aurélia corando virou o rosto e seus grandes olhos encontraram a vista investigadora que lhe estava mirando, Fernando não pôde se conter e exclamou:

— Realmente...

Emendando, porém, esse primeiro entusiasmo, corrigiu:

— Não nego; é bonita.

Nessa noite, Aurélia, quando trabalhava na tarefa da costura, quis se lembrar da figura desse moço que estivera olhando por algum tempo à tarde; não conseguiu. O viu apenas um instante; não conservou o menor traço de sua fisionomia.

Mas havia uma sensação estranha: se se recolhia no íntimo, aí o achava e via sua imagem como a teve diante dos olhos à tarde. Era um vulto, quase uma sombra; mas ela o conhecia; e não o confundiria com qualquer outro homem.

Dois dias depois, Seixas tornou a passar pela Rua de Santa Teresa, mas só, desta vez. De longe seus olhos encontraram os de Aurélia, que fugiram para retornar tímidos e obedientes. Ao passar, o moço a cumprimentou; ela respondeu com uma leve inclinação da cabeça. Passou uma semana. Seixas não passou à tarde como costumava; era noite, Aurélia ia se recolher triste e desconsolada. Ao fechar a janela, percebeu um vulto e esperou. Era Fernando. O moço apertou sua mão e declarou seu amor. Aurélia o ouviu palpitante de comoção; e ficou mergulhada em sua felicidade.

— E a senhora, D. Aurélia?, perguntou Seixas. Me ama?

— Eu?

A moça pronunciou este monossílabo com expressão de profunda surpresa. Pensava ela que Fernando devia ter consciência da posse que tomou de sua alma, com o primeiro olhar.

— Não sei, respondeu sorrindo. O senhor é quem pode saber.

Seixas não compreendeu a beleza destas palavras singelas e modestas da moça. As conquistas dos salões tiraram a sensibilidade de seu coração, cegando o tato delicado que podia sentir as tímidas vibrações daquela alma virgem. Fernando frequentou assiduamente a modesta casa de Santa Teresa, onde passava as primeiras horas da noite, que sempre ia acabar no baile ou no espetáculo lírico. Quando saía da sala humilde, onde a paixão o mantinha preso dos olhos de sua amada, sentia o elegante moço algum acanhamento. Lhe parecia que rompia de seus hábitos aristocráticos e o inquietava a ideia de manchar sua figura distinta.

Durante um mês, Aurélia se deliciou da suprema felicidade de viver amante e amada. As horas que Seixas passava junto de si eram de prazer para ela, que bebia da alma do amigo. Esta porção de afeto chegava para encher de sonhos o tempo da ausência. Seria difícil dizer do que ela mais vivia, se do homem que a visitava todos os dias ao cair da tarde, se do ideal que sua imaginação criou daquele modelo.

Ela tinha esculpido uma estátua e, talvez, se apaixonado por sua criatura, de que o homem tinha sido o grosseiro modelo. E não é este o eterno martírio do amor, nas almas iluminadas pelo fogo sagrado?

Entre os apaixonados de Aurélia, estava Eduardo Abreu, rapaz de vinte e cinco anos, de excelente família, rico e nomeado entre os mais distintos da Corte. Apesar de sério e não inclinado a aventuras, Abreu foi tentado pela fascinação do amor fácil e passageiro. Se alistou à já numerosa legião dos conquistadores de Aurélia, mas andava sempre na retaguarda, entre os mais tímidos. Quando os namoradores de profissão abandonaram o posto, ele insistiu, sem deixar, todavia, seu modo reservado.

A impressão que Aurélia deixou no espírito do moço tornou-se mais profunda, à proporção que foi se manifestando a pureza da menina. Vendo, afinal, a audácia dos mais perigosos sedutores do Rio de Janeiro se acabarem de encontro à sua virtude, a afeição de Abreu ganhou admiração e respeito.

É natural que esse moço, em condições de conseguir as melhores alianças na sociedade fluminense, vacilasse muito, antes da decisão que tomou. Mas, uma vez decidido, não hesitou em realizar seu desejo. Dirigiu-se a D. Emília e lhe pediu a mão da filha. A viúva, ainda abalada do inesperado lance de sorte, falou a Aurélia:

Senhora

— Deus ouviu minha súplica. Agora posso morrer descansada.

A moça escutou, sem interrompê-la, a exposição que D. Emília lhe fez das vantagens de um casamento com Abreu. Nas palavras de sua boa mãe, não somente sentiu os extremos de uma ternura ardente; reconheceu também o conselho da prudência. Apesar disso, sua resposta foi uma recusa formal.

— Tinha resolvido aceitar o primeiro casamento que minha mãe julgasse conveniente, para sossegar seu espírito e desfazer o susto que tanto a consome. Meus sonhos de moça, que eram bem mesquinhos, eu os sacrificava de bom grado para vê-la contente. Agora tudo mudou. Não posso dar o que não me pertence. Amo outro.

— Sei, o Seixas. E tens certeza de que ele se casa contigo?

— Nunca lhe perguntei, minha mãe.

— Pois é preciso saber.

— Eu não falo com ele sobre isso.

— Pois eu falarei.

Essa noite, quando Fernando chegou, D. Emília dirigiu a conversa para o ponto delicado. No primeiro momento, interrogou o moço acerca de suas intenções. Usou como argumento a sombra que uma conquista projetada sobre a reputação de uma menina. Lembrou também que a preferência exclusiva espantava os pretendentes, sem garantia do futuro.

Seixas se perturbou. Por mais preparado que esteja um homem de sociedade para esse conflito, deve comovê-lo a necessidade de escolher entre a afeição e as conveniências. Ainda mais quando, para fugir ao dilema, esse homem traçou um caminho cheio de curvas, por onde se arrasta como o réptil, serpenteando entre o amor e o interesse.

— Lhe garanto, D. Emília, que minhas intenções são as mais puras. Se ainda não as tinha manifestado, era por aguardar a ocasião em que possa realizá-las de pronto, como convém em semelhante assunto. Minha carreira depende de acontecimentos que devem se efetuar neste ano próximo. Então poderei oferecer a Aurélia um futuro digno dela e que causa inveja às mais elegantes senhoras da Corte. Antes disso, não me animarei a prendê-la em um destino precário, que talvez se torne mesquinho. Amo sinceramente sua filha, minha senhora; e esse amor me dá forças para resistir ao egoísmo da paixão. Prefiro perdê-la a sacrificá-la.

— Este procedimento de sua parte é muito nobre, Sr. Seixas. Não podia realmente dar maior prova de estima a Aurélia do que renunciar a ela para não servir de obstáculo a um enlace, que certamente a fará feliz.

Ditas estas palavras, a doente senhora, a quem a conversa havia cansado ao extremo, se recolheu ao interior. Fernando ficou na sala perturbado com a conclusão que teve a conversa, tão outra da que ele havia esperado.

Acreditou que D. Emília, embalada na esperança do futuro brilhante por ele enfatizado com palavras agradáveis e comovida pelos acentos de sua paixão, o deixaria cultivar docemente o amor perfeito, aí, no canteiro dessa pobre salinha, mal iluminada por um lampião quase apagado. Se erguendo afinal, o moço se dirigiu ao canto da sala, onde Aurélia trabalhava inteiramente mergulhada em suas reflexões e alheia à cena que se acabava de passar, da qual entretanto era ela o assunto e, quem sabe, a vítima.

Que motivo tinha a inexplicável indiferença da moça naquele momento? Talvez ela própria não o soubesse manifestar. É possível que as **consequências** da conversa preocupassem mais seu espírito do que as palavras trocadas entre sua mãe e Seixas.

— Que significa isto, Aurélia?, perguntou o moço.

— Ela é mãe, Fernando, e tem o direito de se inquietar pelo futuro de sua filha. Quanto a mim, sabe que amo sem condições e nunca lhe perguntei onde me leva esse amor. Sei que ele é minha felicidade, e isto me basta.

No dia seguinte D. Emília comunicou à filha o resultado da conversa que teve com Seixas e enfatizou os seus conselhos com as razões de costume.

— Se eu tivesse a desgraça de perdê-la, minha mãe, sua filha já não ficaria só. Teria para ampará-la além de sua lembrança, um amor que não a abandonará nunca.

A viúva deixou escapar um gesto de dúvida.

— Creia, minha mãe; o desejo de me conservar digna do homem a quem amo me protegeria melhor do que um marido do acaso.

D. Emília não insistiu mais. Se lembrou que ela também sacrificou-se por um amor igual e não podia exigir da filha mais coragem do que ela teve para resistir ao impulso do coração.

Senhora

Seixas, que na noite anterior deixou Aurélia, comovido pelo puro sacrifício da menina, quando soube que ela havia rejeitado um partido por que suspiravam muitas das mais fidalgas moças da Corte, não pôde conter os impulsos da alma generosa. Se apresentou na casa de D. Emília e pediu a mão de Aurélia, que lhe foi concedida.

V

Ao saber que estava ajustado o casamento da sobrinha, considerou-se o Lemos derrotado em seus planos. Como, porém, era homem que não abandonava facilmente uma boa ideia, pensou no modo de não perder a partida.

A única ideia que lhe ocorreu foi banal; mas acontece que são estas precisamente as que surtem melhor efeito quando se trata de assuntos que se resolvem pelas conveniências sociais. Em sua passagem para a casa de Aurélia, via Seixas, à janela, na Rua das Mangueiras, uma menina, apontada entre as elegantes da Corte. Para o nosso jornalista foi inqualificável grosseria se encontrar com uma senhora bela e distinta sem lhe enviar no olhar e no sorriso a homenagem de sua admiração.

Seixas pertencia a essa classe de homens criados pela sociedade moderna, para a qual o amor deixou de ser um sentimento e tornou-se uma fineza obrigada entre os cavalheiros e as damas de bom-tom. A moça pertencia à mesma escola. Também ela era noiva, como o Seixas; e apesar disso recebia

com prazer o cumprimento conquistador. Se por acaso os dois se encontrassem em alguma sala, ausentes daqueles com quem estavam prometidos, começariam sem o menor escrúpulo uma inocente conversa amorosa para divertir a noite.

Nessa casa da Rua das Mangueiras morava o Tavares do Amaral, empregado da alfândega. Lemos, que visitava sempre um velho camarada da vizinhança, talvez já na intenção de manter um ponto de observação, notou aquela mútua correspondência de Fernando com Adelaide. A primeira vez que encontrou o Amaral na Rua do Ouvidor, o velho se insinuou em sua intimidade; fingindo dar parabéns, elogiou as vantagens do casamento da sua filha com Seixas.

— Com certeza, o espertalhão está seguro!, concluiu ao se despedir.

Amaral não via com bons olhos a intimidade de sua filha Adelaide com o Dr. Torquato Ribeiro, que, além de pobre, estava desarranjado. A **ideia** do Lemos lhe sorriu. Achou modos de introduzir Seixas em casa, para quem este novo conhecimento veio a ser um incentivo poderoso.

Passadas as primeiras manifestações do puro e íntimo contentamento, que o generoso impulso de pedir a mão de Aurélia lhe deixou, começou Fernando a considerar praticamente a influência que devia exercer em sua vida esse casamento. Calculou as despesas materiais a que ia se sujeitar para montar casa e mantê-la com decência. Se lembrou quanto cresce a despesa com o vestuário duma senhora que **frequenta** a sociedade; e reconheceu que suas posses não lhe permitiam por enquanto o casamento com uma moça bonita e elegante, naturalmente inclinada ao luxo.

Se encerrar no obscuro porém doce aconchego doméstico; viver das afeições sossegadas e íntimas; se dedicar a formar uma família, onde se revivam e multipliquem as almas que o amor conjugal uniu; Seixas não compreendia essa felicidade suprema. O casamento, visto por este ângulo, lhe aparecia como um isolamento, que lhe inspirava indefinível terror. Jamais poderia viver longe da sociedade, retirado desse mundo elegante que era sua pátria e o berço de sua alma. As naturezas superiores obedecem a uma força oculta. É a predestinação. Uns a têm para a glória, outros para o dinheiro; a dele era essa, a conquista.

Algumas vezes, Seixas, temendo pela saúde, sem repouso

Senhora

devido à ação de hábitos pouco higiênicos, sob a influência de um clima enfraquecedor, ia à fazenda de um amigo em Campos com intenção de passar por lá dois meses, em completo esgotamento, se acordando com o sol e se recolhendo com ele. Se era na estação da festa e haviam lá pela roça bailes e eventos, que reproduziam a vida da Corte, demorava-se uns quinze dias: o tempo de ter com alguma espirituosa fazendeirinha um gentil romance pastoril que terminava com uns versinhos amorosos.

Quando, porém, a fazenda estava sossegada e na doce monotonia dos trabalhos rurais, Fernando entregava-se ao que ele chamava de vida campestre, com um ardor incansável. Se erguia pela manhã, ia ao banho, percorria as plantações e voltava para o almoço com um feixe de margaridas, orquídeas e bromélias. No auge do Sol, andava pelas fábricas vendo tirar a polpa o café ou fazer o fubá. Este entusiasmo durava três dias. No quarto Fernando achava um pretexto qualquer para a volta precipitada e, antes de uma semana, estava devolvido à Corte. A primeira noite de baile ou evento era uma ressurreição.

De um homem assim, organizado com a essência do luxo e da conquista, não se podia esperar o sacrifício enorme de renunciar à vida elegante. Isso era maior que suas forças; era uma aberração de sua natureza. Mais fácil foi renunciar à vida na flor da mocidade, quando tudo lhe sorria, do que se sujeitar a esse suicídio moral, a esse aniquilamento do eu.

Quando Seixas se convenceu de que não podia casar com Aurélia, se revoltou contra si próprio. Não se perdoava a imprudência de apaixonar-se por uma moça pobre e quase órfã, imprudência que terminou com pedido de casamento. O rompimento deste enlace não refletido era para ele uma coisa irremediável, fatal; mas o seu procedimento o indignava.

Havia, nessa contradição da consciência de Seixas com a sua vontade, uma anomalia psicológica, da qual não são raros os exemplos na sociedade atual. O ato de tornar falso certos princípios da moral, dissimulado pela educação e pelas conveniências sociais, vai criando essas deformidades de homens de bem.

Seixas estava muito longe de ser um derrotado; mas já nele começava o enfraquecimento do senso moral. Para o conquistador fluminense, mentir a uma senhora, lhe insinuar uma esperança de casamento, trair um amigo, lhe seduzir a mulher,

eram passes de um jogo social, permitidos pelo código da vida elegante. A moral inventada para uso dos colégios nada tinha que ver com as distrações da boa gente.

Faltar porém à palavra dada; retirar sem motivo uma promessa formal de casamento, era no conceito de Seixas ato que diminuía um cavalheiro. No caso especial em que se achava, essa quebra de palavra se tornava mais grave. Aurélia não tinha outro apoio senão a mãe, consumida pela enfermidade que pouco tempo de vida lhe deixava. Faltando D. Emília, ficaria a filha órfã, sem abrigo, ao desamparo. Abandonar nessas tristes condições uma pobre moça, tida por sua noiva, seria dar escândalo.

Independente da reprovação que o fato receberia de seu círculo, a própria consciência lhe avisava da irregularidade desse proceder, que ele não julgava qualificar severamente o tachando de desleal. Estas apreensões abateram o ânimo igual e animado de Seixas. Seu semblante não perdeu a expressão afável, que era como a flor da nobre e inteligente fisionomia; nem se apagou nos lábios o sorriso que parecia o molde da palavra que convence; mas sob essa jovialidade flutuava a sombra de uma tristeza, que devia ser profunda, pois estava preso a essa natureza volúvel e descuidada.

Aurélia percebeu imediatamente a mudança que se havia operado em seu noivo e perguntou o motivo. Fernando disfarçou; a moça não insistiu; e até pareceu esquecer a sua observação.

Uma noite, porém, que Seixas se mostrava mais preocupado, ela lhe disse na despedida:

— A sua promessa de casamento está o deixando aflito, Fernando; eu lhe devolvo. A mim me basta o seu amor, já lhe disse uma vez, desde que me deu, não lhe pedi nada mais.

Fernando opôs às palavras de Aurélia uma frouxa negativa e formulou uma pergunta cuja intenção a moça não alcançou:

— Julga você, Aurélia, que uma moça pode amar a um homem a quem não espera se unir?

— A prova é que o amo, respondeu a moça com carinho.

— E o mundo?, proferiu Seixas com olhar vacilante.

— O mundo tem o direito de exigir de mim a dignidade da mulher; e esta ninguém melhor do que o senhor sabe como a respeito. Quanto a meu amor não devo contas senão a Deus, que me deu uma alma, e ao senhor, a quem a entreguei.

Fernando se retirou ainda mais descontente e aborrecido.

Senhora

Essa afeição ardente, profunda, sublime, ao mesmo tempo que lisonjeava seu amor-próprio, ainda mais o prendia a essa formosa menina, que seus instintos aristocráticos e o pânico da mediocridade tiravam. Quando disse a Aurélia sua posição enganosa, esperava acordar escrúpulos que lhe dariam pretextos para cortar de todo essas tão doces quanto perigosas relações. A resposta da menina o desconcertou.

Foi nestas circunstâncias que Seixas recebeu a oferta do Amaral e, cedendo às suas insistências amáveis, começou a frequentar sua casa.

Sem este incidente, ficaria se debatendo, esperando do tempo uma solução, que seu ânimo preguiçoso não daria. Aquele pequeno desvio porém o lançou fora do redemoinho, o submetendo a uma nova corrente que ia se apoderar dele e conduzi-lo para longe.

O Torquato Ribeiro amava sinceramente Adelaide. A mobilidade da moça o ofendeu, e ele se retirou da casa deixando o campo livre a seu adversário, que não precisava dessa vantagem. Amaral, de acordo com os conselhos do Lemos, tratou de moldar o que desejava. Seixas, convidado a jantar um domingo na casa do empregado, fumava um delicioso charuto ao se levantar da mesa coberta de finas iguarias e desenhava com um olhar doce os graciosos contornos do corpo de Adelaide, que lhe sorria do piano.

Amaral se sentou ao lado; sem introduções nem rodeios, à queima-roupa, lhe ofereceu a filha com um dote de trinta contos de réis. Seixas aceitou. Esse projeto de casamento naquele instante era a o gozo antecipado das delícias com que sonhava sua fantasia, excitada menos pelo champanhe do que pela sedução de Adelaide.

A principal razão que moveu Seixas foi outra, porém. Fez como os devedores que se liberam dos compromissos devendo. Sem coragem para recuperar sua isenção, a vendeu a outros que o reclamassem e o defendessem como coisa sua.

VI

Aurélia passava agora as noites solitária. Raras vezes aparecia Fernando, que arranjava uma desculpa qualquer para justificar sua ausência. A menina, que não pensava em **interrogá-lo**, também não contestava essas fúteis invenções. Ao contrário, buscava afastar da conversa o tema desagradável.

A moça sabia que Seixas almejava seu amor; mas a altivez de coração não lhe permitia se queixar. Além de que, ela tinha sobre o amor **ideias** singulares, talvez inspiradas pela posição especial em que se achava ao se fazer moça. Pensava ela que não tinha nenhum direito de ser amada por Seixas; e pois toda a afeição que lhe tivesse, muita ou pouca, era presente que dele recebia. Quando se lembrava que esse amor a poupou da degradação de um casamento de conveniência, nome com que se decora o mercado matrimonial, tinha impulsos de adorar a Seixas, como seu Deus e redentor.

Parecerá estranha essa paixão, rica de **heroica** dedicação, que assiste calma, quase impassível, ao declínio do afeto com que lhe retribuía o homem amado e se deixa abandonar, sem proferir uma queixa nem fazer um esforço para prender a felicidade que foge. Esse fenômeno devia ter uma razão psicológica, cuja investigação evitamos; porque o coração, e ainda mais o da mulher, que é toda ela, representa o caos do mundo moral. Ninguém sabe que maravilhas ou que monstros vão surgir desses mistérios.

Suspeito eu, porém, que a explicação dessa singularidade já ficou comprovada. Aurélia amava mais seu amor do que seu amante; era mais poeta do que mulher; preferia o ideal ao homem. Quem não compreender a força desta razão pergunte a si mesmo por que uns admiram as estrelas com os pés no chão e outros levantados nos altos das edificações se curvam para apanhar as moedas no tapete.

Desde que se comprometeu com Amaral, pensou Fernando em cortar de uma vez o fio que ainda o prendia a Aurélia; com essa intenção repetiu suas visitas. No começo a menina achou que Seixas voltava para ela e se encheu de alegria; mas a ilusão

Senhora

não durou. Logo percebeu que não era o desejo de vê-la e estar com ela o que levava o moço à sua casa, pois os poucos instantes de demora, passava inteiramente distraído.

— O senhor quer me dizer alguma coisa, mas tem medo de me deixar aflita, observou a menina uma noite, com angélica vilania.

Fernando aproveitou a ocasião para resolver a crise.

— Meu voto mais ardente, Aurélia, sonho dourado de minha vida, era conquistar uma posição brilhante para colocá-la aos pés da única mulher que amei neste mundo. Mas a fatalidade que pesa sobre mim aniquilou todas as minhas esperanças; e eu seria um egoísta se, me fazendo valer de sua afeição, a associasse a uma existência obscura e cheia de dificuldades. A santidade de meu amor me deu a força para resistir a seus próprios impulsos. Disse uma vez à sua mãe, pressentindo sua situação: sou menos infeliz renunciando à sua mão, do que seria a aceitando para fazê-la desgraçada e condená-la às humilhações da pobreza.

— Essas eu já conheço, respondeu Aurélia com sutil ironia, e não me metem medo; nasci com elas, e têm sido as companheiras de minha vida.

— Não me compreendeu, Aurélia; me referia a um partido vantajoso que com certeza aparecerá, logo que esteja livre.

— Pensa então que basta uma palavra sua para devolver minha liberdade?, perguntou a moça com um sorriso.

— Sei que a fatalidade que nos separa não pode romper o elo que prende nossas almas e que vai reuni-las em um mundo melhor. Mas Deus nos deu uma missão neste mundo, e temos de cumpri-la.

— A minha é amá-lo. A promessa que o aflige, o senhor pode retirá-la tão espontaneamente como a fez. Nunca lhe pedi nem mesmo simples perdão para esta afeição; não lhe pedirei neste momento em que ela o incomoda.

— Entenda, Aurélia! Lembre-se de sua reputação. Que diriam se você se envolvesse com um homem, sem esperança de ligar-se a ele pelo casamento?

— Diriam talvez que eu sacrificava a um amor qualquer um partido brilhante, o que é uma...

A moça cortou a ironia, se retraindo:

— Mas não; não diriam a verdade. Não sacrifiquei nenhum partido; o sacrifício é a renúncia de um bem; o que eu fiz foi

defender a minha afeição. Sejam francos: o senhor já não me ama; não o culpo nem me queixo.

Seixas murmurou umas desculpas e se despediu. Aurélia demorou um instante na janela, como costumava, para acompanhar o amante com a vista até o fim da rua. Se Fernando não estivesse tão entregue à satisfação de haver readquirido sua liberdade, teria ouvido no dobrar da esquina o eco de um soluço. No dia seguinte D. Emília recebeu de Seixas uma dessas cartas que nada explicam, mas que em sua calculada **ambiguidade** exprimem tudo. Compreendeu a viúva, ao terminar a leitura, que estava desfeito o projetado casamento, e gostou do resultado. A boa mãe nutria ainda a esperança de convencer a filha a aceitar a mão de Abreu.

Por esse tempo, Torquato Ribeiro começou a frequentar a casa de D. Emília. Soube ele do procedimento que Seixas teve com a viúva; e a conformidade da infelicidade o atraiu. Referiu a Aurélia a inconstância de Adelaide, que atribuiu à sua pobreza.

A moça o ouvia com meiguice e o consolava; mas, apesar da intimidade que se estabeleceu entre ambos, nunca lhe falou de seus próprios sentimentos. Tinha o pudor de sua tristeza, que não lhe permitia confidências. Seria altivez, mas ela a vestia de cautela.

As censuras de Ribeiro contra a infidelidade de que foi vítima haviam lançado no espírito de Aurélia uma suspeita. Seria a riqueza do Amaral que atraiu Fernando, e não o amor de Adelaide? A moça repeliu constantemente essa **ideia**, que os ressentimentos de Ribeiro lhe sugeriam; mas chegou o momento em que lhe arrancaram a dúvida consoladora.

Recebeu uma carta anônima. Comunicavam que Seixas a tinha abandonado por um dote de trinta contos de réis. Acabando de ler estas palavras levou a mão ao peito, para segurar o coração que lhe escapava. Nunca tinha sentido dor como esta. Sofreu com renúncia e indiferença o desprezo e o abandono; mas o rebaixamento do homem, a quem amava, era uma tortura infinita, de que só podem fazer **ideia** os que já sentiram se apagarem as luzes da alma. Em vão, Aurélia se refugiou nos primeiros sonhos de seu amor. A degradação de Seixas repercutia no ideal que a menina criou em sua imaginação e lhe imprimia a desonra. Tudo ela perdoou a seu volúvel amante; menos se tornar indigno do seu amor.



Que dúvida! Ou expulsar do coração esse amor que tinha decaído e deixar a vida para sempre sem um afeto; ou se humilhar adorando um ente que se rebaixou, se associando à sua vergonha. A notícia do procedimento atribuído a Seixas não passava de uma denúncia anônima, que podia ser inspirada pela maldade. Mesmo assim, Aurélia não hesitou em acreditá-la; uma voz interior lhe dizia que era aquela a verdade.

Poucas horas depois, se aproximando da janela para abri-la à criada, viu por entre as grades passar o Lemos, que olhava para a casa com ar malandro. Lhe atravessou pelo espírito a **ideia** de que era o autor da carta; e se confirmou nela quando notou os trejeitos com que o velho nos dias posteriores tentou inutilmente apanhá-la à janela.

Como esperava D. Emília, Eduardo Abreu voltou assim que soube da retirada de Seixas. Aurélia o recebeu cheia de reconhecimento pela afeição que havia inspirado a esse moço e de admiração por seu nobre caráter.

— Não me pertenço, Senhor Abreu; se algum dia pudesse arrancar de mim este amor fatal e recuperar a posse de mim mesma, creia que teria orgulho em partilhar a sua sorte.

Três dias depois partia um navio a vapor para Europa. Abreu tomou passagem e foi a Paris, onde lhe ficaram as ilusões da mocidade e algumas dezenas de contos de réis, mas não a lembrança de Aurélia.

Entretanto, Seixas começava a sentir o peso do novo vínculo a que se havia submetido. O casamento, desde que não lhe trouxesse posição brilhante e riqueza, era para ele nada menos que um desastre. As despesas de ostentação com sua pessoa unicamente lhe absorviam todo o rendimento anual, além dos créditos suplementares. Que seria dele quando, além do seu, tivesse de prover também ao luxo de uma mulher elegante, que só ela come mais do que uma numerosíssima família? Isto sem falar da casa, que, se, em solteiro, ele conseguiu reduzir ao estado de miséria, quando marido de uma senhora requintada seria uma empreitada cara.

A promessa feita ao pai de Adelaide era explícita e formal. Em caso algum Seixas se animaria a negá-la e faltar à sua palavra; mas como não se obrigou a realizar o casamento em prazo fixo, esperava do tempo, que é grande ajustador, uma emergência feliz que o libertasse.

Por essa época se ajeitaram as coisas para a candidatura que o nosso escritor sonhava desde muito tempo; e, coincidindo elas com a partida da tal estrela nortista, lembrou-se Fernando de fazer uma excursão política por Pernambuco, paga pelo Estado. Nunca, porém, se resolveria a esse exílio se não esperasse com esse adiamento esgotar a paciência de Adelaide. Tanto a moça como o pai insistiram para efetuar o casamento antes da partida, mas Fernando, que da sua prática de oficial de gabinete, aprendeu todas as manhas de ministro e se preparava para copiá-las em um futuro não muito distante, opôs à pretensão da noiva a razão de Estado. Recebeu ordem do governo para partir imediatamente; se não obedecesse, se arriscava a uma demissão.

VII

Um dia, pela manhã, bateram à porta de D. Emília.

Quando a viúva e a filha vieram à sala, acharam sentado no sofá um velho alto e forte, cujas roupas eram de homem sem elegância ou do interior. Tinha o rosto vermelho e os traços duros e salientes.

Cravou ele o olhar pesado no semblante de Aurélia, sem se erguer à chegada das senhoras. Depois de ter assim examinado a menina, com insistência incomum, voltou a vista para a viúva; reparou no vestido preto desbotado que ela trazia pela casa e tornou a descarregar os olhos sobre a moça.

D. Emília, assustada com estes modos, fez um sinal para a filha. Ambas temiam se achar em presença de algum louco ou bêbado; se julgando expostas a um desacato, não sabiam que fazer.

Entretanto, as lágrimas saltavam das pálpebras do velho,

que, se levantando de repente, correu a Aurélia e suspendeu a moça nos braços antes que ela pudesse fugir.

— Que é isto, senhor? Está louco?, disse D. Emília se levantando para defender a filha.

Às palavras da viúva e ao grito que soltou Aurélia, o velho recuou e quis falar; mas o soluço reprimia-lhe a voz:

— Não me conhece, minha filha? Sou o pai de seu marido!

— O Sr. Lourenço Camargo?

— Ele mesmo. Não permite que abrace minha neta?

Foi Aurélia quem se lançou nos braços do velho, e este, depois que a teve presa ao peito por algum tempo, se desviou bruscamente e foi se sentar no sofá, enxugando o rosto com o grande lenço de seda enrolado em uma bola.

— É o retrato de meu Pedro. Pobre rapaz!, murmurou o velho.

Depois de algumas perguntas acerca do nome e idade de Aurélia, o fazendeiro explicou a razão de estar ali naquele momento, reconciliado com sua nora e pesaroso do modo por que se portara com ela.

No rancho em que faleceu, deixou Pedro Camargo sua maleta. O dono da casa a guardou com intenção de levá-la à fazenda ou mandá-la pelo primeiro portador. Por lá ficou anos até que pairou aí por acaso um formigueiro, nome que dão ao indivíduo experiente em destruir o inseto daninho que devora as roças. Esse de que se trata ia à fazenda do Camargo oferecer os seus serviços e se encarregou de levar a mala. Ao recebê-la, se avivaram no fazendeiro as saudades do filho; enxugou os olhos e mandou acender uma fogueira no quintal para queimar os objetos que haviam pertencido ao morto.

Enquanto se cumpria sua ordem, abriu ele próprio a maleta e tirou uma por uma as peças, um pequeno estojo de penteadeira e outras coisas de uso comum. No fundo havia um volume envolto em papel e preso com uma fita preta. Continha as fotografias de Pedro Camargo, da mulher e dos dois filhos; a certidão de casamento e as de batismo dos dois meninos e finalmente uma carta sem assinatura dirigida ao fazendeiro.

Essa carta de data muito anterior ao falecimento indicava que Pedro Camargo tinha no começo pensado em se suicidar e se preparava para levar a efeito essa ação, escrevendo ao pai a fim de lhe implorar o perdão de sua falta.

Senhora

Depois de fazer a confissão do casamento que havia escondido só pelo medo de afligir ao pai, lhe suplicava que protegesse sua viúva e aqueles órfãos inocentes, que eram seus netos e que o substituiriam, a ele Pedro, no amor e na veneração.

Lendo essa carta, Lourenço Camargo resolveu receber as últimas palavras do filho e se lembrou “o quanto fora injusto duvidando da realidade desse casamento de que ali tinha a prova irrecusável. Era uma alma rude, mas direita”.

Nessa mesma noite partiu para a Corte. Por intermédio do correspondente, mandou colher informações na vizinhança e soube que a viúva ainda morava na mesma casa.

Depois destas explicações, que arrancaram lágrimas às duas senhoras, sobretudo quando leram a carta de Pedro Camargo, o velho deu um giro pela sala e tomando o chapéu disse:

— Chorem o quanto quiserem; eu voltarei depois.

Realmente voltou todos os dias enquanto permaneceu na Corte. Por seu gosto teria enchido de presentes a Aurélia e à mãe; porém as duas senhoras se acanharam com a excessiva liberdade, pelo que se ofendeu o velho fazendeiro:

— Pois bem, não lhes darei mais nada. Quando precisarem, peçam.

Dois dias depois deste incidente, se apresentou o velho com um maço de papel lacrado. Ao tirá-lo do bolso, franziu de maneira irônica a cara para Aurélia:

— Não vá pensando que é presente, não, senhora dona! Fique descansada. Quero que guarde aqui este papel até a volta.

— Se tem dinheiro, acho melhor..., ia dizendo Aurélia.

— Que dinheiro! Você parece que tem nojo dos meus cobres!

— Não é por isso, meu avô. Bem vê que duas mulheres numa casa como esta oferecem pouca segurança.

— Pois saiba que isto é um papel... uma escritura que passei e, para não a perder na viagem, deixo em sua mão.

Na capa do maço estavam escritas estas palavras: “Para minha neta Aurélia guardar, até eu, seu avô, lhe pedir. L. S. Camargo.”

Partiu o velho para a fazenda, tendo mandado adiante de si pedreiros, carpinteiros e pintores a fim de o quanto antes transformar o velho e sujo casebre em uma habitação digna de receber a família de Pedro Camargo, com certo aparato que o fazendeiro considerava indispensável, como reparação de sua anterior indiferença.

Além do material do edifício, havia também no regime da casa certos hábitos antigos, que se estabelecem em algumas fazendas, sobretudo quando são os donos solteirões. Camargo precisava pelo menos de um mês para restringir umas familiaridades antes toleradas e abolir certa moda de saia ou tanga que dava às crioulas uns ares de dançarinas, menos a calça de meia e os tujos de gaze. Compreendia o Camargo que esses detalhes, inocentes para um velho barbado como ele, deviam arrepiar os escrúpulos da Corte. Mas, quando essa **ideia** não lhe viesse à cabeça, bastava ter visto Aurélia e respirado a atmosfera de altiva castidade que envolvia a formosa menina, para não ousar profaná-la com o contágio daquelas indecências.

Logo após a partida de Camargo, D. Emília teve um dos **frequentes** ataques da doença crônica; porém tão forte que inspirou sérios cuidados ao médico. A contração diminuiu à aplicação de remédios enérgicos; mas a viúva não se levantou mais do leito, onde agonizou cerca de dois meses.

Foi este o período mais difícil da vida de Aurélia; porque, às mágoas de seu amor enganado, somou-se a dor dos sofrimentos de sua mãe. E, como se não bastasse esse golpe para desalentá-la, veio agravar esta situação a miséria, com sua comitiva. Quando apareceu o Camargo, enviado pela Providência, para reconhecer a nora e a neta, a existência das duas senhoras já era bastante penosa. Consumido o dinheiro que lhes havia entregue o tropeiro, viviam das costuras de Aurélia e da venda de algumas **joias**, ainda presentes de Pedro.

Não bastavam porém estes poucos recursos; e teriam passado durezas se não fosse o crédito obtido na loja em que compravam. Com algum dinheiro que o fazendeiro deixou à viúva, ela pagou essas dívidas e o resto entregou à filha para as despesas.

Enquanto durou essa quantia, Aurélia pôde pagar as despesas; mas estas cresceram com a doença da mãe; e brevemente não houve com que mandar ao mercado comprar um frango para o caldo da enferma. Foi só nessa ocasião que Aurélia cedeu às insistências do Dr. Torquato Ribeiro e recebeu dele emprestados **cinquenta** mil-réis. Até então rejeitava sempre o seu oferecimento e esforçava-se por lhe ocultar a pobreza em que se achava.

É verdade que Aurélia esperava receber a cada instante os socorros que pediu ao avô. Lhe escreveu logo que a doença da

Senhora

mãe se agravou; e se admirava de não receber resposta, nem ter notícias da fazenda. A razão só depois a soube. De volta à fazenda achou Lourenço Camargo um bando de malandros, que se diziam seus sobrinhos, e com eles as respectivas mulheres e a corja dos marmanjos e sirigaitas, que formavam a ninhada dessa parentela. O Camargo não os podia suportar; para se ver livre deles deixava-se enganar uma vez no ano, mas não permitia que demorassem em sua casa mais do que uma noite, se fazia tempo ruim.

Imagine-se pois como ficou o velho, quando aí os achou de uma vez, com os seus apêndices e muito à vontade. Mas a raiva de Camargo não teve limites, quando os intrusos tiveram o descaramento de confessar o motivo que ali os reunia.

Souberam de fonte certa que o velho tinha feito testamento na Corte e, segundo as suas desconfianças, deixava todos os bens a uma rapariga, filha de certa mulher perdida, antiga amante de Pedro Camargo.

Por causa disto, haviam-se reunido e ali estavam para declarar ao tio que não aceitavam jamais semelhante privação. Se, como esperavam, ele não reparasse o seu erro, para o que já traziam o escrivão de paz, o preveniam desde logo que anulariam esse testamento, pela alegação de ser ele pessoa indigna. Neste ponto, apoiavam-se no voto de um advogado, de que por cautela tinham acompanhado.

O velho Camargo se conteve durante esta exposição; mas como se contém a torrente que sobe para romper o dique e a tempestade que se condensa até desabar. A pequena bolsa de tartaruga voou pelos ares a um murro do Camargo, que, apanhando uns arreios de mula cargueira, suspensos à varanda, caiu na parentela e a dispersou a golpes de couro e ferro. Homens, mulheres e meninos, tudo foi escorraçado. Ao mesmo tempo, o fazendeiro gritava pelos escravos e, os armando de cordas e correias de açoitar animais, enxotava de casa a praga que a tinha invadido. Só depois que a deixou na estrada com as trouxas e malas de bagagem, voltou o velho.

Mas o corpo forte, que, apesar dos setenta anos, desenvolveu aquele assombroso esforço físico, não pôde resistir à explosão da raiva que arruinou sua alma. Quando não teve mais em quem descarregar a indignação, esta lhe subiu ao cérebro e

o fulminou. O ataque o paralisou completamente; a vitalidade de sua organização lutou cerca de dois meses, até que afinal se extinguiu. Em todo esse tempo não deu notícia de si. As cartas de Aurélia ficaram na gaveta, onde as guardou o administrador.

Com diferença de dias veio a falecer também D. Emília, deixando Aurélia em completa orfandade. Nesse transe cruel, o Dr. Torquato Ribeiro não abandonou a moça e foi a pedidos dele que D. Firmina Mascarenhas levou a órfã para sua casa. À exceção dessa parenta afastada, nenhuma outra pessoa da família apareceu ou mandou à casa de Aurélia, durante a enfermidade da mãe e depois do falecimento. O Lemos e sua gente não deram sinal.

VIII

Aceitando a companhia de D. Firmina, não era intenção de Aurélia se tornar pesada à sua parenta. Passados os oito dias de luto, enviou pelo Dr. Torquato Ribeiro um anúncio ao jornal, oferecendo mediante condições razoáveis seus serviços como professora de colégio ou mestra em casa de família. Estava porém disposta a descer até a profissão mais modesta de costureira ou mesmo de acompanhante de alguma senhora idosa. Passou mais de um mês sem que aparecesse coisa séria. Apenas se apresentaram alguns desses farejadores de aventuras baratas. D. Firmina porém percebeu sua manha e os despediu da escada, sem consentir que vissem a moça.

Pensava Aurélia em mandar outro anúncio, quando a procurou um negociante, que andava procurando nova morada. Era o correspondente do falecido Camargo, que vinha comunicar à moça o falecimento do fazendeiro.

— A senhora tem em seu poder um papel, que o meu amigo lhe deu para guardar, me recomendando que, no caso de lhe acontecer alguma coisa, lhe avisasse para abri-lo. Parece que tinha um pressentimento.

O papel continha o testamento em que Lourenço de Sousa Camargo reconhecia e legitimava como seu filho Pedro Camargo, que foi casado com D. Emília Lemos, declarando que, à sua neta D. Aurélia Camargo, nascida de um legítimo matrimônio, instituíra sua única e universal herdeira.

Ao testamento, juntou o velho uma relação detalhada de todas as suas posses, escrita do próprio punho, com várias explicações relativas a alguns pequenos negócios pendentes e conselhos sobre a futura direção dos negócios. Calculava-se o patrimônio de Camargo em mil contos ou perto disso. Apenas divulgou-se a notícia de ter Aurélia herdado tamanha riqueza, e vieram a sua casa todos os parentes, e à frente deles o Lemos com sua turma.

Enquanto a mulher e as filhas sufocavam de agrados e bajulações interesseiras a órfã, a quem tinham faltado quando pobre com a mais trivial caridade, o Lemos, bom em negócios,

arranjava do juiz de órfãos a nomeação de tutor da sobrinha.

De primeiro impulso, Aurélia pensou em se revoltar contra essa nomeação, mostrando ao juiz a infame carta que lhe escreveu o tio; mas, além de lhe repugnar o escândalo, lhe sorriu a **ideia** de ter um tutor a quem dominasse. Aceitou pois o tio, mas com a condição que já sabemos, de morar em casa sua e não ter relações com uma família cuja presença lhe recordava a ofensa feita à sua mãe. Isso mesmo disse à tia e às primas, quando estas se esforçavam por cobri-la de carícias.

A riqueza, que lhe veio inesperada, a erguendo subitamente da indigência ao pico, operou em Aurélia rápida transformação; não foi, porém, no caráter nem nos sentimentos que se deu a revolução; estes eram inalteráveis, tinham a fina moral de seu coração. A mudança se consumou apenas na atitude, se assim podemos dizer, dessa alma perante a sociedade.

Com uma existência calma e um amor feliz, Aurélia teria sido meiga esposa e mãe cuidadosa. Atravessaria o mundo como tantas outras mulheres envolta na pureza das ilusões, que são a alva pura do anjo peregrino na terra. Mas a flor de sua juventude, ela a viu desabrochar na atmosfera impura das seduções que a perseguiram. Sem o natural orgulho que protegia sua castidade, talvez que o hábito do vício lhe manchasse a alma. Mas teve força para se fechar e viveu de seus próprios sonhos.

Analisando o seu ideal com o aspecto sujo que lhe apresentava a sociedade, era natural que a desprezasse e olhasse o mundo como um desses lamaçais podres, mas cobertos por folhagem estrelada de flores brilhantes, que não se podem colher sem atravessar o lodo. Daí o terror que sentia ao se ver próxima desse abismo de maldades e o afastamento a que se desejava condenar. Muitas vezes lhe revoltavam a alma as desonras de que era vítima e até mesmo as ofensas cujo eco chegava a seu retiro. Mas que podia ela, frágil menina, em véspera de orfandade e abandono, contra a formidável besta de mil cabeças?

Quando a riqueza veio surpreendê-la, ela que não tinha mais com quem a partilhar, seu primeiro pensamento foi que era uma arma. Deus lhe enviava para dar combate a essa sociedade corrompida e vingar os sentimentos nobres maltratados pelo bando de interesseiros.

Se preparou, pois, para a luta, à qual talvez sustentasse

Senhora

principalmente a **ideia** do casamento que veio a realizar mais tarde. Quem sabe, se não era a ofensa de Fernando Seixas que ela punia com o descaso e a humilhação de todos os seus adoradores?

Logo nos primeiros dias que se seguiram à abertura do testamento, Aurélia tratou de pagar as dívidas de sua mãe e recompensar os serviços que lhe haviam prestado durante a enfermidade de D. Emília várias pessoas pobres da vizinhança. Nessa ocupação, a ajudava o Dr. Torquato Ribeiro, com quem ela se aconselhava, principalmente sobre negócios da tutela. O bacharel não advogava, mas consultava os colegas para satisfazer a menina e dirigi-la com acerto.

— Também temos uma dívida para pagar entre nós dois, disse Aurélia; mas essa fica para depois. Não lhe pago agora.

— Uma ninharia!, disse Ribeiro.

— Oh!, não sabia que era tão rico.

— Sou pobre, bem sabe, D. Aurélia.

— Sei; se fosse rico, nunca seria sua devedora. A despesa que fez com o enterro de minha mãe deve lhe fazer falta.

— Perdão, não fui eu.

— Quem foi, então?, perguntou Aurélia no auge da surpresa. Ribeiro tirou a carteira.

— Nunca lhe falei nisso com medo de angustiá-la. No dia do falecimento de D. Emília, saí, como sabe, para tratar do enterro; já tinha dado muitas voltas inúteis quando recebi esta carta sem assinatura. Aceitei, porque não havia outro recurso; eu não tinha vinte mil-réis. A carta continha estas palavras apenas: “Previne-se ao Sr. Dr. Torquato da Costa Ribeiro que o enterro da Sra. D. Emília Camargo já foi encomendado e pago por uma parenta da mesma senhora.”

Aurélia leu a carta cuja letra lhe era desconhecida e guardou.

— Então lhe devo somente **cinquenta** mil-réis, que pagarei quando for maior. Agora lhe peço que receba esta lembrança.

A lembrança era o retrato da moça em um quadro de ouro maciço, cravejado de brilhantes, cujo valor bruto, desprezada a arte, valia um conto de réis. O bacharel compreendeu a intenção da moça, que era lhe dar por aquela forma delicadíssima um auxílio financeiro de que ele bem precisava. Refletiu um instante

e resolveu aceitar com franqueza e sem falsa modéstia.

— Agradeço o presente, D. Aurélia. Acima de tudo, mais ainda do que o próprio retrato, aprecio nele o que a senhora ocultou. Suas feições são apenas a cópia da beleza; a intenção é o reflexo da alma que Deus lhe deu.

Foi depois de passados os seis meses de luto que Aurélia apareceu na sociedade. Tinha ela ensaiado para seu papel. Desde o primeiro momento em que se apresentou nos salões, firmou neles seu império e tomou posse desse bando dominado, cujo destino é bajular as reputações que se impõem. Foi encontrada deslumbrando a multidão com sua beleza e provocando a fome do ouro nos cavalheiros do jogo de cartas matrimonial. **Alegrava-se** em arrastar após si, os lançando pelo pó e os golpeando com o sarcasmo, esses sócios e rivais de Fernando Seixas, ansiosos de se venderem como ele, ainda que por maior preço.

Por isso os tinha reduzido à mercadoria ou objeto, lhe fazendo a cotação, como se usava antigamente com os lotes de escravos. Aquele marido de maior preço a que ela se referia não era outro senão seu antigo amante, que a desprezou por ser pobre.

No meio deste amargor que lhe inspirava a sociedade, não perdeu Aurélia de todo a crença na nobreza da alma, sabia respeitá-la onde quer que a descobrisse. Assim, quando algum homem honesto, sinceramente seduzido pelos dotes de sua pessoa e não pelo brilho da riqueza, buscava conquistá-la, ela portava-se com ele de modo inteiramente diferente. O acolhia com afabilidade e distinção; mas aproveitava o primeiro momento para fazer desaparecer toda sua esperança. Só com os caçadores de dotes era falsa, se tal nome se pode aplicar à constante mentira e humilhação a que submetia seus apaixonados.

Encontrou Aurélia uma vez na sociedade Eduardo Abreu, já de volta da Europa. Soube que tinha dissipado a herança e ficou reduzido à pobreza. Já que ele evitou falar com ela, a moça se dirigiu a ele e insistiu para que **frequentasse** sua casa. Abreu lhe fez uma visita de cerimônia. A moça inventou um pretexto qualquer para uma carta urgente e mandou buscar o tinteiro. De repente se voltou para o moço e lhe pediu que escrevesse um recado a certa loja.

Aurélia examinou a letra e murmurou consigo:

— Eu tinha adivinhado!

Senhora

Não disse uma palavra a Abreu sobre isto. Por aqueles dias houve quem pagasse as contas que o moço tinha em várias casas da Rua do Ouvidor, que já não lhe queriam vender fiado. A primeira vez que a moça se encontrou com Abreu depois do incidente lhe perguntou:

— Ainda me ama?

Ele corou.

— Já não tenho esse direito.

— Lembre-se do que lhe disse uma vez. Se eu me libertar de meu cativo, minha mão lhe pertence. Não a querendo o senhor, ninguém mais a terá neste mundo.

O Dr. Torquato Ribeiro não pôde resistir à paixão que nutria pela Adelaide Amaral. Com o tempo e a ausência do rival foi desaparecendo o primeiro ressentimento; e, como o procedimento de Seixas já causava estranheza, não demorou a reconciliação.

Aurélia percebeu que o bacharel estava cada vez mais apaixonado. Era uma verdadeira recaída. No começo se admirou desse perdão:

— E eu? Não amo um homem que não somente me esqueceu por outra, mas que se rebaixou?

Pensou então em favorecer esse amor do Ribeiro, o que obteve ajudando na realização do projeto que nutria e a cuja realização assistimos.

Estes foram os acontecimentos que ocorreram antes de encontrarmos pela primeira vez nos salões a Aurélia Camargo.

IX

Tornemos ao quarto do casal, onde se representa a primeira cena do drama original, de que apenas conhecemos o prólogo. Os dois atores ainda conservam a mesma posição em que os deixamos. Fernando Seixas, obedecendo automaticamente a

Aurélia, sentou-se e fitou na moça um olhar surpreso. A moça arrastou uma cadeira e se colocou de frente para o marido, cujas faces queimava o seu hálito abrasado.

— Não preciso lhe dizer que amor foi o meu, e que adoração lhe votou minha alma desde o primeiro momento em que o encontrei. Sabe o senhor e, se o ignora, sua presença aqui nesta ocasião já lhe revelou. Para que uma mulher sacrifique assim todo seu futuro, como eu fiz, é preciso que a existência se tornasse para ela um deserto, onde não resta senão o cadáver do homem que a arrasou para sempre.

Aurélia apertou o seio com a mão para comprimir a emoção que a ia dominando.

— O senhor não retribuiu meu amor e nem o compreendeu. Supôs que eu lhe dava apenas a preferência entre outros namorados e o escolhia para herói dos meus romances, até aparecer algum casamento, que o senhor, moço honesto, apreciaria para colher na sombra o fruto de suas flores poéticas. Bem vê que eu o diferencio dos outros, que ofereciam brutalmente, mas com franqueza e sem disfarce, a perdição e a vergonha.

Seixas abaixou a cabeça.

— Soube que não me amava, como eu desejava e merecia ser amada. Mas não era sua a culpa e só minha que não soube lhe inspirar a paixão, que eu sentia. Mais tarde, o senhor me retirou essa mesma afeição com que me consolava e a transportou para outra, em quem não podia encontrar o que eu lhe dei, um coração virgem e cheio de paixão com que o adorava. Entretanto, ainda tive forças para lhe perdoar e amá-lo.

A moça agitou então a testa com uma vibração altiva:

— Mas o senhor não me abandonou pelo amor de Adelaide, e sim por seu dote, um mesquinho dote de trinta contos! Eis o que não tinha o direito de fazer, e que jamais lhe podia perdoar! Me mandasse embora, mas não descesse da altura em que o havia colocado dentro de minha alma. Eu tinha um ídolo; o senhor o abateu de seu pedestal e o atirou no pó. Essa degradação do homem a quem eu adorava, este é o seu crime; a sociedade não tem leis para puni-lo, mas há um remorso para ele. Não se assassina assim um coração que Deus criou para amar, plantando nele a descrença e o ódio.

Seixas, que tinha curvado a cabeça, a ergueu de novo e fitou

Senhora

os olhos na moça. Conservava ainda as feições contraídas, e gotas de suor borbulhavam na raiz de seus belos cabelos negros.

— A riqueza que Deus me concedeu chegou tarde; nem ao menos me permitiu o prazer da ilusão, que têm as mulheres enganadas. Quando a recebi, já conhecia o mundo e suas misérias; já sabia que a moça rica é um arranjo e não uma esposa; pois bem, disse eu, essa riqueza servirá para me dar a única satisfação que ainda posso ter neste mundo. Mostrar a esse homem que não me soube compreender que mulher o amava e que alma perdeu. Entretanto, ainda eu alimentava uma esperança. Se ele recusar nobremente a proposta desonrosa, eu irei me lançar a seus pés. Eu lhe suplicarei que aceite a minha riqueza, que a gaste se quiser; me permita que eu o ame. Essa última consolação, o senhor a arrancou. Que me restava? Amarrar o cadáver ao assassino, para expiação da culpa; o senhor me matou o coração, era justo que o prendesse aos restos de sua vítima. Mas não se desespere, o suplício não pode ser longo: este constante martírio a que estamos condenados acabará por me extinguir o último suspiro; o senhor ficará livre e rico.

Proferidas as últimas palavras com um tom de indefinível ironia, a moça tirou o papel que trazia preso à cinta e o abriu diante dos olhos de Seixas. Era um cheque de oitenta contos do Banco do Brasil.

— É tempo de concluir o negócio. Dos cem contos de réis, em que o senhor se avaliou, já recebeu vinte; aqui tem os oitenta que faltavam. Estamos quites, e posso chamá-lo meu; meu marido, pois é este o nome de convenção.

A moça estendeu o papel que sua mão fechada amarrotava. Seixas permaneceu imóvel como uma estátua; apenas duas rugas profundas cortavam suas faces desde o canto dos olhos até os lábios. Afinal, o papel escapou-se dos dedos trêmulos da moça e caiu sobre o tapete aos pés de Fernando.

Seguiu-se um momento de silêncio, ou, antes, de espanto. Aurélia se irritava com a invencível mudez de Seixas e talvez a atribuía a uma cínica insensibilidade moral. Pensava resgatar os nobres estímulos de um homem ainda capaz de se reabilitar da fragilidade a que foi arrastado, mas achava um indivíduo tão anestesiado já em seu pudor que não se revoltava contra

a maior das humilhações. Aurélia soltou dos lábios um agudo, parecendo um sorriso.

— Agora podemos continuar a nossa comédia, para nos divertir. É melhor do que estarmos aqui mudos um de frente do outro. Tome a sua posição, meu marido; se ajoelhe aqui a meus pés e venha me dar seu primeiro beijo de amor... Porque o senhor me ama, não é verdade, e nunca amou outra mulher senão a mim?...

Seixas se ergueu; sua voz afinal saiu calma dos lábios, porém vigorosa:

— Não; não a amo.

— Ah!

— É verdade que a amei; mas a senhora acaba de esmagar a seus pés esse amor; aí fica ele para sempre sepultado na degradação em que o arremessou. Eu só a amaria agora se quisesse insultá-la; pois que maior afronta se pode fazer um miserável a uma senhora do que marcá-la com a mancha de sua paixão. Mas fique **tranquila**; ainda que a raiva, que não sinto, me dominasse, há uma vingança que não teria forças para exercer: amá-la.

Aurélia se ergueu de forma violenta.

— Então me enganei?, exclamou a moça com estranha ira. O senhor me ama sinceramente e não se casou comigo por interesse?

Seixas demorou um instante o olhar no semblante da moça, para beber suas palavras:

— Não, senhora, não se enganou, disse afinal com o mesmo tom frio. Me vendi; lhe pertenço. A senhora teve o mau gosto de comprar um marido desonrado; aqui o tem como o desejou. Podia ter feito de um caráter, talvez gasto pela educação, um homem de bem, que se enobrecesse com sua afeição; preferiu um escravo branco; estava em seu direito, pagava com seu dinheiro, e pagava generosamente. Esse escravo aqui o tem; é seu marido, porém nada mais do que seu marido!

As faces de Aurélia se avermelharam, ouvindo essa palavra acentuada pelo sarcasmo de Seixas.

— Me ajustei por cem contos de réis; continuou Fernando; foi pouco, mas o negócio está concluído. Recebi como sinal da compra vinte contos de réis; falta-me arrecadar o resto do preço, que a senhora acaba de me pagar.

Senhora

O moço se curvou para apanhar o cheque. Leu com atenção o algarismo e, dobrando lentamente o papel, o guardou no bolso.

— Quer que lhe passe um recibo?... Não confie na minha palavra. Não é seguro. Enfim estou pago. O escravo entra em serviço.

Soltando estas palavras de maneira muito **tranquila**, que parecia indicar um descaramento, Fernando se sentou outra vez em frente da mulher.

— Espero suas ordens.

Aurélia, que até esse momento escutava com ansiedade, reconhecendo no semblante do marido e através de suas palavras um sintoma de indignação, disfarçada por aquela ousadia, cobriu com as mãos o rosto abrasado de vergonha.

— Meu Deus!

A moça tragou o soluço que lhe elevava o seio e, se refugiando no outro canto do sofá, como se temesse o contágio do homem a quem se unira pela eternidade, mergulhou profundamente no abismo de sua consciência revolta. Após longo trato, Aurélia, como se despertasse de um pesadelo, ergueu os olhos e encontrando de novo o semblante de Seixas que a observava com um sossego desdenhoso, teve um enérgico impulso de repulsão, ou antes de nojo.

— Minha presença a está incomodando? Porque assim o quer. Não é, senhora? Não tem direito de mandar? Ordene, que eu me retiro.

— Oh!, sim, me deixe!, exclamou Aurélia. O senhor me causa horror.

— Devia examinar o objeto que comprava, para não se arrepender!

Seixas atravessou o quarto do casal e desapareceu por essa porta que uma hora antes ele entrou cheio de vida e de felicidade, palpitante de júbilo e emoção, e que repassava levando a morte na alma.

Quando Aurélia ouviu o som dos seus passos que se afastavam pelo corredor, se lançou com um arremesso de terror e deu volta à chave. Depois quis fugir, mas arrastou uns passos cambaleantes e caiu sem sentidos sobre o tapete.

Terceira Parte

Posse

I

Chegando a seu aposento, Seixas nem teve tempo de se sentar. Se apoiou como um bêbado à cômoda que estava próxima ao corredor e ali ficou no espanto da alma, violentamente arruinada pela crise. Parecia uma criatura destruída, na qual resiste apenas um último sopro. Sua respiração angustiada produzia som agudo nos lábios, como as agitações do moribundo. E era este o único sinal de vida, nesse ser jovem e rico de vigor.

De repente saiu daquele entorpecimento, mas foi preciso um grande esforço para se arrancar da loucura que o invadia. Em seu rosto, se desenhou o pavor que havia se apoderado dele, com a **ideia** de que a vida o abandonava, ou pelo menos de que a luz da alma ia se apagar.

— Deus! Não me tires a vida neste momento. Agora mais do que nunca preciso de minha razão.

Seixas se moveu pelo aposento a passos rápidos, esbarrando na mobília, batendo nas paredes; alucinado e ao mesmo tempo sendo levado pelo desejo de arrancar a obsessão que o aniquilou. Correu pela casa um olhar ansioso, buscando algum objeto a que seu espírito se agarrasse, como o náufrago se apegava

Senhora

ao menor fragmento no meio das ondas. A rica penteadeira, iluminada por dois castiçais de cristal com velas cor-de-rosa, mostrava os primores do luxo. Então, nessa alma rendida, brilhou uma centelha.

Seixas se aproximou da penteadeira, levado por um impulso; e contemplou detalhadamente os objetos colocados em cima da mesa de mármore; trabalhos de marfim, vasos e grupos de porcelana fosca, taças de cristal lapidado, **joias** do mais apurado gosto. À proporção que se absorvia nisso, ia relembrando a sua existência anterior, a que viveu até o momento do desastre que o mergulhou. Sentia-se renascer para esse fino e delicado materialismo, que tinha para seu espírito aristocrático tão poderosa sedução e tão meiga sensualidade. Todos esses caprichos da arte lhe pareciam estranhos e despertavam nele emoções desconhecidas; tal era o abismo que o separava do recente passado. Era com uma ânsia infantil que os examinava um por um, não sabendo em qual se fixar. Fazia cintilar os brilhantes aos raios de luz; e aspirava a fragrância que se exalava dos frascos de perfumaria com enorme prazer.

Nessa fútil ocupação, demorou muito tempo. Por acaso sua memória, atraída pelas lembranças que surgiam dos objetos idênticos a esses, remontava o curso de sua existência, e, o descendo, o trazia depois àquela noite fatal em que se achava e à dolorosa realidade desse momento. Recuou com um gesto de repulsão. Esses primores de arte que pouco antes lhe acariciavam a imaginação agora lhe inspiravam nojo. Se afastou da penteadeira e chegou à janela. A noite estava calma e serena. No céu coberto de estrelas, a brisa acariciava algumas nuvens alvas como a penugem das garças. Uma onda vibrante produzia sons na bacia de mármore, que alcançavam os grandes cálices, coberta de orvalhos. O arvoredado, que se recortava de forma bizarra no horizonte luminoso como um relevo gótico, tremia com o doce arrepio do vento, que salpicava os aromas das rosas e das magnólias.

Seixas parou um instante para contemplar a doce **tranquilidade** da natureza. Essa calma suave da noite o penetrou. Sua alma relaxou. Apoiando o rosto na ombreira da janela, deixou cair as lágrimas que lhe pesavam o peito. Depois desse pranto que o aliviou, Seixas se aproximou da elegante escrivanhinha e

a abriu. Ainda chegou a puxar a pasta de tecido vermelho. Na aba superior, dentro de um enfeite branco, aparecia bordado em ouro o seu monograma, F.R.S., entrelaçados. Olhou alguns instantes maquinalmente essas letras que configuravam um enigma para ele. Que significação tinha isso depois do desenlace que momentos antes o havia arremessado à maior baixeza?

Afinal, tomou a decisão que o levou à mesa. Estendeu sobre a pasta uma folha de papel e se preparou para escrever uma carta. Mas a pena parou ao penetrar no bocal do tinteiro. Seixas a retirou com vivacidade e examinou inquieto os bicos. Os vendo intactos, se ergueu com pressa e percorreu o aposento.

Ao fim de algum tempo voltou à penteadeira, com um modo decidido. Mudou de resolução. Abriu as gavetas e guardou nelas cuidadosamente todos os objetos de preço que ali havia.

Concluída a tarefa, trancou o móvel e o mesmo fez a todos os outros de que poucas horas antes o Lemos lhe tinha mostrado. Apesar da recomendação do tutor de Aurélia, Seixas tinha pela manhã enviado uma escrivaninha em cujas gavetas inferiores acomodou a melhor roupa de seu uso, branca e exterior.

Procurou esse objeto e, o achando, em um quarto próximo onde o tinham colocado, verificou se realmente ali estava a roupa; e teve, ao achá-la, grande satisfação. Tirou de si o rico roupão de seda, as chinelas de veludo; e se vestiu com um traje mais modesto, dos que trouxe.

Na escrivaninha havia charutos. Acendeu um e se sentou à janela. Se sentiu com forças de encarar a situação a que foi arrastado e a crise em que se achava sua existência.

No meio das reflexões amargas que lhe despertava a recordação da cena recente, das revoltas por muito tempo contidas de sua dignidade contra o orgulho da mulher que o humilhava, flutuava um sentimento que afinal se desprende da confusão de seus pensamentos e o dominou.

Esse sentimento era a intensa admiração que lhe inspirava a energia e força do amor de Aurélia. Havia nessa paixão que acabava de insultá-lo uma beleza feroz, que inspirava nele um entusiasmo cheio de espanto.

— Não compreendi esse amor... E como podia eu compreendê-lo?... Se alguém me dissesse o que se acaba de passar comigo, eu receberia semelhante conto com um sorriso de

Senhora

quem não acredita. Que antigamente, quando a família tirava a mulher da sociedade, a paixão subisse a esse auge e absorvesse uma existência inteira... “Então não havia tempo de se amar mais de uma vez, e o amor deixava a alma sem forças. Mas, como atualmente a mulher vive cercada de adoradores e todos se ajoelham ante sua beleza, o amor não é mais do que um capricho, uma doce preferência, um terno sonho, até que se transforme na amizade conjugal. Assim o imaginei sempre, assim o senti e me foi retribuído. Quando Aurélia me falava de sua afeição, estava bem longe de pensar que ela nutrisse uma paixão capaz de tais atos. Pensava que eram romantismos. Não os tinha eu também? Não jurei tantas vezes um amor eterno, que no dia seguinte se despetalava em uma valsa? Esse amor que eu supunha uma ilusão de poeta, um sonho da imaginação, aí está em sua realidade. Suas asas de fogo roçaram minha alma e a queimou para sempre!...”

Seixas ficou um momento sem reação ante a imagem que se lhe desenhava no pensamento representando a figura de Aurélia, quando, tomada de raiva, o cobria de amargas críticas.

— Uma paixão como a sua tinha direito de ser implacável!... E essa mulher que se deu a mim com o mais sublime sacrifício, essa mulher a quem o destino me ligou eternamente, essa mulher única, eu a admiro e não posso amá-la nunca mais! A encontrei em meu caminho, e a perdi para sempre! Também não amarei outra. Depois de a ter conhecido, não mancharei minha alma com a afeição de mulher alguma.

A manhã já surgia no horizonte. Uma brisa mais fresca se derramava no espaço, e os primeiros cantos das aves se misturavam com os rumores confusos da cidade, que ia acordando por trás dos muros da chácara. Seixas desceu ao jardim e percorreu os caminhos cheios de curva do campo artificial coberto de fina grama. Os tabuleiros de margaridas e violetas, abertas ao primeiro raio de sol, enfeitavam com suas coroas coloridas o verde tapete do gramado. Samambaias e avencas se espalhavam compondo graciosas cortinas com os ramos de flores caprichosas. Os botões das camélias e magnólias, cheios de orvalho da frescura da noite, esperavam o calor do dia para desabrochar, enquanto as flores da véspera, que tinham o seio preso à tarde, o abriam de novo, mais pálido e sensual, para se



SCHLESSEK

Senhora

despedir do sol, que lhe tinha dado a vida e a retirado, como o caprichoso artista.

Seixas, como homem de sociedade que era, conhecia a natureza apenas de tradição, ou quando muito de vista. As árvores, as flores, as perspectivas eram para ele ornamentos, que se confundiam com os tapetes, cortinas, objetos e toda forma de adereços inventados pelo luxo.

Por viverem em um mundo de convenção, esses homens de sociedade se tornam artificiais. A natureza para eles não é a verdadeira, mas essa fictícia, fruto do hábito e que alguns trazem do berço, pois aí os espera a moda para prendê-los, transformando a mãe em uma simples produtora de filhos.

Frequentemente, em seus versos, Seixas falava de estrelas, flores e brisas, de que tirava imagens para exprimir a graça da mulher e as emoções do amor. Pura imitação: como em geral os poetas da civilização, ele não recebia essas impressões da realidade, e sim de uma variada leitura. Originais somente são aqueles artifícios da natureza, musa inesgotável porque é divina. Para isso é preciso ou nascer nas idades primitivas, ou desprezar a sociedade e se refugiar na solidão.

Naquele momento porém, assistindo ao romper do dia, ali no meio do jardim, Seixas sentia que, além das cores brilhantes, das formas graciosas e dos perfumes, havia alguma coisa de imaterial que palpitava no centro desse lugar e que penetrava em seu ser. Era a alma da criação que o envolvia e associava com a sua alma à encantadora serenidade da límpida e fresca manhã.

Com a calma que se derramou em seu espírito, ainda mais se fortaleceu a resolução tomada pouco antes. Encheu-se dessa fria resignação, que imprime na alma um comportamento inflexível. Um rumor que se levantava ali perto o tirou de suas cogitações. Voltou-se e reconheceu que estava próximo à grade exterior, escondida nesse lugar pela folhagem do arvoredor. Afastou os ramos e se aproximou para conhecer a causa do ruído. Talvez temesse que o estivessem espreitando e talvez fosse movido por essa curiosidade fútil que se apodera do homem, a quem um abalo violento arrancou às preocupações habituais.

Um comerciante de quinquilharias colocou na calçada a caixa que trazia a tiracolo e, sentado no chão, com as costas apoiadas ao muro, fazia suas contas e conferia a mercadoria. Ou

madrugou com intenção de estender seu percurso ou, apanhado pela noite longe da casa, ficou em alguma pousada e ia agora se recolhendo, o que parecia mais provável. Na tampa emborcada da caixa, viam-se vários objetos pregados, que atraíram especialmente a atenção de Seixas.

Fez ele um movimento para diante, como se quisesse chamar o comerciante. Se retraiu porém com vergonha; parecia que esteve praticando coisa errada, da qual o censurou em tempo sua razão. Como quer que fosse, ao fim de alguma indecisão, venceu a primeira aversão, mas não a ponto de praticar o ato que planejava. Lançou pelos arredores um olhar investigador e, verificando que a rua estava deserta, estendeu o braço fora da grade e bateu no ombro do comerciante:

— *Chi va*²⁴..., exclamou o vendedor, voltando-se.

Não viu as feições de Seixas, que se afastou da grade e se escondia por trás da folhagem; mas percebeu uma nota de dois mil-réis que flutuava acima da cabeça e tinha para ele certamente mais encanto do que a fisionomia do freguês.

— Um pente e uma escova de dentes, disse Seixas em tom rápido. Depressa!

— *Questo?*²⁵, perguntou o comerciante, tirando da tampa um pente de búfalo.

— Sim, qualquer um. Não posso esperar.

O comerciante passou os objetos, pegou a nota e, querendo dar o troco, percebeu que o freguês havia desaparecido.

— *Che birbone!*²⁶

Entendeu o comerciante que um dinheiro assim atirado fora com tanto desamor era furtado; e por cautela foi arrumando a trouxa e saindo dali, antes que lhe surgisse alguma complicação. Entretanto, Seixas se dirigia a seus aposentos com receio de que o descobrissem no jardim àquela hora da manhã e suspeitassem do que ocorreu. A casa, porém, não dava o menor sinal do movimento diário.

Todos com certeza dormiam ainda sob a influência da festa nupcial. Fazendo esta observação, se lembrou Fernando

²⁴ Em tradução livre, do italiano “Quem é?”.

²⁵ Em tradução livre, do italiano “Este?”.

²⁶ Em tradução livre, do italiano “Que patife!”.

Senhora

da posição em que deixou Aurélia na véspera e se perguntou que teria ela feito nessa longa noite de agonia. Naturalmente passou se maravilhando na alegria da humilhação que lhe impôs e, afinal saciada dessa vingança brutal, adormeceu na febre de seu orgulho.

Se, ao atravessar o jardim, ele examinasse disfarçadamente as janelas desse lado da casa, talvez satisfizesse em parte sua curiosidade. Uma das brancas cortinas estendidas por trás da vidraça tinha-se preenchido de uma vaga sombra interior que desenhava o contorno delicado de um busto.

Já era sol alto quando Seixas ouviu mexer na maçaneta da porta, que de seus aposentos dava para o interior da casa. Era sem dúvida o criado que vinha preparar seu banho da manhã. Achando a porta fechada e pensando que não era preciso bater àquela hora, se retirou. Havia água no jarro de porcelana de Sèvres²⁷, que enfeitava o rico lavatório. Seixas esteve em dúvida algum tempo; mas pensando que a louça não perdia o seu verniz de novidade por ser molhada uma vez, resolveu lavar o rosto no serviço luxuoso. Usou, porém, o pente e a escova que havia comprado.

Terminando, enxugou com uma toalha a bacia e o lavatório; trancou em sua escrivaninha os objetos que o podiam denunciar; e, abrindo a porta da frente, sentou-se, já vestido e pronto com seu costumado cuidado na cadeira, à espera... Nem ele sabia de quê. Depois da decepção que o derrubou do cúmulo da felicidade àquela incrível situação, podia ele conhecer que peripécias ainda lhe reservava o drama em que se agitava sua existência?

Com pouco apareceu o criado.

— O senhor já está pronto? Eu vim preparar o banho, mas achei a porta fechada.

— Nada faltou, respondeu Seixas.

— O senhor ordena que lhe traga os jornais a seu gabinete, para os ler logo ao acordar, ou quer que fiquem na saleta?

— Onde ficavam até agora?

²⁷Manufatura Nacional de Sèvres, considerada a mais importante fábrica de porcelana da França.

— Na saleta...

— É melhor assim.

— É como o senhor mandar. Foi a ordem que recebi.

O criado lançava um olhar pelo aposento, muito admirado da ordem em que encontrava todos os objetos, inclusive os adereços do lavatório.

— O cocheiro pergunta se o senhor quer sair antes do almoço. De carro ou a cavalo?

— Não, obrigado.

— A Diana já está selada. Mas em um momento pode-se mudar a sela para o Néelson, ou aprontar-se a carruagem.

— Não é preciso.

— A que horas o senhor deseja almoçar?

— À hora do costume. Não há necessidade de alterar.

— Então às dez.

O criado se retirou para voltar uma hora depois:

— O almoço está na mesa.

— Quem mandou chamar?

— A senhora.

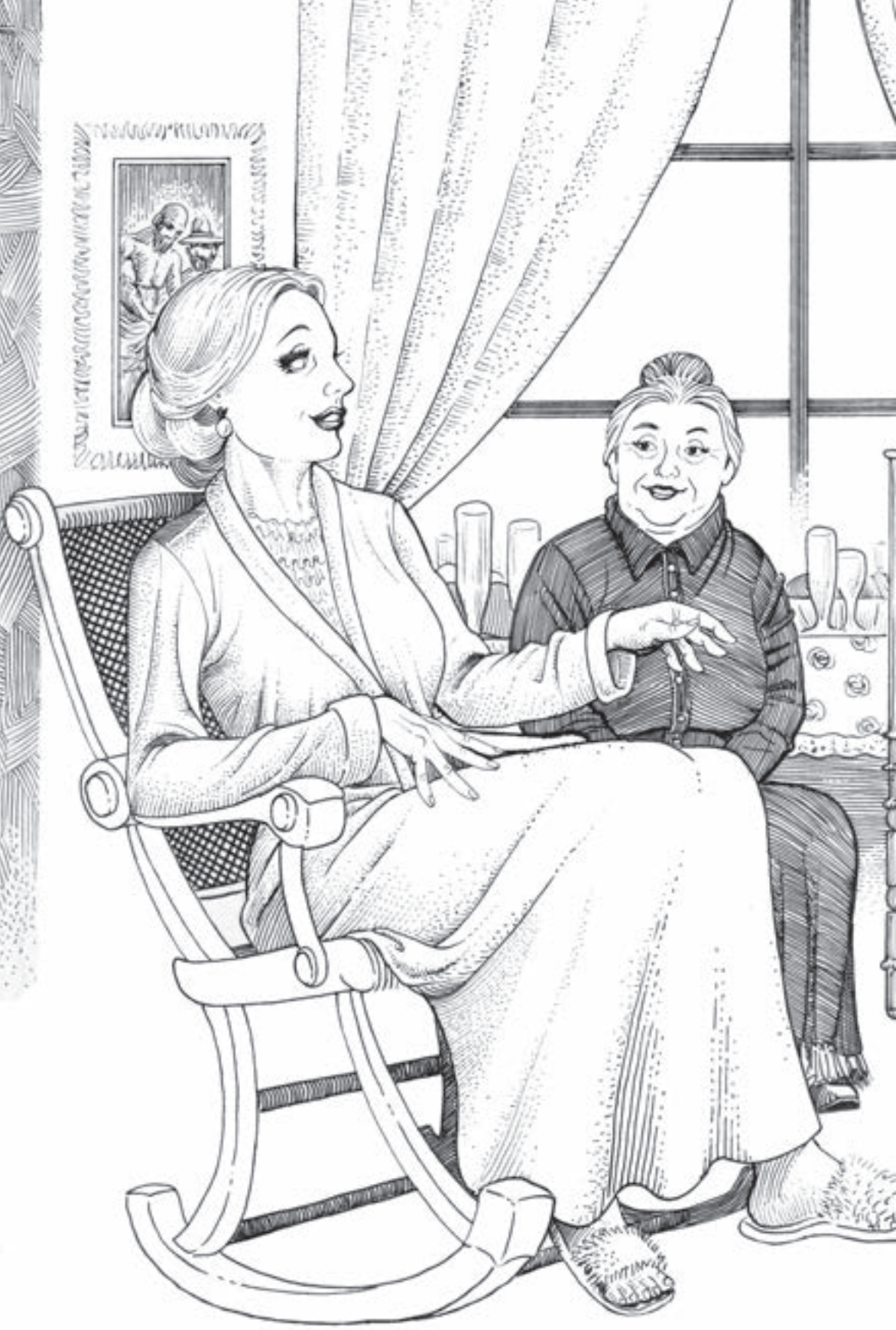
Seixas fez um aceno de cabeça e deixou-se conduzir pelo criado.

II

No centro da sala estava a mesa onde os mais finos cristais refletiam aos raios da luz, variando o esmalte da fina porcelana e as cores das frutas abarrotadas em cestas de prata. O almoço era um banquete, não pela quantidade, o que seria de mau gosto; mas pela variedade e delicadeza das iguarias.

Pelas janelas abertas sobre o jardim entravam, com a brisa da manhã e a claridade de um formoso dia de verão, a fragrância das flores e o canto dos canários de um elegante viveiro.

Achavam-se na sala Aurélia e D. Firmina.



A moça se recostou em uma cadeira de balanço no claro de uma janela, de modo que seu gracioso vulto surgia na plena luz. Ao vê-la radiante de beleza e risos, se acreditava que ela de propósito afrontava o esplendor do dia, para ostentar a pureza imaculada de seu rosto e sua graça inalterável.

Trajava um roupão de linho de brancura deslumbrante; eram azuis as fitas do cabelo e do cinto, bem como o cetim de um sapato raso, que lhe calçava o pé como uma pérola. Fernando parou um instante ao entrar na sala; depois do que, **firmando-se** na resolução tomada, se dirigiu a sua mulher para saudá-la. Todavia, não calculava ele de que modo desempenharia esse dever.

Aurélia viu o movimento. A saudação matinal do marido ia despertar suspeitas em D. Firmina. Seixas se adiantava. A moça se levantou lhe estendendo a mão e, inclinando a cabeça sobre o ombro com uma ligeira flexão, lhe apresentou a face, para receber o casto beijo da esposa.

Aquela mão, porém, estava gelada e dura, como se fosse de pedra. A face, pouco antes risonha e alegre, se contraiu de repente em uma expressão indefinível de indignação e desprezo. Fernando só reparou nessa mudança quando seus lábios roçavam a fria pele, cuja jovialidade se arrepiava como o **pelo** áspero do tecido. Se retraiu involuntariamente, embora naquela circunstância, a carícia dessa mulher, de quem era marido, o humilhasse mais do que sua repulsa.

— Vamos almoçar!, disse a moça se dirigindo à mesa e acenando ao marido e a D. Firmina que se aproximassem.

Já não se via em seu belo semblante o menor traço do sarcasmo que o perturbou; nem se conceberia que essa esplêndida formosura pudesse se transformar na satânica imagem que Fernando viu pouco antes.

Aurélia tomou a cabeceira da mesa. Fernando ficou à sua direita, em frente a D. Firmina. No começo a moça se ocupou unicamente em servir; depois, trincando nos alvos dentes a polpa vermelha de uma lagosta, animou a conversa com uma palavra viva e brilhante. Nunca ela tinha revelado, como nessa manhã, a graça de seu espírito e o brilho de sua imaginação. Também nunca o sorriso borbulhou de seus lábios tão florido; nem sua beleza se revelou como naquelas manifestações de contentamento.

Senhora

Seixas se distraiu a ouvi-la. Por tal modo ele mergulhou na sensação daquela conversa que chegou a esquecer por momentos a triste posição em que o colocou a fatalidade junto dessa mulher. Nas folgas que o apetite deixava à reflexão, D. Firmina se admirava do desembaraço que mostrava a noiva da véspera. Mas já habituada à inversão que têm sofrido nossos costumes com a invasão das modas estrangeiras, se convenceu a viúva que o último chique de Paris devia ser esse de trocarem os noivos o papel, ficando ao paletó o recato feminino, enquanto a saia alardeava a audácia do conquistador.

— Efeitos da emancipação das mulheres!, pensava consigo.

— Quer que lhe sirva esta salada ou aquela empada de caça?, perguntou Aurélia, notando que Seixas estava parado.

— Nada mais, obrigado.

Seixas tinha comido um bife com um pedaço de pão e bebido meio cálice do vinho que lhe ficava mais próximo, sem olhar o rótulo.

— Não almoçou!, tornou a moça.

— A felicidade tira o apetite, observou Fernando, sorrindo.

— Nesse caso eu devia jejuar, respondeu Aurélia gracejando. É que em mim produz o efeito contrário; estava com uma fome devoradora.

— Nem por isso tem comido muito, falou D. Firmina.

— Prove desta lagosta. Está deliciosa, insistiu Aurélia.

— Ordena?, perguntou Fernando simpático, mas com uma flexão particular na voz.

Aurélia deu uma risada.

— Não sabia que as mulheres tinham direito de dar ordens aos maridos. Em todo o caso eu não usaria do meu poder para coisas tão insignificantes.

— Mostra que é generosa.

— As aparências enganam.

A disputa deste diálogo era quase no mesmo tom de uma nascente familiaridade, próprio de dois noivos felizes; havia entonações e relances de olhos, que os estranhos não percebiam, e que eles sentiam furar como alfinetes escondidos entre as dobras do cetim.

Da sala de jantar, Fernando, acabado o almoço, passou à saleta de conversa, onde com pouca demora o acompanhou

Aurélia. D. Firmina, para não perturbar o momento dos noivos, saiu com a desculpa de encomendas.

Seixas tinha aberto rapidamente um dos jornais do dia, que estavam em uma bandeja com pés de bronze dourado, junto ao sofá. Quando Aurélia entrou, ele lhe ofereceu a folha que tinha em mão e as outras, à escolha.

— Agradeço, disse Aurélia se sentando no sofá.

O criado apresentava a Seixas um porta-charutos repleto de legítimos havanas²⁸, uma lâmpada de prata, em cujo bico cintilava uma chama azulada.

— Obrigado, tenho os meus, disse Fernando, recusando com um gesto os charutos oferecidos e tirando a carteira do bolso.

— E estes, de quem são?, perguntou vivamente Aurélia, apontando os havanas apresentados pelo criado.

Seixas fez um movimento para responder; se lembrando que não estavam sós, se retraiu:

— Me referia aos que trouxe comigo, disse frisando as últimas palavras.

— São melhores talvez.

— Ao contrário; mas estou habituado com eles. Não lhe incomoda a fumaça?

— Faria prova de mau gosto a senhora que atualmente mostrasse essas repugnâncias; além de que preciso me conformar com os hábitos de meu marido.

— Por este motivo, não. Como seu marido, não tenho hábitos, mas somente deveres.

Aurélia cortou o fio deste diálogo, perguntando com indiferença:

— Que trazem de novo os jornais?

— Ainda não os li. Que mais lhe interessa? Naturalmente a parte noticiosa, o folhetim...

Ao mesmo tempo abria Seixas as folhas uma após outra e, as percorrendo com os olhos, lia em voz alta para Aurélia o que encontrava de mais interessante. A moça fingia ouvi-lo; mas seu espírito repassava interiormente os últimos acontecimentos de sua vida e interrogava as incertezas do futuro, que ela mesma, em parte, havia traçado.

²⁸Charuto feito com tabaco cubano. Havana é a capital de Cuba.

Senhora

Todavia, a presença do criado fez com que ela reparasse que Seixas ainda ia acender o charuto.

— Não vai fumar?, perguntou ao marido.

— Permite?

— Já lhe disse que não me incomoda!, retorquiu a moça com impaciência.

— Me desculpe; não tendo recebido um consentimento formal, tive medo de contrariá-la.

— Há receios que mais parecem desejos!, observou a moça com ironia.

— O tempo a convencerá de minha sinceridade.

— O tempo!... Ah!, se realizasse tudo quanto dele se espera!, exclamou Aurélia com amarga zombaria.

Evitando esse ímpeto de sarcasmo, que mexeu com sua alma sensível, a moça se refugiou numa banalidade.

— O melhor é não confiar nele e viver do presente. O verdadeiro livro é o jornal com a crônica da véspera e os anúncios do dia.

Seixas continuou percorrendo os jornais, como se fizesse o gosto de Aurélia. Nesse rápido exame ia lendo as chamadas, a ver se alguma tinha o poder de excitar a curiosidade da moça.

— Como são interessantes estas folhas!, disse Aurélia que buscava um pretexto para expandir a irritação íntima. Quando me lembro de abri-las, o que faço raras vezes porque não tenho braços que cheguem para essa difícil ação, sempre julgo que estou lendo um jornal do ano anterior.

— A culpa não é do jornal, mas da cidade em que se publica, e da qual deve ser, como disse há pouco, o livro diário, ou a história da véspera.

— Perdão, não me lembrava que também foi jornalista.

Como Aurélia se calasse e as folhas não fornecessem mais assunto à conversa, Seixas aproveitou a censura **frequentemente** dirigida à imprensa periódica em nosso país para fazer sobre o tema algumas observações, com que enchesse o tempo. Está entendido que tratou a questão sob um ponto de vista leve, que pudesse conciliar a atenção de uma senhora; Aurélia o escutou alguns momentos com atenção; mas, observando que o marido falava com o tom monótono e a pausa calculada de quem desempenha uma tarefa — e, longe de dar franca expansão ao pensamento, ao contrário solicita o espírito rebelde —,

a moça interrompeu essa dissertação erguendo-se do sofá. Deu algumas voltas pela saleta; percorreu com os olhos o aposento, reparando no papel, nos móveis e adereços, como se nunca os tivesse examinado ou indagasse se nada faltava. Passou depois a observar atentamente as figurinhas de porcelana e outras quinquilharias que havia sobre as mesas, tirando-as de seu lugar e mudando-lhes a posição.

Dáí se encaminhou ao piano, que é para as senhoras como o charuto para os homens, um amigo de todas as horas, um companheiro dócil e um confidente sempre atento. Ao abrir o instrumento, se lembrou de que não era próprio a uma recém-casada se entregar a esse passatempo, quando vizinhos e criados, todos deviam supô-la àquela hora mergulhada na felicidade de amar e ser amada.

Ah!, ela não conhecia essa aurora mística do amor conjugal, que se transformava em vigília de angústia e desespero. Mas adivinhava qual devia ser a união de duas almas e compreendia que, desejosas uma da outra, não se podiam tornar-se separadas em estranho passatempo.

Abandonando o piano, disfarçou percorrendo os livros de música, arrumados sobre o móvel, uma espécie de estante baixa de prateleiras verticais. Aí esteve a folhear apenas, cantarolando à meia voz os trechos favoritos e talvez buscando um que respondesse aos pensamentos escondidos, ou antes que traduzisse o indefinível sentimento de sua alma naquele instante.

Parece que achou afinal essa nota simpática, pois sua voz se desprendia num movimento de bravura quando se lembrou que não estava só. Voltou um olhar para o sofá, onde havia deixado o marido, que talvez a estaria observando, surpreso de sua mímica. Seixas, quando a moça se afastou, tomou de cima da mesa um álbum de fotografias e se distraía em ver as figuras.

— Está vendo celebridades?, perguntou a moça, que veio de novo se sentar ao sofá.

Fernando compreendeu que a pergunta não era senão motivo para nova conversa e se dispôs a satisfazer o desejo da mulher.

— É verdade, celebridades europeias, pois ainda não as temos brasileiras; isto é, em fotografia, que no mais sobram. Admira que nesta terra, tão propensa à especulação e ao charlatanismo, ainda ninguém se lembrasse de arranjar uns álbuns



SCHLOSSER

de celebridades nacionais. Pois havia de ganhar muito dinheiro; não só na venda de álbuns, mas sobretudo na aprovação dos pretendentes à lista das celebridades.

— Lista, não; melhor dizer, ao rol.

— É realmente mais expressivo.

— O que isso prova, observou Aurélia, é que a literatura tem feito maiores progressos em nosso país do que a arte; pois se não me engano já há por aí, dentro e fora do país, empresas montadas para produção de biografias.

— Tem razão.

— Escapou de se casar com uma contemporânea ilustre, acrescentou Aurélia, acentuando as últimas palavras com o mais fino sorriso.

— Ah!, não sabia! Lamento profundamente não ter de acumular essas tantas honras que recebi.

— Pois estive ameaçada de andar por aí em não sei que revista ou jornal, na qualidade de brasileira notável. Creio eu que o meu título à celebridade era a herança de meu avô. Foi preciso tomar umas dez assinaturas para me defender da conspiração armada contra a minha condição de desconhecida e me livrar da glória que esses senhores pretendiam me impor.

Nesta conversa e na revista dos retratos conversaram os dois ainda muito tempo.

O relógio acabava de marcar uma hora. O criado abriu com barulho a porta da sala de jantar, como para advertir sua entrada, e disse aportuguesando o termo inglês *lunche on* segundo o costume geral:

— O lanche está pronto.

— Vamos?, perguntou a moça erguendo-se.

Seixas fechou o álbum e acompanhou a mulher.

O criado, que viu os dois noivos inclinados sobre o álbum, sorriu com ar brincalhão. Fernando percebeu o sorriso e corou.

III

Frutas da estação: abacaxis, figos e laranjas seletas, rivalizando com as maçãs, peras e uvas de importação, enfeitavam principalmente a refeição que os costumes estrangeiros substituíram à nossa brasileira merenda da tarde, usada pelos bons avós.

Havia também variedade de massas ligeiras, como empadinhas, camarões e ostras recheadas; além de queijos de vários países e doces de calda ou cristalizados. Os melhores vinhos de sobremesa, desde o Xerez até o Moscatel de Setúbal, desde o Champanhe até o Constança, estavam ali tentando o paladar.

— Não tenho a menor disposição!, disse Fernando obedecendo ao gesto de Aurélia e sentando-se à mesa.

— Ora!, disse a moça. Para provar frutas e doces não é preciso ter fome; faça como os passarinhos. O que prefere? Um figo, uma **pera** ou o abacaxi?

— É preciso que eu coma alguma coisa?, perguntou Fernando com seriedade.

— É indispensável.

— Nesse caso comerei um figo.

— Aqui tem; um figo e uma **pera**; é apenas um casal.

Seixas inclinou a cabeça; colocou o prato diante de si e comeu as duas frutas, devagar e friamente, como um homem que exerce uma ação mecânica. Nada em sua fisionomia revelava a sensação agradável do paladar.

Aurélia, que esmagava entre os lábios bagos de uva moscatel, seguia com os olhos os movimentos automáticos de Fernando e, se não adivinhava, de forma confusa pressentia o motivo que atuava sobre seu marido. Ergueu-se então da mesa e, saindo ao redor da casa, onde já fazia sombra, se divertiu em dar de comer aos canários e sabiás, que festejaram sua chegada com uma brilhante abertura de cantos e gorjeios.

Pensava Aurélia que sua presença porventura acanhava o marido e buscava aquele pretexto para fugir um instante e

deixá-lo mais livre de cerimônias. Desapareceu, porém, essa **ideia** do seu espírito quando, espiando pela fresta da janela, viu Seixas imóvel, com os olhos fitos na parede e completamente mergulhado em pensamentos.

Depois do lanche, Aurélia convidou o marido para darem uma volta pelo jardim; mas havia senhoras nas janelas da vizinhança, e a moça não quis se expor aos olhares curiosos. Ela não era a noiva feliz e amada; mas as outras achavam isso, e esse fato bastava para que seu pudor a recatasse às vistas dos estranhos. Voltaram pois à saleta.

Aí se distraíram de um a outro assunto, mas, apesar do desejo que tinham de prolongar a conversa, ou talvez por essa mesma preocupação que os distraía, não encontraram tema.

Afinal, recaíram nas fotografias. Desta vez foi o álbum dos conhecidos que forneceu assunto. Em um dos primeiros cartões figurava o Lemos, cuja aparição coincidiu com esta observação de Aurélia:

— O álbum das pessoas de minha amizade, eu o guardo comigo. Estes são álbuns de sala, mostradores semelhantes aos que têm os fotógrafos na porta.

— Mas não apresentam com certeza as contradições curiosas dos mostradores. Os tais senhores parece que o fazem de propósito; não há mais perfeita democracia.

Seixas, prestigiado conhecedor da Rua do Ouvidor, começou a especificar alguns dos contrastes de que se recordava; não registraremos porém suas observações, que estavam repletas de singular sarcasmo.

Esse tom não era natural ao jovem, cuja índole boa e afável nunca passava de uns toques de fria ironia. Ele próprio já notou essa alteração de seu caráter e achava graça especial em se saturar do fel que tinha no coração. Ao fim de algum tempo, notou Fernando que Aurélia erguia **frequentemente** os olhos para o relógio e disfarçou, porque ele também interrogava discretamente o mostrador, ansioso de ver se acabar o dia.

Uma vez os olhos de ambos se encontraram, quando buscavam o relógio. Aurélia corou de leve:

— Achei que fosse mais cedo!, disse ela.

— Como passa rapidamente o tempo!, exclamou Fernando. Quase três horas.

Senhora

— Ainda falta muito. São apenas duas e quinze.

— Ah! É verdade.

— Talvez esteja atrasado!, observou Aurélia. Consulte seu relógio.

Havia uma diferença de minuto e meio entre o relógio de Seixas e o da sala. Foi o pretexto para consumir o resto do tempo. Aurélia quis acertar o relógio; aproveitou a ocasião para lhe dar corda; depois do que veio uma discussão sobre a conveniência de mudá-lo para outro lugar.

— Já são três horas!, exclamou afinal a moça. É tempo de nos vestir para o jantar. Até logo!

Aurélia fez um gracioso aceno de frente ao marido e desapareceu pela porta, que dava para o seu quarto. Quando ela entrou nesse aposento e fechou a porta, não teve tempo de desatacar o corpinho do vestido; meteu as mãos pelos buracos dos botões e, magoando os dedos, despedaçou o tecido para não sufocar. O coração que ela reprimira por tanto tempo manifestou-se afinal e estalava nos soluços que lhe dilaceravam o espírito.

De seu lado Fernando, ao ficar só, respirava, como um homem que repousa de uma tarefa trabalhosa e cansativa. Ele desejava sair daquele teto, perder de vista a casa, ir bem longe daí, para aproveitar momentos de solidão e recuperar durante uma hora sua liberdade. Mas um passeio, e ainda mais solitário, não era conveniente no dia seguinte ao de um casamento de amor.

O criado pediu licença para entrar.

— O senhor não precisa de mim?

— Não, obrigado. A que horas é servido o jantar?

— Às cinco, se o senhor não der outra ordem.

— Bem.

— O senhor sai a passeio depois de jantar? De carro ou a cavalo?

— Não.

— Sei que não é próprio logo nos primeiros dias do casamento, mas foram as ordens que recebi; que nada faltasse ao senhor.

— Quem as deu?

— A senhora.

Este cuidado, que em outra circunstância lhe causaria

íntimo prazer, em sua posição o humilhava. Sentia a influência da tutela que pesava sobre ele e o reduzia à condição de um pupilo nupcial, se não coisa pior. Mas estava decidido a aceitar as duras provações da situação, a que seu erro o submeteu.

Ainda nessa ocasião, Seixas revelou uma nova alteração em sua índole, ou pelo menos em seus hábitos. Ele tinha essa flor da ingênua elegância, que não se alimenta da vaidade de ser admirada, mas da satisfação íntima. Se vestir era para ele antes um prazer; o contato de um novo traje lhe causava uma sensação deliciosa, como a de um banho frio em hora de calma.

Nesse dia, porém, quando os guarda-roupas e cômodas estavam cheios, se limitou a reparar algum leve desarranjo e dar ao traje da manhã uma feição de novidade pela mudança de uma gravata. Quando entrou na saleta de conversa, já ali estava D. Firmina, e Aurélia não demorou.

A moça vestia verde. Ela tinha dessas audácias só permitidas às mulheres realmente belas, de afrontar a monotonia de uma cor. Seu lindo rosto, o colo harmonioso e os braços torneados desabrochavam dessa folhagem de seda, como lírios d'água levemente rosados pelos tons avermelhados da manhã.

Quando a porta abriu-se para lhe dar passagem, Seixas achou que assistia à metamorfose da ninfa transformada em flor. Mas logo depois, admirando a graça que se desprendia dessa beleza peregrina como a irradiação de um astro, lhe pareceu antes que a flor tomava as formas da mulher e se animava ao sopro divino.

D. Firmina trouxe da rua muitas novidades.

Recomendações de umas amigas de Aurélia; mil perguntas de outras acerca do casamento; elogios dos noivos; e toda a outra bagagem de agradáveis banalidades, que compõem a vida nas grandes cidades. Com isto, ela se encarregou de preencher a meia hora que faltava para o jantar.

— É voz geral que não se podia escolher um par mais perfeito, disse a viúva, resumindo.

— Já vê que nos casamos por unânime aclamação dos povos, observou Aurélia sorrindo para o marido. Nada nos falta para sermos felizes.

— Mais do que eu sou, não é possível, tornou Seixas.

— Essa condição me pertence, e não lhe cederei!

Senhora

D. Firmina aplaudiu essa contestação que revelava os extremos de amor dos noivos um pelo outro.

O jantar correu como o almoço. Aurélia, longe de estar pensativa, ou antes oprimida, situação que a embaraçava quando se achava só com o marido, recobrava na presença de D. Firmina e dos criados os seus graciosos movimentos, nos quais um observador calmo notaria certa irritabilidade, habilmente encoberta com o charme do gesto e a graça do sorriso. Seixas não perdeu a sobriedade que havia guardado pela manhã, a não ser para atender aos desejos da mulher, a qual por mais de uma vez exerceu essa tirania feminina, que, à semelhança de certas realezas, sente prazer nos detalhes mínimos.

Ao se levantarem da mesa, Fernando se dirigiu à porta do jardim e esperava percorrendo os olhos pelo arvoredado, dando destino ao resto da tarde. Aurélia se aproximou enquanto D. Firmina estava ocupada em arranjar a cauda de seu vestido.

— Que bela tarde!, exclamou a moça ao lado do marido.

Logo endurecendo a voz, lhe disse quase ao ouvido, com tom rápido e forte:

— Ofereça-me o braço!

Depois, prolongando a exclamação, continuou mostrando no horizonte umas cores encantadoras do crepúsculo, em que os mais finos tons mudavam sobre a branca polpa de uma grande nuvem que de repente se incendiou.

— Veja; até o céu está festejando a nossa felicidade. Quem já teve desses fogos de artifícios, que o sol preparou para nos presentear?

— É pena que não possamos... que eu não possa aproveitar a festa mais de perto, para melhor apreciá-la.

Aurélia voltou-se rapidamente para fitar no semblante do marido um frio olhar de interrogação; mas Fernando contemplava as mudanças da luz no céu e só voltou-se para oferecer o braço à mulher, conforme a recomendação que recebera. Fez, porém, mais com o gesto, pois as palavras apenas murmuradas mal se ouviram.

— Acenda seu charuto, disse a moça, vendo que ele se esquecia desse detalhe, apesar de o criado lhe ter oferecido fogo.

Aurélia conduziu o marido a uma pequena casa que havia no meio da chácara; uma grossa folhagem os escondia às vistas de D. Firmina e do jardineiro. Seixas tinha umas noções

sobre orquídeas e margaridas que havia colhido um verão em Petrópolis, no tempo em que o cultivo e o estudo desses dois gêneros de plantas estiveram na moda e para alguns se tornou mania. Como um dos conquistadores fluminenses, estava ele na obrigação de se sujeitar a esse novo capricho da soberana; e era preciso se habilitar para, em uma reunião, nomear por sua designação científica a flor da moda que ornava uma gruta de jardim ou um vaso de sala.

Justamente embaixo da casinha, havia uma bela coleção de orquídeas, que o jardineiro ali guardava do sol. Fernando se aproveitou para fazer mostra dos seus conhecimentos botânicos.

Aurélia o ouviu com atenção; só quando o marido parecia ter esgotado o assunto foi que ela fez uma reflexão.

— Como todo o mundo, eu sempre fui muito apaixonada por flores; mas houve um tempo em que não as pude suportar. Foi quando se lembraram de me ensinar botânica.

— Quer dizer que tive a infelicidade de aborrecê-la com a minha conversa?

— Eis o que é o destino! Consegui me reconciliar com a botânica. Não há melhor calmante.

Já estava escuro quando Aurélia se recolheu do jardim pelo braço do marido. D. Firmina os esperava na saleta esclarecida com um doce crepúsculo artificial coado pelo cristal fosco dos globos. A viúva se sentou à mesa do centro para devorar os folhetins dos jornais; e teve a discrição de voltar as costas para o sofá onde se tinham acomodado os noivos.

Aurélia, cansada da comédia que representou durante o dia, recostou-se à almofada e, fechando os olhos, mergulhou em seus pensamentos. Fernando respeitou essa meditação: ainda mais porque seu espírito cedia também a uma irresistível preocupação.

A noite lhe causou um indefinível desassossego, que mais crescia agora com a aproximação da hora de recolher. Não sabia de que tinha medo; era uma coisa vaga, sem forma, desconhecida, que o enchia de pavor. Assim, cada um em seu canto de sofá, separados ainda mais pela completa indiferença do que pelo espaço entre ambos, ela pensativa, ele agitado, passaram essa primeira noite de sua vida conjugal.

Senhora

D. Firmina, às vezes, em algum ponto menos interessante do jornal, atinava o ouvido; e aquele silêncio suspeito a fazia sorrir pensando nos abraços e beijos furtivos que surpreenderia se de repente se voltasse para o sofá. Com discreta malícia, a pretexto de procurar o lenço, fingia se voltar para aproveitar do prazer de assustar os dois pombinhos. Então percebia um leve barulho; e achava que eles se afastavam, quando ao contrário fingiam se ocupar um do outro, para não traírem sua mútua indiferença.

Pelo meio da noite Aurélia saiu da sala. Depois de uma pequena ausência durante a qual ouviu-se dentro algum barulho, ela voltou a ocupar seu lugar no canto do sofá. Afinal o relógio marcou dez horas. D. Firmina dobrou seus jornais e se despediu.

Aurélia a acompanhou lentamente como para se certificar de que se afastava; depois do que fechou a porta, deu duas voltas pela sala e caminhou para o marido.

Seixas a viu se aproximar assombrado pela estranha expressão que animava o rosto da moça. Era um sarcasmo cruel e sensual, o que brilhava com fulgor satânico da fisionomia e gesto dessa mulher. Só lhe faltava a coroa de folhas de videira sobre as tranças e o tridente na mão direita.

Em frente ao marido, porém, essa febre se **tranquilizou** como por encanto, e surgiu outra vez do corpo da mulher sensual a virgem casta e doce. Aurélia tinha na mão dois objetos semelhantes, envoltos um em papel branco, outro em papel de cor. Ofereceu o primeiro a Seixas; mas se retraiu substituindo aquele pelo outro.

— Esta é minha, disse guardando o invólucro de papel branco.

Enquanto Seixas olhava o objeto que recebeu, sem compreender o que isto significava, Aurélia lhe fez com a cabeça uma saudação:

— Boa-noite.

E retirou-se.

IV

Fernando se dirigiu a seu aposento com tanta pressa que esqueceu o objeto fechado em sua mão; só deu por ele na penteadeira, ao lhe cair no chão.

Abriu então o papel. Havia dentro uma chave; e, presa ao chaveiro, uma tira de papel com as seguintes palavras escritas por Aurélia: chave de seu quarto de dormir.

Ao ler estas palavras, Seixas ficou pálido e lançou um olhar enlouquecido para o cortinado do aposento onde ele entrou na véspera palpitante de amor e não poderia nunca mais penetrar, senão cheio de vergonha e marcado com o ferro da infâmia.

Com o movimento que fez, descobriu uma modificação que sofreu o aposento. Foi tirado o guarda-roupa, que ocultava uma porta agora visível e apenas coberta por uma cortina também de seda azul.

A chave servia nessa porta que dava para um quarto elegante, mobiliado com uma cama estreita e outros acessórios. Era o mais apurado dormitório de rapaz solteiro que se podia imaginar. Seixas adivinhou, pela onda de fragrância derramada no aposento, que Aurélia ali esteve pouco antes. Talvez tenha saído ao ouvir o rumor da chave na fechadura.

— Meu Deus!, exclamou o jovem comprimindo a cabeça entre as palmas das mãos. Que quer esta mulher? Não me acha ainda bastante humilhado e abatido? Está se saciando de vingança! Oh!, ela tem o instinto da perversidade. Sabe que a ofensa grosseira ou caleja a alma, se é infame, ou a rebaixa, se ainda resta alguma dignidade. Mas esse insulto cheio de atenção e delicadezas é que são outras tantas zombarias; essa ostentação de generosidade com que a todo o momento se está alimentando o mais soberano desprezo; tortura cruel no meio dos sorrisos; como este é que não há outro suplício para a alma que se não perdeu de todo. Por que não sou eu o que ela pensa, um mísero abandonado da honra e dos nobres estímulos do homem de bem? Acharia então com quem lutar!

Seixas abaixou a cabeça ao peso dessa reflexão.

Senhora

— A força da resignação, porém, eu terei. Não me abandonará, por mais cruel que seja a provação.

Os dias seguintes, essa fase nascente da **lua de mel**, passaram como o primeiro. Entraram então os noivos na outra fase, em que o deleite de se possuírem já permite, sobretudo ao homem, tornar às ocupações habituais.

No quinto dia, Seixas se apresentou na repartição, onde foi muito festejado por suas prosperidades. Tomaram os companheiros aquele pronto comparecimento por mera visita. Se, quando pobre, sua **frequência** somente se fazia sentir no livro do ponto, agora que estava rico ou quase milionário, com certeza deixaria o emprego ou quando muito o conservaria honorariamente.

Grande foi, pois, a surpresa que produziu a assiduidade de Seixas na repartição. Entrava pontualmente às 9 horas da manhã e saía às 3 da tarde; todo esse tempo dedicava ao trabalho: apesar das contínuas tentações dos companheiros, não consumia, como costumava antes, a maior parte dele na palestra e no fumatório.

— Olha, Seixas, que isto é meio de vida e não de morte!, lhe dizia um camarada repetindo pela vigésima vez esta banalidade.

— Vivi muitos anos à custa do Estado, meu amigo; é justo que também ele viva um tanto à minha custa.

Outra mudança notava-se em Seixas. Era a seriedade, que, sem desfazer a cortesia de suas maneiras sempre distintas, lhe imprimia mais nobreza. Ainda seus lábios se enfeitavam de um sorriso **frequente**; mas esse trazia o reflexo da meditação e não era como antes uma demonstração de gentileza.

O casamento é geralmente considerado como a iniciação do jovem na realidade da vida. Ele prepara a família, a maior e mais séria de todas as responsabilidades. Atualmente esse ato solene tem perdido muito de sua importância; há indivíduo que se casa com a mesma consciência e serenidade com que o viajante se aposenta em uma hospedaria. Por isso estranhavam os colegas de Seixas aqueles modos tão diferentes dos que tinha antes, quando solteiro; e, não aceitando que o casamento mudasse repentinamente a natureza do homem, atribuíam a transformação à riqueza e à modéstia chamaram fraude.

Para chegar em tempo à repartição, tinha Seixas de almoçar mais cedo e só, o que lhe poupava, e também a Aurélia, cerca

de meia hora de sofrimento, que ambos se impunham um ao outro com sua presença.

— Está muito assíduo agora à repartição!, disse um dia a moça ao marido. Pretende alguma promoção?

Seixas respondeu francamente:

— É verdade, há uma vaga, e desejo obter a preferência.

— Que remuneração tem esse emprego?

— Quatro contos e oitocentos.

— E precisa disso?

— Preciso.

Aurélia soltou uma risada má e venenosa.

— Pois então seja antes meu empregado.

— Já sou seu marido, respondeu Seixas com uma calma heroica.

A moça continuou com o seu riso sarcástico; mas voltou as costas ao marido e se afastou. Seixas ia a pé tomar o coletivo, cujo ponto ficava distante da repartição. Uma vez a mulher o afrontou acerca disso:

— Por que não se serve do carro, quando sai?

— Prefiro o exercício a pé. É mais higiênico; faz bem ao corpo e ao espírito.

— É pena que não tivesse feito seus estudos de higiene quando solteiro.

— Não imagina quanto o lamento. Mas sempre é tempo de aprender, e nestes poucos dias tenho aproveitado muito.

— A mim me parece que desaprendeu. Naquele tempo sabia que eu era rica, muito rica; hoje pensa que sou uma mulher cujo marido anda de coletivo.

Fernando mordeu os lábios.

— A riqueza também tem sua decência. Casou-se com uma milionária, é preciso se sujeitar à posição. Os pobres pensam que só temos prazeres e delícias e mal sabem a servidão que nos impõe este terreno dourado. Lhe incomoda andar de carro? E a mim não me tortura este luxo que me cerca? Há roupas de pelos de cavalo que se comparem a estes vestidos de seda que eu sou obrigada a trazer sobre as carnes e que estão me rebaixando — a todo o instante, porque me lembra que, aos olhos deste mundo, eu, a minha pessoa, a minha alma, vale menos do que esses trapos?

Senhora

As últimas palavras pareciam escapar dos lábios da moça molhadas de lágrimas. Seixas, esquecendo a pontiaguda alusão que sofreu pouco antes, a fitou com olhos compassivos; mas ela recobrou o tom de agressiva ironia:

— Assim o mundo achará em mim a sua criatura; a mulher, que festeja e enche de adorações. Eu serei para ele o que ele me fez.

Esse mundo, Fernando compreendeu que era a causa de sua infelicidade e ambição. Restituído à realidade de sua posição de que o ia arrancando inesperada comoção, disse:

— Pensa então que a decência de sua casa exige que seu marido ande de carro?

— Penso que me casei com um cavalheiro distinto, que sabe usar de sua fortuna, e não com um homem vulgar.

— Tem razão. Reclama o que lhe pertence, e eu seria um velhaco se lhe recusasse o que adquiriu com tão bom direito.

A chegada de D. Firmina interrompeu este diálogo.

De volta da repartição, encontrava Seixas a mulher na saleta; se ela estava só, cumprimentavam-se apenas, trocavam algumas palavras, depois recolhiam-se cada um a seu aposento e se preparavam para o jantar. Se havia alguém com Aurélia, Seixas passava a mão pela cintura dela e roçava um beijo duro por aquela face aveludada que se contraía ao seu hálito frio. Depois do jantar vinha o passeio pelo jardim. Era nessa ocasião, quando, escondidos pela folhagem, os supunham na troca de ternuras, que Aurélia cravava o marido de sarcasmos e zombarias. Seixas opunha a esse fogo uma paciente indiferença que acabava por cansar a moça. Alguma vez, porém, acontecia retribuir Seixas o sarcasmo, o que irritava o ânimo já azedo de Aurélia, cuja palavra se tornava então de uma acidez implacável.

À noite, havendo visitas, passavam no salão; quando estavam sós, ficavam na saleta; Seixas abria um livro; Aurélia fingia escutar os trechos que o marido lia em voz alta. Outras noites improvisava-se um jogo, em que tomava parte D. Firmina e cuja fútil monotonia matava as horas.

Tinham perto de um mês de casados; durante esse tempo, vendo-se e falando-se todos os dias, não aconteceu uma só vez pronunciarem o nome um do outro. Usavam do verbo na terceira pessoa; respeitavam entre si esse silêncio anônimo, destacando a palavra com o gesto.

Uma ocasião, estava a sala cheia de gente. Aurélia se dirigiu ao marido quando este, de pé, a pequena distância, conversava com várias pessoas. Não respondeu Seixas; ela quis se aproximar para lhe chamar a atenção, mas o cercavam os amigos.

— Fernando! disse então, fazendo um supremo esforço.

Seixas voltou-se sem reação; encontrou nos lábios da mulher um sorriso que saturava de fel a doçura daquela voz.

— Me chamou?

— Para acompanhar D. Margarida, que se retira.

A mudança que se havia operado na pessoa de Seixas depois de seu casamento fez-se igualmente sentir em sua elegância. Não morreu a fina distinção de suas maneiras e o requinte do traje; mas a graça que antes brilhava nele, essa desaparecera.

Sua roupa tinha o mesmo corte irrepreensível, mas já não mostrava os requintes da moda; o tecido era superior, porém de cores modestas. Já não se viam em seu vestuário os vivos tons e a artística combinação de cores.

Aurélia notou não só essa alteração que dava um tom másculo à elegância de Seixas, como outra particularidade, que ainda mais lhe excitou a observação. Dos objetos que faziam parte do enxoval por ela oferecido, não se lembrava de ter visto um só usado pelo marido. Ao mesmo tempo, os escravos a advertiram de uma circunstância ignorada por ela e que se prendia à outra. Ordenava ela à mucama que distribuísse pelas outras uns enfeites e vestidos já usados.

— Sinhá é muito desperdiçadora!, observou a mucama, com a liberdade que as escravas prediletas costumam tomar. Não sabe poupar como o senhor, que traz tudo fechado, até o sabonete!

— Não tens nada a ver, nem tu nem as outras, com o que faz teu senhor!, interrompeu Aurélia com severidade.

A moça sentiu ímpetos de interrogar a mucama; mas resistiu a esse desejo para conservar sua posição e não se abaixar até à familiaridade com a criadagem. Despediu a moça; mas resolveu verificar por si o que teria valido a Seixas essa reputação de avaro, que lhe dava a opinião pública da cozinha e da cocheira.



V

No dia seguinte, depois do almoço, se lembrou Aurélia de sua decisão da véspera.

Àquela hora o marido estava na repartição, e já o criado devia ter acabado de fazer o serviço dos quartos; por conseguinte podia, sem despertar a atenção, realizar seu planejamento.

Deu volta à chave da porta que um mês antes se fechara entre ela e seu marido; abriu de leve o cortinado de seda azul para se certificar de que não havia ninguém no aposento; e, trêmula, agitada por uma comoção que lhe parecia infantil, entrou naquela parte da casa, onde não tornara depois de seu casamento.

Que horas encantadoras passara ela ali nos dias que precederam a cerimônia, quando se ocupava com o preparo e adereço desses aposentos, destinados ao homem a quem ia **unir-se** para sempre, embora para dele se separar por um divórcio moral, que talvez fosse eterno!

O sentimento que possuía Aurélia a dominava naquele tempo, ela própria não o poderia definir, tão raros eram os afetos que se produziam em sua alma. Ao passo que ela acariciava com um amargo requinte a vingança de seu amor enganado e comemorava o infame prazer da humilhação desse homem, que a traficava, vinham momentos em que se afastava completamente dessa preocupação da vingança, para se entregar às meigas ilusões.

Tinha sede de amor; e, como não o encontrava na realidade, ia bebê-lo na taça de ouro, que lhe apresentava a fantasia. Essas horas, as via com seu ideal; e eram horas embriagadoras e deliciosas. Nelas foi que a jovem mulher caprichou no ornamento destas salas e gabinetes. Sonhava que iam ser habitados pelo único homem a quem amou e que lhe retribuía com igual paixão. Queria que esse ente querido achasse, como que entranhada na elegância dos aposentos, sua alma palpitante, que o envolvesse e encerrasse dentro em si.

Ao rever o lugar e os objetos, que tinham sido companheiros daqueles sonhos e ardentes emoções, Aurélia cedeu um

Senhora

instante à mágica influência de lembranças.

Arrancando-se afinal a esse passado, que nem ao menos era real e só existiu como uma doce fantasia, a moça percorreu então o aposento e voltou um olhar investigador. Notou o que aliás era bem visível. A penteadeira estava completamente despida de todos os enfeites, de que ela o havia adornado com sua própria mão. Parecia um móvel chegado naquele instante da loja. Os guarda-roupas, cômodas, escrivaninhas, tudo fechado e na mesma nudez que denunciava falta de uso.

— É por isso!, murmurou a moça consigo. O criado não suspeita o motivo e atribui à mesquinhez.

Uma das mais tocantes banalidades de Aurélia, quando sonhava o casamento com o homem amado, fora a igualdade das fechaduras de todas as partes e móveis do uso especial de cada um. Duas almas que se unem, pensava ela, não têm segredos e devem possuir uma à outra completamente. Quando reuniu, em chaveiros de ouro, as duas séries de chaves ao todo iguais, sorriu e imaginou que, na noite do casamento, quando seu marido se lhe ajoelhasse aos pés, ela o ergueria em seus braços para lhe dizer:

— Aqui estão as chaves de minha alma e de minha vida. Eu te pertencço; te fiz meu senhor; e só te peço a felicidade de ser tua sempre!

Em que abismo de dor e vergonha tinham mergulhado essas visões agradáveis, já o sabemos. Ninguém suspeitou jamais, nem ela revelou nunca, a violência do desespero oculta sob aquele formoso colo, que parecia respirar unicamente com as brandas emoções do amor e do prazer.

Aurélia abriu com suas chaves os móveis e confirmou uma desconfiança. Tudo, **joias**, perfumarias, utensílios de banho, roupa, tudo ali estava guardado como veio da loja.

— Que significado tem isto?, murmurou a moça interrogando atentamente seu espírito. Parece desinteresse... Mas não! Não pode ser. Em todo caso há um plano, uma **ideia** fixa. Outro dia o carro; agora isto!...

Refletiu algum tempo mais e concluiu:

— Não compreendo.

Aurélia tinha razão. Se, com essa implicância, Seixas queria mostrar desapego à riqueza adquirida pelo casamento, fazia

um papel ridículo; pois o enxoval não era senão um insignificante acessório do dote em troca do qual tinha negociado sua liberdade.

A porta do quarto de dormir estava fechada. Aurélia a abriu com a chave que havia em seu chaveiro.

Ali achou a escrivantina, que servia de penteadeira provisória a Seixas, e uns pentes e escovas baratas.

— Agora entendo. Quer me machucar.

Depois do jantar, passeavam no jardim; Aurélia, tendo colhido uma rosa, afagava com as pétalas macias o cetim de suas faces, mais puro que o colorido da flor.

— Hoje estive em seu quarto, disse ela com simulada indiferença.

— Ah!, me fez esta honra?

— Uma **dona de casa**, bem sabe, tem obrigação de ver tudo.

— A obrigação e o direito.

— O direito aqui seria da mulher, e não só este como outros mais.

— Eu os reconheço, disse Fernando.

— Ainda bem. Vejo que nos entenderemos.

Este diálogo, quem o ouvisse de parte, não lhe descobriria a menor expressão hostil ou agressiva. Os dois atores deste drama singular já se tinham por tal forma habituado a vestir sua ironia de afabilidade e charme que escondiam completamente a intenção.

Muitas vezes D. Firmina aproximava-se no meio de uma dessas batalhas de espírito e supunha, ao ouvi-los, que estavam trocando finezas e ternuras, quando eles se cobriam de alusões cortantes. A moça hesitou um instante; mas, fitando o olhar no semblante do marido, lhe perguntou:

— Que fez dos objetos que estavam no quarto?

Seixas conteve um impulso de nobre ressentimento e sorriu com desdém:

— Não tenha susto; estão fechados nas gavetas, intactos como os deixou. Pensava talvez que parassem em alguma casa de penhor?

— Estes objetos lhe pertencem, pode dispor deles como quiser, sem dar contas disso a ninguém. Era a resposta que supunha receber e eu não teria o que lhe replicar, pois reconheço

Senhora

o seu direito e o respeito.

— Me penhora com tamanha generosidade, disse Seixas sentindo a flecha da alusão.

— Não se apresse em agradecer. Se respeito o seu direito de dispor livremente do que é seu, também por minha parte reclamo a garantia do que adquiri com o sacrifício de minha felicidade. Me casei com o Sr. Fernando Rodrigues de Seixas, cavalheiro distinto, franco e liberal; e não com um avaro, pois é este o conceito que os criados têm de você, e brevemente toda a vizinhança, se não for a cidade inteira.

Seixas escutou com uma calma forçada estas palavras da mulher e lhe replicou vivamente:

— Há dias, a propósito do carro, agitou-se entre nós esta questão; volta agora o caso dos objetos; e pode se renovar a cada momento. O melhor pois é acertá-la de uma vez.

— Acertemos.

— Me dê o braço, que ali vem D. Firmina.

Aurélia passou a mão pelo braço de Seixas. Passeando ao longo de uns painéis de samambaias de várias espécies e admirando as flores, tiveram eles esta conversa, que de certo nunca houve entre marido e mulher.

— A senhora comprou um marido; tem pois o direito de exigir dele o respeito, a fidelidade, a conversa, todas as atenções e homenagens, que um homem deve à sua esposa. Até hoje...

— Faltou mencionar uma, talvez insignificante: o amor, concluiu Aurélia brincando com um cacho de violetas.

— Estava subentendido. Há apenas uma reserva a fazer sobre esse assunto. Suponha que a senhora não possuísse esta bela e opulenta madeixa, suntuoso diadema como não o tem nenhuma rainha, e que fizesse como as outras moças, que compram os coques, as tranças e os cachos. Não teria de certo a pretensão de que esses cabelos comprados lhe nascessem na cabeça, nem exigiria razoavelmente mais do que uns postiços. O amor que se vende é da mesma natureza desses postiços: flocos de lã ou restos alheios.

— Oh!, ninguém o sabe melhor do que eu que espécie de amor é esse, que se usa na sociedade e que se compra e vende por uma transação comercial, chamada casamento!... O outro, aquele que eu sonhei no passado, esse bem sei que nem todo o

ouro do mundo o traz! Por ele, por um dia, por uma hora dessa felicidade, sacrificaria não só a riqueza, que nada vale, porém minha vida, e creio que minha alma!

Aurélia, no ardor destas palavras que lhe brotavam do espírito agitado, retirou a mão do braço de Seixas; ao terminar voltou-se rapidamente para esconder a intensidade do sentimento que lhe incendiava o olhar e as faces.

Seixas acompanhou este movimento com um gesto de profunda mágoa, que um instante contraiu seu semblante, mas logo passou; já ele estava ocupado em entrelaçar nos losangos da grade verde alguns ramos mais longos de madressilva, quando Aurélia se aproximou.

— Não faça caso destas criancices. São os últimos arrancos do passado. Achei que já estava completamente morto; ainda respira; mas em poucos dias nós o teremos enterrado. Talvez então eu consiga ser a mulher que lhe convenha, uma de tantas que o mundo festeja e admira.

— A senhora será o que quiser; pois será conveniente de qualquer modo, desde que não empobreça.

Este sarcasmo chamou Aurélia à realidade de sua posição.

— É verdade, me esqueci que entre nós só há um vínculo.

— Posso continuar?

— Estou ouvindo.

— As obrigações e respeitos que lhe devo como seu marido, ainda não me desobriguei de cumpri-los; e não me desobrigarei, qualquer que seja a humilhação que eles me imponham.

Aurélia sentiu uma estranha repulsão ao ouvir estas palavras; o mal-estar lhe queimou o seu rosto.

— A senhora pensa também que não comprou um marido qualquer, e sim um marido elegante, de boa sociedade e maneiras distintas. Fazendo violência à minha modéstia, concordo. Tudo quanto for preciso para exhibir essa vaidade de mulher rica, eu o farei e o tenho feito. Salvo algumas modificações ligeiras, que a idade vai trazendo, sou o mesmo que era quando recebi sua proposta por intermédio de Lemos. Estarei enganado?

Aurélia respondeu com um gesto de suprema indiferença.

— Já vê que sou exato e rigoroso na execução do contrato. Me conceda ao menos este mérito. Lhe vendi um marido; o tem à sua disposição, como dona e senhora que é. O que porém não

Senhora

lhe vendi foi minha alma, meu caráter, a minha individualidade; porque essa não é dado ao homem torná-la dos outros, e a senhora sabia perfeitamente que não podia jamais adquiri-la a preço de ouro.

— A preço de que então?

— A nenhum preço, está entendido, já que o dinheiro não bastava. Se me der o capricho para me fingir sóbrio, econômico, trabalhador, estou em meu pleno direito; ninguém pode me proibir esta hipocrisia, nem me impor certas prendas sociais e me obrigar a ser um gastador e um insensível.

— Qualidades que possuía quando solteiro.

— Justamente, e que me concederam a honra de ser percebido pela senhora.

— É por isso que desejo revivê-las.

— Neste ponto sou livre, e a senhora não tem sobre mim o menor poder. O luxo de sua casa exige que tenha um palácio, mesa farta, carros e cavalos de preço, que viva no meio do luxo e da grandeza. Não a contrario no mínimo detalhe; moro nessa casa, sento-me a essa mesa, entrarei nesses carros para acompanhá-la; não serei nos esplêndidos salões um traste indigno de ser emparelhado com os outros móveis. Quanto ao mais, ter, por exemplo, apetite para suas iguarias e prazer para suas festas, eis ao que não me obriguei. E porventura será defeito que rebaixe o homem de sua posição social, de seus méritos, o fastio ou o hábito de andar a pé?

— Porventura, lhe pergunto eu, será agradável a alguma senhora ter um marido que serve de tema ao deboche dos criados e tranca o sabonete? E veja quanto se excedem, pois que já chegaram a meus ouvidos os gracejos dessa gente.

— Compreendo que se ofenda com isso o seu orgulho. Mas há um remédio; deixar que roubem esses objetos, ou dá-los sob qualquer pretexto, contanto que eu não me sirva deles.

Aurélia fez um gesto de impaciência.

— Não contesto seu direito que pretende dispor sobre o que chama sua alma e seu caráter. Idealizou este meio engenhoso de me contrariar; não lhe roubarei o prazer; mas se deseja saber o que penso...

— Tenho até o maior empenho. Sua opinião é para mim como um farol; me indica o arrecife.

— O que não impediu seu naufrágio. Mas não gastemos o tempo em sarcasmos. Que necessidades temos nós destes trocadilhos de palavras, quando somos a sátira viva um do outro? Há neste mundo certos pecadores que, depois de obtidos os meios de gozar da vida, arranjam umas duas virtudes, com que negociam a absolvição e se dispensam assim de restituir a alma de Deus.

O aspecto de Seixas denunciava a ira que revoltava sua alma e não demorava a se manifestar. Mas desta vez ainda conseguiu domá-la.

— Acabe.

— Já tinha acabado. Mas, para satisfazê-lo, aí vai o ponto do i; sua economia e sobriedade são do número daquelas virtudes oficiais dos pecadores medrosos.

— A senhora tem uma esperteza fantástica! Bem mostra que é sobrinha do Sr. Lemos.

Aurélia, que seguiu adiante, voltou-se como se uma víbora a tivesse picado no calcanhar. Tão **eloquente** foi o ímpeto da dignidade ofendida que vibrou a face da formosa moça, e tal o império de seu olhar de rainha, que Seixas se arrependeu.

— Desculpe!..., disse ele com brandura. Sua ironia às vezes é implacável!

Aurélia não respondeu. Adiantando-se, entrou em casa e se recolheu ao quarto. Era a primeira noite depois de casados que ela não voltava do jardim na companhia e pelo braço do marido.

VI

Fazia um luar magnífico.

Seixas conversava com D. Firmina na calçada de mármore de frente, que a folhagem das árvores cobria de sombra. À direita do marido estava Aurélia, reclinada em uma cadeira mais

Senhora

baixa de encosto curvado, cômodo preguiçoso para o corpo e o espírito que deseja pensar.

Desde a tarde da explicação relativa ao quarto, as relações dos dois companheiros dessa prisão matrimonial se tinham modificado. Como se houvessem naquela ocasião consumido toda a dose de fel e azedume, acumulada nesse primeiro mês de casados; desde o dia seguinte, suas palavras correspondendo à suavidade e apuro das maneiras, perderam a ponta de ironia, de que anteriormente vinham sempre armadas.

Conversaram menos; falando sobre coisas indiferentes ou banais, lhes acontecia durante muitas horas se esquecerem da fatalidade que os tinha unido em uma eterna colisão para se dilacerarem mutuamente a alma. Seixas descrevia naquele momento a D. Firmina o lindo poema de Byron, *Parisina*. O tema da conversa foi trazido por um trecho da ópera que Aurélia tocou antes de vir se sentar na calçada.

Depois do poema, se ocupou Fernando com o poeta. Ele tinha saudade dessas brilhantes fantasias, que no passado haviam embalado os sonhos mais queridos de sua juventude. A imaginação, como a borboleta que o frio enfraqueceu e abre as asas ao primeiro raio do Sol, vagava por essas flores da alma. Não falava para D. Firmina, que talvez não o compreendia, nem para Aurélia, que certamente não o escutava. Era para si mesmo que expandia o espírito; o ouvinte não passava de um pretexto para esse monólogo.

Às vezes repetia as traduções que havia feito das poesias soltas do poeta inglês; essas joias literárias, vestidas com esmero, tomavam maior realce na doce língua fluminense e nos lábios de Seixas, que as recitava como um trovador.

Aurélia no começo se entregou ao encanto daquela noite brasileira, que lhe parecia um sonho de sua alma pintado no azul do céu. Umás vezes ela se refugiava na mais grossa sombra, como se temesse que os raios indiscretos da Lua viessem espiar em seus olhos os pensamentos escondidos. Daí, da escuridão em que se cobria, entretinha-se vendo as árvores e os edifícios flutuando na claridade que os inundava como um lago sereno.

Outras vezes inclinava lentamente a cabeça até encontrar a faixa de luar que passava entre duas folhas de palmeira e vinha dar forma à parede. Então essa veia de luz caía sobre seu rosto e a banhava de um puro esplendor.

Ficava um instante nessa posição com os olhos presos no luar e os lábios entreabertos para beberem os perfumes celestes. Depois, saciada de luz, se recolhia outra vez à sombra; e, como a árvore que desabrocha em flores aos raios de sol, sua alma transformava os brilhos da noite em sonhos.

Ali perto exalavam seu perfume as orquídeas, balançadas pela brisa, e foi através desse encanto de luz e fragrância que a voz sonora de Seixas penetrou nos pensamentos de Aurélia e se entrelaçou neles, de modo que a moça imaginava escutar não a conversa do marido, mas uma fala de seu sonho.

Para ouvir, se apoiou ao braço da cadeira e insensivelmente a cabeça descaindo reclinou sobre o ombro de Seixas com um movimento de graciosa fraqueza.

— Um dos mais lindos poemas de Byron é o *Corsário*; dizia Seixas.

— Conte!, lhe murmurou ao ouvido a moça com a voz que seria de uma deusa.

Fernando cedia nesse instante a uma suavíssima influência, contra a qual desejava reagir, mas lhe faltava o ânimo. A pressão dessa formosa cabeça produzia nele o efeito do toque mágico de uma fada; presa do encanto, não se lembrou mais quem era e onde estava.

A palavra fluía dos seus lábios trêmula de emoção, mas rica, inspirada, colorida. Não contou o poema do artista inglês; teceu outro poema sobre a mesma coisa, e quem o ouvisse naquele instante acharia frio e pálido o original, ante o plágio **eloquente**. É que neste havia uma alma a palpitar, enquanto que no outro apenas restam os cantos mudos do gênio que passou.

— O senhor deve traduzir este poema. É tão bonito!, disse D. Firmina.

— Já não tenho tempo, respondeu Seixas; nem gosto. Sou empregado público e nada mais.

— Agora não precisa do emprego; está rico.

— Nem tanto como pensa.

Aurélia se levantou de forma tão arrebatada que pareceu repelir o braço do marido, no qual pouco antes se apoiava.

— Tem razão; não traduza Byron, não. O poeta da dúvida e do ceticismo, só o podem compreender aqueles que sofrem dessa enfermidade cruel, verdadeiro abatimento do coração. Para nós, os felizes, é um visionário sem gosto.

Depois de ter lançado envoltas em um riso sarcástico estas palavras a Seixas, a moça se afastou da calçada. Mal entrou na zona de luz que prateava a fina areia, teve um calafrio. Esse esplêndido luar, onda suave, em que ela banhava-se sensualmente momentos antes, a transpassara como um lençol de gelo.

Voltou precipitadamente e entrou na sala, onde apenas havia a frouxa claridade de dois bicos de gás na lamparina. Foi ela mesma quem dispôs assim, para que a luz artificial não perturbasse a festa da natureza. Agora chamava o criado para fazer exatamente o contrário. Os lustres acesos derramaram as torrentes deslumbrantes do gás, que expeliram da sala os brancos reflexos do luar.

— Pretendem ficar aí toda a noite?, perguntou Aurélia.

— Estávamos aproveitando o luar, disse D. Firmina entrando com Seixas.

— Há quem admire as noites de luar! As eu acho insuportáveis. O espírito se afoga nesse mar de azul, como o infeliz que se debate no oceano. Para mim não há céu, nem campo, que valha estas noites de sala, cheias de conforto, de calor e de luz em que nos sentimos viver. Aqui não há risco de se afogar o pensamento.

— Não; mas se asfixia!, observou Fernando.

— Antes isso.

Aurélia se sentou à mesa de mosaico, voltando as costas ao jardim para não ver a formosa noite que lhe caiu no desagrado. Como, porém, no espelho da frente se reproduzia com o brilho do cristal uma pequena abertura do jardim, onde a claridade prateada da Lua parecia se preencher nos lírios e cactos, a moça chamou novamente o criado e lhe ordenou que fechasse a janela pela qual entrava aquele inconveniente rascunho do soberbo painel da noite.

Havia em cima da mesa uma caixa de jogo, de onde Aurélia tirou um baralho, com que se entreteve a fazer sortes.

— Vamos jogar?, disse se dirigindo ao marido.

Este tomou lugar na mesa em frente a Aurélia, que lhe entregou o baralho e tirou outro da caixa.

— O écarté²⁹.

Seixas fez um gesto de concordância ou obediência; preparadas as cartas para o jogo e fazendo menção de começar, partiu o baralho.

²⁹ Jogo de cartas antigo originado na França.



SCHIOESSER

Senhora

— Dez mil-réis a partida!, disse Aurélia vibrando a campainha para chamar o criado.

Seixas procurou com os olhos D. Firmina, que se recostou à janela e não prestava atenção ao jogo. A esse tempo entrou o criado.

— Luísa traga minha carteira. Podemos continuar.

— Perdão, contestou Seixas a meia voz. Eu não jogo a dinheiro.

— Por quê?

— Não gosto.

— Tem medo de perder?

— É uma das razões.

— Eu lhe empresto.

— Também já perdi este mau costume de contar com o dinheiro alheio, tornou Seixas sorrindo e frisando as palavras. Depois que sou rico, só gasto do meu.

— Não mereço esta fineza?, retorquiu Aurélia afiando também o sorriso. Seja ao menos esta noite um gastador no jogo para satisfazer o meu capricho.

A moça recebeu a carteira da mucama e tirou dela uma libra esterlina³⁰, que deitou sobre a mesa.

— Não se sente tentado?

— É muito pouco!, tornou Seixas com um riso amargurado.

Este riso incomodou Aurélia, que ocultou a moeda e a carteira. Ainda esteve algum tempo embaralhando as cartas distraída; então lhe escaparam palavras soltas que pareciam de um monólogo.

— Dizem que a água no vinho faz de duas bebidas excelentes uma péssima. O mesmo acontece à mistura da virtude com o vício. Torna o homem um ser híbrido. Nem bom, nem mau. Nem digno de ser amado; nem tão vil, que se evite o contágio com ele. Compreendo o que deve sentir uma mulher... o que sentiu uma amiga minha, quando percebeu que amava um desses homens, produtos da sociedade moderna.

— Essa amiga sua, que suponho conhecer, talvez preferisse que o marido fosse, em vez de algum desses equívocos, simplesmente um qualquer?, perguntou Seixas.

³⁰Moeda oficial do Reino Unido e que era utilizada como unidade monetária em várias regiões da Europa.

— Certamente. Se o marido fosse um qualquer, ela quebraria logo a corrente que a prendesse a ele e se afastaria com a morte na alma. Mas eu...

— A senhora?, interrompeu o marido vendo-a hesitar.

As pálpebras de Aurélia se ergueram desvendando os grandes olhos pardos que deslumbraram Seixas. Seu colo se avolumou com o movimento que fez para se aproximar, e a voz soou vibrante e profunda.

— Eu?... Não me importaria que ele fosse Lúcifer³¹, contanto que tivesse o poder de me iludir até o fim e me convencer de sua paixão e me embriagar dela. Mas adorar um ídolo para vê-lo a todo o instante se transformar em uma coisa que nos zomba e nos repele... É um sofrimento, mais cruel do que o da sede e da fome.

Aurélia, proferidas estas palavras, ergueu-se e, atravessando a sala, entrou em seu aposento.

— Onde está Aurélia?, perguntou D. Firmina quando saiu da janela.

— Já se recolheu. A noite estava fresca. O sereno lhe fez mal. Boa noite.

O outro dia foi um domingo. Ao jantar, Aurélia disse ao marido:

— Há mais de um mês que estamos casados. Precisamos fazer nossas visitas.

— Quando quiser.

— Começaremos amanhã. Ao meio-dia: não é boa hora?

— Não seria melhor à tarde?, consultou o marido.

— Lhe causa transtorno de manhã?

— Não desejo faltar à repartição.

— Pois então será mesmo de manhã; disse a moça sorrindo. Não admito essa falta de cavalheirismo. Não acha, D. Firmina? Preferir o emprego à minha companhia?

— Certamente!, confirmou a viúva.

Seixas nada opôs. Era seu dever acompanhar a mulher quando esta quisesse sair, e ele estava resolvido a cumprir rigorosamente todas as obrigações.

³¹Diabo, o maior ou o primeiro de todos os demônios.

VII

Seixas escreveu a seu chefe uma carta justificando sua ausência com um motivo grave e lhe remetendo alguns papéis que havia despachado na véspera.

Ao entrar na saleta, encontrou Aurélia, que examinava o tempo.

— Está um dia tão quente!... O melhor talvez fosse adiar nossas visitas. Que diz?

— Decida, porque ainda tenho tempo de ir à secretaria.

— Vamos almoçar. Resolverei depois.

Quando se ergueram da mesa, Aurélia ainda não tinha decidido. Seixas compreendeu que a intenção da mulher era contrariá-lo, no que ela achava um prazer especial, e aceitou perder o dia.

À uma hora, a moça chegou-se a ele:

— Jantaremos hoje mais cedo e sairemos às cinco horas. Não lhe convém assim?

— Me convém qualquer hora que escolher; respondeu Seixas.

— Talvez não goste de sair de tarde. Então ficará para amanhã às onze horas.

— Pois seja amanhã.

— Faltará outra vez à repartição?

— Sendo preciso.

— Não; sairemos esta tarde.

Aurélia chamou o criado e deu suas ordens. Como havia determinado, apressou-se o jantar; e às cinco horas descia ela a escadaria de seu palacete em cuja entrada a esperava a elegante carruagem levada por uma parelha de cavalos do Cabo³². A moça trajava um vestido de seda azul tecido com fios de prata, que dava à sua pele pura tons suaves e transparentes. O movimento

³²Referente ao Cabo Verde, país africano.

com que, apoiando sutilmente a ponta da bota no estribo³³, ergueu-se do chão para se reclinar no acolchoado amarelo da carruagem, lembrava o surto da borboleta, que agita as grandes asas e se aninha numa flor.

O vestido de Aurélia encheu a carruagem e afogou o marido; o que ainda lhe aparecia do semblante e do busto ficava inteiramente ofuscado pela deslumbrante beleza da moça. Ninguém o via; todos os cumprimentos, todos os olhares, eram para a rainha, que surgia depois de seu passageiro retiro.

O carro parou em diversas casas, indicadas na nota que o cocheiro recebeu. Seixas oferecia a mão à mulher para ajudá-la a descer e a conduzia pelo braço à escada, que ela subia só, pois precisava de ambas as mãos para nadar nesse dilúvio de sedas, rendas e joias, que atualmente compõe o mundo da mulher.

Aí, como na rua, todas as atenções eram para Aurélia, que as senhoras volteavam rápidas, e os homens, fascinados por sua graça. Seixas apenas recebia um pálido reflexo dessa consideração, quanto exigia a estrita civilidade. Houve casa, onde no empenho de acolher a mulher, o deixaram atrás, despercebido como um criado.

Em outras circunstâncias, aquela anulação de sua individualidade bem pode ser que não o incomodasse. Talvez se reparasse nela para esquecer que ele era o preferido dessa formosa mulher, cercada da admiração geral e disputada por tantos admiradores. Todo esse culto que lhe prestava a sociedade não seria a seus olhos senão o tributo a ele oferecido pelo amor de sua mulher.

Mas as condições em que se achava deviam mudar completamente a disposição de seu ânimo. Quanto mais se elevava a mulher, a quem não o prendia o amor e somente uma obrigação financeira, mais rebaixado sentia-se ele. Exagerava sua posição; chegava a se comparar a um acessório ou adereço da senhora.

Não tinha dito Aurélia, naquela noite cruel, que o marido era um objeto indispensável à mulher honesta e que o comprou para esse fim? Ela tinha razão. Ali, naquele carro, ou nas salas onde entravam, lhe parecia que sua posição e sua importância eram a mesma, senão menor, do que tinha o leque, as joias, o carro, o traje e o luxo de Aurélia.

³³Espécie de aro que pende de cada lado da sela e é usado como ponto de apoio para o pé do cavaleiro.

Senhora

Quando ele oferecia a mão à mulher para descer, ou levava no braço a manta de caxemira, considerava-se igual ao cocheiro que dirigia o carro e ao criado que abria a porta. A única diferença era serem aqueles serviços os que os cavalheiros geralmente prestam às senhoras e que só em falta desses recebem elas de um criado mais importante.

Uma das últimas visitas foi à família de Lísia Soares, que se dizia a amiga mais íntima de Aurélia, quando solteira. Depois dos cumprimentos e felicitações, quando a conversa oscilava à espera de um tema, a Lísia, que era maliciosa, se lembrou de soprar uma faísca. Não podia haver para ela maior prazer do que o de furar Aurélia, cujo espírito muitas vezes a tinha beliscado.

— Lembra-se, Aurélia, quando você fazia a cotação de seus pretendentes? Disse a malvada, alteando a voz para ser bem ouvida.

— Se me lembro! Perfeitamente!, respondeu Aurélia sorrindo.

— E o que me disse uma noite a respeito do Alfredo Moreira? Que valia, quando muito, cem contos de réis; mas que você era muito rica para pagar um marido de maior preço.

— E não disse a verdade?

— Então, o Sr. Seixas?..., interrompeu Lísia com uma pausa desconfortável, que interrompeu a palavra nos lábios para pingar a malícia no sorriso e no olhar.

— Lhe pergunte!, disse Aurélia voltando-se para o marido.

Nunca, depois que se achava sob o jugo dessa mulher, ou antes da fatalidade que o submetia a seus caprichos, nunca Seixas precisou tanto da resignação de que se revestiu para não ser vencido pela vergonha de semelhante degradação. O primeiro abalo produzido pelo diálogo das duas amigas foi terrível; e não o perceberam, porque a atenção geral era dirigida para Aurélia nesse instante. Dominou-se porém; quando os olhares acompanhando o gesto da mulher se voltaram para ele, o encontraram calmo, naturalmente sério e cortês, embora ainda lhe restasse uma ligeira palidez em que ninguém reparou.

— Então, Sr. Seixas, é certo?, insistiu Lísia.

— O quê, minha senhora?, perguntou o moço por sua vez e com a maior educação.

— O que disse Aurélia.

— Não vêes que é um gracejo!, observou a mãe de Lísia.

— Ela foi sempre assim, adora brincar!, disse uma prima.

— Não querem acreditar!..., tornou Aurélia com um modo indiferente.

— É sério, Sr. Seixas?, perguntou Lísia novamente.

— Responda!, disse Aurélia ao marido, sorrindo.

— Da parte de minha mulher não sei, e só ela poderá lhe dizer, D. Lísia. Quanto a mim lhe asseguro que me casei unicamente pelo dote de cem contos de réis que recebi. Devo crer que minha mulher mudou a **ideia** de pagar um marido de maior preço.

A seriedade com que Seixas pronunciou estas palavras, e por acaso também certa aspereza do timbre que se percebia na sua fala harmoniosa, deixaram as pessoas presentes perplexas acerca do sentido e crédito que deviam dar a semelhante afirmação.

Nisto ressoaram os timbres cristalinos da risada de Aurélia.

— Está aí o que você queria, Lísia; era fazer desconfiar Fernando. Quer saber se eu o comprei e por que preço? Não faço mistério disso; o comprei, e muito caro; me custou mais, muito mais de um milhão; e paguei, não em ouro, mas em outra moeda de maior valia. Me custou o coração; por isso já não o tenho!

Estas palavras e a expressão que palpitava nelas convenceram a todos que Aurélia esteve gracejando sobre seu casamento. A resposta à Lísia não foi senão um disfarce para provocar aquela confissão inconveniente da paixão com que se estremeciam ela e o marido. Assim, quando se retiraram as visitas, o tema da conversa foi o desfrute dos dois noivos, que depois de um mês de casados andavam pela rua se requebrando como dois pombinhos namorados.

Lísia afirmava ter visto Aurélia de tal modo presa ao braço do marido que este não podia andar. Entretanto, rodava o carro pelo Catete, e Aurélia, balançando-se ao suave movimento das almofadas, parecia ter completamente esquecido Seixas sentado a seu lado, quando este lhe dirigiu a palavra.

— Desde que estamos casados, uma só vez não perguntei suas intenções. Respeito-as, como é meu dever, e me conformo com elas quanto posso, por mais estranhas que me pareçam. Mas para satisfazer suas vontades é preciso pelo menos conhecê-las, embora não as compreenda.

Aurélia voltou o rosto para o marido. Como já não tinha

Senhora

medo de ser vista por causa do crepúsculo, deixou que seu semblante tomasse a expressão desdenhosa, que o vestia nesses momentos de surda irritação.

— Que pretende com esta introdução?

— No começo quis parecer que desejava ocultar dos estranhos a realidade de nossa posição. Confesso que nunca pude entender o motivo dessa singularidade. Criar deliberadamente uma situação, para ter o gosto de a negar a todo instante...

— É absurdo?... Não é?... Também parece a mim.

— Não examino seu pensamento. A senhora devia ter uma razão, que ignoro.

— Como eu.

— Me importa, porém, saber se mudou de propósito, como indica a cena que acaba de representar, e se resolveu de agora em diante fazer escândalo, do que ontem fazia mistério.

— E para que deseja saber isso?

— Já o disse, para me conformar à sua vontade e me afinar na mesma nota. O dueto será mais aplaudido.

— Não duvido; mas eu é que não me casei para fazer de minha vida uma partitura de música. Serei inconstante e **inconsequente**; terei estes defeitos; mas o que não tenho, pode estar certo, é o talento do cálculo. Deixe-me com o meu gênio excêntrico. Agora, neste momento, sei eu por acaso o que farei esta noite? Que extravagância me virá tentar? Como pois formularia um programa conjugal para nosso uso? Eu posso fazer de nossa união um mistério ou um escândalo, conforme o capricho. O senhor é que não tem esse direito.

— Tanto como a senhora!

Aurélia contestou com fria impassibilidade:

— Engana-se. O Sr. Seixas não pode desacreditar meu marido e expô-lo à zombaria pública.

— Mas a mulher do infeliz pode; tem esse direito.

— O senhor o deu.

— Não; o vendi!

Aurélia não respondeu. Curvando o corpo nas almofadas, e voltando o rosto para ver o recorte das árvores e chácaras na tela iluminada do crepúsculo, deixou cair a conversa. Ainda fizeram algumas visitas. Eram mais de oito horas quando parou

o carro à porta de casa. D. Firmina tinha saído. Aurélia **queixou-se** de cansaço, cumprimentou o marido e se recolheu.

Em seu quarto lembrou-se Seixas de algumas palavras que haviam escapado a Aurélia na conversação da tarde. “Sei eu acaso o que farei esta noite? Que extravagância me virá tentar?”, disse a mulher; e ele sabia que valor tinham em seus lábios essas frases enigmáticas.

Desde a noite de luar e os devaneios poéticos sobre Byron que Aurélia mostrava uma irritabilidade contínua. Qual devia ser a resolução inspirada por essa febre de sua alma, já tão propensa aos caprichos e às excentricidades?

Esteve Seixas pensando um momento sobre este ponto, fazendo hipóteses. Cansou-se, porém, da tarefa e a abandonou, pensando que não havia piores na posição intolerável em que se achava.

Já não pensava naquilo, quando de repente lhe atravessou o espírito uma **ideia** que o fez estremecer. Um impulso de curiosidade o dominou. Correu à porta que o separava do quarto de casal e dos aposentos da mulher. Ergueu a mão para bater; começou o nome de Aurélia; mas não se animou a realizar o primeiro plano. Aplicou o ouvido a escutar. Reinava naquela parte da casa o mais profundo silêncio. Que fazer?

Agitado pela **ideia** terrível que o assaltava, deu algumas voltas pelo aposento, numa perplexidade cruel. Seu olhar, que não deixava a porta, notou um jato de luz no fundo do corredor escuro e percebeu que saía pela brecha da fechadura.

Aproximou-se com cuidado e sem barulho. Pelo recorte da chave, pôde ver na parede um quadro iluminado que se destacava no crepúsculo. Era o espelho colocado sobre a mesa de mármore, que refletia pela porta aberta uma faixa de outro gabinete. Essa zona abrangia um divã onde nesse instante se destacava do estofado verde a estátua de Aurélia, deitada como o alto-relevo que no passado enfeitava as sepulturas dos nobres. Envolvia o corpo da moça um roupão de cambraia, cujas pregas caíam sobre o tapete semelhantes à alva espuma de uma cascata e lhe deixavam a figura desenhada sob a fina teia de linho. Estava muito pálida e imóvel. Um dos braços descaía desfalecido pela borda do divã; tinha o outro suspenso até à moldura do recorte,

onde a mão se fechava, talvez no esforço de erguer o corpo.

Havia na imobilidade dessa posição e em seu perfil alguma coisa de duro que assustava.

VIII

Acontecem no procedimento de Aurélia atos inexplicáveis e tão contraditórios que derrotam a inteligência do mais profundo fisiologista³⁴.

Convencido de que também o coração tem uma lógica, embora diferente da que rege o espírito, bem desejou o narrador deste episódio examinar a razão dos singulares movimentos que se produzem na alma de Aurélia. Como porém não foi dotado com a lucidez precisa para o estudo dos fenômenos psicológicos, limita-se a relatar o que sabe, deixando à capacidade de dedução de cada um perceber a verdadeira causa de impulsos tão encontrados.

Remontemos pois o curso dessa nova existência de Aurélia até a noite de seu casamento, quando a exaltação que a animava durante a cena passada com Seixas, abatendo de repente, a deixou sem forças no tapete do quarto do casal.

Não foi propriamente um desmaio que ela teve, ou este não passou de breve perda de sentidos. Mas o resto da noite, ela o passou ali, sem forças nem resolução de se erguer, em um mal-estar intenso, que, se não lhe apagava de todo os espíritos, os fazia adormecer em uma sonolência pesada.

Tinha a consciência de sua dor; sofria amargamente; porém lhe faltava naquele instante a lucidez para discriminar a causa de seu desespero e avaliar a situação que ela própria

³⁴Especialista no estudo das funções e do funcionamento normal dos seres vivos.

havia criado. Pela madrugada, o sono, embora agitado, trouxe um breve repouso à sua angústia. Dormiu cerca de uma hora, tendo por cama o chão e com a cabeça apoiada nesse mesmo tablado, que devia servir de degrau à sua felicidade.

A claridade da manhã que passava pelo tecido das cortinas a despertou. Ergueu-se arrebatadamente e ao impulso de uma **ideia** terrível, que atravessou como um raio de luz a sombra confusa de suas lembranças.

Correu à porta por onde saiu Seixas e escutou com viva inquietação. Por vezes levou a mão à chave e a retirou assustada. Voltou a esmo os passos rápidos pela casa; afinal se aproximou da janela, sem intenção, automaticamente.

Foi nessa ocasião que viu Seixas atravessar o jardim discretamente e entrar em casa. Ainda reinava o silêncio por toda essa parte da habitação, de modo que ela pôde ouvir o leve rumor dos passos do marido no próximo aposento. Um riso de ácido desprezo fechou seus lábios.

— É um covarde!

Depois do que havia se passado entre ambos, na noite de seu casamento, pensava Aurélia, que só havia para Seixas dois meios de quebrar a obediência humilhante a que o tinha submetido. Não lhe restava senão matá-la ou matar-se.

Para uma dessas duas soluções a moça tinha se preparado. É certo que às vezes seu coração afagava uma esperança impossível. Se o homem a quem amava se ajoelhasse a seus pés e lhe suplicasse o perdão, teria ela forças para resistir e salvar a dignidade de seu amor? Por isso ela não teve de passar. Às suas primeiras palavras, Seixas se retraiu, para demonstrar depois um descuido, que ela jamais podia esperar e que produziu em sua alma horror indizível. O laço que a unia àquele homem tornou-se uma degradação, quase uma infâmia.

Entretanto, ao se livrar de sua presença, ainda esperava que as palavras proferidas pelo marido fossem apenas uma ironia amarga. Não aceitava que tivesse amado um homem tão depravado. O cinismo, que pouco antes a revoltou, devia ter uma reação.

Foi quando viu Seixas pela manhã que acabou de se convencer da miséria do indivíduo. Então operou-se em sua alma uma revolução, na qual se perderam todos os sentimentos bons

Senhora

e afetuosos, ficando à tona unicamente os instintos agressivos e malignos que formam a sujeira do coração.

Quando Aurélia definiu o casamento que veio a realizar, não se inspirou em um cálculo de vingança. Sua ideia, a que afagava e lhe sorria, era dar a Seixas a imensidade da paixão que ele não soube compreender, sacrificando sua liberdade e todas as esperanças para unir-se a um homem a quem não amava e nem podia amar; desnudava a seus olhos o afastamento em que lhe ficara a alma, depois da perda desse amor, que era toda sua existência. Esse casamento póstumo de um amor extinto não era senão esplêndido funeral, em face do qual Seixas devia se sentir mesquinho e ridículo, como em frente da morte o soberbo se convence da miséria humana.

O sentimento que animava Aurélia podia se chamar orgulho, mas não vingança. Era antes pela exaltação de seu amor que ela ansiava do que pela humilhação de Seixas, embora essa fosse indispensável ao efeito desejado. Não sentia ódio pelo homem que a iludiu; revoltava-se contra a decepção e queria vencê-la, domá-la, obrigando esse coração frio que não lhe retribuía o afeto a admirá-la no esplendor de sua paixão.

Mas naquele instante, recordando as palavras que Seixas proferira poucas horas antes; o vendo tranquilo e disposto a aceitar como natural a terrível situação; pensando na falta de dignidade com que esse homem se sujeitava a uma degradação de todos os instantes; Aurélia teve um verdadeiro impulso de vingança.

Seixas queria afrontá-la com seu desinteresse sem pudor. Pois bem; ela aceitava o desafio; se esse infeliz não estava completamente desamparado dos últimos restos do amor-próprio e da vergonha, ela se propunha a feri-lo com o seu mais venenoso sarcasmo. A menos que a alma não estivesse morta, sentiria a marca do ferro em brasa.

Foi nestas disposições que Aurélia se vestiu para o almoço; e nessas disposições se conservava ainda na tarde em que saiu com o marido às visitas. Todavia, quando no dia seguinte ao casamento, sentada na cadeira de balanço, viu entrar Seixas na sala de jantar, sua resolução vacilou. O aspecto nobre e distinto do jovem, a elegância natural de seu gesto recuperaram o prestígio que essas qualidades nunca deixam de exercer em espíritos elevados e a que o dela estava já habituado.

Não a abandonou o pensamento da vingança; mas a indelicadeza e a ira excitadas pela indignação da véspera revestiram a forma e o tom delicado, que raro e só em um instante de violento abalo desamparam as pessoas de fina educação.

Nas alternativas desse desejo de vingança contrariado pelos generosos impulsos de sua alma, passou o primeiro mês depois do casamento. Se, abandonando-se à irritação íntima que tornava seu espírito mais violento, sentia prazer em castigar com o seu implacável sarcasmo a dignidade do marido; quando se recolhia depois de uma cena destas, era para desabafar o pranto e soluços que inchavam sua alma. Então reconhecia que a vítima de sua ira não foi o homem a quem detestava, mas seu próprio coração, que havia adorado esse ente, indigno de tão santo afeto.

Se, cansada desse constante orgasmo da alma, sempre contráida pelo sarcasmo, voltava insensivelmente à sua índole meiga, as relações com o marido tomavam uma expressão afetuosa, de repente a invadia um gelo mortal, e ela estremecia com a ideia de pertencer a semelhante homem.

Assim chegou Aurélia àquela noite de luar, em que Seixas falava de poesia, e ela escutava reclinada a seu braço no sonho de que a arrancou dolorosamente uma palavra do marido. Quando a sós consigo pensou neste incidente, encheu-se de terror. Houve um instante, rápido embora, no qual chegou a lamentar que Seixas não tivesse conseguido enganá-la nessa ocasião adormecendo ou antes lhe cegando o amor-próprio. Quando desaparecesse essa ilusão, seria tarde, e ela pertenceria de vez ao marido.

Este sentimento, que apenas pronunciado ela repeliu com todas as forças de sua alma, lhe deixou contudo um desgosto profundo, acompanhado do pânico de semelhantes alucinações. Daí a irritabilidade que desde então a possuía e que a venceu nessa tarde das visitas.

Entretanto, em seu quarto, Aurélia tinha febre: febre da paixão que a abrasou. Abriu todas as portas e janelas, se atirou vestida como estava sobre o divã e ali ficou imóvel, como a viu Seixas pela fechadura.

Assustado com essa imobilidade, o marido ia bater, quando a mucama atravessou por diante do quadro iluminado, o qual

Senhora

se apagou de repente. Fechara-se a porta do quarto, refletida pelo espelho.

No dia seguinte Aurélia ficou em seu aposento toda a manhã. Voltando da repartição, Seixas a encontrou pálida e abatida.

Ao jantar, foi D. Firmina quem dirigiu a conversa. Na véspera, a viúva passou a noite em uma casa da vizinhança, onde havia reunião semanal. Falou-se no Abreu, que diziam ter caído na miséria. Por essa ocasião recordaram todas as extravagâncias e farturas com que o rapaz havia esbanjado em pouco mais de um ano a volumosa herança deixada pelo pai.

D. Firmina, repetindo o que ouviu, lamentava a sorte do Abreu, que sacrificou tão bonito futuro.

Se revestindo dessa moral severa, que em geral se cultivava para uso alheio e não para o próprio gasto, acusava o rapaz com excessivo rigor.

— A culpa não é dele, D. Firmina, observou Aurélia voltando de sua distração.

— De quem mais pode ser?, perguntou a viúva.

— De quem o fez rico, não o tendo educado para a riqueza.

O ouro desprende de si não sei que mal-estar que produz febre e causa vertigens e delírios. É necessário ter um espírito muito forte para resistir a essa infecção; ou então possuir algum santo afeto, que o preserve do veneno, sem o que se é vencido, sem dúvida.

— Quer dizer que a riqueza é um mal, Aurélia?

— Não é um mal; muitas vezes torna-se um bem; mas em todo o caso é um perigo. Aqueles que se exercitam em jogar as armas pensam que tudo se decide pela força. O mesmo acontece com o dinheiro. Quem o possui em grande quantidade acredita que tudo se compra.

Tinham acabado de jantar. Aurélia ergueu-se da mesa e se distraía em dar aos canários as migalhas de pão, que esfarelava na palma da mão. Entretanto, Seixas acendeu o charuto e seguia distraído pela rua, que, cheia de curvas entre os tabuleiros de margaridas e os tapetes de relva, ia sumir em um bosque de palmeiras. O jovem se recordava das cenas da véspera, as comparava com as palavras que pouco antes haviam escapado a Aurélia e buscava a explicação do enigma. O interrompeu a voz da moça que se achava a seu lado.

— Este passeio todas as tardes já deve aborrecê-lo. Por que não sai a cavalo? Deve se distrair.

Aurélia falava brincando com as flores para evitar que seu olhar encontrasse o de Seixas.

— Sua companhia não me pode aborrecer nunca.

— Sempre, torna-se monótona.

— É o meu dever, tornou Seixas frisando a palavra.

Aurélia se afastou; deu alguns passos, esteve reparando nas flores vermelhas de uma trepadeira a que chamam **brincos-de-dama** e, tendo-se firmado na resolução que a preocupava, voltou para o marido.

— Nossos destinos estão ligados para sempre. A sorte me recusou a felicidade que sonhei. Tive este capricho que nenhuma outra o possuiria, enquanto eu viver. Mas não pretendo condená-lo ao suplício desta existência, que vivemos há mais de um mês. Não o retenho; é livre; disponha de seu tempo como quiser, não tem que me prestar contas.

A moça calou-se esperando uma resposta.

— A senhora deseja ficar só?, perguntou Seixas. Ordene, que eu me retiro, agora como em qualquer outra ocasião.

— Não me compreendeu. Há um meio de lhe aliviar o peso dessa cadeia que nos prende fatalmente e de lhe poupar as constantes explosões de meu gênio excêntrico. É o divórcio que lhe ofereço.

— O divórcio?, exclamou Seixas com vivacidade.

— Pode tratar dele quando quiser, respondeu Aurélia com um tom firme e se afastou.

IX

Seixas, surpreso e agitado pela proposta da moça, refletiu um momento.

O resultado dessa reflexão foi se aproximar da mulher, ocupada nesse momento a ver os peixinhos vermelhos do tanque fervilharem à tona d'água para devorar os bocados de um jambo³⁵ com que ela os tentava.

— Estes peixes agora a divertem; disse Fernando. Se amanhã a aborrecerem, mandará que os joguem fora e que os deixem morrer de fome?

A moça ergueu para o marido os olhos cheios de surpresa.

— Talvez nunca lhe acontecesse refletir sobre este problema social, continuou Fernando. O senhor tem o direito de despedir o cativo, quando bem quiser?

— Creio que ninguém porá isso em dúvida, respondeu Aurélia.

— Então entende que, depois de tirar de um homem a sua liberdade, de o rebaixar ante a própria consciência, de o haver transformado em um instrumento, é lícito, com a desculpa de libertá-lo da escravidão, abandonar essa criatura a quem **sequestraram** da sociedade? Eu penso o contrário.

— Mas que relação tem isso?...

— Toda. A senhora me fez seu marido; não me resta outra missão neste mundo; desde que me impôs esse destino e sacrificou meu futuro, não tem o direito de me negar o que paguei tão caro, pois o paguei a preço de minha liberdade.

— Essa liberdade, eu a restituo.

— E pode me restituir com ela o que perdi passando-a a outra pessoa?

— Tem medo talvez do escândalo que produzirá o divórcio. Não há necessidade de publicarmos nossa resolução; podemos viver inteiramente estranhos um ao outro na mesma cidade e até na mesma casa. Se for preciso, temos a desculpa das viagens

³⁵Espécie de fruto.

por doença, da mudança de clima, do passeio à Europa.

— A senhora fará o que for de sua vontade. A minha obrigação é lhe obedecer, como seu servo, contanto que não lhe falte o marido que a senhora comprou.

Aurélia fitou no semblante de Seixas um olhar soberano:

— Acredita que eu possa mudar de sentimentos para com o senhor?

— Não tenha esse medo. Se eu não estivesse convencido que o amor entre nós é impossível, não estaria aqui neste momento.

Estranho sorriso iluminou a face de Aurélia, que vibrou com um gesto de sublime altivez.

— Qual é então o motivo por que não aceita o que lhe ofereço?

— O que a senhora me oferece lhe custou cem contos de réis, e receber esmolas desse valor é roubar ao esbanjador que as joga fora.

— Como quiser!, disse Aurélia com desdém. O senhor pensa com certeza que sua presença me incomoda, e por isso lhe sorri a **ideia** de impô-la como uma contrariedade. Engana-se; pode ficar; não era por mim, mas por si mesmo que lhe oferecia a separação. A rejeita? Melhor; não poderá se queixar pelo que venha a acontecer.

Apesar da recusa de Seixas, suas relações com Aurélia tornaram-se desde aquela tarde mais distantes. A moça já não caprichava como nas primeiras semanas em passar a maior parte do tempo na companhia do marido. Este, por seu lado, temendo se tornar inconveniente, se conservava afastado enquanto a mulher não manifestava o desejo de tê-lo perto de si. Dias houve em que não se viram. Seixas saía muito cedo para a repartição; Aurélia ia jantar com alguma amiga; só no outro dia às 4 horas da tarde se encontravam de novo.

Essas tardes em que Fernando ficava sozinho em casa, pois D. Firmina acompanhava Aurélia, ele as aproveitava para ir ver a mãe, que ainda habitava na mesma casa da Rua do Hospício. Levantava curiosidade entre os conhecidos de D. Camila que o filho a deixasse na vida obscura e necessitada, em vez de **chamá-la** para sua companhia, ou pelo menos de ajudá-la a viver com decência e fartura.

Senhora

D. Camila não se queixava; mas, apesar de seus extremos por aquele filho e da dedicação de sua ternura, tinha estranhado que Fernando, depois de casado, não pensasse em dar às irmãs uma lembrança qualquer.

Muito raras vezes aparecia Fernando na casa da mãe, e de passagem. Nisso não reparava D. Camila; embora lamentasse que a posição do filho e seus deveres sociais não lhe permitissem possuí-lo por mais tempo.

Mariquinhas no começo estimulava a mãe para irem à casa de Seixas nas Laranjeiras e até para lá passarem um dia. A mãe, desabituada à sociedade, tinha medo da crítica de Aurélia. Todavia, essa razão não a fazia desistir se Fernando insistisse; porém ele, ao contrário, se fez de desentendido e desconversou aos primeiros rodeios da irmã.

Não passou despercebida a Aurélia esse afastamento da família do marido. Uma tarde em que Seixas recebeu à sua vista um bilhete de Nicota, ela o perguntou:

— Sua família, depois da noite de nosso casamento, nunca mais voltou a esta casa? Será por minha causa?

— Não; o culpado sou eu, que nunca lhes falei nisso.

— E por quê?

— Julgam-me feliz. Não quero lhes roubar essa doce ilusão.

— Aqueles que nos visitam e que **frequentamos** não andam iludidos?

— São indiferentes. Olhos de mãe **leem** na alma do filho como em livro aberto; aquilo o que não **veem**, adivinham.

— Quer fazer uma aposta?

— Sobre?

— Sou capaz de enganá-la como tenho enganado a todos.

— É possível; ela não é sua mãe.

O bilhete de Nicota comunicava a Fernando o dia que foi marcado para seu casamento, o qual se celebrou na seguinte semana, em um sábado conforme o uso geral. Seixas ocultou da mulher essa particularidade. Na tarde em que devia ter lugar o casamento, saiu de casa a pretexto de fazer uma visita a um ministro e assistiu à cerimônia. Levou à irmã uma **joia**; mas de valor insignificante para sua riqueza.

Essa mesquinheza, junto à circunstância de se apresentar pé, fizeram suspeitar às pessoas presentes que a imprevista

riqueza abalou o caráter de Seixas a ponto de transformá-lo de esbanjador que era em refinado avarento.

Outro casamento efetuou-se por esse tempo! Foi o do Dr. Torquato Ribeiro com Adelaide Amaral. Dias antes, o noivo recebeu por intermédio de Lemos um recado de Aurélia, que lhe pedia o seu recibo de **cinquenta** mil-réis, pois chegou a ocasião de pagá-lo. Foi Ribeiro às Laranjeiras, pensando na surpresa que a moça lhe preparava.

— Aqui tem o que lhe devo; as três cifras são o presente de Adelaide.

Ribeiro abriu o papel; era uma letra ao portador de **cinquenta** contos passada pelo Banco do Brasil. Ele fez um gesto de recusa; a moça o interrompeu.

— Não tem o direito de rejeitar. Foi o preço da minha felicidade. Meu tio garantiu ao Amaral que o senhor possuía este dinheiro, sem o que ele não consentiria em desfazer o casamento da filha com Fernando, e este não seria meu marido.

— Como lhe pagaremos tamanho benefício?, disse o moço comovido.

— Sendo feliz, respondeu Aurélia.

— Basta-me ser tanto como a senhora.

— Como eu?

— Sim; não é tão feliz?

— Muito; como não pode imaginar!

Aurélia serviu de madrinha a Adelaide, e Seixas foi obrigado a assistir a esse casamento, que lhe desdobrava por assim dizer diante dos olhos um passado de que ele em vão tentava se retirar.

Ali estavam juntas, diante do altar, duas mulheres a quem ele traiu sucessivamente, e não arrebatado da paixão, mas seduzido pelo interesse. Quando, mergulhado em seus pensamentos, abandonava-se à melancolia daquelas lembranças, Aurélia, que se aproximou, lhe murmurou ao ouvido:

— Mostre-se alegre. Quero que todos, mas principalmente esta mulher, acreditem que sou feliz e muito. O senhor me deve ao menos esta ridícula satisfação em troca do que me roubou.

Tomando o braço de Seixas e reclinando-se com esse sensual orgulho da mulher que se rende a um imenso amor, se dirigiu à porta da igreja onde a esperava o seu carro. Nesse momento, como durante a noite na casa do Amaral, não houve

Senhora

quem não invejasse a felicidade do par formoso que Deus havia acumulado de todos os dons, de graça, de mocidade, de amor, de saúde e de riqueza.

Tinham tudo isto e não passavam de dois infelizes! Essa festa alegre e rica, ninguém imaginava que tortura era para essas duas almas, que estavam queimando-se nas luzes da sala e se dilacerando nos sorrisos que distribuía dos lábios.

No dia seguinte, domingo, Aurélia ficou em seu aposento e, até quarta-feira, não viu o marido. Nem D. Firmina, nem os criados desconfiaram do fato, embora suspeitassem de algum estremecimento entre os noivos.

Como, nessas ocasiões, o marido e a mulher fechavam-se cada um de seu lado, as pessoas da casa, ignorantes da interdição a que foi condenado o quarto do casal, acreditavam que eles se correspondessem por essa comunicação interior.

Estas ausências de Aurélia se repetiram muitas vezes daí em diante: Seixas percebeu que ela o evitava e desconfiou que sua presença começasse a importuná-la. Não se enganava. Desde que a moça não achava mais em si a irritação e o sarcasmo, em que no começo se deleitava seu coração, a aproximação do marido a oprimia.

Seixas não a contrariava. Conservando-se em casa ao alcance da voz e ao aceno da mulher, lhe poupava o desgosto de o ver.

Entrava isso na resolução que havia tomado, mas não era sem grande esforço e luta que conseguia permanecer ao lado dessa mulher para a qual se havia tornado, ele o sentia, verdadeiro castigo.

Devemos supor que uma razão poderosa o retinha, e tão forte que dominava a todo o instante a revolta de sua dignidade, magoada pela aversão cheia de desdém da qual era alvo. Desse tempo data a agitação em que trabalhou ele à busca de um recurso para retirá-lo da terrível luta. Todas as **ideias** que lhe sugeria seu espírito agitado, ele as aceitava na mesma hora, para logo as rejeitar com desânimo.

Afinal se decidiu. Antes de ir à repartição, procurou Lemos, com quem só de passagem se encontrou depois do casamento. O velho o recebeu com o seu modo brincalhão:

— Que honra, meu amigo! Esta pobre casa não o merecia!

— Tinha necessidade de lhe falar!, respondeu Seixas.

O velhinho piscou os olhos. Ele adivinhava que o moço não o tinha procurado àquela hora para lhe fazer uma visita de cortesia.

— Desejava consultá-lo, continuou Seixas hesitando. Penso que as apólices vão baixar consideravelmente e que seria um bom negócio vendê-las neste momento para comprá-las mais tarde, talvez daqui a dois meses.

— Não é mau; porém há outro melhor neste momento, disse Lemos.

— Qual?

— Vender libras esterlinas.

— Não as possuo.

— Isso não impede.

— Não entendo.

— Venda para entregar no fim do mês, pelo preço de 12 réis. Nesse tempo elas baixam a 10 réis com certeza, e o senhor ganha em quinze dias, sem gastar um real, uns contos de réis que não fazem mal a ninguém.

— Agora compreendo. Dez mil libras deixariam...

— Vinte contos.

— E se ao contrário subirem?

— Perde a diferença.

— Aí está o risco.

— Só há um meio de ganhar sem risco; é o de não pagar.

Seixas se despediu, apesar das insistências de Lemos, que desejava levá-lo à Praça do Comércio. Nesse mesmo dia encontrou Abreu, que, depois de ter esbanjado a herança, virou jogador e vivia segundo era fama, das apostas. Pela conversa que tiveram os dois, o marido de Aurélia ficou sabendo a rua e número de uma casa onde todas as noites havia reunião plena dos amantes da roleta.

X

No pavimento térreo, ao lado esquerdo, havia na casa das Laranjeiras uma varanda de estilo campestre, decorada com palmeiras vivas e cestas de parasitas. Servia de sala de bilhar, e aí costumava Aurélia e o marido passarem a tarde, quando o tempo não convidava ao passeio no jardim.

Aí foi Seixas encontrar dois grandes quadros, colocados nos respectivos cavaletes. Na tela viam-se os esboços de dois retratos, o de Aurélia e o seu, que um pintor notável, rival de Vítor Meireles e Pedro Américo³⁶, havia desenhado à vista de alguma fotografia, para retocá-lo na presença dos modelos.

Ao olhar interrogador do marido, Aurélia respondeu:

— É um ornamento indispensável à sala.

— Julga que seja indispensável? Me parecia ao contrário inconveniente reproduzir, ainda que seja por esse modo, uma presença que tanto lhe deve importunar.

— Não se tira retrato da alma. Felizmente!..., observou Aurélia com o misterioso sorriso que desde certo tempo acompanhava essas palavras de sentido desconhecido.

Seixas prestou-se passivamente ao papel de modelo. As sessões à tarde tinham ficado reservadas para ele a fim de não atrapalhar seu trabalho da repartição. Aurélia se retirou, o deixando em plena liberdade.

No dia seguinte, pela manhã, quando o pintor voltou para trabalhar em seu retrato, a moça, antes de tomar posição, fez suas observações acerca da expressão fria e seca da fisionomia de Seixas.

— Pinte o que vi. Se deseja um retrato de fantasia, é outra coisa, respondeu o artista.

— Tem razão; meu marido não anda bom. É melhor interromper seu trabalho por alguns dias; eu lhe mandarei aviso quando for ocasião.

Essa tarde Seixas achou Aurélia inteiramente outra da que era nos últimos tempos. Sua expressão meiga, e sobretudo a

³⁶Ambos pintores brasileiros do século XIX.

meiguice e singeleza de seu modo, restauraram em sua memória a imagem da formosa menina de Santa Teresa, a quem amou em tempos passados.

Se deixou seduzir por essa ilusão, embora estivesse bem convencido de que a veria desaparecer de repente e dolorosamente como as outras. Mas sua alma tinha necessidade de repouso e ainda mais do conforto de uma crença consoladora; abandonou-se àquele doce sonho e quis se convencer de que revivia um momento amoroso de seu passado.

Aurélia trouxe a conversa para os assuntos que mais podiam seduzir um espírito poético e elegante como o de Seixas. Falou de música, de versos, de flores e de artes. Quando a ironia não tornava afiada sua palavra, ela tinha uma exuberância de afeto e ternura que saía de seus lábios e derramava em torno de si uma atmosfera de amor.

À noite tocou piano e cantou os trechos prediletos do marido.

Não era ela, certamente, apesar dos elogios de D. Firmina, uma mestra, nem mesmo uma discípula habilidosa e correta. Mas poucas teriam seu gênio artístico; ela tocava por inspiração, e o canto eram as emoções de sua alma que ressoavam espontaneamente como a música da brisa no seio da floresta.

Os dias seguintes correram na mesma doce intimidade. À tarde no jardim, ou admiravam juntos as flores, ou liam no mesmo livro algum romance menos interessante do que o seu próprio.

Seixas executava a leitura, e Aurélia escutava sentada a seu lado. Às vezes, ou porque se distraísse um momento, ou por ânsia de antecipar a narração, se reclinava para correr os olhos pela página, onde ia brincar com um cacho de seus cabelos castanhos.

Foi no meio de uma dessas cenas que o pintor apareceu de novo. Seixas deu sinal de contrariedade, que a gentileza de Aurélia conseguiu desfazer. Conservou durante a sessão a mesma expressão afável e graciosa, que pouco antes iluminava seu nobre semblante e que foi a sua fisionomia de antes, quando a ruína da existência ainda não o tinha revestido de melancolia.

Na manhã seguinte, Aurélia, examinando o trabalho do pintor, viu palpitante de emoção, sorrindo para ela, o homem

Senhora

que ela havia amado. Ele aí estava em frente dela, destacando-se da tela, onde o pincel do artista o havia fixado com admirável felicidade. Era um desses retratos em que o modelo, em vez de se impor, inspira o artista; e que deixam de ser cópias e se tornam criações.

Ainda Aurélia estava encantada em sua contemplação quando chegou o artista, que recebeu seus elogios acompanhados de sinceros agradecimentos. O pintor supunha ter feito apenas uma obra de arte. Como podia ele suspeitar o segredo dessa mulher, viúva daquele marido vivo?

— O senhor deve tirar uma cópia desse retrato, para ficar na sala com o meu. Quanto a este, desejo que tenha o traje com que me lembro de ter visto meu marido, quando o conheci. É uma surpresa que pretendo lhe fazer. Compreende?

— Perfeitamente.

— Lhe peço, porém, que não toque no rosto.

— Fique descansada.

Aurélia explicou ao pintor o traje que devia figurar no retrato do marido e tomou posição para concluir o seu.

Ao voltar da repartição, notou Seixas que sua mulher não conservava a mesma disposição de ânimo em que a deixou na véspera. Não tornou à primitiva irritação, mas foi pouco a pouco se retraindo e acabou por se isolar de todo.

Passava os dias trancada em seu quarto. Quando aparecia, era sempre distraída e tinha o aspecto dessas pessoas que se habitua a viver no mundo da fantasia e que, se sentindo confusas quando voltam à realidade, se refugiam em seus sonhos.

A casa das Laranjeiras tornou-se uma verdadeira solidão, habitada por dois monges reclusos, que não se viam, nem se falavam, a não ser na hora de jantar.

Ao se levantarem da mesa, Aurélia se escondia no fundo de algum aposento, de onde seguia de longe com os olhos o vulto do marido, que passeava pelo jardim. À noite cada um tomava seu livro; Seixas lia; Aurélia aproveitava esses instantes de liberdade para tornar aos seus pensamentos e aos suaves sonhos que abandonava ao sair do quarto.

D. Firmina no começo estranhou os modos de Aurélia; mas era uma senhora de muito juízo e bastante experiente na vida. Percebeu logo a causa dessa alteração e aproveitou a primeira

oportunidade para dar mostra da sua inteligência.

— Não acha Aurélia tão diferente do que era, Sr. Seixas?

Fernando, surpreendido pela pergunta, voltou os olhos para a mulher, cujo pálido semblante iluminado nesse momento por um reflexo do Sol do fim de tarde tinha a vaga aparência da cera.

— Algum incômodo passageiro. Precisa sair da cidade, passar algum tempo fora, na Tijuca ou em Petrópolis.

— Não tenho doença, respondeu Aurélia com indiferença.

— Doença não, Aurélia; mas algo parecido, retrucou a viúva. E os passeios no campo são excelentes para essas melancolias e desmaios que você anda sofrendo.

— Engana-se, não sofro coisa alguma.

— Ora, não disfarce! Quem não vê que aí anda como quem...

— Como quem o quê?, insistiu Aurélia completamente indiferente a intenção da viúva.

— Espera um neném!

Soltou a moça uma gargalhada; mas tão descompassada e grosseira que D. Firmina mais se confirmou em sua convicção. Fernando se ergueu com a desculpa de regar os tabuleiros de violetas, que rodeavam os pedestais das estátuas de bronze.

Decorreram meses. De repente, sem causa conhecida, com o contraste e o imprevisto que tinham as decisões dessa mulher singular, operou-se uma revolução na casa das Laranjeiras e na existência de seus moradores. Aurélia saiu do isolamento a que se condenou durante tanto tempo, mas para se lançar no outro extremo. Mostrava pelos divertimentos um vigor que nunca teve, nem mesmo em solteira. Começou a frequentar de novo a sociedade, mas de maneira contínua e sem repouso.

Os teatros e os bailes não lhe bastavam; as noites em que não tinha convite, ou não havia espetáculo, improvisava uma partida que, em animação e alegria, não invejava as mais lindas da Corte. Tinha a arte de reunir em sua casa as formosuras fluminenses. Gostava de se rodear dessa corte de belezas.

Os dias, destinava-os para as visitas da Rua do Ouvidor e os piqueniques no Jardim ou Tijuca. Se lembrou de fazer da praia de Botafogo um lugar de passeio, à semelhança dos Bois de Boulogne em Paris, do Prater em Viena e do Hyde Park em Londres. Durante alguns dias ela e algumas amigas percorriam,

Senhora

de carro aberto, por volta de quatro horas, a extensa curva da pitoresca praia, esparecendo a vista pelo panorama encantador e respirando o fresco clima do mar.

Os passantes as olhavam surpresos e com um aspecto que traduzia a malignidade de suas opiniões. Aurélia não fazia o mínimo caso dessas caras mexeriqueiras; mas as amigas se incomodaram, e ela foi obrigada a abandonar o lindo passeio.

Esta ânsia de festa e distrações, sucedendo a uma inexplicável apatia e recolhimento, faria desconfiar que Aurélia buscava na sociedade não o prazer, mas talvez o esquecimento. Por acaso tentava distrair o espírito e arrancá-lo deste modo dos pensamentos em que mergulhou por tantos dias?

— Deve estranhar esta febre de divertimentos, disse ela ao marido. É uma febre, é; mas não tem perigo. Quero que o mundo me julgue feliz. O orgulho de ser invejada talvez me console da humilhação de nunca ter sido amada. Ao menos aproveitarei a pompa de felicidade. No fim das contas, o que é tudo neste mundo senão uma ilusão, para não dizer uma mentira? Assim, desculpe se incomodo, o tirando de seus hábitos para me acompanhar. Mas vai reconhecer que mereço esta compensação.

— É minha obrigação acompanhá-la, e me achará sempre disposto a cumpri-la. Moça, formosa e rica, deve aproveitar a vida que lhe sorri. O mundo tem esta qualidade; o que não consume, gasta. Daqui a algum tempo a senhora verá a existência por um ângulo bem diferente e do passado não lhe ficará senão a lembrança de um pesadelo de criança.

— É o que eu procuro justamente. Apagar estas crenças, ou antes essas incômodas ilusões de minha infância, com que se educou minha alma, e me conformar à realidade da vida. Oh!, se eu o conseguisse!...

A pausa se desfez nos lábios da moça em um sorriso irônico.

— Então nos havemos de entender!

Quarta Parte

Resgate

I

Havia baile em São Clemente.

Aurélia ali estava como sempre, deslumbrante de beleza, de espírito e de luxo. Seu traje era um primor de elegância; suas joias valiam um tesouro, mas ninguém se apercebia disso. O que se via e se admirava era ela, sua beleza, que enchia a sala, como um esplendor.

O baile, em vez de cansá-la, ao contrário, fazia bem. Semelhante às flores tropicais, filhas do sol, que ostentam a brilhante cor nas horas mais ardentes do dia, era justamente nesse terreno tortuoso de luz e paixões que Aurélia revelava toda a opulência de sua beleza. Seixas a contemplava à parte.

As outras moças, de meia-noite em diante, começavam a murchar; o cansaço lhes desbotava a cor ou deixava seu rosto vermelho. O corpo denunciava o excesso do cansaço na moleza dos movimentos ou na dureza do gesto.

Aurélia, ao contrário, à medida que se adiantava a noite, apresentava mais seduções e parecia entrar na plenitude de sua graça. A qualidade artística de seu traje ia desaparecendo na agitação do baile. Como o primeiro esboço que surge afinal da

Senhora

ferramenta do artista, ao fogo da inspiração, sua estátua recebia da admiração das pessoas os últimos toques.

Quando, em torno, todos se agitavam, ela conservava sua inalterável serenidade. O colo respirava mansamente, ao ritmo das suaves emoções; o sorriso enchia-se inteiramente de encantos — nos lábios entreabertos, por onde se escapava a respiração calma. Desprendia-se de seus olhos, de toda sua pessoa, uma manifestação celeste que era como a sua irradiação. Quando completou-se esta ascensão de sua beleza, o baile estava terminando.

Aurélia fez um gesto ao marido e, envolvendo-se na manta de caxemira que ele lhe apresentou, prendeu o braço no seu. No meio das adorações que a perseguiam, se retirou orgulhosamente reclinada ao peito desse homem tão invejado, que ela arrastava após si como um troféu.

O carro estava à porta. Ela se sentou afastando a saia para dar lugar ao marido.

— Que linda noite!, exclamou recostando a cabeça nas almofadas para mergulhar os olhos no azul do céu enfeitado de estrelas.

Com esse movimento, seu ombro tocou no ombro de Seixas, e os cachos de cabelos castanhos, agitados pelo movimento do carro, acariciaram a face do jovem soltando perfumes. De momento a momento, a claridade do gás entrava pela portinhola do carro, em frente ao lampião, e desenhava o delicado semblante de Aurélia e seu colo, que a manta escorregando tinha descoberto.

Na posição em que estava, olhando por cima do ombro da moça, ele via, na sombra transparente, quando o decote do vestido se erguia com o movimento da respiração, as linhas harmoniosas desse colo soberbo que se abarrotava em contornos sensuais.

— Como brilha aquela estrela!, disse a moça.

— Qual?, perguntou Seixas inclinando-se para olhar.

— Ali por cima do muro, não vê?

Seixas só via a ela. Acenou com a cabeça que não.

Aurélia distraidamente travou da mão do marido e lhe apontou a direção da estrela.



SCHLOSSER

Senhora

— É verdade!, respondeu Fernando que viu uma estrela qualquer.

Retirando a mão, Aurélia a descansou no joelho, não percebendo sem dúvida que ainda tinha presa a do marido.

— Não sei o que tem o brilho das estrelas!..., murmurou a moça. É uma coisa que notei desde menina. Sempre que fico assim, olhando para elas e bebendo os seus raios, sinto uma vertigem, que me dá sono. Quem sabe se a luz que elas têm não embriaga? Parece que bebi um cálice de champanhe, mas feito do suco daqueles cachos dourados que lá estão no céu.

O olhar de Aurélia dirigiu estas palavras ao marido, envolvidas em um sorriso feiticeiro.

— Então foi de ambrosia, que é a bebida dos deuses, tornou Fernando correspondendo ao gracejo.

— Mas foi de graça? Que sono me fez! Será cansaço?

— Talvez! Dançou tanto!

— Pois reparou?

— Que queria que eu fizesse?

Aurélia esperou um momento para não interromper o marido; vendo que este se calava, se aconchegou com o gracioso movimento dos passarinhos quando se arrepiam para dormir.

— Não posso mais! Estou tonta!

Curvou-se então nas almofadas; e, pouco a pouco, deixando o corpo mole de sono ao balanço do carro, sua cabeça foi repousar no braço do marido; e seu hálito perfumado banhava as faces de Seixas, que sentia a doce impressão daquele corpo sedutor. Era como se respirasse e bebesse a sua beleza.

Fernando não sabia o que fazer. Às vezes queria esquecer tudo, para só se lembrar que era marido dessa mulher e que a tinha nos braços. Mas, quando queria ousar, um frio mortal lhe penetrava o coração; ele ficava inerte e tinha medo de si.

Todavia, ninguém sabe o que aconteceria se o carro não parasse tão depressa à porta da casa; Aurélia se sobressaltou; caindo em si, se retraiu para deixar que Seixas saltasse e lhe oferecesse a mão.

— Nunca me senti tão cansada! Creio que estou doente, disse ela descendo do carro.

— Não devia ter ficado até tão tarde!, observou Fernando com presteza.

— Me dê seu braço!, murmurou a moça com um gesto

abatido.

Seixas começou a se inquietar, ainda mais quando a viu, suspensa a seu braço, se arrastar para a escada.

— Está realmente incomodada?

— Estou doente, muito doente!, respondeu com a voz abatida.

Porém nos olhos e nas covinhas da boca, brilhou um raio de malícia que desmentia aquelas palavras. Seixas retribuiu o gracejo.

— É uma enfermidade muito grave, não é? Que lhe ataca todas as noites e a deixa sem sentidos por muitas horas? **Chama-se** sono.

— Não sei, nunca a tive, voltou a moça abaixando as pálpebras e protegendo os lindos olhos.

Chegados à saleta, onde costumavam se despedir, Aurélia se dirigiu para o quarto. Na porta, Fernando parou.

— Me leve que eu não posso comigo, disse Aurélia o atraindo suavemente.

O marido a levou ao divã, onde ela deixou-se cair de cansaço ou de sono. Não tendo soltado logo o braço de Seixas, este se reclinou para lhe acompanhar o movimento e se achou debruçado para ela.

Aurélia aconchegou as roupas dando lugar à beira do divã e acenando com a mão ao marido que se sentasse. Entretanto, com a cabeça atirada sobre o recosto de veludo, o colo nu desenhava sobre o fundo azul um primor de estatuária esculpida no mais fino mármore.

Seixas desviou os olhos como se visse diante de si um abismo. Sentia a fascinação e reconhecia que lhe faltavam as forças para escapar.

— Até amanhã?, disse ele hesitando.

— Veja se não tenho febre!

Aurélia procurou a mão do marido e a encostou na testa. Debruçando-se para ela com esse movimento, Seixas roçou com o braço o contorno de um seio palpitante. A moça tremeu como se algo vibrasse no seu íntimo e apertou nervosa a mão do marido, que ela conservou na sua.

— Aurélia, gaguejou Fernando, que pouco a pouco se abaixava no divã e estava de joelhos, buscando os olhos da mulher.

Ela ergueu de leve a cabeça, para fazer correr no semblante

Senhora

do marido a luz dos olhos, e sorriu. Que sorriso! Um abismo, onde afundaram a razão, a dignidade, a virtude, todas essas arrogâncias do homem.

Seixas ia se jogar; mas os olhos de Aurélia o queimavam; escapava daquelas pupilas cintilantes um fogo intenso que lhe penetrava na alma como lava. Ele voltou o rosto para o lado da porta, como receoso de que estivesse aberta. Aurélia fechou as pálpebras e atirou de novo a cabeça sobre a almofada, com esse delicioso abandono em que o corpo cede depois de um excessivo exercício. Fernando, na mesma posição, contemplava a formosa mulher que ele tinha ali, palpitante sob o seu olhar e ao contato do peito onde fervilhava a renda do vestido, movimentando-se de acordo com a respiração.

E todavia não ousava. Nunca, nos tempos em que ele fazia o contrabando do amor, mulher alguma, por mais protegida que fosse de seu desejo, lhe inspirou o respeito, ou antes o susto, que o embaraçava naquele momento junto de sua esposa.

A moça levantou o braço com um gesto de tédio e o deixou sobre o recosto do divã, de onde foi deslizando fracamente para o ombro de Seixas. À doce pressão desse movimento que o prendia, ele cedeu a cabeça e chegou a roçar a flor dos lábios nas tranças de cabelos que borbulhavam em anéis pelos ombros e corriam pela face de Aurélia.

Mas a moça voltou a cabeça escondendo o rosto no acolchoado de veludo, com um gesto rápido, ao passo que retraía a mão para proteger a face. Bastou este movimento, que não passava talvez de frágil resistência da castidade, para reprimir o impulso de Seixas.

Depois de um instante sem ação, ia se levantar, quando Aurélia surgiu com violência do mal-estar e da moleza que a enfraquecia e, sentando-se no divã, obrigou o marido a se ajoelhar de novo a seus pés. Apoiando então a mão no rosto, lhe segurou a cabeça e lhe cravou no semblante um olhar longo, penetrante, que parecia mergulhar na consciência daquele homem e adivinhar seus mistérios.

— Não me engana. Você me ama, enfim?, perguntou ela com meiguice.

— Ainda não acredita?

— Venceu então o impossível?

— Fui vencido por ele.

— Não tenho essa felicidade!..., exclamou a moça erguendo-se do divã e caminhando pela sala com o passo frouxo e a cabeça baixa.

Fernando, que a seguia com o olhar surpreso, a viu se aproximar de um quadro colocado sobre uma base e na parede da frente. A cortina azul correu; à luz do gás que batia em cheio desse lado, se destacou do fundo do painel o retrato de corpo inteiro de um elegante cavalheiro. Era o seu retrato; mas do jovem que foi dois anos antes, com o toque de suprema elegância que ele ainda conservava e com o sorriso indescritível que se apagou sob a expressão grave e melancólica do marido de Aurélia.

— O homem que eu amei, e que amo, é este, disse Aurélia apontando para o retrato. O senhor tem suas feições; a mesma elegância, a mesma nobreza de porte. Mas o que não tem é sua alma, que eu guardo aqui em meu peito e que sinto palpitar dentro de mim e me possuir, quando ele me olha.

Aurélia fitou o retrato com prazer. Levada pela intensidade do afeto que inchava seu espírito, pousou nos lábios frios e mortos da imagem um beijo fervoroso, forte, cheio de vida; um desses beijos que são verdadeiras explosões da alma que se transborda pelo fogo de uma paixão subterrânea, longamente reprimida.

Seixas estava sem ação. Sentindo-se objeto de zombaria dessa mulher, que o sujeitava a sua dor, lhe escutava as palavras, lhe observava os movimentos e não a compreendia. Chamava a si a razão, e esta lhe fugia, o deixando encantado.

Aurélia acabava de voltar-se para ele, arrogante de sensualidade, agitada de amor, com os olhos em chamas, os lábios grandes e o seio pulando aos ímpetos da paixão:

— Por que meu coração que vibra assim diante desta imagem fica frio junto de você? Por que seu olhar não penetra nele, como o raio desta pupila imóvel? Por que o toque de sua mão não comunica à minha esta chama que me embriaga como um néctar?

Aurélia parou de repente. Uma onda de vergonha lhe banhou o rosto. Impedida de continuar nesse impulso de paixão por um acesso de vergonha, ela se contraiu como a flor da noite ao raiar da luz. Suspendeu a capa de caxemira que lhe tinha

Senhora

escorregado dos ombros para a cintura e se encolheu no canto do divã.

Seixas se aproximou, lhe fazendo o cumprimento do costume; com a voz já **tranquila** e o modo natural, disse:

— Boa-noite.

A moça entreabriu a caxemira o suficiente para tirar os dedos afilados da mão direita, que estendeu ao marido.

— Já?, perguntou ela erguendo os olhos pedintes e tirânicos.

O marido estremeceu ao toque sutil dos dedos, que lhe apertavam docemente a palma da mão:

— Ordena que fique?, disse com a voz trêmula.

— Não. Para quê?

O que exprimia essa frase ninguém o imagina.

Seixas retirou-se levando na alma a mais cruel humilhação que o desprezo dessa mulher podia lhe impor.

II

Aconteceu uma noite cair a conversa em assunto de literatura nacional. Fato raro. Entre nós há moda para tudo nos salões; menos para as letras pátrias, que ficam à porta, ou quando muito vão para o fumatório servir de tema a dois ou três incorrigíveis.

Nesse dia fez-se uma exceção. Alguém, que tinha nos lábios a condenação de um livro que leu recentemente, apesar de publicado desde muito, aproveitou o momento para essa execução literária.

— Já leram a *Diva*³⁷?

Respondeu um silêncio cheio de surpresa. Ninguém tinha

³⁷Romance do próprio José de Alencar, publicado em 1864.

notícia do livro, nem supunham que valesse a pena de gastar o tempo com essas coisas.

— É fantástico, sentenciou o crítico.

Acrescentou ele ainda algumas coisas acerca do romance, cujo estilo censurou de incorreto, cheio de francesismo e de erros de gramática. O desenlace especialmente, provocou ácidas censuras.

A crítica, por maior que seja a sua maldade, produz sempre um efeito útil que é de estimular a curiosidade. O mais rigoroso crítico, apesar de não querer, presta homenagem ao autor e o recomenda. Pela manhã, Aurélia mandou comprar o romance e o leu em uma tarde, ao balanço da cadeira de palha, no vão de uma janela ensombrada pelas jaqueiras cujas flores exalavam perfumes de magnólias.

À noite apareceu o crítico.

— Já li *Diva*, disse depois de corresponder ao cumprimento.

— Então? Não é uma mulher impossível?

— Não conheço nenhuma assim. Mas também só podia conhecê-la Augusto Sá, o homem que ela amava e o único ser a quem abriu sua alma.

— Em todo o caso é um caráter inacreditável.

— E o que há de mais inacreditável que a própria verdade?, retorquiu Aurélia repetindo uma frase célebre. Sei de uma moça... Se alguém escrevesse a sua história, diriam como o senhor: “É impossível! Esta mulher nunca existiu”. Entretanto eu a conheci.

Mal pensava Aurélia que o autor de *Diva* teria mais tarde a honra de receber indiretamente suas confidências e escrever também o romance de sua vida, a que ela fazia alusão.

Nessa noite, entre as novidades do dia que deram tema à palestra, houve uma que bastante angustiou Aurélia. Falava-se que Eduardo Abreu estava dominado pela **ideia** do suicídio. Um de seus camaradas que vinha com ele de Niterói o impediu de se jogar ao mar da borda da barca; outro o surpreendeu com um revólver no bolso.

No dia seguinte, houve espetáculo no teatro lírico. Aurélia escreveu a Adelaide Ribeiro um bilhete lhe oferecendo o seu camarote e lhe prometendo sua companhia. As duas senhoras não tinham relações íntimas; apenas haviam trocado entre si as visitas de costume depois do casamento. Aurélia aproveitou o

Senhora

pretexto da ópera nova não para estreitar essas relações cerimoniais, mas ter ocasião de falar com o Dr. Torquato Ribeiro.

Às oito horas, quando Aurélia entrou no camarote pelo braço de Seixas, já encontrou Adelaide com o marido. As duas moças, lembrando-se que iam passar a noite face a face, instintivamente sem propósito, por uma irresistível rivalidade, haviam caprichado na aparência. Ambas estavam no esplendor de sua beleza. Mas curioso paradoxo: Adelaide, a pobre, vinha no maior apuro do luxo, com toda a elegância e requintes da moda. Aurélia, a milionária, mostrava extrema simplicidade. Vestiu-se de pérolas e rendas; só tinha uma flor, que era a sua graça.

Ao levantar-se o pano, a dona do camarote, como de costume, ocupou o lado da cena, reservando o lugar de honra para sua convidada. Os maridos se revezaram, ficando Ribeiro perto de Aurélia e Seixas perto de Adelaide.

Passada a primeira curiosidade que desperta sempre as decorações e trajes de uma cena ainda não vista, Aurélia, voltando-se para atender à amiga que lhe falava, notou a posição e atitude de Seixas. Este se recostou à divisão do camarote e observava a cena por cima do ombro de Adelaide; mas à moça pareceu que a vista do marido não chegava à rampa e iluminava, como uma réstia de sol, o menor movimento do corpo esbelto da mulher de Ribeiro.

Se Adelaide se inclinava à frente para trocar alguma observação, movimentava graciosamente diante de Fernando os ombros. Se a moça apoiava-se preguiçosa à coluna, era o seu lindo colo vazado por decote que se oferecia aos olhos de Fernando.

Aurélia agitava o leque de madrepérola com um movimento rápido e nervoso, que fazia brilhar as bases violentamente batidas umas contra as outras. Duas ou três se despedaçaram entre os dedos.

Às vezes, atirava um olhar imperioso ao marido para adverti-lo de sua inconveniência. Outras, examinava a fisionomia de Ribeiro, com o objetivo de observar o efeito que nele produzia aquele charme da mulher. Mas Seixas estava completamente absorvido na cena, ou no que lhe ficava ao rumo da cena, e Ribeiro observava de binóculo os camarotes.

Quanto a Adelaide, nem reparava na impaciência da amiga,

nem percebia que o excessivo vazio de seu corpinho, lhe desnudava quase todo o busto aos olhos do homem a quem voltava as costas. Sente a estátua o olhar que se insinua entre os véus transparentes? A mulher da moda tem a pele da estátua quando se veste para o baile.

Aurélia não pôde se conter afinal.

— Troquemos de lugar, Fernando? A luz do gás está me incomodando a vista.

— Venha para aqui!, disse Adelaide querendo lhe ceder a cadeira.

— Não: ali estou melhor; fico na sombra.

No intervalo saíram para passear no salão. A lembrança foi de Aurélia que desejava uma ocasião para dizer algumas palavras em particular ao Torquato. Antes de sair, porém, insistiu com Adelaide para que pusesse a capa.

— Pode-se resfriar. Está úmido.

— Ao contrário; faz um calor!

— Não facilite.

E lhe cobriu os ombros com sua própria capa que agasalhava mais.

Seixas ofereceu o braço a Adelaide, como era de rigor; Aurélia seguindo ao braço de Ribeiro, e sem perdê-los de vista, começou a conversar com seu cavalheiro.

— Ontem tive uma notícia que me afligiui; o Eduardo Abreu tentou se suicidar.

— Já me disseram.

— E parece que não abandonou a **ideia**. Quero salvá-lo dessa loucura: é um dever para mim e um tributo que pago à memória de minha mãe. Posso contar com o senhor?

— Permita que não responda a esta pergunta. Me diga o que devo fazer.

— Obrigada. Basta que o traga à minha casa e faça com que a **frequente**. Ele foi rico; perdeu a riqueza e, com ela, os amigos, a consideração, tudo que lhe tornava doce a existência. Nada mais natural do que olhar para o mundo como um inimigo a quem deve fugir. Se porém no meio desse deserto moral em que se acha surgisse uma **ideia**, uma vontade, um sentimento consolador, esse elo o prenderia de novo à existência.

Senhora

— Mas não tem receio?, observou Ribeiro hesitando.

— Pensa que ainda não esteja extinta a sua paixão? É justamente com o que eu conto.

— E seu marido?

— É meu marido, respondeu a moça erguendo a cabeça com calma nobreza.

Ribeiro compreendeu a palavra e o gesto. Em verdade, o homem que tinha a suprema sorte de ser o esposo querido dessa mulher podia suspeitá-la?

— Coloque-se em seu lugar, o senhor que sabe uma parte de minha história. Depois do que lhe dei, julgaria que teria direito ao sacrifício da vida de um infeliz?

— Não, certamente.

Nesse instante, Aurélia, que se distraíra com a conversa, viu Adelaide já sem a capa e suspensa ou antes enlaçada ao braço de seu marido com um abandono que ela, sua mulher, não se animaria a mostrar em público.

Aurélia, por um impulso que não pôde conter, apesar do império que se habituou a conservar sobre si, deixou o braço de Ribeiro para se lançar ao encontro do outro par e separou os dois, insinuando-se entre eles. Aí se recuperou, ao perceber a surpresa que se pintava no semblante dos outros, buscou disfarçar, fingindo uma risada e trançando no seu o braço da mulher de Ribeiro.

— Escute, quero lhe dizer um segredo, D. Adelaide!

Afastou-se levando a amiga. O segredo foi uma insinuação maliciosa sobre certa mulher que passava; e depois uma indireta à audácia de certas senhoras, que se orgulham em imitar aquelas a quem mais desprezam.

— Me dê a minha capa!, disse Aurélia com indelicadeza a Seixas.

Antes que este pudesse satisfazê-la, lhe tirou da mão a caxemira que Adelaide tinha dado para guardar, embrulhou-se nela e tomou o braço do marido.

— Vamos?

Seixas, admirado, se deixou conduzir, supondo que voltavam ao camarote. Ao chegarem em frente à escada, Aurélia esperou para se despedir de Adelaide.

— Já se retira?, perguntou a amiga cada vez mais surpresa.

— Prometi a minha madrinha, D. Margarida Ferreira, ir **vê-la** esta noite. Passei por aqui somente para aproveitar da sua companhia.

Aurélia teve esta lembrança no caminho do salão para o camarote; era uma excelente explicação de seu descaso de tomar à amiga o braço do marido e o melhor pretexto para cortar de vez o desagradável incidente.

Seixas acompanhou a mulher, sem a mínima observação. Entraram no carro; o cocheiro, que não recebeu ordem alguma, dirigiu-se a Laranjeiras. D. Margarida Ferreira morava em Andaraí.

— Não vai à casa de sua madrinha?

A resposta foi breve e seca:

— Não; já é tarde.

Aurélia revoltava-se contra si mesma, por causa daquele momento de fragilidade. Como é que ela depois de haver retirado da sua rival o homem a quem amava e de haver desprezado esse triunfo, dava a essa rival o prazer de ser temida por suas seduções?

Descontente, contrariada, cogitava uma vingança desse vacilo de seu orgulho.

— O que é o ciúme?, disse de repente sem olhar o marido e com um tom cortante.

Seixas compreendeu que aí vinha a luta e se preparou, chamando a si toda a calculada indiferença de que costumava se revestir.

— Exige uma definição fisiológica ou a pergunta é apenas motivo para conversa?

— Acredita na fisiologia do coração? Não lhe parece uma coisa sem sentido, esta ciência pretensiosa que se mete a explicar e definir o incompreensível, aquilo que não entende o próprio que o sente, sem ter muitas vezes a consciência desse fenômeno moral? Só há um fisiologista, mas esse não define, julga. É Deus, que formando sua criatura do barro da terra, como ensina a Escritura, lhe deixou o lado esquerdo, por amassar, uma porção do caos de que a tirou. Quanto ao ciúme, todos nós sabemos mais ou menos a significação da palavra. O que eu desejava era saber sua opinião sobre este ponto: o ciúme é produzido pelo amor?

Senhora

— Assim pensam geralmente.

— E o senhor?

— Como nunca o senti, não posso ter opinião minha.

— Pois eu tenho, e por experiência. O ciúme não nasce do amor, e sim do orgulho. O que dói neste sentimento, acredite, não é a privação do prazer que o outro tem, quando também nós podemos ter, e mais. É unicamente o desgosto de ver o rival possuir um bem que nos pertence ou cobiçamos, ao qual nos julgamos com direito exclusivo e que não admitimos partilha. Há mais ardente ciúme do que o do avarento por seu ouro, do ministro por sua pasta, do ambicioso por sua glória? Pode-se ter ciúme de um amigo, como de um objeto de estimação ou de um animal favorito. Eu, quando era criança, tinha de minhas bonecas.

Aurélia se calou à espera da réplica; prolongando-se a pausa continuou:

— Um exemplo. Há pouco, no teatro, quando vi o modo por que a Adelaide Ribeiro lhe dava o braço, tive ciúmes do senhor. Entretanto eu não o amo, bem sabe, e não o posso amar!

— Esta prova é decisiva. E a senhora não acredita na fisiologia? Quer melhor definição? O ciúme é o zelo do senhor pela coisa que lhe pertence.

— Ou pessoa!, acrescentou Aurélia com maldade.

— Pela coisa que lhe pertence, insistiu Seixas; seja essa animada ou inanimada.

— Temos ainda outra prova em favor de minha opinião. O senhor, que amou tanto e tantas vezes, nunca teve ciúmes; há pouco me confessou.

— E, como o ciúme é o sintoma do orgulho, ou em outros termos, da dignidade, a **consequência**...

— É lógica; mas eu a dispenso. Preferia que o senhor me recitasse alguma de suas poesias. Por exemplo: *O Capricho*.

III

As partidas de Aurélia, ou recepções, como as chamava o Alfredo Moreira, à parisiense, eram das mais brilhantes que então se davam na Corte.

Sem danças infernais e as extravagantes figuras que fazem das quadrilhas e valsas uma correria ou um remoinho de gente doente da tarântula³⁸, reinava ali sempre uma animação de bom gosto que estimulava o prazer e derramava a alegria sem machucar as moças nem espremer as damas entre os cavalheiros.

Aurélia descobriu um meio engenhoso de obter este resultado. Quando os rapazes que deviam dar o tom à reunião se retraíam com fingidas escapulidas e não se apressavam em tirar pares e trazê-los ao meio da sala, a dona da casa anunciava a quadrilha dos casados. Essa quadrilha, como o nome indica, era dançada unicamente pelos maridos com suas mulheres.

Ninguém escapava; não se admitia isenção alguma, nem de idade, nem de doença. Aurélia era inflexível, e não se podia resistir à sua doce tirania. Se ela tinha desses caprichos tirânicos e inconvenientes, possuía em compensação um tato superior para cativar a todos com sua fina e graciosa amabilidade.

A diferença das idades e a obrigação da conquista entre as duas caras-metades, às vezes tão desencontradas, serviam de divertimento geral, até aos próprios velhos reumáticos. As de meia-idade gostavam interiormente desta fantasia que as rejuvenescia, embora ficassem cheias de falso pudor, como exigia a decência.

O mais apreciado, porém, era a pirraça feita aos rapazes, que, além de ficarem de fora e perderem os lindos pares escolhidos entre as senhoras casadas, sofriam ainda as zangos das meninas solteiras, aborrecidas por não dançarem e obrigadas a fazer o papel de tias, ocupando o lugar das mães que tinham tomado os seus.

³⁸ Alteração nervosa atribuída à picada de aranha (tarântula) e caracterizada por enorme desejo de dançar.

Senhora

Disso resultava que os rapazes, com medo da tal quadrilha, desenvolviam uma atividade exemplar ao primeiro toque da rabeça e entretinham constante animação na sala, sem que Aurélia se incomodasse em pedir a esses meus senhores a especial gentileza de dançar.

A Lísia Soares dizia que essa invenção não passava de um disfarce de Aurélia para dançar com o marido, de quem andava cada vez mais namorada; a tal ponto que se dava a esses desfrutes.

Apareceu nessas partidas Eduardo Abreu, a quem os camaradas desde muito tempo não viam na sociedade. Aurélia o acolheu com afetuosa distinção e lhe reservava sempre uma de suas quadrilhas tão disputadas pelos inúmeros admiradores.

Acabava de dançar com ele e passeava pelo salão ao seu braço. O Alfredo Moreira, com seu espírito de embriaguez, os vendo passar, disse para um companheiro:

— Retrospecto sentimental!

— Não entendo a charada, respondeu o outro.

— Não sabes que o Abreu teve uma paixão pela Aurélia e fez as maiores loucuras para se casar com ela?

— Já entendi.

— Ela recusou o casamento porque amava o Seixas; mas agora que está casada com este, é muito capaz de transportar o amor para o jovem abandonado.

— Parece ser isso!

Este trecho de diálogo aconteceu no jardim artificial, que, em noites de reunião, se projetava ao longo da sala de jantar com palmeiras, acácias e magnólias plantadas em vasos de louça e caixas de madeira.

Fernando, que havia se refugiado um instante naquele recanto e fumava sentado em um sofá rústico à sombra de uma árvore, ouviu o comentário maldoso dos dois namoradeiros. Buscando com os olhos o alvo da zombaria, viu sua mulher que falava ao cavalheiro com uma insistência meiga e sedutora, que lhe lembrou a época de seus primeiros amores.

— Ama-o!, murmurou.

Depois não viu mais nada, o par desapareceu da sala, e ele mergulhou em sua alma. Só percebeu a si mesmo quando a voz da mulher o despertou surpreso.

— Há que tempo o procuro!, disse Aurélia sentando-se a

seu lado e o olhando inquieta. Está incomodado?

— Não, senhora: tive há pouco o prazer de vê-la dançar com o Abreu.

Aurélia lançou um olhar rápido e penetrante ao marido.

— É verdade; dancei com ele; é um de meus pares habituais, falou com facilidade. E o senhor, por que não dançou também?

— Porque a senhora não me ordenou.

— É esta a razão? Pois vou lhe dar um par... Quer me oferecer seu braço?, replicou Aurélia sorrindo.

— Seria ridículo oferecer o que lhe pertence. A senhora manda e é obedecida.

Aurélia tomou o braço do marido e se afastou lentamente ao longo do jardim.

— Por que me chama “senhóra”?, perguntou ela fazendo soar o ó com a voz cheia.

— Defeito de pronúncia!

— Mas outras vezes diz “senhõra”. Tenho notado; ainda esta noite.

— Essa é, creio eu, a verdadeira pronúncia da palavra; mas nós, os brasileiros, para diferenciar de forma cortês a relação de império e domínio, usamos da variante que soa mais forte e com certa vibração metálica. O súdito diz à soberana, como o servo à sua dona, “senhóra”. Eu talvez não reflita e confunda.

— Quer isso dizer que o senhor se considera meu escravo?, perguntou Aurélia fitando Seixas.

— Creio que lhe declarei positivamente, desde o primeiro dia, ou, antes, desde a noite de que data a nossa existência comum, e minha presença aqui, a minha permanência em sua casa sob outra condição foi acrescentar à primeira humilhação uma indignidade sem nome.

Aurélia replicou, dando à sua voz tonalidade triste e cheia de sentimento.

— Já não é tempo de parar entre nós estas represálias, que não passam de truques de palavras? Temos para nos separar eternamente motivos tão graves que não precisamos nos beliscar a todo o momento com semelhantes infantilidades. Eu dei o meu exemplo; devo ser a primeira a se arrepender. O senhor é meu marido, e somente meu marido.

— O que lhe disse não é uma banalidade, mas uma con-

Senhora

vicção profunda, uma coisa séria, a mais séria de minha vida; breve vai reconhecê-lo. Não empreguei a palavra escravo no sentido da domesticidade; seria ridículo. Mas a senhora deve saber que o casamento começou por ser a compra da mulher pelo homem; e ainda neste século se usava na Inglaterra como símbolo o divórcio, levar a repudiada ao mercado e vendê-la. Também sabe que no Oriente há escravas que vivem em suntuosos palácios, tratadas como rainhas.

— As sultanas?

— Ora, esse poder ou esse luxo que o homem tomou para si, por que não o terá a mulher deste século e desta sociedade, desde que lhe cresce nas mãos o ouro, que é afinal o grande legislador?

A palavra de Seixas era ácida e queimava os lábios.

— Sou seu marido!... É verdade; como Scheherazade era mulher do sultão³⁹.

— Menos o lenço!, acudiu Aurélia com uma piada.

Mas a ironia não pôde abafar a revolta irresistível do pudor, que fechou seus olhos e cobriu suas faces e seu colo de um vermelho vivo.

— Poupeemos dos nossos mútuos sarcasmos a majestosa santidade do amor conjugal, disse ela comovida. Deus não nos concedeu essa alegria, a fonte pura de tudo que é nobre e grande para o coração. Ficamos... Eu, pelo menos... órfãos e deserdados dessa bênção celeste; mas nem por isso podemos lhe recusar a nossa veneração.

Mal acabava de proferir estas palavras sentidas e vindas do íntimo, a moça arrependida de haver cedido à emoção destilou dos lábios um riso de prata e afetou o seu costumado tom de improviso:

— Quer saber minha opinião? Isto que o senhor chama escravidão não passa da violência que o forte exerce sobre o fraco; e nesse ponto todos somos mais ou menos escravos, da lei, da opinião, das conveniências, dos prejuízos; uns de sua pobreza, e outros de sua riqueza. Escravos verdadeiros, só conheço um tirano que os faz, é o amor, e este não foi a mim que o prendeu.

Achavam-se nesse instante na sala, na frente da cadeira ocupada por Adelaide Ribeiro.

³⁹ Personagens da obra *As mil e uma noites*.

— D. Adelaide, me faz um favor. Guarde este fugitivo e o tenha cativo, ao menos durante esta contradição.

— É um depósito?, perguntou Adelaide com malícia. Aceito; mas sem responsabilidade.

— Não há risco.

Enquanto a mulher de Ribeiro consertava os enfeites e a cauda de seu elegante vestido para tomar o braço do par que a dona da casa lhe ofereceu com tanta amabilidade, Aurélia, aproximando-se do lado do marido lhe disse ao ouvido e com expressão estas palavras:

— Devolvo sua liberdade. Já o disse uma vez; agora o realizei.

— E eu rejeitei então como agora, lhe respondeu o marido no mesmo tom.

— Por quê?, perguntou a moça com viva interrogação na voz e no olhar.

— Não é porque desejo retirar a sua. Esteja descansada.

— Certamente!, disse Aurélia curvando levemente a face com desdém.

— A razão é outra.

— Quero saber.

— Espero em Deus que a saberá um dia.

Tinham-se afastado alguns passos para não serem ouvidos. Aurélia fitou os olhos do marido, excitada pelo tom das últimas palavras, e se preparava talvez para a explicação, quando ouviu o vestido de Adelaide que se aproximava.

Soltou o braço do marido e se afastou.

A música dava o sinal da quadrilha. Passou o Alfredo Moreira, que vinha perambulando pela sala, como um amante que atravessa a floresta à procura de uma flor. Fernando adivinhou que essa flor era um par e lhe ofereceu a Adelaide Ribeiro, sob risco de infringir o código dos salões, faltando às regras dos bons modos.

— Não tem par, Moreira? Aqui está D. Adelaide, que sem dúvida estimará a troca, pois se dá por um cavalheiro, em vez de um aposentado, o príncipe da elegância fluminense.

Sem esperar resposta, deixou a moça com o conquistador que se abriu como uma tulipa, esticando as pontas do bigode. Seixas contava com a sua posição de dono da casa, empenhado em fazer dançar seus convidados para desculpar a estratégia com que se dispensou da quadrilha.

Frustrou assim o capricho de Aurélia, o qual o incomodava? Por quê? Não poderia bem saber a razão no encontro das impressões do momento. Desejo de convencer a mulher de sua indiferença para Adelaide; repugnância de se prestar a esse engano; necessidade de manter a gravidade numa situação que se complicava; tudo isto lhe passou pelo espírito.

Corria a reunião animada. Tinham chegado mais convidados; e a partida se transformou em baile, como muitas vezes acontecia. A flauta soltou o brilhante prelúdio de uma valsa de Strauss⁴⁰. Os valsistas afamados ficaram à parte, sem dúvida para se fazerem desejar. Os inexperientes e os outros hesitavam ir à frente; algum mais afoito passou em branco; não encontrou par.

De repente correu pela sala este rumor, a valsa dos casados, e logo após ouviu-se a risada cristalina de Aurélia, esse som fresco, límpido, que às vezes lhe escapava dos lábios, como se os seus dentes de pérolas se lhe desfiassem entre os rubis, roçando uns nos outros.

A formosa mulher atravessava a sala pelo braço do velho general Barão do T., que, para não desmentir a sua elegância marcial, fazia naquele momento prova de um heroísmo superior ao que mostrou na última guerra do Paraguai.

O ilustre guerreiro, que nunca voltou o rosto ao canhão, admitia contudo a possibilidade de se curvar alguma vez para que a bala não lhe cortasse a pluma do chapéu ou a metralha não lhe queimasse a barba resplandecente como uma nuvem iluminada pelo sol. Mas curvar o peito, tremer a perna firme, quando levava ao braço a mais bela mulher do mundo, era uma covardia, ainda mais, uma indignidade que ele não podia cometer.

A Lísia Soares acusou Aurélia da lembrança da tal valsa dos casados. Esta se defendeu:

— A **ideia** é do general, que está morto por dançar uma valsa com a baronesa. Recordações da mocidade!

O famoso guerreiro não recuou; porém jamais carga de cavalaria contra uma trincheira, debaixo do fogo cruzado de uma bateria de canhões, custou-lhe tanto como aquela valsa que ele dançou decidido a morrer como um bravo.

⁴⁰ Johann Stranss, austríaco, compositor de valsas do século XIX.

IV

Aurélia estava ocupada em reunir os diversos casais e enviá-los ao meio da sala; desembargadores de todo tipo, conselheiros mal conservados, viscondes mofados, marqueses do passado: todos tratavam de se executar da melhor maneira, que era o meio de tomar mais leve a penitência.

Nisto chegou-se a Lísia Soares, que estava ao braço de Fernando. A travessa trazia nos lábios um sorriso malvado; o olhar beliscava como um alfinete.

— Está muito entretida com os outros e não se lembra de si, disse ela.

— Como?, perguntou Aurélia voltando-se.

— Não disfarce. A justiça começa em casa; aqui está seu marido. Dê o exemplo.

Aurélia compreendeu a vingança da amiga, despeitada por não valsar com o Alfredo Moreira. Desde a primeira vez que apareceu na sociedade, depois do luto de sua mãe, Aurélia, que, apesar da palavra afoita e viva, tinha o casto pudor de sua pessoa, resolveu não valsar para não se arriscar a encontrar um desses pares que põem em prática a comparação poética da trepadeira enroscada ao tronco musgoso.

Declarou, portanto, que não sabia valsar e que nunca poderia aprender porque o giro rápido lhe causava tontura. Havia nesta segunda parte um fundo de verdade. Quando valsava no colégio com as amigas, sentia tão vivo prazer nessa dança que se deixava levar e, desprezando o compasso da música, girava a uma velocidade imensa até que o atordoamento a obrigava a sentar.

Convencida de que ela não sabia realmente valsar, Lísia se lembrou de tomar uma vingança obrigando-a a fazer triste figura na sala ou então a se retratar de sua esquisitice e acabar com a tal valsa dos casados. O que mais estimulou a moça foi a suspeita de que Aurélia fez aquilo por maldade e só para **privá-la** de dançar com o Moreira.



Nisto era injusta. A razão que moveu Aurélia, não sei; mas que ela nesse momento não se lembrava da existência da Lísia e do Moreira, disso posso dar certeza.

— Não seja má, Lísia!, disse Aurélia com um modo queixoso, que não ocultava de todo o fino gracejo do olhar.

— Nada, minha cara; você não dispensa ninguém, tenha paciência.

— Eu não sei valsar!

— Aí é que está a graça. Meu pai também não sabia.

— Ela sabe, era meu par no colégio, observou uma senhora.

— Tem que dançar.

— Pena de talião⁴¹, dizia um velho advogado que voltava da valsa tão cansado como nunca o havia deixado a mais complicada defesa do júri.

— Caso de justa represália!, disse um velho diplomata que fez sua carreira em eterna disponibilidade, sem trocadilhos.

— A coroa cede ante a opinião!, orava um ministro para quem coroa e opinião no Brasil eram a chapa e o cunho da mesma moeda em que se recebia o salário.

As senhoras insistiam para se vingar da entrega que lhes fez a dona da casa; as moças por pirraça; e os rapazes pelo desejo de quebrar o encanto de Aurélia e a terem daí em diante como par certo de valsa.

— Não é preciso essa revolução. Eu me submeto, disse Aurélia, curvando gentilmente a cabeça.

Se dirigindo ao marido que estava em frente e a quem a Lísia não consentiu que se retirasse, lhe tomou o braço e **deixou-se** conduzir ao meio da sala.

— Por que está constrangida? Não quer valsar; eu digo que a recusa é minha, cochichou Seixas.

— É questão de vaidade. Compreende a força que tem para nós, mulheres, este nosso ponto de honra?, tornou Aurélia também a meia voz.

— Neste momento, não; não compreendo.

— Veja a Lísia, como está saboreando o meu vexame de não saber valsar e o fracasso que me espera? E também...

⁴¹ Lei que determina que o criminoso receba como castigo o mesmo crime que cometeu (olho por olho, dente por dente).

Senhora

Sua voz teve uma nota vibrante.

— O senhor pode pensar que tenho medo.

Aurélia pousou a mão no ombro do marido e, imprimindo ao corpo um movimento gracioso e ondulado, colocou-se diante de seu cavalheiro e lhe entregou à cintura graciosa. Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contato, quando esse movimento os surpreendeu.

Balançava-se o charmoso par à cadência da música; e todos o admiravam, menos Lísia Soares, que se ralava de despeito ao ver a graça com que Aurélia valsava, triunfando, quando ela esperava humilhá-la.

Aurélia tinha nessa noite um vestido de seda cor de ouro, que a vestia como um feixe de luz. Com o voltar da valsa, as ondas da saia e a manga do braço que ergueu para se apoiar em seu par flutuavam como nuvens cheias de sol e envolviam a ela e ao cavalheiro como um brilhante **pôr do sol**. Parecia que voavam ambos levados ao céu por uma ascensão brilhante.

A cabeça de Aurélia se atreveu, atirada para o ombro com um gesto superior e uma expressão provocadora, que por certo outro semblante desmancharia; mas tinha uma sedução irresistível e uma beleza fatal e deslumbrante.

Nunca se pintou na tela, nem se esculpiu no mármore, tão sublime imagem da tentação, como aí estava encarnada na soberania fascinante da formosa mulher.

Aos primeiros compassos iniciou este rápido diálogo, cortado pelas evoluções da dança:

— Não sei valsar devagar.

— Pois apressemos o passo.

— Não lhe deixa tonto?

— Não; a cabeça é forte.

— E o coração?

— Este já calejou.

— Pois eu sou o contrário.

— O coração?

— Nunca vacilou.

A moça continuou soltando algumas frases.

— A cabeça é que é fraca. Mas que coisa! Em tudo sou

esquisita! Devagar é que fico tonta. A casa roda em torno de mim. Depressa não. Quando tudo desaparece... Quando não vejo mais nada... Então, sim! Então gosto de valsar! E posso valsar muito tempo!

Passavam perto da música. Seixas disse ao regente da orquestra:

— Aprese o compasso!

O arco do regente deu o sinal.

— Mais!, disse Aurélia.

Aceleraram as pancadas do arco.

— Ainda mais!, ordenou a moça.

O arco aumentou o compasso. Os instrumentos todos fizeram seus sons; as notas se despenhavam não já em escalas, mas em cascata. Não era mais valsa de Strauss; era um furacão musical, como se saísse das mãos inspiradas de Liszt⁴².

O lindo par se jogou com força na dança, deixando movimentar-se classicamente os outros que não podiam acompanhar aquela torrente violenta. Se obscurecia a vista que buscava acompanhá-lo; ele passava nublado por aquela espécie de atmosfera oscilante, que a velocidade da rotação estabelecia em torno de si.

Aurélia fechou as pálpebras ao meio; seus longos cílios, que roçavam o cetim das faces, fizeram sombra no fogo intenso do olhar, que se escapava agora em faíscas sutis e feriam o semblante de Seixas.

A valsa é filha das brumas da Alemanha e irmã das louras valquírias do norte⁴³. Talvez sobre essas regiões do gelo, com os doces esplendores da neve, o céu derrame alguma da serenidade e inocência que desfrutam os bem-aventurados; talvez que os povos da fértil Germânia, quando vão ao baile, mudem o temperamento com que marcham à guerra e façam correr nas veias cerveja em vez de sangue.

Sendo assim, pode a valsa ter naqueles países as honras de uma dança de sala. Em outras partes, deve ser desterrada para os bailes públicos, onde os homens velhos vão buscar as sensações fortes que o ébrio pede ao álcool.

⁴²Franz Liszt, compositor e pianista húngaro, do século XIX.

⁴³Seres da mitologia da Escandinávia, península do norte da Europa.

Senhora

Há nessa dança impulsiva alguma coisa que lembra os mistérios consagrados a Vênus pela Grécia pagã, ou o delírio das bacantes quando agitavam o tirso⁴⁴. “É, na frase do grande poeta, a valsa impura e sensual, desfolhando as mulheres e as flores.”

Nunca a linguagem, que esse rei da palavra, chamado Victor Hugo⁴⁵, domina e usa como um valioso corcel, prestou-se à mais **eloquente** expressão do pensamento. É realmente o despojamento da mulher, a extração de sua beleza e de sua pessoa, o que a valsa faz no meio da sala, em plena luz, aos olhos curiosos de todos.

As senhoras não gostam da valsa a não ser pelo prazer de se sentirem levadas pelo furacão. Há uma delícia, uma sensualidade pura e inocente, nessa embriaguez da velocidade. Aos volteios rápidos, a mulher sente-lhe nascer as asas e pensa que voa; rompe-se o casulo de seda, nasce a borboleta.

Mas é justamente aí que está o perigo. Esse delírio inocente da dança entrega a mulher palpitante, mergulhada no prazer, às tentações do cavalheiro, delicado, certamente, mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebrado e traspassando com as quenturas de seu corpo.

O que é a valsa, mostrava aquele formoso par que girava na sala; e ao qual, entretanto, defendia dos olhos maliciosos a casta e santa auréola da graça conjugal, com que Deus os abençoou. Fernando se arrependia de ter cedido ao desejo da mulher e começava, ele, um dos destemidos valsistas da Corte, a ter medo de desmaiar.

Seu olhar alucinado pelas fascinações de que se envergonhava naquele instante a beleza de Aurélia tentou se desviar e vagou pela sala. Voltou, porém, atraído por força poderosa e mergulhou na adoração. Quando a mão de Aurélia lhe tocava no ombro, lhe transmitindo com a branda e macia pressão o seu doce calor, era como se todo seu organismo estivesse ali, naquele ponto em que um fluido magnético o punha em comunicação com a moça.

Depois essa estranha sensação tornou-se ainda mais in-

⁴⁴Bastão enfeitado que era atributo de Baco e das bacantes, personagens da mitologia greco-romana.

⁴⁵Importante escritor francês do século XIX.

tensa. Já não tinha consciência para perceber a pressão dos dedos em seu ombro. O que se passava nele era um verdadeiro exame na consciência da forma atrevida dessa mulher, que ele via na frente, mas sentia dentro em si.

Aurélia não consente, como outras, que seu cavalheiro a aconchegue ao peito. Entre os bustos de ambos mantém-se a distância necessária para que não se unam com o movimento da dança; e tanto que deixam passagem à claridade.

Entretanto, a sensação viva que Fernando experimenta neste momento é a do contato estreito, íntimo, do corpo palpitante da moça, como se o tivesse fechado em seus braços; sua calma, semelhante ao molde que dá vida à cera suave, formava em si formosa estátua e recebia o seu toque agradável.

Se o colo de Aurélia pulsava rápido no ritmo da valsa, embora o decote nem de leve roçasse o colete, ele, fechando os olhos e se recolhendo, apalpava em seu peito o duro contorno do seio sensual.

Se um retraimento travesso, peculiar à raça felina, imprimia ao corpo de Aurélia uma flexão ondulosa, que, dilatando-se no abalo nervoso, mexia o corpo, essa vibração elétrica repercutia em todo o organismo de Seixas.

Era uma verdadeira transfusão operada pelo toque da mão da moça no ombro do marido, e da mão deste na cintura dela; mas principalmente pelos olhos que mergulhavam um no outro e pelas respirações que se trocavam.

Não há flor de aroma tão delicado como a boca pura e fresca de uma moça.

Outros perfumes conheço mais vivos, alguns fortes e excitantes: nenhum tem a suavidade de um hálito de rosas, fragância de sua alma, que Aurélia derramava nos lábios do cavalheiro. Neste deleite em que se penetrava, teve Seixas um momento de recomposição e pressentiu o perigo. Quis então parar e pôr fim a essa prova terrível a que a mulher o submeteu, certamente no propósito de o render a seu império, como já uma vez o fez, naquela noite do divã, noite cruel de que ainda conservava a cortante recordação.

Para preparar a parada, conteve a velocidade do passo. Percebeu Aurélia o leve movimento, ou teve o pressentimento do pensamento do marido, antes que este o realizasse. Os lábios murmuraram uma palavra:

Senhora

— Não!

As pálpebras ergueram-se; os grandes olhos, cheios de luz e de amor, inundaram o semblante de Seixas e fecharam-se logo, lhe levando toda a vontade e consciência, como uma onda que depois de quebrar, volta, trazendo no seio tudo que encontrou em sua passagem.

Seixas abriu mão de si e lançou-se novamente no redemoinho.

Tudo isto se passou em breves momentos, durante o espaço que o par valsante levou para percorrer pelo vasto salão duas ou três voltas.

Nos quatro cantos da casa, havia de enfeite altas mesas de bronze verdadeiro e de trabalho artístico, lembrança de Aurélia que as encomendou da Europa. Eram grupos rústicos, onde ficavam os lugares dos vasos; mas estes, em vez de flores, recebiam plantas vivas, que formavam assim um bosque a cada ângulo da sala, contribuindo para lhe dar o aspecto campestre, que tanto se aprecia agora e com razão.

Há algo mais encantador do que trazer o campo para dentro da cidade e até da casa; do que entrelaçar com o luxo as preciosidades inimitáveis da natureza?

No enlace da valsa, o lindo par, ansioso de espaço e sentindo-se apertado na sala, alongou o movimento até a extremidade, voltando por detrás de uma das mesas, onde não estava ninguém naquela ocasião. Houve um momento, rápido como o pensamento, em que o par achou-se oculto pelas longas palmas de uma planta, que se curvavam graciosamente em forma de guarda-chuva. Nesse momento um relâmpago os cegou.

Duas rosas se embalam, cada uma em sua haste, ao vento suave da tarde; inclinam-se de leve se tocam roçando as pétalas. Assim tocaram-se as faces de Aurélia e Fernando, e os lábios de ambos roçaram no sutil ato.

Foi um relance. O elegante par sumiu atrás da folhagem e já surgia da sombra e nadava na claridade deslumbrante da sala que ia de novo atravessar na volta rápida. Mas Fernando sentiu na face um sopro gelado. Olhou: Aurélia estava desmaiada em seus braços. A gentil cabeça ao desfalecer não dobrava para o peito. Como se a prendesse o ímã dos olhos, inclinou ao ombro do cavalheiro, com o rosto voltado para ele.



Senhora

Os lábios sem cor moviam-se suavemente, como se a sua alma, que ali ficou, estivesse conversando com a outra alma que ali passou.

Seixas ergueu a mulher nos braços e a levou da sala.

V

No meio do alvoroço causado pelo incidente, enquanto acudiam médicos, vinham os remédios e corriam as amigas, umas inquietas e outras curiosas, choviam os comentários.

— Que imprudência!

— Aquele desespero!... Eu logo vi!

— E ela que não tem costume de valsar.

— Quis se fazer de forte!

— Não é, senhora; aquilo foi o vestido. Não vê como aperta a cintura?

— Ora! Romantismos!..., dizia Lísia com desdém, e acrescentou para Adelaide: Acredita no desmaio?

— Pensa que foi fingimento?

— Requebrados com o marido. Queria que ele a carregasse no meio da sala e à vista de todos. Gosta de mostrar que Seixas a adora e se derrete por ela! Também pudera! Uma boneca de mil contos!...

Nesse tema continuou a menina, que tinha a mania muito comum de falar como uma matraca, pensando que assim provocava os outros quando, ao contrário, frustrava o que a natureza lhe deu.

Entretanto, Seixas tinha conduzido a mulher ao quarto e deitou o belo corpo desmaiado em um sofá. Estava inquieto, mas não aflito. No transportar, a moça havia sentido o calor de sua pele e o pulsar do coração. Não passava o acidente de ligeira perda de sentidos.

Realmente, antes que a inundassem de éter ou outra substância e que lhe desatassem a cintura, Aurélia abriu os olhos e afastou com um gesto as pessoas que se apinhavam junto ao sofá.

— Não é nada: uma tonteira, já passou.

O médico que lhe tomava o pulso confirmou, **limitando-se** a recomendar, além do repouso, o afrouxamento do vestido para respirar melhor.

— Não é preciso; basta que me deixem espaço, respondeu Aurélia.

Retiraram-se todas as senhoras e voltaram à sala. D. Firmina demorou-se com intenção de não deixar a moça; mas esta lhe pediu que a substituísse nas funções de dona da casa.

— Fernando fica. Vá para a sala; e faça continuar a dança. Estou boa; não tenho nada. Se constrangerem-se é que me incomodam; pensarei que estou doente!

D. Firmina riu, se inclinou para beijar a moça na testa e voltou à sala. Ao se aproximar da porta viu alguns curiosos que espiavam para dentro e fechou as duas bandas.

Aurélia ficou deitada no sofá, de costas, na posição inclinada em que Seixas a colocou sobre as almofadas. Quando D. Firmina se afastou, ela fechou outra vez os olhos e mergulhou no sonho delicioso que a tinham arrancado.

Sua mão tateou hesitando pela borda do sofá e encontrou a de Seixas, que estava sentado junto dela e contemplava a formosa mulher, ainda mais bela nesse desmaio do que em suas deslumbrantes irradiações.

— Eu caí na sala?, murmurou Aurélia sem abrir os olhos e corando de leve.

— Não, respondeu Seixas.

— Quem me segurou?

— Podia eu confiá-la a outro?, disse Fernando.

Os dedos da moça responderam apertando a mão do marido.

— Quando vi que tinha desmaiado, a tomei nos braços e a trouxe para aqui.

— Para onde?

— Para seu quarto. Não conhece?

— Não me lembro.

Senhora

Seixas se calou. Aurélia permaneceu na mesma imobilidade, com a mão do marido presa na sua, que às vezes, recebendo uma ligeira vibração, se contraía.

Nisto bateram discretamente à porta. Seixas fez movimento de erguer-se para ver quem era; mas Aurélia, ao lhe fugir a mão que tinha na sua, ergueu-se em pé de um jato e, lançando os dois braços ao colo do marido, o curvou sob esse peso irresistível.

Seixas foi obrigado a se sentar outra vez; e Aurélia, deixando-se cair também sentada sobre o sofá, o retinha, enquanto lançava à porta o olhar indignado, erguendo o busto com o encolhimento da serpente para o bote.

Que se passava nesse momento no espírito da moça exaltada pelas comoções dessa noite? Parecia a Aurélia que achava enfim a encarnação de seu ideal, o homem a quem adorava, e cuja sombra a tinha cruelmente maltratado até aquele instante, desaparecendo quando ela julgava tê-lo diante dos olhos.

Agora que o achou, que ele aí estava perto dela, que tomou posse de sua vida, lhe parecia, na sua alucinação, que o queriam lhe disputar, o arrancando de seus braços e a deixando outra vez na viuvez em que se estava consumindo.

— Não!... Não quero!..., exclamou com ênfase.

Continuavam a bater.

— Podem abrir, Aurélia, e nos surpreender!

Estas palavras do marido, ou antes o medo que as ditava, provocaram em Aurélia um impulso ainda mais forte.

— Que me importa a opinião dessa gente?... Que me importa esse mundo, que nos separou! Eu o desprezo. Mas não consentirei que me roube meu marido, não? Tu me pertences, Fernando; és meu, meu só, te comprei, oh!, sim, te comprei muito caro...

Fernando se ergueu como empurrado por violenta distensão de uma mola e tão indiferente que não ouviu o fim da frase:

— Pois foi ao preço de minhas lágrimas e das ilusões de minha vida, concluiu a moça, que, ao movimento de Seixas, ergueu-se também, suspensa pela cadeia com que lhe apertava o pescoço.

Seixas dominou o impulso que o levou a se precipitar e conseguiu afogá-lo na ironia, que é uma saída para essas grandes comoções da alma. Sentou-se de novo e murmurou ao ouvido da mulher, que o inundava com seu olhar:

— O lenço?

— O lenço?... , repetiu a moça inconscientemente.

E, apanhando seu lenço de rendas que estava sobre o sofá, o olhou como se buscasse nele explicação daquela singular pergunta do marido.

Súbito estremeceu com abalo tão forte que a levantou em pé, tomada de ira e indignação. Não se desmanchou um só cacho de seus cabelos, que se cacheavam em torno da nuca com a mesma correção, não se amarrotou nenhum detalhe de seu traje e, todavia, quem contemplasse Aurélia nesse momento acreditaria na desordem do lindo vestuário, tal era a irritação que transpirava de toda sua pessoa.

A aurora serena dessa beleza, ainda há pouco dourada dos brancos raios de luz coada pelo cristal fosco, se transformou de repente na tarde incendiada pelos sinistros clarões do temporal. A estrela fez relâmpago; o anjo despiu as asas celestes e vestiu o fulgor demoníaco. Aurélia soltou uma gargalhada:

— Tem razão!... É o único amor que pode haver entre nós!

A mão da moça, que machucava convulsivamente o lenço, ergueu-se para arremessá-lo a Seixas, com as palavras de desprezo que acabava de proferir. Mas foi apenas um fingimento; no meio do gesto a mão se retraiu com energia.

— Se fosse possível que eu descesse de minha virtude, e até da minha altivez, havia um homem a quem não me rebaixaria jamais! De todas as indignidades, a maior seria a profanação do único amor de minha vida!

Com o agudo da voz da moça ao soltar estas frases, misturou-se o rasgo das rendas do lenço que ela acabava de despedaçar.

Haverá quem acuse Seixas, de ter, no momento em que a mulher lhe fazia confissão de seu amor e lhe oferecia um perdão espontâneo, proferido aquela palavra que envolvia um insulto cruel.

Ele próprio, que pouco antes não achava uma expressão bastante adequada para sua revolta, ali estava agora arrependido, com os olhos compassivos fitos na mulher, que abria uma janela e se encostava à sacada para banhar-se na brisa e na treva da noite. E não só se arrependia. Pela primeira vez duvidava disso a que ele chamava sua honra.

Na mesma noite, em que Aurélia lhe impôs a humilhação

Senhora

dessa união monstruosa do sarcasmo com a vergonha, Seixas se considerou impossível para semelhante mulher. Não poderia amá-la nunca mais e ainda menos aceitar seu amor.

Até o momento da revelação ofensiva, seu procedimento podia ser repreensível ante uma moral rígida; mas não ia além de um casamento de conveniência, coisa banal e **frequente**, que tinha não somente a tolerância como a consagração da sociedade.

Desde, porém, que esse casamento de conveniência foi convertido em um mercado positivo, ele julgava um insulto para envolver sua alma e afundá-la nessa transação. Seu corpo, sim, estava vendido; ele não podia fugir da indigna exigência, desde que havia recebido o salário. Mas a alma nunca! O tivesse embora essa mulher na conta de um especulador sem escrúpulos, ele sentia que a honra não o abandonou; e que, se antes ia se enfraquecendo, esse acidente lhe restituiu o vigor.

Foi este pensamento que Seixas, sob a impressão das suspeitas relativas ao Abreu, enunciou de um modo vago a Aurélia no diálogo que travou com ela no princípio da noite. Veio, porém, a valsa, e ele dominado pela beleza da mulher e por sua grandiosa fascinação, esqueceu todos os protestos de dignidade; só viveu na adoração do ídolo, de quem sua renúncia não o conseguiu arrancar.

O desmaio desanimou a exaltação do amante. Sentado à cabeceira do sofá, onde Aurélia se conservava deitada, com os olhos fechados, lhe apertando a mão por intercaladas pulsações dos dedos, ele não pôde se afastar para uma reflexão.

Aquela vertigem súbita, na circunstância em que se deu e tão prontamente desaparecida, seria um fingimento? Não estaria a moça representando uma cena da comédia matrimonial que a divertia?

Seixas, apesar da revolução que nele se havia operado nos últimos seis meses, ainda não gastou de todo seus hábitos de homem de sociedade para quem a vida é uma série de etiquetas e cerimônias, regradas pelo uso.

A rotina da sala não conhece os movimentos impulsivos e desordenados das paixões. Ali tudo se faz com regra e medida. Uma menina que desde os sete anos se habitua a entregar os lábios às carícias dos amigos da casa recebe o seu primeiro beijo de amor com um pudor gracioso, mas **tranquilo**. E o homem

que sugou tantas bocas travessas, como se fossem os cálices de cristal rosa onde bebia goles de vinho; esse homem que teve em seus braços, calmas e risonhas, tantas namoradas, podia compreender que a ponta da asa de um beijo amigo, pois não foi outra coisa, causasse um desmaio?

Aurélia tinha, em suas relações com o marido, especialmente nos instantes de animação, gestos e atitudes de uma grande expressão dramática. Esses movimentos naturais não eram senão acenos das paixões e sentimentos de sua alma; pareciam artísticos porque se revestiam de uma suprema elegância.

Seixas, os admirando como poeta, suspeitava de que eram teatrais; por isso entrou nele a desconfiança de que Aurélia lhe preparava, com todos aqueles rendimentos, uma nova humilhação, igual, senão maior, ao que a da noite do baile, naquele mesmo quarto.

Foi nessa disposição de espírito que o penetrou, como a lâmina de um estilete, a frase “o comprei bem caro”, que o lábio de Aurélia vibrou com viva entonação. Não ouviu mais nada; fez-se em sua consciência um imenso deserto, preenchido apenas pela **ideia** do mercado desonroso. O pensamento que o dominou antes da valsa, e que um sonho passageiro havia adormecido, ressurgiu.

Ele se refugiou no sarcasmo, que desde o casamento era uma continuação às revoltas de sua ira. Sem intenção de ofender, somente como amarga ironia, soltou a palavra de que se arrependeu.

Entretanto, Aurélia na janela derramava a vista pelo azul da atmosfera, onde se recortava o perfil das montanhas. Uma nuvem lançava uma luz fraca em seu vago pensamento.

A moça ficou olhando-a um instante; e achou ver o rastro de sua alma que subia ao céu.

— O ar da noite deve lhe fazer mal, sobretudo agitada como está, disse Fernando timidamente.

Julgando que a moça não o ouviu, aproximou-se e repetiu sua observação.

— Engana-se! Estou calma; perfeitamente calma!, disse a moça e, para exibir a prova de sua afirmação, deixou a sacada e se expôs à claridade da noite.

Tinha no semblante, e em todo o aspecto, a inalterável serenidade de que sabia se revestir, quando queria conter e domar os impulsos da paixão.

Senhora

Fernando deu um passo e ia talvez lhe pedir perdão, quando a porta se abriu. A pessoa que bateu antes, como não lhe abrissem, insistiu; mas desta vez resolveu abrir a tranca. Era D. Firmina, que vinha saber notícias da moça.

— Bravo! Já de pé?

— E pronta para dançar!, respondeu Aurélia rindo.

Aproximou-se, compôs as ligeiras desarrumações de seu traje, ajeitou um cacho dos cabelos, consertou a saia e tomou o braço do marido para entrar na sala.

— Não faça bobagens, Aurélia!, disse D. Firmina.

— Não tenha medo! Agora estou preservada.

A viúva não entendeu. Aurélia, afastando-se, atirou em voz rápida esta advertência ao marido, cuja fisionomia conservava os traços das comoções por que passara:

— Sejamos desgraçados, mas não ridículos. Tudo, menos fazer da minha vida espetáculo para este mundo sarcástico.

Todos estes incidentes foram curtos e se sucederam tão breves que, um quarto de hora depois do desmaio, Aurélia entrava no salão pelo braço do marido, tão fresca e saudável como no princípio do baile e ainda mais deslumbrante de beleza.

Seus convidados, ao vê-la, caminharam ao seu encontro, mas não puderam lhe apresentar suas felicitações, porque a orquestra executava a mesma valsa de Strauss, e Aurélia dançava na sala com o marido.

— Que loucura!

Foi a voz que se ouviu de todos os cantos, Seixas quis fazê-la desistir, mas ela o calou com uma palavra:

— É a reparação que o senhor me deve.

Valsaram tanto tempo quanto da primeira vez, e o mínimo alvoroço não agitou esses dois corações, que ainda há pouco se confundiam na mesma pulsação e agora batiam isolados e rituados, apenas agitados pelo movimento, como ponteiros de relógio. Havia entre ambos um oceano de gelo.

Acabada a valsa, Aurélia recebeu risonha as felicitações das amigas e convidados; Seixas, censuras e críticas por ter permitido dançar segunda vez com a mulher.

— Podia ser fatal!

— Era preciso me curar da tontura, disse Aurélia rindo. Ele tinha obrigação.

— E agora está curada?, perguntou o general.

— Oh!, para sempre!
O baile continuou cada vez mais animado.

VI

Tinha saído o último dos convidados. Seixas voltava, tinha conduzido ao carro D. Margarida Ferreira. Aurélia, que o esperava, lhe deu boa-noite e ia se retirar. Fernando a impediu:

— Desejo lhe dar uma explicação!

— É inútil.

— Não tive intenção de ofendê-la.

— Certamente; um cavalheiro tão delicado não podia desonrar uma senhora.

— Uma coisa desagradável que ouvi e que me angustiou profundamente tirou-me do meu natural. Não estava calmo; em todo o caso me referi unicamente à minha posição, sem qualquer referência...

— É a história de ontem, que o senhor está me contando!, exclamou Aurélia e apontou para o mostrador do relógio que marcava duas horas. Tratemos de amanhã. Vamos dormir.

Fazendo ao marido um risonho cumprimento, a moça o deixou na sala e se recolheu a seus aposentos, onde a esperava a mucama para despi-la.

— Podes ir; não preciso de ti.

Senhora

Aurélia conservava de sua pobreza o costume de fazer ela mesma o serviço de sua pessoa; como não gostava de entregar seu corpo a mãos alheias nem consentia que outros olhos que não os seus invadissem seu natural recolhimento, poupava sempre que podia a mucama, a qual já não estranhava esse modo.

Fechada a porta por dentro, a moça em um instante se transformou. O traje de baile ficou sobre o tapete, em frente ao espelho, como as asas da borboleta que morreu no seio da flor, surgiu dali, daquele desmoronamento de sedas, a pura menina envolta em seu alvo roupão de cambraia.

Sentou-se no sofá, onde esteve poucas horas antes com Seixas, e ficou pensativa. Até que se levantou para ir correr a cortina do quadro e acender o gás.

Esteve contemplando o retrato e lhe falou, como se tivesse diante de si o homem, de que via a imagem.

— Tu me amas!, exclamou cheia de alegria. Negues, embora, eu o conheço; eu o vejo em ti e o sinto em mim! Um homem de fina educação, como és, só insulta a mulher quando a ama e com paixão! Tu me insultaste, porque o meu amor era mais forte que tu, porque aniquilava a tua natureza e fez do cavalheiro que és um tirano feroz! Não te desculpes, não! Não foste tu, foi o ciúme, que é um sentimento grosseiro e brutal. Eu bem o conheço!... Tu me amas!... Ainda podemos ser felizes! Oh!, então viveremos em dobro, para descontar esses dias que desvivemos!

A gentil senhora apoiou-se à moldura do quadro e outra vez ficou pensativa.

— E por que não podemos ser felizes desde este momento? Ele está ali, pensando em mim; talvez me espera! Basta abrir aquela porta. Virá suplicar perdão, eu o receberei em meus braços; e estaremos para sempre unidos!

Um sorriso divino iluminou a formosa mulher. Ela atravessou o quarto, com o passo trêmulo, mas afoito, e as faces ardendo. Chegou à porta; afastou o cortinado azul; deteve o ouvido; sorriu; murmurou baixinho o nome do marido; recordou as notas apaixonadas com que a Stolz cantava a ária da Favorita: “Oh! Mio Fernando!”⁴⁶.

Afinal procurou a chave. Não estava na fechadura. Ela

⁴⁶Referência a *La favorita*, ópera protagonizada pela artista Rosina Stolz no fim do século XIX.

própria a havia tirado, e guardou na gaveta de sua escrivaninha. Voltou impaciente para procurá-la. Quando sua mão tocou o aço, a impressão fria do metal lhe produziu um arrepio. Rejeitou a chave e fechou a gaveta.

— Não! É cedo! É preciso que ele me ame bastante para me vencer e não só para se deixar vencer. Eu posso, não duvido mais, eu posso, no momento que quiser, trazê-lo aqui, a meus pés, suplicante, bêbado de amor, dominado ao meu convite. Eu posso obrigá-lo a sacrificar tudo, a sua dignidade, a sua honra, os últimos escrúpulos de sua consciência. Mas no outro dia ambos acordaríamos desse horrível pesadelo, eu para desprezá-lo, ele para me odiar. Então é que nunca mais nos perdoaríamos, eu a ele; o meu amor profanado, ele a mim, o seu caráter abatido. Então é que começaria a eterna separação.

Depois de breve pausa, continuou falando outra vez ao retrato:

— Quando ele me convencer do seu amor e arrancar de meu coração a última raiz desta dúvida cruel, que o dilacera; quando nele encontrar a ti, o meu ideal, o soberano de meu amor; quando tu e ele forem um, e que eu não possa vos distinguir nem no meu afeto, nem nas minhas recordações; nesse dia, eu lhe pertencço... Não, que já lhe pertencço agora e sempre, desde que o amei!... Nesse dia tomará posse de minha alma e a fará sua!

Afastando-se, a moça levava ainda o pensamento de seu amor que subiu ao céu na primeira frase da prece da noite.

— Concedei, meu Deus, que seja breve!, dizia ela cruzando as mãos, de joelhos e com os olhos em um crucifixo de prata e madeira.

Terminada a prece, Aurélia fechou o gás, deixando apenas no quarto uma lamparina, cuja frouxa luz clareava o rosto do retrato. De sua cama, onde se acabava de deitar como um passarinho, entre os finos lençóis, com a cabeça no travesseiro, ela via, pela porta aberta, a imagem querida; e com os olhos nela adormeceu, passando, como costumava, de um sonho a outro, ou antes continuando o mesmo e único sonho, que era toda sua vida.

Os choques dessas duas almas, que uma fatalidade prendeu, para jogá-las uma contra outra, produziam sempre afastamento e frieza durante algum tempo. A aproximação foi mais

Senhora

sensível e duradoura depois da noite do baile, porque também a crise foi mais violenta.

Durante estas pausas, Aurélia observava o marido e assistia comovida à transformação que se foi operando naquele caráter, antes frágil, mundano e volúvel, a quem uma edificante influência devolvia gradualmente sua natureza generosa. Ela adivinhava, ou antes via, que sua lembrança enchia a vida do marido e a ocupava toda. A cada instante, na menor circunstância, se revelava essa possessão absoluta que tomou aquela alma.

Havia em Fernando uma como repercussão dela.

Sabia que a atenção do marido nunca a deixava de todo, embora assuntos da maior importância, ou pessoas de consideração, a solicitassem. Na sociedade, como na família, ela descobria através dos disfarces o olhar que a buscava, muitas vezes no reflexo do espelho, ou por entre uma fresta de cortina; e, quando não era o olhar, o ouvido preso à sua voz.

As flores que Seixas regava eram as hortênsias, as prediletas dela, Aurélia. Quando aproximava-se do viveiro, os canários da senhora mereciam todas as suas carícias. No jardim, como em casa, os sítios favoritos foi ela quem escolheu.

Aurélia não gostava de Byron, embora o admirasse. Seu poeta querido era Shakespeare, em quem achava não o simples poeta, mas o sublime escultor da paixão.

Muitas vezes lhe aconteceu pensar que ela podia ser uma heroína dessa grande **epopeia** da mulher, escrita pelo imortal poeta. No dia do casamento, sua imaginação exaltada chegou a sonhar uma morte semelhante à de Desdêmona⁴⁷.

Seixas desprezava o poeta de seus antigos sonhos para se afeiçoar ao trágico inglês, que ele no passado achava monstruoso e ridículo. Lia os mesmos livros que ela; os pensamentos de ambos se encontravam nas páginas que um já tinha percorrido e se confundiam. Aplaudiam reciprocamente ou censuravam.

Poucas mulheres possuíam, como Aurélia, esposo tão dedicado e tão preso à sua vida. Seixas não estava ausente senão o tempo do emprego; o resto do dia o passava em sua companhia, na intimidade doméstica ou nas visitas e reuniões.

⁴⁷ Personagem da peça *Otelo: o mouro de Veneza*, do dramaturgo inglês William Shakespeare.

Desde os primeiros dias, no seu propósito de passiva obediência, o marido se impôs a tarefa de lhe dar uma conta minuciosa das horas passadas fora de casa, dos acidentes da viagem, dos encontros que teve e até dos trabalhos da secretaria.

Aquilo que não passava de uma ironia do marido veio a se tornar um costume; e ela, que no começo se incomodou com a fingida submissão, não pôde mais tarde dispensar essa confiança que lhe restituía a pequena fração da existência de Seixas, vivida longe de si.

Mas não era unicamente a posse dela pelo amor que se operou em Seixas; era também a assimilação do caráter. Como todas as almas que se regeneram, a de Seixas exercia sobre si mesma uma disciplina rigorosa. Tinha o rigor que em outras circunstâncias pareceriam ridículas. A desculpa, o inofensivo pretexto, tomava para ele proporções de mentira. A amabilidade constante e geral era a hipocrisia; os indiferentes não tinham direito senão ao tratamento educado, e não podiam se apropriar dos privilégios da amizade.

Algumas vezes, Aurélia de parte o ouvia conversando sobre o fato de outros reprovarem essa existência de seduções e galanteios, em que ele consumiu os primeiros anos da mocidade. Em qualquer ocasião se revelava o seu modo sério e rigoroso de considerar agora a sociedade e de resolver as questões práticas da vida.

Como a cera, o homem de coração e de honra se formou aos toques da mão de Aurélia. Se o artista que esculpe o mármore se enche de entusiasmos ao ver a sua obra, imagine quais seriam as alegrias da moça sentindo se formar, de sua alma, a estátua de seu ideal, encarnação de seu amor.

Assim, apesar da rejeição que ocorreu no baile, o drama dessa paixão se encaminhava a um desenlace feliz, quando um incidente veio complicá-lo, perturbando seu desenvolvimento e apressando o desfecho.

Já tinha desaparecido a impressão da cena violenta, e voltava aos poucos a calma intimidade. Fernando saiu para a repartição. Ao chegar à cidade, se encontrou com um negociante antigo conhecido seu.

— É um prazer encontrá-lo. Tenho uma boa notícia para lhe dar. Aquela oportunidade afinal se desencantou.

Senhora

— Qual oportunidade?, perguntou Seixas surpreso.

— Ora! Já esqueceu? Não faz mais caso dessas ninharias? O nosso negócio de minas de cobre...

— Ah!, já sei!, disse o moço um tanto perturbado.

— Pois o Fróis conseguiu vendê-lo em Londres. Deram uma bagatela; **cinquenta** contos de réis. Em todo o caso é melhor que nada, porque, do tal cobre das minas, meu caro, eu já não esperava nem um real. Me veio a notícia pelo último navio; fazia intenção de procurá-lo todos os dias, mas faltou-me o tempo. Felizmente o encontrei. Desculpe.

— Não há de que, Sr. Barbosa.

— Deduzidas umas despesas que se fizeram, fica a cada um coisa de quinze contos e pouco. Quando quiser receber sua parte, me mande o título que lhe passei.

— O título?

— Aposto que o vendeu?

— Não; devo tê-lo em casa.

— Pois com ele... Passar bem.

Se despediu o Barbosa, e Seixas continuou seu caminho, mas distraído e perplexo. A notícia dada pelo negociante lhe sugeria várias e encontradas reflexões.

Aquele negócio nasceu depois da morte da antiga existência, que findou-se com o seu casamento. Começou a se desenvolver a febre das empresas; um espertalhão teve a **ideia** da exploração de umas minas de cobre em São Paulo; e, para obter a liberação, se lembrou de associar um negociante que fornecesse os fundos, e um empregado que abrisse os canais administrativos.

Seixas achava-se em relações com o Fróis e se tornou o empregado escolhido. A seu pedido, o requerimento subiu ao ministro, como um balão, cheio do gás de belas informações. O despacho não demorou. O oficial de gabinete o alcançou fumando um charuto com seu ministro, lhe dando os mais amplos esclarecimentos, não sobre a projetada empresa, mas sobre uma bela mulher, por quem a Excelência se apaixonou.

Concedido o privilégio, tratou o Fróis de negociá-lo, muito esperançoso de obter pelo menos uns trezentos contos. Mas essas esperanças findaram, e os três associados chegaram a acreditar que suas minas de cobre em papel valiam menos de

que um conto rasgado, pelo qual os ambulantes sempre dão meio centavo.

Seixas não pensou mais nisso e, desde então, ficou na ignorância das tentativas do Fróis e de seus cálculos de probabilidade, até receber nesse momento a notícia, que lhe trazia de repente e inesperadamente um lucro de quinze contos.

O primeiro e o mais vivo movimento que em Seixas produziu a notícia foi de alegria pelo ganho dessa quantia que tinha para ele um preço incalculável. Tomou-o, porém, certo desgosto pela origem daquele dinheiro. A intervenção de um empregado público nestes negócios, se antes lhe parecia legal, já não era apreciada por ele com a mesma tolerância. Quaisquer porém que fossem seus escrúpulos, ele precisava desse dinheiro e julgava-se com direito de empregá-lo em serviço de tamanho alcance, como era aquele a que destinava, liquidada mais tarde a restituição da quantia por um meio indireto, para alívio desses escrúpulos de consciência.

Tomada esta resolução, lhe veio um receio sobre o título passado pelo negociante como sócio da empresa. Não se recordava de ter visto o papel desde muito tempo, talvez três anos. Onde andaria? Na queima que fez em vésperas de se casar, teria sido poupada essa inutilidade?

Grande importância devia Seixas ligar a esse negócio, pois trabalhando na repartição, interrompeu sua rigorosa assiduidade. Meteu-se em um carro e foi à casa, esperando voltar em uma hora.

VII

Deviam ser onze horas, quando o carro chegou a Laranjeiras.

Seixas, embora não pensasse em se esconder, desejava, para não despertar a curiosidade, que em casa não se apercebessem de sua volta. Mandou parar o carro a alguma distância,

Senhora

e subiu sem barulho a escada particular que levava a seus aposentos.

A porta do gabinete estava fechada por dentro, e ele esqueceu essa manhã de levar a chave. Foi obrigado, portanto, a dar a volta pela saleta. Àquela hora Aurélia e D. Firmina costumavam estar no interior, passaria sem que o vissem.

Estranhou achar a porta da saleta fechada, embora não fechada com o trinco; supôs que, não estando presa ao rodapé pelo ferrolho, o vento a tivesse encostado. Empurrou-a devagar, entrou e parou na soleira, pálido e imóvel.

No sofá, colocado ao longo da parede, que ficava à sua esquerda, viu Aurélia sentada e conversando de um modo animado com Eduardo Abreu.

Erguendo os olhos sem se animar a fitá-los na moça, deu o jovem com o vulto transtornado de Seixas em pé na porta, a encará-lo; e se levantou por um impulso irresistível.

Foi então que Aurélia avistou o marido, cuja presença imprevista e aparência alterada a perturbaram, mas rápido, quase imperceptivelmente. Com a segurança que tinha de si, prontamente se recuperou.

— Pode entrar, Fernando!, disse ela sorrindo.

— Não quero perturbá-los, respondeu Seixas soltando a custo a voz dos lábios secos.

— O negócio é urgente, disse ela, mas pode bem suportar a demora de alguns minutos. Sente-se, Sr. Abreu!

Seixas deu alguns passos automaticamente pela sala adentro.

— Não foi hoje à repartição?, perguntou Aurélia para disfarçar a confusão dos dois, o marido e o hóspede.

— Voltei à procura de um papel que esqueci. Com licença!

Seixas aproveitou o primeiro motivo para fugir desse lugar, onde temia representar alguma cena ridícula ou medonha. Fazendo um cumprimento vago, se retirou apressado na direção de seus aposentos.

Se até ali tinha necessidade de dinheiro, agora mais do que nunca. Foi direto à sua cômoda; abriu a gaveta onde guardava os seus papéis antigos; os espalhou pelo tapete misturando com outros objetos e encontrando afinal o documento que procurava, saindo precipitadamente pela escada particular.

Parou na porta para deixar passar o Abreu que descia; quando o viu longe, meteu-se no carro e voltou à cidade. Auré-



Senhora

lia, logo que o marido se retirou, estendeu a mão a Abreu lhe dizendo:

— Não tem o direito de recusar, e espero que não me prive desta satisfação. Adeus, seja feliz.

O jovem apertou comovido a mão gentil que lhe era oferecida com tanta sinceridade e, gaguejando expressões de reconhecimento, se despediu.

Assim que ele desapareceu na escada, Aurélia se dirigiu ao gabinete do marido. Bateu à porta e o chamou; não recebendo resposta, entrou. A primeira coisa que viu foi a gaveta da cômoda escancarada, e a pilha de papéis atirada sobre o pavimento.

A moça se certificou que Seixas não estava em casa; percebeu que saiu pela escada particular cuja porta fechou levando a chave.

Lançando um olhar aos papéis espalhados e resistindo à ânsia de conhecer aquelas relíquias de um passado, que não lhe pertencia, se encaminhava à porta para sair. Mas descobriu, entre maços de cartas, um trabalho de tapeçaria.

O apanhou para examinar, com simples curiosidade artística. Era uma fita de marcar folha de livro. Tinha bordados a fio de ouro, de um lado, a palavra amor; do outro lado, em semicírculo, o nome Rodrigues de Seixas; no centro do qual estava uma sigla composta de um F e um A entrelaçados.

Este presente de Adelaide Amaral e a referência ao próximo casamento não diziam novidade a Aurélia. Ela sabia coisas talvez mais cortantes para seu amor; porém o tempo já as tinha apagado da memória. Eram a cicatriz que essa lembrança crua veio reabrir e machucar.

Todo aquele passado doloroso, de que mal começava a se desprender, surgiu de novo na frente dela, como um fantasma implacável. Sentiu novamente, na hora que ali esteve imóvel, todas as aflições e angústias que havia sofrido durante dois anos. Esta fita encarnada lhe queimava os olhos e os dedos como uma lâmina em brasa, e ela não tinha forças para retirar a vista e a mão das letras de ouro e roxo, que entrelaçavam com o nome de seu marido, o nome de outra mulher.

Afinal transbordou a indignação. A seda produziu um som duro entre as mãozinhas contraídas, que inutilmente tentaram despedaçá-la. Não conseguindo, a moça levou a fita à boca; num

impulso de ira, cortou com os dentes os fios que teciam as letras e dilacerou o presente de sua rival. Atirou então com desprezo os fragmentos, mas em lugar onde não escapassem à vista do marido e foi se trancar em seu quarto.

Seixas entrou à hora habitual. Como sempre, passava pela saleta, onde encontrava a mulher, que, já vestida para a tarde, vinha esperá-lo. Trocavam algumas palavras, depois do que ele ia ao seu quarto se preparar para o jantar.

Nesse dia subiu pela escada particular. Já estava senhor de si; mas quis evitar o encontro, naturalmente porque necessitava daqueles momentos.

Efetivamente, logo que chegou ao gabinete, sem se dar ao trabalho de apanhar os papéis que estavam pelo chão nem perceber os fragmentos da fita que estavam em cima da cômoda, abriu uma gaveta de segredo, tirou um livrinho de notas, de que copiou alguns números. Sobre estes começou uma série de cálculos e operações que o absorveram até o momento de chamar o criado para jantar.

Aurélia não podia ocultar sua irritação. Cobriu o marido de insinuações e críticas amargas. Nem a inofensiva D. Firmina escapou a essa veia sarcástica; mas o alvo principal foi Adelaide, sobre quem choveram as alusões.

Seixas mostrou-se indiferente às provocações. Deixou passar os comentários sem responder; mas sua fisionomia de desdém e soberba opunha à provocação da moça fria e surda resistência que ainda mais a irritava.

O orgulho contrariado de Aurélia afiava a lâmina das suas armas, para abater aquela atitude de ameaça que a afrontava; mas não o conseguiu. As lutas constantes tinham acabado por treinar o caráter de Fernando e lhe afinar o comportamento.

Ao erguer-se da mesa, a moça lançou ao marido um olhar de desafio e foi esperá-lo ao jardim, no lugar reservado onde costumavam se reunir de tarde para conversarem em mais liberdade. Fernando a achou sentada em um banco rústico, na posição altiva e imperiosa de uma rainha que se prepara para ouvir as súplicas dos súditos caídos a suas plantas. Descansava o braço direito sobre uma planta, cujas flores esmagava entre os dedos.

Seixas se sentou em frente:

— Não tenho e nunca tive, senhora, pretensões a seu amor.

Senhora

Seria uma loucura, e eu me encontro no uso frio e calmo de toda a minha razão para ver a barreira que nos separa. Também não tenho direito de lhe pedir contas de seus sentimentos, nem mesmo de suas ações, desde que não ofendam aquilo que o homem preza acima de todos os bens. Recusando na senhora a minha liberdade e com ela a minha pessoa, uma coisa, porém, não lhe transferei, e não podia: a minha honra.

— E de que serve a mim isso, a sua honra? Não me dirá?, interrogou Aurélia com a censura mais picante no olhar.

— Lembre-se que a senhora me fez seu marido, e que eu ainda o sou. Se eu lhe vendi esse título e as obrigações que a ele correspondem, a origem não importa; ele existe e me dá esse direito reconhecido, ou antes conferido por si mesma; o direito que tem todo o esposo, se não à fidelidade da mulher, ao menos ao respeito da fé conjugal e à decência da família.

— Ah! Deseja que se guardem as aparências? E **contenta-se** com isso!

— Por enquanto!

Aurélia lançou um olhar com a intenção de surpreender o pensamento do marido na expressão da fisionomia:

— Terá a bondade de me dizer qual é esse escândalo de que se queixa?

— Já não se recorda? Acha muito naturais as liberdades que tem deixado tomar esse moço, o Eduardo Abreu? Há um mês, em uma noite de partida, a senhora conversava com ele de um modo que deu tema às piadinhas do Moreira. Nessa ocasião não castiguei a inconveniência desse atrevido para evitar uma cena.

— Foi na noite da valsa?

— Não contente com isso, leva a inconveniência a ponto de receber aquele moço, na ausência de seu marido, e só, em conversa reservada, como os encontrei!

— Acabou?

— Creio que é bastante.

— Bem, é a minha vez de responder. Como o confessou, não lhe devo conta de minhas ações; só o homem a quem eu amasse teria o direito de a pedir. Quero, porém, supor um momento que o senhor fosse esse homem, hipótese absurda, que eu uso somente para lhe mostrar que, ainda assim, é para estranhar a sua impressão.

— Oh!, lhe pareço-lhe um Otelo!⁴⁸, disse Fernando zombando.

— Não, Otelo tinha razão em todas as suas ofensas e brutalidades; amava e com paixão. Mas o senhor não é aqui outra coisa mais do que o advogado da decência.

Fernando, esmagado pelo sarcasmo, contra o qual não podia reagir, teve impulsos de confessar a essa mulher toda a loucura do amor que sentia e depois, quando ela experimentasse a grande alegria de seu triunfo e a humilhação dele, abatê-la a seus pés.

VIII

Aurélia continuou com os olhos fixos nas alvas pétalas aveludadas de um jasmim do Cabo:

— O recato é o mais puro véu de uma senhora. Feliz aquela que vive à sombra do zelo materno e só a deixa pelo doce abrigo do amor santificado. Sua virtude tem como esta flor a pele imaculada e o perfume vivo. Essa felicidade não me tocou; me achei só no mundo, sem amparo, sem guia, sem conselho, obrigada a abrir o caminho da vida, através de um mundo desconhecido. Desde muito cedo me vi exposta às suspeitas, aos atrevimentos e às desprezíveis paixões; me habituei para lutar com essa sociedade, que me aterroriza, a envolver-me em mim mesma, desde que não tinha para me guardar o cuidado de uma mãe ou de um esposo.

A expressão tocante e melancólica da moça ao proferir estas palavras comoveu Seixas, que já não se lembrava de seus ressentimentos.

⁴⁸ Personagem da peça *Otelo: o mouro de Veneza*, na qual, tomado de ciúme, mata a mulher asfixiada.

Senhora

— Quando eu era uma menina ingênua, que não deixava a companhia de sua mãe, e nunca se achava só em presença de outro homem a não ser aquele a quem amava e, unicamente, amou neste mundo, esse homem me abandonou por outra mulher, ou por outra coisa; e foi entrelaçar o seu nome ao de uma moça que era noiva de outro. Mais tarde, me encontrando só no mundo, acompanhada por uma parenta velha, mãe de fingimento e amiga, que ainda mais só me cuidava, fazendo o trabalho de um criado, esse homem abusado se casou comigo sem a menor repugnância.

A moça fitou os olhos no marido:

— Confesse que os escrúpulos desse senhor e o seu pânico de escândalo vêm tarde e fora de tempo.

— Esses escrúpulos nascem da posição atual.

— Outro engano seu. Essa posição é um dever, e não um direito. O senhor falou em sua honra. Penso eu que a honra é um estímulo de coração. Que resta dela a quem o deu? Se o senhor tem uma honra, e eu acredito, essa me pertence; e eu posso usar e abusar dela como quiser.

— Assim, julga-se dispensada de guardar qualquer reserva?

— Para o senhor e para o mundo julgo-me dispensada de tudo; nada lhes devo; o que me dão são apenas as homenagens à riqueza, e ela as paga com o luxo e os gastos. Sou senhora de mim e pretendo aproveitar minha independência sem outras restrições, além do meu capricho. Foi o único bem que me ficou do naufrágio de minha vida; este ao menos o defenderei do mundo.

— Lhe agradeço ter me desiludido a tempo. Acreditava que, sacrificando a liberdade, não renunciava à minha honra perante o mundo e não me sujeitava a ser apontado como um indigno; a senhora entende o contrário; aplaudo esta divergência; ela vem na hora certa para romper uma situação intolerável e que já durou demais para a dignidade de ambos.

— Sobretudo daquele que, tendo vendido sua pessoa em um casamento livre e refletido, conserva as qualidades de outra noiva.

Seixas surpreso interrogou a mulher com os olhos.

— Nunca pensei ter feito a aquisição de seu amor nem contei com a fidelidade que jurou; mas esperava do senhor ao menos a lealdade do negociante, que, depois de vendida a mercadoria, não substitui por outra marca.

Seixas não podia compreender este comentário, cujo sentido só percebeu mais tarde, quando, ao entrar no gabinete, viu os destroços do presente de Adelaide. Quis pedir a explicação; mas avistou um criado que se dirigia para ali.

— Está aí o Sr. Eduardo Abreu, que deseja falar à senhora.

— Bem!, disse Aurélia despedindo com um gesto o criado que se afastou.

Seixas custou a conter-se até esse momento:

— A senhora não pode receber esse homem!

— Era minha intenção. Tinha-o recebido esta manhã pela última vez; mas por causa de sua desconfiança mudei de resolução, respondeu Aurélia friamente.

— Pois saiba que hoje, depois que saiu de sua casa, o encontrei na rua e lhe recusei claramente o cumprimento, voltando-lhe as costas.

— Razão demais para que o receba. É preciso convencê-lo de que foi uma simples distração de sua parte, para não supor ele que o senhor o honrou com uma suspeita, que me ofende.

Aurélia tomou o braço do marido e se dirigiu à saleta, onde acharam o Eduardo Abreu. Os dois jovens trocaram um cumprimento seco e cerimonioso; depois do qual Seixas foi se debruçar à janela ao lado de D. Firmina e deixou a mulher em liberdade com sua visita:

— Desculpe-me esta insistência; um dever de lealdade à justiça. Hoje tive de repelir, a um insensato, certa insinuação baixa e, logo depois, encontrando o Sr. Seixas, percebi diferença notável em seu tratamento.

— Alguma preocupação.

— Me angustiou a **ideia** de ser causa involuntária, ou mesmo pretexto, de qualquer desconfiança; e por isso vim desistir da promessa que me fez do segredo sobre seus benefícios e confessar eu próprio a seu marido tudo quanto lhe devo, a fim de que ele ainda mais admire a nobreza de sua alma.

— Essa confissão o senhor não fará; seria uma ofensa grave à minha dignidade. Meu marido não precisa de seu testemunho para me conservar na mesma elevada estima, inacessível aos assaltos das conversas maldosas. No dia em que eu precisasse me justificar, estaria divorciada, pois se teria extinguido a confiança, que é o primeiro vínculo do amor e a verdadeira graça do casamento. Esteja **tranquilo**, pois; seu segredo não lançou a

Senhora

menor sombra em minha felicidade.

A moça disse essas palavras com uma emoção que convenceu Abreu e lhe enfraqueceu os medos. De seu lado Seixas tinha refletido. Em véspera de uma resolução definitiva que devia operar mudança profunda em seu destino, lhe pareceu fraqueza esse ridículo desabafo, semelhante às zangas do ciúme banal, que ele acreditava não sentir. Fazendo, portanto, um esforço, aproximou-se do Abreu com a maneira cortês que o costumava tratar, e confirmou assim a explicação dada por Aurélia ao incidente da manhã.

Essa noite era de partida.

A reunião não foi numerosa, mas correu animada. Fernando esteve muito alegre; nunca se ocupou tanto da mulher como nessa noite; não a deixava; as mais delicadas flores, as mais conquistadoras finezas, que se disseram naquela escolhida sociedade, foram dele a Aurélia.

Aurélia pelo contrário, se mostrou preocupada. Essa ternura do marido depois da cena do jardim a inquietava. Por mais esforços que fizesse, não podia desviar seu espírito das palavras proferidas por Seixas naquela tarde, acerca de um rompimento, que devia resolver a suposta colisão.

Qual intenção era a sua? Nesse problema cansou o espírito durante a noite.

No dia seguinte, Seixas almoçou às oito horas, conforme o costume, e partiu para a repartição. A essa hora, Aurélia ainda estava recolhida; mas seu quarto de dormir, que ficava no pavimento superior, tinha janelas para o jardim; da última delas via-se perfeitamente a parte da sala de jantar onde estava a mesa.

A moça tinha uma devoção de todas as manhãs; quando ouvia o barulho dos passos de Seixas na escada, saltava da cama e, envolta na sua colcha, para não perder tempo vestindo o roupão, corria à janela. Ali escondida por entre as cortinas, ficava um instante olhando o marido algum tempo; como para lhe dar o bom-dia. Se estava muito cansada e o sono lutava com ela, voltava ao ninho ainda quente e dormia novo sono.

Nessa manhã porém, apesar de ter-se recolhido tarde e sentir necessidade de repouso, demorou-se contemplando o semblante de Seixas com um sentimento de tristeza, que não podia afastar de si. Um pressentimento vago lhe advertia que

não deixasse partir seu marido sob a impressão dos sarcasmos implacáveis, que lhe tinha lançado na véspera.

Mas triunfou a soberania de seu amor, ainda magoada pelas recordações que havia acordado em sua alma o presente de Adelaide.

Seixas saiu, e ela, para disfarçar a impaciência, logo depois do almoço meteu-se no carro com D. Firmina e foi gastar o tempo na Rua do Ouvidor, nas casas das costureiras e das amigas. Procurava nas novidades parisienses, nas tentações do luxo, um atrativo que lhe prendesse o pensamento e o arrancasse de suas inquietações.

Conseguiu se distrair até quatro horas, quando chegou a casa.

Seixas não estava, o que era incomum. Nunca tinha ele passado dessa hora. Aurélia disfarçou para não mostrar seu desassossego a D. Firmina e aos criados. Recolheu-se a seus aposentos para mudar o vestuário; mas se encostou ao portal da janela, com os olhos no caminho.

Às cinco horas veio a mucama chamá-la:

— A senhora não vem jantar? Está na mesa.

— Quem mandou colocar?

— São cinco horas.

— E o senhor?

— Disse ao José para avisar à senhora que talvez chegasse tarde ou não voltasse hoje.

— Quando falou o senhor com José?

— Esta manhã, na cidade.

— E não disse a razão por que se demorava?

— Não sei; eu vou chamá-lo.

O José interrogado nada adiantou, de modo que Aurélia permaneceu na mesma inquietação; mas, para não dá-la a perceber a D. Firmina, atribuiu a ausência do marido ao encontro que ele devia ter com o ministro sobre trabalhos importantes da repartição.

Quando sentavam-se à mesa, abriu-se a porta, e entrou Seixas.

A surpresa não deu tempo a Aurélia para dominar o primeiro impulso de sua alegria que logo enfraqueceu ante a fisionomia de Seixas. Ele trazia, na expressão rígida e séria do

Senhora

rosto, o semblante de uma decisão inflexível.

Entretanto, não se esqueceu dos bons modos naturais. Desculpou-se delicadamente com a mulher pela demora:

— Precisava concluir um negócio urgente, que lhe comunicarei.

— E concluiu?

— Felizmente.

— Perguntei para saber se devia esperá-lo amanhã.

— Agora creio que não há de esperar mais por mim, tornou Seixas com um sorriso rápido.

Aurélia viu o sorriso e sentiu a entonação especial da voz.

Terminado o jantar, quando seguiam ambos pelos desvios recortados na grama, Seixas disse à mulher:

— Desejo lhe falar em particular.

— Vamos nos sentar, então, disse Aurélia indicando o lugar onde habitualmente passavam as tardes.

— Aqui no jardim, não; prefiro um lugar mais reservado, onde não venham nos interromper.

— No meu quarto?

— Serve.

— Ou no seu gabinete?

— No seu quarto; é melhor.

— Agora?, perguntou Aurélia simulando indiferença.

— Não; basta à noite; e, se não lhe incomoda, depois do chá, antes de se recolher.

— Como quiser!, disse Aurélia abrindo as folhas das violetas, catando uma flor.

Seixas pegou o regador da moça, guardado com os outros utensílios de jardinagem em um ninho rústico no muro, e se distraiu regando os tabuleiros de margaridas e os vasos de hortênsias.

Na volta da fonte onde foi buscar água, ao passar perto de Aurélia, a moça lhe perguntou distraidamente, como se não tivessem interrompido o diálogo:

— É sobre o negócio de que me falou?

— Justamente.

Seixas ficou parado em frente a Aurélia, supondo que ela ia lhe fazer nova pergunta, enquanto a moça esperava uma ex-

plicação, que não queria pedir diretamente.

Vendo que o marido calava-se, voltou de novo às violetas, e ele continuou em sua ocupação.

IX

Eram dez horas da noite.

Aurélia, que havia se retirado mais cedo da saleta, trocando com o marido um olhar, estava nesse momento em seu quarto, sentada em frente à elegante escrivaninha com relevos de bronze dourado a fogo. A moça trazia nessa ocasião um roupão de cetim verde fechado à cintura por um cordão de fios de ouro. Era o mesmo da noite do casamento, e que desde então ela nunca mais usou. Por uma espécie de superstição lembrou de vesti-lo de novo, nessa hora na qual, a crer em seus pressentimentos, iam se decidir afinal o seu destino e a sua vida.

A moça reclinou o rosto sobre a mão direita, cujo braço nu, apoiado na mesa, surgia de entre o tecido da manga do roupão. Estava absorvida em um profundo pensamento, do qual a arrancou o barulho do relógio soando as horas.

Ergueu-se, então, e tirou da gaveta uma chave; atravessou o quarto de casal, que estava às escuras, apenas esclarecida por um reflexo de luz, e abriu afoitamente aquela porta que havia fechado onze meses antes, num impulso de indignação e horror.

Empurrando a porta com barulho de modo a ser ouvida no outro aposento e, prendendo o cortinado para deixar livre a passagem, voltou rapidamente, depois de proferir estas palavras:

— Quando quiser!

Fernando, ao penetrar nesse quarto de casal, cheio de sombras e silêncio, esqueceu um momento a cortante recordação que ela devia avivar e que parecia ter-se apagado com a escuridão. O que ele sentiu foi a fragrância que ali exalava e que

Senhora

o envolveu como o ar de um céu, do qual ele era o anjo caído.

Aurélia esperava o marido, outra vez sentada à escrivaninha. Seixas sentou-se na cadeira que Aurélia lhe indicou em frente dela e, depois de se recolher um instante, buscando o modo por que devia começar, entregou-se à inspiração do momento.

— É a segunda vez que a vejo com este roupão. A primeira foi há cerca de onze meses, não justamente neste lugar, mas perto daqui, naquele aposento.

— Deseja que conversemos no mesmo lugar?, perguntou a moça singelamente.

— Não, senhora. Este lugar é mais próprio para o assunto que vamos tratar. Lembrei aquela circunstância unicamente pela coincidência de representá-la a meus olhos tal como a vi naquela noite, de modo que parece-me continuar uma conversa interrompida. Recordá-se?

— De tudo.

— Eu achava que tinha feito uma coisa muito vulgar que o mundo tem admitido com o nome de casamento de conveniência. A senhora me esclareceu: definiu a minha posição com a maior clareza; mostrou que realizou uma transação comercial; e exibiu o seu título de compra, que naturalmente ainda conserva.

— É a minha maior riqueza, disse a moça com um tom que não se podia distinguir se era de ironia ou de emoção.

Seixas agradeceu com uma inclinação de cabeça e prosseguiu:

— Se eu tivesse naquele momento os vinte contos de réis, que havia recebido de seu tutor, por adiantamento de dote, a questão tinha se resolvido por si mesma. Desfazia-se o engano; lhe devolvía seu dinheiro; recuperava minha palavra; e nos separávamos como fazem dois contratantes de boa-fé, que, reconhecendo seu engano, desobrigam-se mutuamente.

Seixas parou, como se aguardasse uma contradição, que não apareceu. Aurélia, recostada na cadeira de braço com as pálpebras a meio fechadas, ouvia brincando com um punhal de madreperola que servia para cortar papel.

— Mas os vinte contos, eu já não possuía naquela ocasião, nem tinha onde conseguí-los. Em tais circunstâncias restavam duas alternativas: trair a obrigação combinada, tornar-me um caloteiro; ou respeitar a fé do contrato e cumprir minha pala-

vra. Apesar da reputação que lhe mereço, faça-me a justiça de acreditar que, a primeira dessas alternativas, eu não a formulei senão para a evitar. O homem que se vende pode se depreciar; mas possui o que lhe pertence. Aquele que depois de vendido se retira ao dono rouba o alheio. Dessa infâmia eu me isentei, aceitando o fato consumado que já não podia evitar e me submetendo lealmente, com o maior escrúpulo, à vontade que eu reconheci como lei e à qual me alienei. Invoco sua consciência; por mais severa que se mostre a meu respeito, estou certo que não me negará uma virtude: a fidelidade à minha palavra.

— Não, senhor; cumpriu como um cavalheiro.

— É o que desejei ouvir de sua boca antes de informá-la do motivo desta conversa. A quantia que me faltava há onze meses, na noite de seu casamento, eu a possuo finalmente. A tenho comigo; trago-a aqui nesta carteira e, com ela, venho negociar o meu resgate.

Estas palavras romperam dos lábios de Seixas com uma impulsividade que ele dificilmente pôde conter. Como se elas lhe livrassem o peito de um peso grande, respirou vivamente, apertando com movimento impaciente a carteira que tirou do bolso.

Se não estivesse tão preocupado com a sua própria comção, notaria o abalo íntimo que sofreu Aurélia, cujo corpo reclinado sobre o descanso da cadeira vibrou como a lâmina de uma mola de aço.

Ao abrir a carteira, Seixas suspendeu o gesto:

— Antes de concluir a negociação, devo lhe revelar a origem deste dinheiro, para apagar qualquer suspeita de o ter eu obtido por seu crédito e como seu marido. Não, senhora, o adquirei por mim exclusivamente; e, para maior tranquilidade de minha consciência, provém de data anterior ao nosso casamento. Cerca de seis contos representam o produto de meus salários e das joias e objetos de valor, que apurei logo depois do cativo, pensando já na minha redenção. Ainda tinha muito que esperar e talvez me faltaria força para ir até o fim se Deus não abreviasse este martírio, fazendo um milagre em meu favor. Era sócio em uma empresa concedida há quatro anos e da qual já nem me lembrava. Anteontem, à mesma hora em que a senhora me submetia à mais dura de todas as provas, o céu me enviava

Senhora

um socorro imprevisto para quebrar enfim esta opressão vergonhosa. Recebi a notícia da venda do negócio, que me trouxe um lucro de mais de quinze contos. Aqui estão as provas.

Aurélia recebeu da mão de Seixas vários papéis e correu os olhos por eles. Constavam de uma declaração do Barbosa relativa ao negócio e contas de vendas de joias e outros objetos.

— Agora nossa conta, continuou Seixas desdobrando uma folha de papel. A senhora pagou-me cem contos de réis; oitenta em um cheque do Banco do Brasil, que lhe restituiu intacto, e vinte em dinheiro, recebido há 330 dias. Ao juro de 6%, essa quantia lhe rendeu bastante. Tenho pois de lhe pagar os juros, além do cheque. Não é isto?

Aurélia examinou a conta-corrente; tomou uma pena e fez com facilidade o cálculo dos juros.

— Está exato.

Então Seixas abriu a carteira e tirou, com o cheque, vinte e um maços de notas, de um conto de réis cada um, além das moedas que depositou em cima da mesa:

— Tenha a bondade de contar.

A moça com o caráter de um negociante abriu os maços um após outro e contou as células pausadamente. Quando acabou essa operação, voltou-se para Seixas e lhe perguntou como se falasse ao procurador incumbido de receber o resultado de suas apólices.

— Está certo. Quer que eu lhe passe um recibo?

— Não há necessidade. Basta que me restitua o papel de venda.

— É verdade. Não me lembrava.

Aurélia hesitou um instante. Parecia se recordar do lugar onde havia guardado o papel; mas o verdadeiro motivo era outro. Consultava-se, receosa de revelar sua comoção, caso se levantasse.

— Faça-me o favor de abrir aquela gavetinha, a segunda. Dentro deve estar um maço de papéis atado com uma fita azul... justamente!... Não conhece esta fita? Foi a primeira coisa que recebi de sua mão, com um ramo de violetas. Ah!, perdão; estamos negociando. Aqui tem seu título.

A moça tirou do maço um papel e o deu a Seixas, que colocou na carteira.



Senhora

— Enfim partiu-se o vínculo que nos prendia. Reassumi a minha liberdade e a posse de mim mesmo. Não sou mais seu marido. A senhora compreende a solenidade deste momento?

— É o da nossa separação, confirmou Aurélia.

— Talvez ainda nos encontremos neste mundo, mas como dois desconhecidos.

— Creio que nunca mais, disse Aurélia com o tom de uma profunda convicção.

— Em todo o caso, como é esta a última vez que lhe dirijo a palavra, quero lhe dar agora uma explicação, que não me era direito há onze meses na noite do nosso casamento. Então eu faria a figura de um coitado que tenta obter a compaixão, e a senhora, que pisava aos pés a minha integridade, não acreditaria uma palavra do que então lhe dissesse.

— A explicação é desnecessária.

— Ouça-me; desejo que, em um dia remoto, quando refletir sobre este acontecimento, me devolva uma parte da sua estima; nada mais. A sociedade no seio da qual me eduquei fez de mim um homem à sua maneira; o luxo dourava-me os vícios, e eu não via através da fascinação o materialismo a que eles me arrastavam. Habituei-me a considerar a riqueza como a primeira força viva da existência, e os exemplos me ensinavam que o casamento era meio tão legítimo de adquiri-la, como a herança e qualquer honesta especulação. Entretanto, ainda assim, a senhora teria me achado inacessível se, logo depois que seu tutor me procurou, não surgisse uma situação que aterrorizou-me. Não somente me vi ameaçado da pobreza, e o que mais me angustiava, da pobreza endividada, como me considerei o causador, embora involuntário, da infelicidade de minha irmã, cujas economias eu havia consumido e que ia perder um casamento por falta de enxoval. Ao mesmo tempo minha mãe, privada dos escassos recursos que meu pai lhe deixou e de que eu tinha usado sem cautela, pensando que os poderia refazer mais tarde!... Tudo isto me abateu. Não me defendo; eu devia resistir e lutar; nada justifica a recusa da dignidade. Hoje saberia afrontar a adversidade e ser homem; naquele tempo, não era mais do que um ator de sala; não resisti. Mas a senhora me regenerou, e o instrumento foi esse dinheiro. Eu lhe agradeço.

Aurélia ouviu imóvel. Seixas concluiu:

— Isso era o que pretendia lhe dizer antes de nos separarmos para sempre.

— Também eu desejo que não leve de mim uma suspeita injusta. Como sua mulher, não me defenderia; desde porém que já não somos nada um para o outro, tenho direito de reclamar o respeito devido a uma senhora.

Aurélia referiu sucintamente ao que Eduardo Abreu fez quando faleceu D. Emília e a decisão que ela tomou de salvá-lo do suicídio.

— Essa é a razão por que chamei esse moço à minha casa. Seu segredo não me pertencia; e entre mim e o senhor não existia a união que faz de duas almas uma.

Aurélia reuniu o cheque e os maços de dinheiro que estavam sobre a mesa.

— Este dinheiro é abençoado. Diz o senhor que ele o regenerou e acaba de o devolver em muito boa hora para realizar um pensamento de caridade e servir a outra regeneração.

A moça abriu uma gaveta da escrivaninha e guardou nela os valores; depois de tocar a campainha; a mucama apareceu:

— Permita-me, disse Aurélia e voltou-se para dar em voz baixa uma ordem à escrava.

Esta acendeu o gás nas lamparinas do quarto de casal e se retirou, enquanto Aurélia dizia ao marido, mostrando o aposento iluminado:

— Não quero que erre o caminho.

— Agora não há perigo.

— Agora?, repetiu a moça com um olhar que perturbou Seixas.

Houve uma pausa.

— Talvez a senhora, para evitar a curiosidade pública, deseje um pretexto?

— Para quê?

— A viagem à Europa seria o melhor. O navio deve partir nestes quinze dias. Uma prescrição médica explicará tudo, a separação e a urgência. Mais tarde, quando venham a saber, já não causará surpresa.

Aurélia deixou perceber ligeira comoção. Entretanto, foi com a voz firme que respondeu:

Senhora

— Desde que uma coisa se tem de fazer, o melhor é que se faça logo e sem desculpas.

Fernando ergueu-se de pronto:

— Neste caso receba as minhas despedidas.

Aurélia de seu lado ergueu também para cumprimentar o marido.

— Adeus, senhora. Acredite...

— Sem cumprimentos!, interrompeu a moça. Que poderíamos dizer um ao outro que já não fosse pensado por ambos?

— Tem razão.

Seixas recuou um passo até o meio do aposento e fez uma profunda cortesia, à qual Aurélia respondeu. Depois atravessou lentamente o quarto agora iluminado. Quando erguia o cortinado, ouviu a voz da mulher.

— Um instante!, disse Aurélia.

— Me chamou?

— O passado está extinto. Estes onze meses, não fomos nós que os vivemos, mas aqueles que se acabam de separar, e para sempre. Não sou mais sua mulher; o senhor já não é meu marido. Somos dois estranhos. Não é verdade?

Seixas confirmou com a cabeça.

— Pois bem, agora me ajoelho a teus pés, Fernando, e te suplico que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente te ofendia.

A moça agarrou as mãos de Seixas e o levou arrebatadamente ao mesmo lugar onde cerca de um ano antes ela impôs ao jovem ajoelhado a seus pés a cruel afronta.

— Aquela que te humilhou, aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde te ofendeu, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando seu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de sua alma.

Seixas ergueu nos braços a formosa mulher, que se ajoelhou a seus pés; os lábios de ambos se uniam já em fervoroso beijo, quando um pensamento fatal perpassou no espírito do marido. Ele afastou de si com gesto grave a linda cabeça de Aurélia, iluminada por uma aurora de amor, e fitou nela o olhar encharcado de profunda tristeza.

— Não, Aurélia! Tua riqueza nos separou para sempre.

A moça se desprende dos braços do marido, correu ao quarto e trouxe um papel lacrado que entregou a Seixas.



Senhora

— O que é isto, Aurélia?

— Meu testamento.

Ela despedaçou o lacre e leu a Seixas o papel. Era efetivamente um testamento em que ela confessava o imenso amor que tinha ao marido e o instituía seu universal herdeiro.

— Eu o escrevi logo depois do nosso casamento; pensei que morreria naquela noite, disse Aurélia com um gesto sublime.

Seixas a contemplava com os olhos rasos de lágrimas.

— Esta riqueza te causa horror? Pois me faz viver, meu Fernando. É o meio de a repelires. Se não for bastante, eu a jogarei fora.

* * *

As cortinas fecharam-se, e as brisas da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.